

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

GILSA ELAINE RIBEIRO ANDRADE

**PEREIRA DA SILVA NO CAMPO LITERÁRIO: o discurso da  
crítica e dos periódicos (1890-1960)**

JOÃO PESSOA-PB  
DEZEMBRO DE 2015

GILSA ELAINE RIBEIRO ANDRADE

**PEREIRA DA SILVA NO CAMPO LITERÁRIO: o discurso da  
crítica e dos periódicos (1890-1960)**

Tese submetida ao programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, como requisito institucional para a obtenção do título de Doutor em Literatura, sob a orientação da professora doutora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa no período 2015.2.

Área de concentração: Literatura e cultura

Linha de pesquisa: Memória e produção cultural

JOÃO PESSOA-PB

DEZEMBRO DE 2015

A553p Andrade, Gilsa Elaine Ribeiro.  
Pereira da Silva no campo literário: o discurso da crítica e dos periódicos (1890-1960) / Gilsa Elaine Ribeiro Andrade.- João Pessoa, 2015.  
245f. : il.  
Orientadora: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa  
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA  
1. Pereira da Silva, Antônio Joaquim, 1876-1944 - crítica e interpretação. 2. Literatura e cultura. 3. Imprensa Periódica. 4. Crítica literária. 5. Cânone literário.

UFPB/BC

CDU: 82(043)

# **PEREIRA DA SILVA NO CAMPO LITERÁRIO: o discurso da crítica e dos periódicos (1890-1960)**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para a obtenção do Título de Doutor em Letras, na área de concentração Literatura e Cultura.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa  
Orientadora: Universidade Federal da Paraíba

---

Prof. Dr. Álvaro Santos Simões Júnior  
Examinador: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

---

Prof. Dr. Hildeberto Barbosa de Araújo Filho  
Examinador: Universidade Federal da Paraíba

---

Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves  
Examinador: Universidade Federal de Campina Grande

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Virna Lúcia Cunha Farias  
Examinadora: Instituto Federal da Paraíba

À minha querida professora-orientadora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa a quem sou grata por todos os ensinamentos e generosidade.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu querido Deus, por ter-me concedido as condições necessárias para chegar até aqui, dando-me coragem e sabedoria nos momentos mais difíceis...

Ao meu esposo Giovani Andrade, pelo companheirismo, apoio, paciência e amor a mim dedicados ao longo dessa jornada, que também fortaleceu nosso vínculo e afeto...

Às minhas filhas Yasmim e Gabriela Andrade, minha razão mais pura de viver, minha fortaleza e motivo maior para buscar sempre o melhor de mim...

Aos meus pais Geraldo e Edjane Ribeiro, uma bênção e sustento em minha vida!

Aos meus sogros Gildo e Elia Andrade, pelo apoio e carinho de sempre!

A toda a minha família que direta ou indiretamente dera-me as condições de alcançar meus objetivos.

Aos meus queridos amigos do Azul da Cor do Mar, irmãos na fé, meus constantes e fiéis motivadores, que ao longo dessa jornada sempre me ofereceram o ombro e rezaram por mim.

Aos aMMigos, cuja convivência tem-me agregado valores como ética, disciplina, perseverança, entusiasmo e motivação. Com vocês aprendi a traçar objetivos concretos e possíveis de serem realizados. Aqui cheguei, também, graças aos ensinamentos e treinamento recebidos pelo Master Minde LINCE.

Aos meus queridos dos oitocentos, fiéis e companheiros de jornada acadêmica, com quem compartilhei momentos de alegria e tristezas, conquistas e frustrações, sou-lhes imensamente grata. Em especial a Karla Janaína Costa Cruz e Virna Lúcia Freitas, pelos ensinamentos, trocas e orações, o meu mais sincero agradecimento e gratidão.

À minha orientadora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa pelos ensinamentos, competência e cuidado com que conduziu essa orientação.

Ao professor Hildeberto Barbosa por me ter aberto gentilmente as portas de sua riquíssima biblioteca particular, onde pude generosamente beber da fonte dos conhecimentos e das trocas ali compartilhados.

Ao professor Humberto Fonseca de Lucena, com quem compartilho a admiração pelo poeta Pereira da Silva. Obrigada pela generosidade em abrir-me as portas de sua casa, compartilhando comigo seu conhecimento e pesquisas sobre o poeta.

Ao professor Antônio Dimas que gentilmente cedeu-me seu livro *Rosa-Cruz (contribuição ao Estudo do Simbolismo)*, contribuição bastante importante para esta pesquisa.

Ao professor Helder Pinheiro, com quem muito aprendi sobre poesia e sua escolarização e de quem guardo ensinamentos e belas experiências poéticas.

Ao professor Álvaro Simões Júnior, pelas significativas contribuições para esta pesquisa desde a qualificação, disponibilizando-se para partilhar seus conhecimentos e materiais sobre o Simbolismo brasileiro.

Ao Programa Institucional de Auxílio Tese e Dissertação DeVry Brasil (PAFT), cujo incentivo financeiro muito ajudou para a finalização desta tese.

À Irmã Rosana, Diretora do Colégio Nossa Senhora de Lourdes João Pessoa e à Direção do Centro de Línguas da Paraíba, pela compreensão e apoio durante a trajetória deste doutorado.

À minha eterna coordenadora Maria Elisabet Vieira Fernandes, pela ajuda nos momentos em que precisei me ausentar das aulas para poder pesquisar. Seu apoio, conversas e orações foram cruciais para que eu chegassem até aqui.

Aos meus colegas professores da DeVry João Pessoa, Lourdinhas e Centro de Línguas da Paraíba, que sempre me ajudaram com sugestões, trocas de experiência, apoio e amizade.

*Quando nos move a emulação divina  
Que nos importam regras, preconceitos,  
Princípios de outrem, cânones já feitos,  
Normas, boas ou más, lucubrações  
Que não sejam dos nossos corações?*

(SILVA, A. J. Pereira da. *Críticas*. In: **Holocausto**. 1921, p. 136)

## **Resumo**

Este trabalho consiste na discussão sobre a presença e apagamento do poeta Antônio Joaquim Pereira da Silva (1876-1944), nascido na cidade de Araruna (PB), autor de sete livros de poesia, tendo sido primeiro paraibano a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras em 1934. O autor também foi um jornalista e crítico literário que ocupou espaço na imprensa periódica carioca entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, num período de transformações no cenário histórico-cultural brasileiro, em que os jornais ainda eram o principal meio de circulação do escrito e de divulgação dos trabalhos literários no Brasil. Seu nome, também, foi retomado literariamente por críticos literários até meados dos anos de 1960, configurando a lista de autores simbolistas. Apesar disso, seu nome se encontra apagado pela história da literatura da qual temos conhecimento hoje. Nossa propósito, portanto, é dar visibilidade a este autor e também aos eventos culturais aos quais seu nome pertenceu, apresentando sua trajetória nos jornais e na crítica literária do final do século XIX até a primeira metade do século XX, como também apontar as prováveis causas de seu posterior apagamento. Para a realização desta pesquisa, recorremos a diversos gêneros e documentos reproduzidos por instâncias responsáveis pela legitimação, consagração e manutenção do nome do autor, tais como os encontrados nos jornais, nas academias de letras, na crítica literária e no sistema de ensino, sob o aporte teórico de Bourdieu (1996; 2009), Roger Chartier (1998; 1999; 2002; 2007), Foucault (1999; 2001), Michel de Certeau (1998), De Luca (2005), Barbosa (2007), Barbosa (2010), entre outros, no que se refere às práticas culturais ligadas aos suportes literários, à leitura, como também sobre os sistemas de poder e suas implicações na composição e manutenção do cânone literário.

**Palavras-chave:** Pereira da Silva. Literatura. Imprensa periódica. Crítica literária. Cânone literário.

## **Abstract**

This work consists of scrolling through the pages of newspapers and literary criticism from 1890 to 1960 to discuss the history of Brazilian literature that was formed through the selection of forgotten authors and works as it happened to the writer Pereira da Silva, the object of this work . Thus, we focused on the historical and literary revival of the author Antonio Joaquim Pereira da Silva (1876-1944), born in the city of Araruna (PB), he was the author of seven books of poetry, affiliated to the symbolist aesthetics and the first writer from Paraiba to occupy a seat in the Brazilian Academy of Letters in 1934. Pereira da Silva was also a journalist and a literary critic who joined Rio periodical press in the late nineteenth century and the first decades of the twentieth century, a period when newspapers were the primary means of written circulation and dissemination of literature in Brazil and the Brazilian press was living a moment of transformation in the Brazilian historical and cultural setting. Although in life and after his death, his name has been taken up by literary critics until the mid-1960s, taking part of the list of symbolist authors, his name is deleted by the history of literature we know today. For this reason, our purpose, therefore, is to resume this historical-literary author, his career in newspapers and his literary criticism from the late nineteenth century to the first half of the twentieth century as well as pointing out the probable causes of his subsequent erasure. For this research, we used a variety of sources such as newspapers, academies of letters, literary criticism and the education system under the theoretical framework of Bourdieu (1996, 2009), Roger Chartier (1998; 1999; 2002; 2007), Foucault (1999; 2001), Michel Certeau (1998), De Luca (2005), Barbosa (2007), Barbosa (2010), among others, referring to cultural practices related to literary media and reading but also to the systems of power and their implications for the composition and maintenance of the literary canon.

Keywords: Pereira da Silva - literature - periodical press - literary criticism - literary canon.

## Résumé

Cette recherche a le but de faire défiler les pages de journaux et de la critique littéraire dans la période 1890-1960 afin de discuter en même temps une histoire de la littérature brésilienne, qui a été formé par la sélection des auteurs et des œuvres, au détriment d'oubli des auteurs, comme a eu lieu à l'écrivain Pereira da Silva, notre objet d'étude. Ainsi, nous nous centrons sur la renaissance historique et littéraire de l'auteur Antonio Joaquim Pereira da Silva (1876-1944), qui est né à Araruna (PB), auteur de sept livres de poésie, affilié à l'esthétique symboliste et c'est le premier *paraibano* à occuper une fauteuil à l'Académie brésilienne des Lettres en 1934. Pereira da Silva était aussi un journaliste et critique littéraire qui occupait l'espace à Rio à la presse *Carioca* périodique à la fin du XIXe siècle et les premières décennies du XXe siècle, à cette une époque là les journaux étaient les principaux moyens de circulation de l'écriture et de diffusion de la littérature au Brésil, de vivre un moment de transformation dans la scène historique et culturel brésilien. Bien que dans la vie et après sa mort, son nom a été repris par les critiques littéraires jusqu'au milieu des années 1960, appartenant à la liste des auteurs symbolistes, leur nom est supprimé par l'histoire de la littérature dont nous connaissons aujourd'hui. Pour cette raison, notre but est donc de reprendre cet auteur historico-littéraire, avec sa carrière dans les journaux et la critique littéraire de la fin du XIXe siècle à la première moitié du XXe siècle, mais aussi souligner les causes probables de son effacement subsequence Pour cette recherche, nous avons utilisé une variété de sources, comme les journaux, les académies de lettres, de la critique littéraire et le système d'éducation dans le cadre théorique de Bourdieu (1996, 2009), Roger Chartier (1998; 1999; 2002; 2007), Foucault (1999; 2001), Michel de Certeau (1998), de Luca (2005), Barbosa (2007), Barbosa (2010), entre autres, en ce qui concerne les pratiques culturelles liées aux médias littéraires, la lecture mais aussi sur les systèmes de pouvoir et de ses implications pour la composition et l'entretien du canon littéraire.

Mots-clés: Pereira da Silva - Littérature - Presse Périodique - critique littéraire - canon littéraire.

## Índice de Ilustrações

Figura 1 Coluna "Corrente calamo", de PS, em matéria de capa de <i>Cidade do Rio</i> (1901).....	36
Figura 2 Poema "O sapo" em <i>Cidade do Rio</i> .....	47
Figura 3 "A poesia e a poética do Sr. Augusto dos Anjos", por PS, em <i>Gazeta de Notícias</i> (1912) ....	51
Figura 4 Carta de PS a José Américo de Almeida, em <i>Era Nova</i> (1922).....	53
Figura 5 Notícias sobre a candidatura de PS para a ABL em <i>A Nação</i> (1933).....	59
Figura 6 Notícias sobre a candidatura de PS para a ABL em <i>A Noite Ilustrada</i> (1932) .....	60
Figura 7 Carta em versos aos imortais, por Pereira da Silva (1919). ....	62
Figura 8 Fotografia de PS discursando na ABL, <i>Noite Ilustrada</i> (1934).....	65
Figura 9 "Farias de Brito, numa evocação de Pereira da Silva" em <i>Autores e Livros</i> (1944).....	68
Figura 10 Quadro atual da Academia Brasileira em <i>Autores e Livros</i> (1941) .....	70
Figura 11 Capa do Suplemento <i>Autores e Livros</i> (1944).....	73
Figura 12 Matéria de capa sobre o livro <i>Solitudes</i> , de Pereira da Silva em <i>A Época</i> (1917) .....	84
Figura 13 Pereira da Silva: sacerdote da poesia, artigo publicado em <i>A Noite</i> (1944).....	91
Figura 14 Sobre Holocausto, de PS, em <i>Era Nova</i> (1921) .....	93
Figura 15 Notícia sobre o livro <i>Alta Noite</i> , de PS em <i>A Semana</i> (1940) .....	97
Figura 16 Livros inéditos de PS .....	98
Figura 17 Títulos de Pereira da Silva disponíveis no site da Estante Virtual.....	100
Figura 18 <i>Senhora da Melancolia</i> , de PS, disponível em sebos de São Paulo.....	101
Figura 19 Capa da revista <i>O Mundo Literário</i> .....	105
Figura 20 Capa das revistas Rosa Cruz.....	106
Figura 21 Páginas iniciais da revista Rosa Cruz .....	109
Figura 22 Sumário das Revistas Rosa Cruz de 1904.....	117
Figura 23 Páginas iniciais da revista <i>O Mundo Literário</i> (1922 e 1924) .....	121
Figura 24 Sumário de <i>O Mundo Literário</i> de 05 de maio de 1922 .....	123
Figura 25 Anúncios de livros em <i>O Mundo Literário</i> (1924) .....	125
Figura 26 Anúncio de livros de P. Silva em <i>O Mundo Literário</i> (1922).....	126

Figura 27 Página da revista O Mundo Literário (1924) .....	127
Figura 28 Enquete entre os livreiros editores em O Mundo Literário (1922).....	134
Figura 29 Membros da Academia de Letras, <i>Gazeta de Notícias</i> (1897) .....	170
Figura 30 Diretoria da ABL (1938).....	172
Figura 31 Diretoria da ABL (1941).....	172
Figura 32 <i>Holocausto</i> (1921), de PS, autografado .....	175

## **Lista de Abreviaturas**

ABL	- <i>Academia Brasileira de Letras</i>
APL	- <i>Academia Paraibana de Letras</i>
PS	- <i>Pereira da Silva</i>
DIP	- <i>Departamento de Imprensa e Propaganda</i>
DOP	- <i>Departamento Oficial de Publicidade</i>

## SUMÁRIO

<b>1 NOTAS PRELIMINARES .....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 Trajetórias de pesquisa .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 As fontes de pesquisa .....</b>	<b>19</b>
<b>1.3 A composição do trabalho .....</b>	<b>23</b>
<b>2 A IMPRENSA CARIOCA E A CONSTRUÇÃO DO NOME DO AUTOR (1890-1940) .....</b>	<b>27</b>
<b>2.1 Pereira da Silva: entre os anos de 1890 e 1900 .....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 Os anos de 1910 a 1920: o crítico .....</b>	<b>50</b>
<b>2.3 A Revolução de 1930: os lugares e suas representações .....</b>	<b>56</b>
<b>2.4 Os últimos anos em Autores e Livros (1940) .....</b>	<b>67</b>
<b>2.5 Os livros de Pereira da Silva na imprensa carioca: repercussões e crítica .....</b>	<b>77</b>
<b>2.5.1 Vae Soli! – o primeiro livro de poesias .....</b>	<b>80</b>
<b>2.5.2 De Solitudes a Holocausto .....</b>	<b>82</b>
<b>3 PEREIRA DA SILVA: ENTRE A CRUZ E O MUNDO .....</b>	<b>104</b>
<b>3.1 Revista Rosa Cruz: entre cruzes e rosas .....</b>	<b>106</b>
<b>3.1.1 Um isolamento estético e suas repercussões .....</b>	<b>108</b>
<b>3.1.2 Cruz e Sousa: uma homenagem, uma estratégia .....</b>	<b>114</b>
<b>3.2 Pereira da Silva: da Cruz ao Mundo .....</b>	<b>119</b>
<b>3.2.1 O Mundo Literário: entre táticas e estratégias na manutenção de poderes .....</b>	<b>122</b>
<b>3.2.2 Mundo vasto mundo: autores, leitores, livreiros, leituras... .....</b>	<b>132</b>
<b>4 AS INSTÂNCIAS DE CONSAGRAÇÃO: MANUTENÇÃO E APAGAMENTO DO AUTOR .....</b>	<b>139</b>
<b>4.1 O papel da crítica: entre instauração e silenciamento de discursos .....</b>	<b>141</b>
<b>4.1.1 Pereira da Silva na voz de um discurso silenciado .....</b>	<b>145</b>
<b>4.1.2 Pereira da Silva na não-voz de uma crítica institucionalizada .....</b>	<b>160</b>
<b>4.2 Pereira da Silva e a Academia: entre a mortalidade e a imortalidade .....</b>	<b>168</b>
<b>4.3 O sistema de ensino: reprodução e manutenção de uma cultura dominante .....</b>	<b>176</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>181</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>187</b>
<b>7 APÊNDICE .....</b>	<b>194</b>
<b>Cronologia das produções de Pereira da Silva .....</b>	<b>194</b>

<b>8 ANEXOS</b>	<b>196</b>
<b>ANEXO 1: PRODUÇÕES DE PEREIRA DA SILVA</b>	<b>196</b>
Poemas.....	196
Narrativas curtas.....	201
Crítica literária.....	212
Cartas.....	229
<b>ANEXO 2: TRANSCRIÇÕES DAS MATÉRIAS DOS JORNais.....</b>	<b>235</b>

## 1 NOTAS PRELIMINARES

### 1.1 *Trajetórias de pesquisa*

A possibilidade de continuar as pesquisas sobre poesia e seus autores foi uma das maiores motivações para buscar o doutoramento. Durante toda a minha trajetória como professora de Literatura, a poesia sempre ocupou um lugar de destaque em projetos de leitura que desenvolvo junto aos meus alunos, nas escolas onde trabalhei e trabalho. No mestrado, deparei-me com o estudo desse gênero literário no espaço da Internet, verificando sua circulação, apropriação, práticas de leitura que este suporte instaura e seus desdobramentos como um instrumento viável dentro do processo de escolarização da literatura no Ensino Médio.

O compromisso com uma prática educativa que viesse a possibilitar aos meus alunos o contato significativo com o texto literário levou-me a perceber o quanto o ensino de literatura pautado numa concepção evolucionista, que restringe seu estudo à análise de escolas literárias, autores e obras consistia num estreitamento na compreensão do texto, da linguagem literária e seus desdobramentos culturais. Esse incômodo fez com que cada vez mais eu me distanciasse dos livros didáticos e adotasse antologias literárias mais abrangentes, fundamentando-me nos estudos sobre literatura, cultura e práticas de leitura, obtidos nas disciplinas cursadas no mestrado com seus aprofundamentos no doutorado. Nesse contexto, deparo-me com autores e livros esquecidos por essa história da literatura, o que me motivou a investigar o porquê do apagamento de escritores e a canonização de outros. Foi nesse contexto que surgiu a pesquisa de doutorado que ora trazemos os resultados, na perspectiva teórica da história cultural e a partir das fontes primárias que pesquisamos.

Cursando o doutorado, esse interesse foi se materializando a partir das leituras e discussões acerca da presença da poesia nos periódicos que circularam na Paraíba no século XIX, principalmente nos acervos do site *Jornais e Folhetins Literários do Século 19<sup>1</sup>* – que englobam tanto periódicos paraibanos que circularam naquele século como artigos contendo estudos sobre os jornais da Paraíba e sua contribuição para a literatura, além do *Pequeno*

---

<sup>1</sup> O site encontra-se disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>>, que abriga, desde 2007, projetos de pesquisas financiados pelo CNPq, tendo, sobretudo, nos jornais paraibanos o *corpus* para reconstituir as práticas de leitura e escrita do século XIX na Paraíba.

*Dicionário dos Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século XIX: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubrian*, organizados pela pesquisadora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa.

Neste último, deparamo-nos com autores nascidos na Paraíba de atuação significativa no cenário intelectual, jornalístico e literário do final do século XIX e primeira metade do século XX, que muito despertaram nosso interesse, por terem marcado uma época de grande efervescência cultural no país, através de publicações em jornais, livros e revistas de destaque na imprensa, que trouxeram contribuições significativas tanto para a crítica e a produção literária brasileira quanto para o cenário do jornalismo nacional de seu tempo.

Entre os autores acima indicados encontram-se os poetas Carlos Dias Fernandes, Antônio Joaquim Pereira da Silva, Peryllo D’Oliveira e Silvino Olavo, todos incluídos na estética simbolista, sendo considerados por autores estudiosos da literatura paraibana como Gemy Cândido (1983), Hildeberto Barbosa (2001) entre outros, poetas de grande representatividade no panorama nacional do Simbolismo. No entanto, mereceu destaque para nós o autor Pereira da Silva, por ter sido o primeiro poeta paraibano a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, na década de 1930, mas que, ao contrário do que se esperaria dessa espécie de status em seu tempo, seu nome e este fato nunca se tornaram conhecidos nem enquanto era estudante de Letras da UFPB, nem ao longo dos meus vinte anos ensinando Literatura.

Além disso, chamou-nos a atenção o fato de o nome de Pereira da Silva nem sempre ter estado apagado em diversos suportes, o mesmo ocorrendo com outros autores de seu tempo. No que se refere à crítica e à história da literatura, o poeta Pereira da Silva foi retomado por historiadores e críticos durante algumas décadas, entre eles estão Nestor Vítor (s/d), Andrade Muricy (1952), Afrânio Coutinho (1966; 1990), Massaud Moisés (1966), Agrippino Grieco (1968), Cassiana Lacerda Carollo (1981), José Aderaldo Castello (1999) etc., tanto em capítulos contendo análise de obras de Pereira da Silva, em comentários tratando de sua relação com o movimento em torno de Cruz e Sousa na formação da Revista Rosa-Cruz (1901-1904), como em notas de rodapé. Se hoje temos conhecimento do Simbolismo e do autor Cruz e Sousa, por que outros nomes, como o de Pereira da Silva, ficaram à margem?

Para ler tal história da literatura e suas repercussões para o apagamento do autor, partimos do pressuposto de que ela não pode ser apreendida em sua totalidade, como um campo em que as verdades postas o são por si mesma, quando o que caracteriza os eventos culturais, segundo Chartier (1991), é o seu caráter de “representação”, ou seja, a posição dos discursos proferidos em relação a quem os profere revelam que eles não são neutros. Esse

caráter de “representação” e “apropriação” aponta-nos para a concepção de que por mais absolutas que as evidências dos eventos históricos possam parecer, elas podem e devem ser postas à prova, devem ser questionadas. Assim, o apagamento de autores, em especial de Pereira da Silva, instigou-nos a buscar conhecer os modos de circulação do nome deste autor e compreender que fatores foram determinantes para a sua morte literária ao longo da história da literatura brasileira, isto é, o porquê da sua não retomada histórica e literária ao longo do tempo. Para isso, tornou-se necessário conhecer o contexto e os agentes da produção literária de seu tempo, o que incluiu os jornais como fonte principal para nossas pesquisas, como também livros de crítica e história da literatura, além de obras de referência, como antologias, encyclopédias e dicionários.

Portanto, apresentar Antônio Joaquim Pereira da Silva<sup>2</sup>, escritor nascido na cidade de Araruna (PB), poeta, crítico literário, contista, ensaísta, jornalista, faz-nos reportar a diversas fontes, a fim de reunirmos o maior número de informações e dados suficientes para analisar o lugar que ocupou este autor nas páginas da nossa história literária, buscando elucidar as lacunas deixadas por uma história literária que elegeu autores em detrimento de outros, ao apontar para uma concepção de que os fenômenos culturais são únicos. Essa concepção acaba por limitar os eventos culturais a classificações e registros na perspectiva de um enfoque muito mais sincrônico. Ao contrário, entendemos que os fenômenos culturais formam uma espécie de multiplicidade de sistemas, não havendo apenas um único, mas vários, todos abertos e dinâmicos, nos quais, segundo Zohar (2014), podem ser observados tanto as leis que regem a diversidade como a complexidade dos fenômenos culturais, em vez de apenas

<sup>2</sup> A data de seu nascimento encontra-se imprecisa. João Lyra Filho (1977) em discurso proferido na ocasião de sua posse na cadeira nº 34 da Academia Paraibana de Letras, de que é patrono Pereira da Silva, afirma ser a data 06 de novembro de 1876 a correta, com base na certidão de batismo do poeta, sobre a qual afirma: “Respeito o teor da certidão passada pela Paróquia de Araruna e extraída conforme consta do Livro 04, fs. 114. A criança foi batizada pelo Vigário Francisco Xavier da Rocha em 12 de março de 1877, quando possuía quatro meses e seis dias de idade” (LYRA FILHO, 1977, p. 06). Esta data é também aceita pelo professor conterrâneo de Pereira da Silva, Humberto da Fonseca de Lucena, ratificando as palavras de João Lyra Filho (1993, p.9). A segunda data provável, também referida por João Lyra Filho (1977), no mesmo discurso de posse acima citado, é a registrada no Boletim de Informação da Academia Brasileira de Letras, de 16 de julho de 1976, em que consta a data 12 de novembro de 1877 com base nos assentamentos feitos pelo próprio Pereira da Silva (LYRA FILHO, 1977, p. 05). Esta data, 12 de novembro de 1877, também consta na matéria de capa do Suplemento Literário *Autores e Obras*, do jornal *A Manhã*, todo ele dedicado a Pereira da Silva (LEÃO, 15 de outubro de 1944, p. 01). A terceira data, 09 de novembro, sem indicar o ano, encontra-se referida em três poemas de Pereira da Silva, cujo título recebe o mesmo nome “Nove de novembro”: no livro **Solitudes** (1918, p.178), em **O pó das sandálias** (1923, p.180) e em **Senhora da Melancolia** (1928, p.57). Essa mesma data, com o ano de 1876, consta na transcrição de entrevista com Pereira da Silva feita por Jorge Azevedo (1966, p.15), na qual o poeta afirma ter nascido nesta data. Dessa forma, esta é também a data que consta no perfil acadêmico de Pereira da Silva do site da Academia Brasileira de Letras. (Disponível em <<http://www.academia.org.br/academicos/pereira-da-silva-j>>, acesso em 23 jul de 2015). Ainda encontramos outra data em artigo publicado no Suplemento Literário *Autores e Livros*, do jornal *A Manhã*: 09 de novembro de 1878, num artigo intitulado “Duas mortes na Academia Brasileira”, em que se dá notícia da recente morte do poeta Pereira da Silva (LEÃO, 16 de janeiro de 1944, p.45).

registrá-los e classificá-los, oportunizando, assim, a explicação mais adequada de fenômenos “conhecidos” como de desconhecidos. Essa mesma concepção pode ser concebida quando se trata da literatura, pois:

No âmbito da literatura, por exemplo, isso se manifesta em uma situação em que uma comunidade possui dois (ou mais) sistemas literários, como se tratasse de duas ‘literaturas’. Para os estudiosos de literatura, legitima-se somente uma delas, ignorando a outra, ao enfrentar tais casos, é naturalmente mais ‘conveniente’ do que se ocupar de ambas (ZOHAR, 2014, p.4).

Manejar com um sistema aberto torna-se, portanto, um desafio. Diferentemente do sincronismo de um sistema fechado, que dá conta da ideia geral de função e funcionamento, que não alcança o movimento da linguagem ou de qualquer outro sistema semiótico, em um território específico no tempo, tem-se um sistema aberto, no qual se leva em consideração o fator tempo, as mudanças e mecanismos que estão implicados nele, obrigando-nos a compreender a existência de mais sistemas que coexistem no espaço de lutas dos bens simbólicos e sua importância na construção da história cultural. Portanto, o pesquisador que deseja deter-se nos feitos dos produtos tem que levar em conta o estado do polissistema particular com que se defronta em suas análises: “[...] O termo “polissistema” é mais que uma convenção terminológica. Seu propósito é tornar explícita uma concepção do sistema como algo dinâmico e heterogêneo, oposta ao enfoque sincronístico” (ZOHAR, 2014, p.3).

Entendemos, ainda, assim como Zohar (2014), que a atitude de privilegiar uma literatura em detrimento de outra, reproduzindo sistemas que se sobreponham a outros, colocando-os numa posição de *status* de cultura oficial,

[...] tem como consequência uma massiva compulsão cultural que afeta a nações inteiras mediante um sistema educativo centralizado e que torna impossível, inclusive a estudiosos da cultura, observar e valorar o papel das tensões dinâmicas que operam no seio da cultura para sua efetiva manutenção (ZOHAR, 2014, p.8).

Outra consequência é considerar essa “compulsão cultural” e sua apropriação como algo natural, o que acabou por gerar a ideia de que produzir e consumir textos literários torna-se suficiente para seus estudos, para a explicação de um sistema a que Zohar nomeou de “canônico”. Pertencer ou não a esse sistema coloca um autor na lista de obras e autores

“canônicos” ou “não-canônicos”<sup>3</sup>, no sentido atribuído por Zohar e, por conseguinte, presente ou apagado das histórias literárias ao longo do tempo. No entanto, por trás dessa manutenção de uma cultura oficial ou a legitimação dela verifica-se a própria luta pelo controle cultural. Essa luta, sim, é algo essencialmente natural, uma vez que “as tensões entre cultura canonizada e cultura não-canonicalizada são universais” (ZOHAR, 2014, p.8).

Seguindo essa linha de pensamento, trazer para o centro um autor paraibano do final do século XIX, que não mais pertence ao sistema literário predominante em nosso tempo, cujos livros não mais figuram na lista de autores e obras “canônicas”<sup>4</sup>, trata-se de trazer, para a discussão da comunidade acadêmica e paraibana, um escritor e as lutas simbólicas, próprias da busca pelo controle cultural.

Nessa perspectiva, quem foi Pereira da Silva? Que operações e modos de existência o constituíram? Quais possíveis fatores foram responsáveis pelo seu apagamento? Para responder a estes questionamentos, buscamos tornar evidente o diálogo entre literatura e história, por compreendermos o nome Pereira da Silva associado à totalidade de suas atuações no campo intelectual vigente na sua época e seus desdobramentos nas épocas posteriores. Assim, buscamos a compreensão dessa atuação na imprensa periódica de seu tempo – nossa principal fonte de pesquisa e veículo de circulação da literatura no período da produção literária de Pereira da Silva – além dos desdobramentos e repercussões em outras instâncias de circulação da literatura como a crítica literária e o sistema de ensino.

## 1.2 As fontes de pesquisa

As razões que justificam ser o jornal a principal fonte para nossas pesquisas pautam-se na sua importância dentro dos estudos literários, instrumento fundamental para as discussões acerca das próprias práticas de leitura e para a revisão da história da literatura. Em suas pesquisas sobre os jornais do século XIX, Barbosa (2006), ao estudar os periódicos paraibanos *Alva: jornal literário* e *A Ideia: Revista Crítica, Noticiosa e Literária*, afirma que há várias produções literárias como romances, novelas, poesias, biografias de autores nacionais, ensaios etc., nesse espaço, deixando evidente, para nós, o papel da imprensa periódica nos dizeres de uma época. Assim também, nos jornais ora pesquisados, encontramos

---

<sup>3</sup> Obra canonizada: “[...] normas e obras literárias que nos círculos dominantes de uma cultura são aceitas como legítimas e cujos produtos mais marcantes são preservados pela comunidade para que formem parte de sua herança histórica” (ZOHAR, 2014, p.7).

“Não-canonicalizadas”: normas e textos que foram rejeitadas como ilegítimas e cujos produtos, em longo prazo, a comunidade esquece frequentemente, a não ser que seu status mude.

<sup>4</sup> Sobre a discussão a respeito do cânone, seu aprofundamento dar-se-á nos capítulos seguintes.

além de poemas já publicados em seus livros de poesia, outros poemas, narrativas curtas, ensaios críticos, entre outros gêneros, todos escritos inéditos do autor, que ora publicamos nesta tese pela primeira vez, uma vez que ainda se mantinham apenas inscritos nas páginas desses jornais. Essas publicações inéditas estão inseridas em nossos anexos.

Assim, nos poemas, contos, crônicas, ensaios, comentários críticos, biografias, ora aqueles que o escritor assina ora os que a ele são dirigidos, é o nome Pereira da Silva que se constitui como autor. Recorrer, portanto, aos periódicos, significa compreender que eles “[...] representam modos de ver e dizer uma época e, por isso mesmo, gêneros históricos e de fundamental importância para a reconstituição do romantismo” (BARBOSA, 2007, p.24), e, por conseguinte, para a própria reconstituição da trajetória do nome desse autor.

Nesse “ver e dizer uma época”, quatro aspectos devem ser levados em consideração no suporte jornal. Em primeiro lugar, a estrutura aparentemente caótica e indisciplinada com que se organizam os diversos gêneros, não seguindo uma linha homogênea como no suporte livro. Em segundo lugar, a própria função-autor, que sofre modificações complexas nos jornais. Em terceiro lugar, o papel exercido pelos periódicos no processo de profissionalização do trabalho intelectual. Finalmente, a interferência do público leitor no horizonte de expectativas do autor e editores, aspectos que serão considerados ao longo de nossas análises.

O fato de os jornais possuírem uma estrutura aparentemente caótica, pois os poemas, biografias, trechos científicos, relatórios, comentários críticos, anúncios etc. não seguem uma linha contínua nem homogênea a que estão acostumados os historiadores da literatura, significa que um texto literário pode estar em qualquer seção, não necessariamente a que consideraríamos mais propícia. Essa estrutura indisciplinada, portanto, deve ser considerada e estudada pelo pesquisador de jornais, de maneira atenta à sua totalidade, porque nem sempre há espaços privilegiados de forma homogênea. É o que ocorre no caso de Pereira da Silva. Seus poemas, comentários críticos, ensaios, notas etc., assim como as notícias ao seu respeito, todos se encontram dispersos em diversos espaços nas folhas dos jornais, desde notícias na primeira página até em seções tanto de cunho social quanto literário, como também em notícias ao lado de anúncios diversos, o que nos fez percorrer todas as páginas de cada um dos jornais pesquisados.

Como consequência dessa estrutura, neste suporte, o segundo aspecto que deve ser considerado é a noção e representação do autor que passa a merecer uma análise mais específica, pois

A pesquisa diacrônica nos jornais nos revela que essa instância teve, ao longo do século, função e representação diversas. Os jornais possibilitam tanto a visão sincrônica quanto a diacrônica, o que favoreceria uma análise mais precisa dessa função-autor dentro do jornal, diferentemente daquela estável e homogênea, favorecida pelo livro e pela obra (BARBOSA, 2007, p. 32).

Desta forma, no que se refere à produção escrita que envolve Pereira da Silva, os poemas, contos, crônicas e demais gêneros escritos por ele ou sobre ele estão dispersos nas páginas dos jornais cariocas que pesquisamos: *Rua do Ouvidor* (1898-1900), *Cidade do Rio* (1899-1902), *A Notícia* (1900-1903), *Rosa-Cruz* (1901-1904), *O Combate* (1917), *A Época* (1917-1919), *Gazeta de Notícias* (1900-1918), *A Noite* (1911-1918), *O Mundo Literário* (1922-1925) *A Batalha* (1931-1934), *O Mundo Literário* (1921-1925), *Noite Ilustrada* (1932-1934), *A Nação* (1933-1936), *Revista Semana* (1940), *Autores e Livros* (1941-1944), além do periódico paraibano *Era Nova* (1921-1924), cobrindo um período que vai desde a década de 1890, quando começa a colaborar para os jornais do Rio de Janeiro, até a década de 1940, encerrando sua atuação intelectual devido à sua morte em 1944.

Por se tratar de um período longo, o modo de analisar essas fontes impressas não pode ser idêntico, uma vez que o contexto histórico-cultural de cada época interfere diretamente na circulação e função exercidas pelos jornais. Desse modo procuramos tornar evidente o diálogo entre literatura e história, por entender os periódicos como importantes objetos para a pesquisa histórica (BARBOSA, 2007). Em se tratando da literatura nos jornais, no período de nossa pesquisa, ela ocupou dois momentos distintos: a passagem do século XIX para o século XX, em que os periódicos consistiam num dos principais meios de divulgação da literatura, uma espécie de porta de entrada e de consagração de seus nomes, segundo Costa (2005), como também as primeiras décadas do século XX, ocorrendo mudanças no perfil editorial, devido ao foco dado às reportagens policiais que passaram a ocupar um lugar de destaque nos jornais, além do próprio processo de industrialização e mudanças políticas ocorridas no período. Essas mudanças de contexto em que o suporte está inserido fazem com que percebemos que o Pereira da Silva da passagem do século XIX para o XX não pode ser visto da mesma maneira que o Pereira da Silva das décadas de 1920 a 1940. Dentro desses contextos encontram-se as contribuições de Pereira da Silva em certa imprensa carioca, como também suas publicações em livros, fatos que iremos analisar ao longo desta tese.

As consultas a esses jornais foram feitas em diversos lugares, mas principalmente no site da Hemeroteca Digital, um acervo online disponibilizado pela Biblioteca Nacional. Aos periódicos não encontrados na Hemeroteca Digital, como as revistas literárias *O Mundo*

*Literário* (1921-1925) e *Rosa-Cruz* (1901-1904), tivemos acesso através do setor de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, estando a primeira revista em suas condições impressas precárias e incompletas, e a segunda em micro-filme. Já a *Revista da Academia Brasileira de Letras* (1936-1966) e o livro *Holocausto* (1921), de Pereira da Silva, foram encontrados nos acervos da própria ABL. Por fim, quanto à revista *Era Nova* (1921-1924), ela foi encontrada dispersa nos acervos da Academia Paraibana de Letras, Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba e no Instituto Histórico e Geográfico do Estado da Paraíba, estando hoje disponível no site *Jornais e Folhetins paraibanos do século 19*, em sua versão digitalizada. Essa variedade de lugares é consequência de uma pesquisa que busca trazer à luz o nome de um autor e sua obra apagados pela história literária oficial, cujos dados e informações encontram-se dispersos, num cotidiano esquecido, nas páginas dos jornais e nas estantes das Academias de Letras.

Além dessas fontes, recorremos ao documento *A. J. Pereira da Silva: primeiro paraibano da Academia Paraibana de Letras*, de Humberto Fonseca de Lucena (1993), o qual nos foi apresentado pelo professor Hildeberto Barbosa Filho em visitas à sua biblioteca particular, lugar onde pudemos conhecer várias outras fontes que traziam o nome de Pereira da Silva, tornando-se, por isso, elemento importante para nossas análises a respeito do lugar que o autor paraibano ocupou na voz da crítica literária ao longo do tempo. No referido documento de Humberto Fonseca (1993), o autor faz uma verdadeira catalogação da vida e da obra de Pereira da Silva, trazendo dados bibliográficos de livros literários e críticos publicados pelo poeta, como também uma rica listagem dos jornais e revistas com os quais Pereira da Silva contribuiu. Além da catalogação, Humberto Fonseca republica alguns dos trabalhos críticos e poéticos do autor e lista uma bibliografia de fortunas críticas sobre o escritor paraibano. Esta obra tornou-se, juntamente com o Suplemento Literário *Autores e Livros* (1941-1944), o livro *Arrecifes e Lajedos* (2001), de Hildeberto Barbosa Filho, além do projeto *Jornais e Folhetins Literários do século 19* e o *Pequeno Dicionário dos Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século XIX: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubrian*, um grande ponto de partida para que pudéssemos iniciar nossa pesquisa e ter acesso aos textos e documentos que retratam Pereira da Silva, sobre os quais nos detemos nos capítulos desta tese.

A fim de compreendermos as razões para o apagamento do autor, além dos jornais, buscamos livros biográficos, discursos acadêmicos disponíveis tanto na Academia Brasileira de Letras quanto na Academia Paraibana de Letras. Acrescenta-se a esses documentos, a necessidade de acompanhar a tradicional crítica literária e biografias sobre o autor Pereira da

Silva, por entendermos o papel dessa instância na construção do nome do autor. Nesse sentido, o próprio Pereira da Silva, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, levanta algumas questões que merecem a atenção do leitor atual, por revelarem quais concepções o autor possuía em relação à manutenção ou ausência de determinadas estéticas, autores e obras. Ao mencionar sua concepção sobre o poeta e a poesia simbolista, Pereira da Silva afirma que não há “novos” nem “velhos”, “passadismos” nem “futurismos”, isto é, que a poesia não está vinculada a observâncias cronológicas. Sugere que José Veríssimo, patrono da cadeira número 18 da Academia Brasileira de Letras, não poderia perceber a vitalidade da poesia que surgia, já que “[...] a emotionalidade parnasiana havia atingido a perfeição possível com os grandes nomes, [...]” (SILVA, 1999, p.20-21).

Nesse discurso, na visão de Pereira da Silva, a poesia – e podemos estender a própria literatura – não pertence a uma categorização evolucionista da história literária, mas à noção de que apenas se esgotam as possibilidades de uma estética e que novas tendências vão sendo apropriadas pelos jovens poetas. Acrescenta, ainda, que a história literária cultua as tendências *a posteriori*. Fica subtendido nas considerações de Pereira da Silva, portanto, que o crítico José Veríssimo não conferia valor a essa nova poesia – a poesia simbolista. Tal fato faz Pereira da Silva justificar a não aceitação da poesia simbolista devido à falta de elementos, de conhecimento da nova estética, ao afirmar que: “José Veríssimo, como já disse, não se tomou de entusiasmo por essa ruidosa festa da juventude irreverente” (SILVA, 1999, p.21). O papel da crítica, portanto, torna-se um dos fatores determinantes para a manutenção ou abandono de determinados autores.

Essa consciência de Pereira da Silva vai ao encontro da perspectiva que pretendemos adotar ao longo de nossas análises: conhecer o contexto de produção, os agentes dos discursos, as instâncias de consagração e legitimação do autor em seu tempo, para não cair em análises subjetivas e anacrônicas que distanciam a produção literária de suas práticas sociais e impedem a compreensão e a construção de uma identidade cultural mais ampla.

### ***1.3 A composição do trabalho***

A fim de descrever e analisar a presença e o apagamento do nome do poeta e jornalista Antônio Joaquim Pereira da Silva no campo literário, utilizamos uma divisão cronológica que corresponde a dois momentos distintos na trajetória do poeta, divididos nos capítulos posteriores: sua trajetória literária em sua época, seguido de seu posterior apagamento. Com esse percurso, pretendemos dar ao leitor melhor compreensão das lutas simbólicas, segundo

Bourdieu (1996) travadas no campo literário para a manutenção e apagamento do nome do autor.

Assim, no segundo capítulo desta tese, apresentamos Pereira da Silva a partir dos discursos impressos nos jornais para os quais colaborou, procurando traçar o perfil do autor dentro do suporte no qual seu nome foi construído, numa retomada histórica e literária do poeta paraibano, a partir do que é dado a ler nos jornais. Nessas fontes, foram encontrados poemas e contos de Pereira da Silva que não foram publicados em livro, os quais se encontram transcritos em nossos anexos. Em seguida, detemo-nos em abordar a circulação de alguns dos livros de Pereira da Silva pela imprensa periódica, uma vez que em nossa tese concebemos o jornal, conforme nos afirma Barbosa (2011), “fonte primária para o estudo da literatura e da cultura”. Portanto, os jornais sobre os quais nos deteremos revelaram-nos práticas sociais e culturais que nos ajudaram a preencher algumas lacunas na história literária paraibana e brasileira, entre elas as demais produções literárias do autor não publicadas em livro. Nossa intuito também foi buscar ensaios, notícias, resenhas e análises críticas que nos revelassem como foram recebidos pela imprensa periódica alguns dos livros de Pereira da Silva tais como *Vae Soli!* (1903), *Solitudes* (1918), *Beatitudes* (1919), *O pó das sandálias* (1923), *Senhora da Melancolia* (1928) e *Alta Noite* (1940).

No terceiro capítulo, traçamos o perfil de Pereira da Silva jornalista, poeta e crítico literário tomando como fonte os periódicos *O Mundo Literário* (1921-1925) e *Rosa Cruz* (1901-1904). Esses periódicos cobrem um período que vai de 1910 até 1920 e nos revelam outra face do escritor: o de diretor e colaborador-financiador de revistas especializadas em literatura, num momento histórico-cultural polêmico, devido ao discurso modernista que se vai consolidando. Nosso propósito é conhecer os lugares ocupados por Pereira da Silva na constante luta de permanência de discursos. Com esse terceiro capítulo, fechamos uma etapa da trajetória de Pereira da Silva: a trajetória literária nos jornais.

No quarto e último capítulo, mantendo a perspectiva das nossas discussões sobre os lugares ocupados por Pereira da Silva, partimos para a segunda etapa da trajetória literária do escritor: seu apagamento da história da literatura paraibana e brasileira. Assim como nos jornais, sobre Pereira da Silva encontramos ensaios, resenhas e análises críticas a respeito de seus livros em antologias poéticas, livros de história da literatura brasileira, em prefácios de livros do próprio Pereira da Silva, cobrindo um período que se estende entre 1920 e 1960. Apesar de retomado por uma crítica de seu tempo e posterior a ele, seu nome e sua obra ficaram esquecidos pela história literária atual. Por esta razão, buscamos neste capítulo analisar como o nome de Pereira da Silva circulou em outras instâncias de circulação da

literatura: a crítica, a academia e as instituições de ensino, na concepção de Bourdieu (1996). Essas instâncias, segundo Bourdier (1996), possuem um papel simbólico essencial nas lutas na formação do campo literário. Queremos, portanto, confrontar o lugar ocupado pelo autor na crítica jornalística e o papel que essa instância consagradora em seu tempo ocupou na formação do campo literário, já analisado nos primeiros capítulos, com as demais instâncias de legitimação até os dias atuais como mantenedoras e consagradoras, ou não, de um sistema literário em vigor, a fim de compreender a morte literária de Pereira da Silva.

Nesse sentido, buscamos, na voz da crítica literária de 1920 aos dias atuais, discutir obras críticas de autores que viveram a mesma época que Pereira da Silva como Andrade Muricy (1922; 1987), Nestor Victor (1924) Tomás Murat (1939), Jayme de Barros (1944), Agrippino Grieco (1947; 1968), para nos referir mais especificamente a uma crítica advinda de jornalistas das décadas de 1920 a 1940, período em que o poeta Pereira da Silva ainda estava atuando no mundo jornalístico e literário. A partir de 1950, temos críticos que vão se distanciando do mundo dos jornais no sentido de não serem jornalistas, mas professores universitários e pesquisadores como Otto Maria Carpeaux (1955), Massaud Moisés (n/d), Afrânio Coutinho (1990), Alfredo Bosi (1994), Aderaldo Castello (1999), Hidelberto Barbosa (2001), Idelette Muzart Fonseca dos Santos (1994), entre outros. A finalidade desta discussão é apontar o lugar como o nome de Pereira da Silva foi sendo apropriado por uma crítica literária que se baseia em escolas e estilos literários, selecionando autores e obras numa repetição de citação da citação, sem que houvesse o manuseio das fontes referendadas. Desse modo, o papel da crítica torna-se um aspecto importante para o apagamento do nome do autor.

Pretende-se, ainda, refletir, neste último capítulo, até que ponto a vinculação a uma instância consagradora como a Academia Brasileira de Letras e a não inserção de um autor/obra no currículo escolar de ensino médio e superior interferem na construção e consagração de um autor. Discutir o papel do sistema de ensino é, para nós, imprescindível, uma vez que a ausência, o silêncio em torno da literatura paraibana em nossas universidades e escolas são variáveis que não devem ficar de fora, quando nosso compromisso de pesquisadora é, também, o de educadora e professora de literatura.

Para podermos estabelecer as relações e discutirmos o movimento de lutas simbólicas que favoreceram a presença deste autor e, posteriormente, seu apagamento, utilizamos como base teórica conceitos como os de Chartier (1991), Foucault (1999; 2001), Bourdieu (1996; 2009), Certeau (1998), prioritariamente, sobre os quais abordaremos e analisaremos ao longo de nossa tese.

Essas referências trazidas até aqui revelam que a produção de Pereira da Silva, como poeta, contista, crítico literário, jornalista, como também a visibilidade obtida em vida por certa imprensa jornalística, revelados tanto pelo Suplemento Literário *Autores e Obras*, como pelas revistas *Rosa-Cruz*, *Era Nova*, *O Mundo Literário* e pelos demais jornais pesquisados, acrescentando sua retomada e citações por obras críticas, antologias, dicionários da literatura brasileira, fazem-nos trazer de volta este autor, reclamar sua presença em uma História da Literatura Paraibana e, consequentemente, Brasileira.

Concluímos essa nota introdutória, alertando para o fato de que não pretendemos apenas associar nossa pesquisa a uma luta por elevar um autor, ou reclamá-lo na lista de um cânone atualmente posto, mas, principalmente, dar-lhe visibilidade, problematizar conceitos e padrões enraizados pela história da literatura que, durante muito tempo, não levou em consideração ingredientes indispensáveis para narrar os eventos literários do país, de uma comunidade, tais como o suporte, as práticas culturais, instâncias de consagração e legitimação, além do leitor. Tais elementos favorecem ao pesquisador compreender os eventos histórico-culturais e reconstruí-los desprovidos de concepções que, ao longo do tempo, foram engessando nossa forma de ver e ler as práticas culturais do passado. Dessa forma, queremos contribuir para o enriquecimento da história da literatura brasileira, notadamente a da Paraíba, começando por retomar autores, obras e concepções artísticas significativas em determinado tempo na perspectiva não apenas dos livros e críticas atualmente estabelecidas, mas, e principalmente, por meio de fontes primárias como os periódicos, além de obras críticas escritas por autores que também foram apagados, mas por onde circularam discursos estéticos, autores, obras que também ficaram também esquecidos pela história que conhecemos neste século.

## 2 A IMPRENSA CARIOPA E A CONSTRUÇÃO DO NOME DO AUTOR (1890-1940)

— *O jornalismo é para todo o escritor brasileiro um grande bem.  
É mesmo o único meio do escritor se fazer ler.  
O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal  
— porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade.*  
(BILAC. In: RIO, João do. 1907, p.06)

Neste capítulo, pretendemos abordar a trajetória literária de Pereira da Silva, tendo em vista o fato de haver pouca referência a seu respeito em manuais de literatura a seu respeito. Para esse fim, levamos em consideração dois aspectos: as suas colaborações para os jornais e a repercussão de alguns de seus livros de poesia por essa mesma imprensa, entre as décadas de 1900 e 1940, buscando fazer uma retomada histórico-literária do nome do autor a partir do que nos é dado a ler nos jornais. O período escolhido justifica-se por corresponder às décadas que vão desde o início de suas colaborações para a imprensa jornalística em 1898 até o ano de sua morte, em 1944, quando se encerram as suas publicações.

A fim de traçar a trajetória do poeta Antônio Joaquim Pereira da Silva, recorremos, neste capítulo, às notícias, resenhas e análises críticas publicadas nos jornais cariocas *Rua do Ouvidor* (1898-1900), *Cidade do Rio* (1899-1902), *A Notícia* (1900-1903), *Gazeta de Notícias* (1900-1918), *A Noite* (1911-1918), *O Combate* (1917), *A Época* (1917-1919), *A Batalha* (1931-1934), *A Noite Ilustrada* (1932-1934), *A Nação* (1933-1936), *Revista Semana* (1940), *Autores e Livros* (1941-1944), além do periódico paraibano *Era Nova* (1921-1924), uma vez que foi nos jornais que o nome desse autor encontrou visibilidade entre as décadas de 1890 e 1940, tendo em vista o papel que a imprensa periódica exercia para a circulação da literatura.

Em um país em que a profissionalização de um escritor por intermédio da publicação e venda de livros era difícil, devido a fatores como o poder aquisitivo e o alto índice de analfabetismo da maior parte de sua população, o caminho que restou para os aspirantes a escritores foi consegui-la por outros meios, como o jornalismo (FARIAS, 2013, p.18).

No que se refere ao tratamento dado ao estudo dos periódicos, faz-se necessário esclarecer a forma de abordar as análises dos jornais neste capítulo, os quais foram utilizados ao longo de nossa tese, por entender que sendo diversas as fontes impressas e suas possibilidades de interpretação para nossa pesquisa, não seria viável utilizar apenas uma forma, devido à própria peculiaridade do nosso objeto. Para este capítulo em particular, devido à existência de uma variedade de fontes impressas utilizadas em nossas análises, com

estruturas e localização histórico-cultural diversas, optamos pelo estudo de partes do conteúdo de um conjunto relativamente vasto de jornais, ou seja, anúncios, seções de crítica literária, notas biográficas, notícias diversas, levando em consideração o lugar que essas notícias ocuparam dentro dos jornais, uma vez que sua posição diz muito a respeito do objeto analisado e suas representações neste suporte, segundo Barbosa (2007), tendo em vista a estrutura caótica, aparentemente indisciplinada própria dos jornais. Além da materialidade propriamente dita, a relação entre História e Literatura, que os jornais proporcionam ao pesquisador, conforme nos afirma Barbosa (2007), traz múltiplas possibilidades de abordar esse suporte, uma vez que em cada época esse artefato cultural é apropriado de maneira diferente em seus usos e intervenções sociais.

Outro aspecto que merece atenção no estudo dos jornais, diz respeito à função-autor neles desempenhada, ou seja, o anonimato, o uso de pseudônimos, que consistia uma tendência muito forte. Esse uso, segundo Barbosa (2007, p.32) é “uma marca da linguagem jornalística no século XIX”. Logo, com Pereira da Silva não poderia ter sido diferente, uma vez que este autor atuou na imprensa jornalística ainda em finais do século XIX. Ele utilizou-se do pseudônimo J. d’Além, segundo nos atesta Adelmar Tavares (1934), em seu discurso de recepção proferido quando Pereira da Silva tomou posse na cadeira de número 18, cujo patrono é José Veríssimo:

O Simbolismo desfraldava-se, pois, para retomar a música de que o Parnasianismo e o Naturalismo haviam desapossado a Poesia. Sob a égide de Cruz e Sousa, pompeava entre nós a *Rosa-Cruz*, o hebdomadário vermelho capitaneado por Félix Pacheco, Carlos Dias Fernandes, Saturnino Meireles, e tantos, tantos outros. Procurastes a *Cidade do Rio*, de Patrocínio, e aí com Patrocínio Filho, Corinto e Pausílio da Fonseca, Gonçalo Jácome, e Saturnino, e outros, sob o pseudônimo de J. D’Além, ingressastes na imprensa carioca, e passeastes depois a vossa pena cintilante pelo *Jornal do Comércio*, pela *Gazeta de Notícias*, pela *A Época*, de Vicente Piragibe, e pela *A Pátria*, de Paulo Barreto (TAVARES, 1934, s/p). (essa citação é do discurso de posse disponível no site da ABL).

Essa afirmação de Tavares (1934) fez-nos buscar esse pseudônimo nas páginas do jornal *Cidade do Rio* (1901-1902) e demais jornais. De fato, Pereira da Silva assinou alguns de seus escritos com o pseudônimo J. d’Além no jornal *Cidade do Rio*. No entanto, de posse dos jornais, a primeira constatação que obtivemos é que Pereira da Silva não iniciou suas publicações na *Cidade do Rio* (1901-1902), como afirmou Tavares (1934), afirmação essa reproduzida em outras biografias sobre o poeta, como a de Múcio Leão (1944) e Fonseca (1993). Ao contrário, sua colaboração se inicia na revista literária paranaense *Palladium*

(1898), conforme noticia o jornal *Rua do Ouvidor* (1898-1912), em 1898, em nota de agradecimento pelo recebimento do primeiro número da revista no qual contém um conto do escritor, intitulado “Misticismo”.

No que se refere à revista paranaense *Palladium*, ela era uma folha literária, crítica e humorística de Curitiba, de publicação mensal, que tinha em seu corpo editorial redatores e colaboradores diversos, nem sequer nomeados em suas folhas de capa, revelando que seus nomes não seriam instrumentos para conferir visibilidade a esse mensário, conforme ocorreria a outros dos jornais pesquisados. Desse modo, o fato de ser Pereira da Silva um de seus diretores, representa nada mais do que a tentativa de inserir-se no mundo jornalístico, lugar almejado por todo aspirante ao mundo das letras. Apesar desta citação, não encontramos o referido conto “Misticismo”, de Pereira da Silva, na revista literária *Palladium*, uma vez que só tivemos acesso às publicações a partir de 1909, nas quais não constam mais colaborações de Pereira da Silva. Dessa referência a respeito de sua participação no jornal *Palladium*, passamos a acompanhar a trajetória de Pereira da Silva na imprensa carioca, seguindo a cronologia dos fatos ocorridos.

## **2.1 Pereira da Silva: entre os anos de 1890 e 1900**

Pereira da Silva começa a colaborar para os jornais cariocas a partir do ano de 1899, na *Rua do Ouvidor* (1898-1912), seguido de *Cidade do Rio* (1880-1902), nos anos de 1901 e 1902, tendo, neste último, suas produções fazendo parte de matéria de capa. A sua inserção na imprensa carioca, na passagem do século XIX para o século XX, remete-nos às circunstâncias que envolveram a década de 1890 e primeira década do século XX, no cenário político e jornalístico do país, em especial no Rio de Janeiro, com acontecimentos que interferiam na própria trajetória de vida do autor. Entre eles podemos citar sua ida para o Rio de Janeiro, a solidificação de uma nova política governamental que se instaura no país, o processo de modernização a que a imprensa jornalística se submeteu, além da própria luta de oposições pela qual a estética simbolista passou na busca de afirmar-se como tal, em meio à hegemonia do Parnasianismo e o surgimento das bases modernistas.

Esse período representa, ainda, um momento de mudanças na vida de Pereira da Silva. No ano de 1891, estando com 15 anos aproximadamente, deixa a cidade de Araruna (PB), devido à seca e à consequente pobreza, e muda-se para o Rio de Janeiro, numa época de muitas rebeliões políticas no país, como a Revolta da Armada (1893), amplamente noticiada por jornais como a *Gazeta de Notícias* (1891-1895), sob o governo de Floriano Peixoto. Nesse

clima de rebeliões políticas, a vida de Pereira da Silva era consumida por muito trabalho e estudo: estudava à noite no Liceu de Artes e Ofícios e trabalhava na Estação da Estrada de Ferro Central Central do Brasil, um emprego que não era suficiente para seu sustento. Nesses ambientes, no entanto, começou a se interessar por assuntos literários. Aos 18 anos, no ano de 1895 aproximadamente, matricula-se na Escola Militar do Rio de Janeiro, uma das poucas carreiras que lhe era possível na época, durante o governo de Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil no Brasil, cuja eleição encerrou o período dos governos provisórios dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, marcando o início do predomínio da oligarquia cafeicultora no poder. No entanto, apesar de os militares e a oligarquia cafeicultora terem sido um dos principais responsáveis pela proclamação da República, eles divergiam quanto à posição política deste regime. Os militares desejavam instalar um regime republicano centralizado, ao contrário dos cafeicultores que defendiam o regime republicano federativo, ou seja, no qual os estados fossem econômica e administrativamente autônomos e controlados de acordo com seus interesses locais.

Nesse clima de conflitos políticos, almejando formar-se na carreira militar, Pereira da Silva une-se aos cadetes revoltosos contra Prudente de Moraes.

Dizia versos que rastilhavam incêndios nos moços corações que os ouviam. Era já em 1897. Do alto de um tamborete, no pátio da Escola, por entre a luz mortiça dos lampiões, proferia palavras candentes a favor de Floriano, contra Prudente. Aquelas mãos magras e pálidas, suaves e pastorais, – que à semelhança de César Dominici sobre Amado Nervo, – “pediam a nobreza episcopal da ametista”, faziam entrever as mais chamejantes bombardas, e por aquela cabeça “que reclamava a tonsura”, estalavam chamas patrióticas e referviam ideias capazes de subverter todo o país no mais assustador dos cataclismos!... “O cadete Antônio Joaquim era um conspirador perigoso!...” (TAVARES, 1934, s/p. Grifos do autor).

Por causa desse envolvimento político, em 1897 é preso e, em seguida, levado para o 13º Batalhão de Cavalaria, em Curitiba. No Paraná, Pereira da Silva conheceu os jornalistas e poetas simbolistas, líderes do “grupo paranaense”, Dário Velloso<sup>5</sup> e Rocha Pombo, com cuja

<sup>5</sup> Dário Vellozo (Dário Persiano de Castro Vellozo), poeta, ficcionista, filósofo, nasceu em 26 de novembro de 1869, na cidade do Rio de Janeiro, e morreu em 28 de setembro de 1937, em Curitiba. Foi tipógrafo do jornal mais antigo do Paraná, o *Dezenove de Dezembro*. Colaborou com vários jornais e revistas paranaenses. Fundou com Júlio Perneta e Antônio Braga, a *Revista Azul* que foi suspensa com a revolta da esquadra em 1893, surgindo *O Cenáculo*, revista que se fez conhecida no país e teve a colaboração de Rocha Pombo, Carvalho de Mendonça, Albino Silva e outros grandes vultos das letras nacionais, no decorrer dos anos de 1895 a 1897. Também fez parte do Movimento Simbolista no Paraná, juntamente com Emiliano Pernetta, Rocha Pombo, Nestor de Castro, entre outros. Entre os livros que escreveu, encontram-se *Ephemeras* (1890) e *Esquifes* (1896). (texto adaptado do professor Dario Nogueira dos Santos, no site do Instituto Neo-Pitagórico. Disponível em <http://www.pitagorico.org.br/fundador/>. Acesso em 30 de jul de 2015).

filha se casa anos mais tarde. Dessa aproximação com Rocha Pombo (1857-1933) – um jornalista, escritor, político aliado às causas abolicionistas e republicanas, professor e historiador –, Pereira da Silva talvez tenha tido as portas do jornalismo fluminense abertas para ele, uma vez que Rocha Pombo, em 1897, mudou-se para o Rio de Janeiro, tornando-se um influente historiador e jornalista. A amizade com Rocha Pombo, portanto, teria aberto também espaço para divulgação da revista literária paranaense *Palladium* (1898) no jornal carioca *Rua do Ouvidor* (1898-1912).

Desse modo, sendo algo muito comum na imprensa jornalística desde meados do século XIX, a inserção de Pereira da Silva nos jornais é uma decorrência do *espírito associativo e corporativista* (SILVA, 2015b, p.156) que alimentava uma rede de literatos liderada em torno de nomes que dominavam certa imprensa de seu tempo. Pereira da Silva, portanto, busca articular-se para alcançar um lugar no cenário literário carioca.

Acrescenta-se a esse contexto o momento de mudanças no cenário jornalístico que a passagem do século XIX para o século XX trouxe consigo, ou seja, as transformações na estrutura e organização dos jornais, principalmente dentro dos cenários carioca e paulista, momento em que “Os periódicos vivem a febre da modernização” (BARBOSA, 2010, p. 117), que favoreceu, entre outras coisas, o crescimento do número de tipografias de maneira acelerada, sendo introduzida uma série de melhoramentos gráficos e alteração na estrutura editorial dos jornais. Entre os fatores que concorreram para o crescimento acelerado e transformações da imprensa, segundo Barbosa (2010), estão o aperfeiçoamento do sistema de transporte e a regularização dos sistemas de correios, favorecendo assim maior intercâmbio de ideias e ampliação do público leitor, além de representar a própria ideologia instaurada pelo novo regime: o progresso, na formação de uma nova civilização comparada aos modelos europeus, notadamente o francês, rompendo, assim, com tudo o que lembra o atraso colonial, segundo Barbosa (2010). Nesse sentido, mais intensamente a partir de 1890, cria-se no Rio de Janeiro um novo jornalismo com mudanças no padrão editorial, cujos textos “[...] pretendem, sobretudo, informar, com isenção, neutralidade, imparcialidade e veracidade, sobre a realidade” (BARBOSA, 2010, p.121). Ganham destaque, então, as notícias policiais e reportagens, introduzindo em suas capas entrevistas, cuja finalidade seria construir uma representação ideal da sociedade.

Assim também, o ano de 1900 marca o surgimento, segundo De Luca (2005, p.121), das chamadas revistas ilustradas e de variedades, as quais incluíam “[...] acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, [...]”, fornecendo “[...] um lauto cardápio que procurava agradar a diferentes leitores,

justificando o termo variedades.”, a exemplo das revistas *Ilustração Brasileira* (RJ, 1902), *Kosmos* (RJ, 1904), *Fon-Fon* (RJ, 1907), nas quais o nome Pereira da Silva não se fez presente.

É nesse clima que Pereira da Silva volta ao Rio de Janeiro, estando com aproximadamente 24 anos de idade, em 1898. Aliando-se a personalidades políticas e jornalísticas como José do Patrocínio, um abolicionista, simpatizante do presidente civil Prudente de Moraes para quem dedica artigos nas páginas do seu jornal *Cidade do Rio*, Pereira da Silva passa a colaborar para *Rua do Ouvidor*, entre os anos de 1899 e 1900, nos quais encontramos as suas primeiras publicações, porém esparsas, o que lhe confere apenas uma presença passageira, sem grande representatividade, numa espécie de camaradagem, de troca de gentilezas, próprio desse ambiente dos jornais. As três publicações são dois contos: um, intitulado “Tísica” (In: *Rua do Ouvidor*. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1899, ano II, nº 64, p.05), o outro, “Espiritualizado” (*Rua do Ouvidor*. Rio de Janeiro, 09 de dezembro de 1899, ano II, n. 83, p.05), além do soneto “Antônio Nobre” (*Rua do Ouvidor*. Rio de Janeiro, 12 de maio de 1900. Ano III, n.105, p.06), dedicado ao poeta simbolista português Antônio Nobre<sup>6</sup>, a quem alguns críticos de Pereira da Silva lhe compararam. Esses gêneros aparecem em seções fixas do jornal, dedicadas a publicações de poemas e narrativas ficcionais, por ser este jornal um periódico literário. Dirigido por João Ferreira Serpa Júnior, seu proprietário, também jornalista, abolicionista ativista que ao lado de José do Patrocínio participou de várias rebeliões a favor das ideias abolicionistas, com ele gerindo a *Gazeta da Tarde* (1880-1901) e *Cidade do Rio* (1880-1902), tendo representado José do Patrocínio na *Revista Ilustrada* (1870-1899) em peregrinações por cidades brasileiras. O jornal *Rua do Ouvidor*, em artigo de abertura de sua primeira edição, intitulado “Mensagem”, dá a conhecer o programa a que se propõe:

Apresentamo-nos modestamente. O título da nossa folha o indica. A vida fluminense, no que tem de superficial, se concentra na Rua do Ouvidor. Aí, discussões políticas há entre pessoas que formam grupos distintos nos quais se examina e se estuda *por alto* as mais elevadas questões que interessam a direção dos públicos negócios; admira-se a nossa elegância feminina em todo o seu esplendor; travam-se diálogos renhidos sobre a superioridade deste ou daquele animal de corridas; [...] conversa-se sobre o mérito e a beleza desta ou daquela artista do nosso teatro; entra-se nas confeitarias e cafés, toma-se qualquer coisa; olha-se para as senhoras e palestra-se com

---

<sup>6</sup> António Pereira Nobre (Antônio Pereira Nobre), poeta simbolista português, o poeta da saudade e da tristeza, como viria a ficar conhecido, nasceu a 16 de Agosto de 1867 no Porto e faleceu em 18 de Março de 1900, com apenas 33 anos, vencido pela tuberculose. Autor de *Só* (1892), seu único livro publicado em vida e outras obras póstumas (MARTINS, 2012). Sobre este autor e a relação que é feita entre eles ainda iremos abordar em seguida.

algum amigo, encontrado ao acaso, para matar o tempo; sabe-se das últimas novidades literárias; [...] se formos descrever aqui o que é a Rua do Ouvidor por certo ocuparíamos todo o nosso jornal com a descrição. Basta o que fica dito para justificar o título da nossa folha (*Rua do Ouvidor*, 14 de maio de 1898, p.01).

Com base nessa apresentação da famosa rua do Ouvidor, o jornal anuncia seu programa, utilizando-se de recursos da própria retórica na composição de prosa, o *ars dictaminis* – arte de escrever cartas e textos em prosa –, em que ajusta as palavras, no caso desse programa do jornal *Rua do Ouvidor* (1898), com o propósito de assegurar a condescendência do leitor ao projeto apresentado. De posse desse recurso retórico, o jornal anuncia a variedade de gêneros que ocupará as suas páginas, afirmando pretender ser um semanário ligeiro, sem pretensão de ocupar grandes destaques na imprensa brasileira, mas, ao mesmo tempo, guardando em si a diversidade de temas e sua importância neste círculo, fazendo jus à rua que lhe inspira: “[...] crônica política, uma seção humorística, [...], trataremos do esporte, da moda, dos teatros e da nossa vida elegante ouvidoreana, e daremos retratos de senhoras da nossa melhor sociedade e de pessoas célebres.” (*Rua do Ouvidor*, 14 de maio de 1898, p.01), exercendo assim uma função estratégica, pois “[...] o sucesso do negócio revista dependia de se conseguir ampliar ao máximo os possíveis interessados, daí o recurso a uma rubrica ampla, que permitia incluir de tudo um pouco” (DE LUCA, 2005, p.121). Um período, portanto, bastante propício para o surgimento de novos nomes, com o de Pereira da Silva.

Ainda em 1900, Pereira da Silva é citado em notícia acerca da inauguração de dois salões, um para banquetes e outro para recepção e palestras de convidados, promovida pelos senhores Carvalho & C., proprietários, segundo a notícia, “da antiga e conhecida Confeitaria Pascoal”. Nessa inauguração estavam presentes todos os jornais, para os quais foram servidas as mais finas iguarias francesas. Nessa ocasião, a presença de Pereira da Silva, cujo nome é citado como o representante do *Jornal do Comércio* que brindou por todos os seus colegas em resposta ao também brinde à imprensa feito pelo Sr. Baldomero Carqueja em nome da firma Carvalho & C., revela que o poeta estava inserido na roda literária de seu tempo, fazendo parte desses pontos de reuniões dos escritores nesse momento. O evento noticiado não se trata de um evento qualquer, pois se refere à inauguração de salões dos proprietários da antiga Confeitaria Pascoal. Esta confeitaria era um dos pontos preferidos pelas celebridades literárias. Situava-se na Rua do Ouvidor, uma espécie de beco bastante movimentado, uma vez que por lá passeavam as mais notáveis personalidades. Segundo Broca (2004):

Por esse beco passava tudo quanto o Rio literário possuía de mais notável na época. Entretanto, uma desinteligência de Olavo Bilac com o gerente da Confeitaria Pascoal, que ficava naquela rua, fazendo com que ele trouxesse sua roda para a Colombo, na Rua Gonçalves Dias, deslocara algum tanto a frequência dos intelectuais do famoso beco (BROCA, 2004, p.72).

Desse modo, a presença de Pereira da Silva nos jornais e nos salões literários torna-se uma forma de inserir-se neste campo em que as amizades eram critério determinante. Além disso, o *Jornal do Comércio* tinha como redator o poeta simbolista Félix Pacheco, confirmado a filiação de Pereira da Silva ao grupo devoto de Cruz e Sousa. Essa filiação, portanto, como veremos mais adiante, não é favorável à consolidação do poeta dentro do ponto de vista com que a história da literatura chegou até os dias atuais.

Unindo-se a José do Patrocínio, Pereira da Silva alcança um lugar de prestígio em certo grupo de jornalistas aliados a um sistema político vigente, tendo em vista a necessidade de manter-se atuante no cenário jornalístico e cultural de seu tempo. Nesta época, entre os anos de 1896 e 1897, José do Patrocínio também participa das sessões preparatórias da fundação da Academia Brasileira de Letras, da qual lhe rendeu ocupar a cadeira nº 21 como seu membro fundador, cujo patrono é o também abolicionista Joaquim Serra (1838-1888). Assim, Pereira da Silva não só se insere em certa imprensa periódica, como se alia a um grupo de jornalistas pertencente a uma elite ansiosa por fundar uma sociedade literária que pretendia nortear modos de ler e fazer a literatura brasileira daquele tempo.

Pereira da Silva, então, passa a colaborar para o jornal *Cidade do Rio*, entre os anos de 1901 e 1902, na fase final deste periódico que já se encontrava em dificuldades financeiras. O ano de 1900 constitui-se um momento de transformação para a imprensa periódica devido à industrialização que vai interferir diretamente na própria concepção de fazer jornal como também no lugar dado à literatura nas revistas e periódicos, mesmo para aqueles que já possuíam alguns anos de circulação. O jornal *Cidade do Rio* passou pelas duas fases da imprensa. Segundo Simões Jr. (2010, p.161), inicialmente esse periódico foi criado “[...] para ser uma arma de combate em prol da abolição da escravatura.”, tendo como seu fundador e redator, José do Patrocínio<sup>7</sup>, que escolheu a data 28 de setembro de 1887 para lançar seu

---

<sup>7</sup> José do Patrocínio (José Carlos do Patrocínio), jornalista, orador, poeta e romancista, nasceu em Campos, RJ, em 09 de outubro de 1853, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 29 de janeiro de 1905. Compareceu às sessões preparatórias da instalação da Academia Brasileira de Letras e fundou a cadeira nº 21, que tem como patrono Joaquim Serra. Iniciou sua carreira jornalística na *Gazeta de Notícias*. Em 1887 deixou a *Gazeta da Tarde* e passou a dirigir a *Cidade do Rio*, sendo seu fundador. Considerado por seus biógrafos o maior de todos os jornalistas da Abolição. (texto informado na **Biografia** de José do Patrocínio, disponível no site da Academia

primeiro número, numa homenagem clara à lei do Ventre Livre. O jornal circulou entre os anos de 1887 a 1902, e viveu a primeira etapa da modernização do jornalismo brasileiro, com suas ousadias, “pagando até 70 mil réis por colaboração” (COSTA, 2005, p.41), mas, também passou pelas crises financeiras no final do século XIX, não mais podendo oferecer os mesmos salários vultosos aos seus colaboradores. Como consequência, o jornal abriu as portas para jovens jornalistas (SIMÕES JR., 2010), entre eles, Pereira da Silva.

Em 1901 e 1902, as produções do autor ocupam a primeira página do jornal *Cidade do Rio*, revelando o lugar de destaque dado à literatura nesse periódico, não sendo este um jornal propriamente literário: em 1901, tem-se a escrita em prosa e em poesia; em 1902, apenas de poesias. No que se refere à publicação em prosa, o escritor paraibano assina uma coluna localizada no rodapé da primeira página deste jornal, espaço de prestígio, no qual circularam folhetins, epístolas e crônicas. Neste rodapé de primeira página, Pereira da Silva publica espécies de crônicas literárias numa linguagem poética, como também narrativas em resposta a possíveis cartas recebidas pelo colega José Daltro, nas quais discute sobre poesia e escritores, com uma linguagem por vezes crítica e irônica, totalizando cinco publicações, entre os meses de novembro e dezembro de 1901. Esses gêneros se apresentavam sob o título “*Corrente calamo*”, que significa “ao correr da pena”, ou seja, escrever com rapidez, sem preocupação com o estilo, todos assinados com o pseudônimo J. d’Além, todos transcritos nos anexos desta tese.

Figura 1 Coluna "Corrente calamo", de PS, em matéria de capa de Cidade do Rio (1901)



Fonte: *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1901, p.01.  
(Ver transcrição na página 231)

A primeira página do jornal *Cidade do Rio* (1901) já revela sua filiação, apesar de tímida, ao novo modelo de editorial dos periódicos que abordamos: a presença de notícias policiais, dramas cotidianos, mexericos, assuntos que acabavam por provocar “[...] tanto ou mais interesse que os temas políticos discutidos diariamente nos cafés pelos repórteres” (BARBOSA, 2010, p.121), mas não podemos considerá-la uma revista ilustrada. A seção do autor encontrava-se nesse espaço de destaque junto a essas notícias diversas sob assinatura de

seu pseudônimo J. d’Além, sendo o leitor do periódico convidado, portanto, a ler o que J. d’Além narra em sua coluna.

A narrativa de Pereira da Silva é dirigida a José Daltro, que também escreve neste espaço do jornal, sob o título de “Epístolas”, revelando o caráter de diálogo e possíveis trocas de cartas entre esses colaboradores do jornal *Cidade do Rio*, algo muito comum na imprensa jornalística. Esse caráter dialógico representa um movimento próprio do gênero carta que, segundo Barbosa (2011), no suporte jornal implica usos e representações que ultrapassam até mesmo as regras *ars dictaminis* – a arte de escrever cartas e textos em prosa –, uma vez que seus protocolos de leitura e escrita no suporte jornal variaram entre os séculos XVII a XIX. No que diz respeito aos seus usos e representações, a presença desse gênero no suporte jornal instaura alguns protocolos, quais sejam, segundo Barbosa (2011): primeiramente, o caráter social de uma leitura presentificada não pelos ausentes de seu discurso, mas pelos que faziam parte da comunidade de leitores do periódico; em segundo lugar, uma escrita tomada como artifício de intenção didática ou de convencimento e, por fim, o caráter dialógico – uma vez publicada revela a necessidade de dar uma resposta aos argumentos expostos.

Ainda no que diz respeito à variedade de acepções, usos, finalidades e apropriações que a carta assume desde seu surgimento na imprensa periódica até os séculos seguintes, está o “[...] modo de encenar *personas* diversas, através da alegoria, conferindo-lhe bastante prestígio” (BARBOSA, 2011, p.332), ou seja, assim como nos folhetins e contos, a autora parte do pressuposto de que a carta enquadrar-se-ia na prosa de ficção. Mesmo não sendo nosso propósito investigar a carta como prosa de ficção nos periódicos analisados, essas considerações teórico-metodológicas são-nos úteis para compreender que este gênero traz em si mesmo finalidades discursivas específicas nos jornais pesquisados e, em questão, essas cartas publicadas em *Cidade do Rio*. Dessa forma, vemos autores ou *personas* diversas que se correspondem nesse espaço do jornal tomando esses gêneros em prosa como instrumentos para dar-se visibilidade, podendo tratarem-se de autores conhecidos da comunidade de leitores do periódico, que se pronunciam a respeito de fatos ligados à literatura, autores e livros, instaurando modelos e modos de ler a literatura de seu tempo.

Outro autor também se dirige a J. d’Além. Numa espécie de crônica literária também publicada na capa de *Cidade do Rio*, sob o título “Com ares de crônica”, Flávio d’Arantes, fazendo menção, por vezes crítica, por vezes irônica, a seu interlocutor, vai narrando o pensamento de J. d’Além, a quem chama, ao longo de seu texto, de “meu talentoso companheiro”, “simpático amigo”. Mesmo mantendo um tom respeitoso às ideias de J. d’Além, Flávio d’Arantes vai discorrendo sobre suas discordâncias em relação ao pensamento

de seu amigo, principalmente no que se refere aos seus posicionamentos ideológicos, ao associar Pereira da Silva aos ideários de Tolstoi (1828-1910), autor de *Guerra e Paz* (1865-1869).

Tolstoi, que para ele é um evangelho, para mim não passa de um adorável sonhador. [...] prefiro o sonho socialista, como consequência de um cataclismo, ao sonho opiado do comunismo que prega Tolstoi. A propriedade não é ‘o baixo egoísmo da terra. ’Mesmo porque a humanidade não está, nunca estará em condições de partilhar a terra com essa igualdade de sentimentos, esse impossível de fraternidade. Esse modo de compreender a Natureza, de que se mostra ele exaltado admirador, é um erro. Queria J. d’Além que voltássemos ao tempo da toalete a Adão ou da troca de miçangas como moeda de comércio!”(ARANTES, 1901, p.1).

Essa associação coloca Pereira da Silva como inserido num grupo de seguidores da corrente pacifista e anarquista cristã, uma vez que, segundo Broca (2004), na década de 1900, Tolstoi tornara-se uma febre e um paradigma para reformadores também no Brasil, entre eles o próprio poeta Pereira da Silva, a quem Broca (2004, p.172) chama de “um tolstoiano puro”, ao lado de outros poetas simbolistas, sob o pretexto de atualidade e modernismo, numa atitude contrária à violência. Ao contrário, ao lado desses tolstoianos, havia aqueles que pregavam uma ação revolucionária e militante, inclinados a uma espécie de socialismo estatal. O posicionamento de Arantes (1901), então, faz-nos crer que Pereira da Silva está inserido neste último grupo, o que explicaria suas críticas à postura ideológica a que J. d’Além se filia. Assim, Flávio d’Arantes acaba por acusar J d’Além de não se posicionar nessa sua utopia tolstoiana, ou seja, de não usar sua pena contra as barbaridades, tratando-o com clara ironia sempre que se refere à sua pena: “a pena de J. d’Além não se levantou para defender os oprimidos em nome da Humanidade” (*Cidade do Rio*. Sábado, 14 de dezembro de 1901, p.1). Essa acusação está explícita na crônica, ao tratar do Congresso da Paz, cujas determinações, segundo Flávio d’Arantes, foram falhas, mas que J. d’Além se posicionou erroneamente por falta de conhecimento político e histórico<sup>8</sup>:

---

<sup>8</sup> Arantes (1901) refere-se a um acontecimento político, a chamada Guerra dos Boeres. *Boers* era nome dado aos descendentes de colonizadores holandeses que aportaram na África no século XVI e que entraram em guerra contra os neocolonizadores ingleses no século XIX. Guerra dos Boers então é o nome dado às guerras que ocorreram no Sul da África entre os anos de 1880-1881 e 1899-1902, envolvendo conflitos entre ingleses e holandeses no contexto do imperialismo europeu do século XIX. O ano de 1901 é, portanto, marcado por uma série de vitórias contra os ingleses na defesa da região do Transvaal, respaldada pelo financiamento bélico que a Alemanha proporcionou ao governo bôer. Em resposta, os militares ingleses conquistaram e assumiram o poder da capital bôer, Pretoria, o que provocou a reação dos bôeres num ataque às unidades do exército inglês. A fim de evitar mais baixas nas tropas inglesas, o comandante Lord Kitchner ordenou a destruição de fazendas dos bôeres e transferência de milhares de civis para campos de concentração, sendo, portanto, a primeira implantação dos campos de concentração muito antes que os campos nazistas. Essa guerra só chegou ao fim após a assinatura

Os frutos da conferência da Paz foram falhos e pacos, e a pena brilhante de J. d'Além não se levantou para vacular esse procedimento. Quando os delegados *boers*, como representantes das forças beligerantes, pediram a intervenção do Tribunal Arbitral, e esse a negou, a pena filantrópica de J. d'Além não se levantou para defender os oprimidos em nome da Humanidade. Para J. d'Além, no campo abrasado da África não há outra coisa senão o inglês vencido e foragido, vendo (diz ele) os seus irmãos trucidados, desbaratados. Nem uma palavra teve para as desventuradas vítimas dos campos de concentração. Não lhe mereceu dó a ceifa das criancinhas pela difteria... O erro de que fala o meu talentoso amigo companheiro vem do desconhecimento do direito que cometeu a Inglaterra, violando o território de Transvaal (ARANTES, 1901, p.1).

Apesar de essa crônica de Flávio d'Arantes e as epístolas de José Daltro nos terem trazido dados sobre a postura e o lugar que Pereira da Silva ocupava nos anos de 1900, sobre esses dois colaboradores do jornal, que se referem a J. d'Além, não encontramos nenhuma referência, o que nos leva a concluir serem eles escritores também esquecidos, anônimos das páginas dos jornais, assim como muitos dos jornalistas e poetas com quem Pereira da Silva manteve ligações em seu tempo. A presença desses autores neste jornal pode ter a mesma justificativa própria do contexto em que se encontrava *Cidade do Rio*, ou seja, uma fase de decadênciça financeira e, por isso mesmo, vendo-se obrigado a abrir as portas para jornalistas desconhecidos. Por outro lado, Pereira da Silva também manteve ligações com os que alcançaram prestígio em certa imprensa do seu tempo como José do Patrocínio e João do Rio<sup>9</sup>, por exemplo. No entanto, independente de esses jornalistas terem ou não ocupado posição de prestígio em seu tempo, os grupos a que Pereira da Silva se filiou ao longo de sua trajetória literária e jornalística atualmente não configuram mais na historiografia literária brasileira. Apenas hoje,

---

do Tratado de Vereeniging, no ano de 1902, que pôs fim às repúblicas Bôeres do Transvall e de Orange, tendo a Inglaterra pago indenizações aos bôeres com o propósito de reestabelecer suas fazendas comunitárias. No entanto, o fim dessa guerra e o tratado de paz “[...] poderia parecer menos provável do que a fome, doença e o caos econômico que se instalaram no território” (GOMES, 2010, p.25), a cuja concepção Arantes (1901) também concorda.

<sup>9</sup> Paulo Barreto (João P. Emílio Cristóvão dos Santos Coelho B.; pseudônimo literário: João do Rio), jornalista, cronista, contista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de agosto de 1881, e faleceu na mesma cidade em 23 de junho de 1921. Aos 16 anos, ingressou na imprensa. Em 1918, estava no jornal *Cidade do Rio*, ao lado de José do Patrocínio e o seu grupo de colaboradores. Usou vários pseudônimos, além de João do Rio, destacando-se: Claude, Caran d'ache, Joe, José Antônio José. Como escritor, deixou obras de valor, sobretudo como cronista. Como teatrólogo, teve grande êxito a sua peça *A bela madame Vargas*, representada pela primeira vez em 22 de outubro de 1912, no Teatro Municipal. Ao falecer, era diretor do diário *A Pátria*, que fundara em 1920 (texto informado na **Biografia** de Paulo Barreto, disponível no site da Academia Brasileira de Letras <<http://www.academia.org.br/academicos/paulo-barreto-pseudonimo-joao-do-rio/biografia>> Acesso em 29 de jul de 2015).

[...] esses anônimos [autores não canonizados] entram em cena a partir do momento em que o periódico é tomado como suporte e fonte primária, por onde circularam várias vozes e vários discursos, em um pulsar heterogêneo e variado, que pode revelar múltiplas perspectivas de uma época e maneiras desiguais de se apropriar e de se aproximar da cultura escrita (BARBOSA, 2007, p.40).

São essas retomadas históricas que podem elucidar e trazer à tona esses nomes esquecidos e uma história esquecida, necessárias por mostrar perspectivas múltiplas acerca dos eventos culturais.

Retomando a coluna “*Currente calamo*”, em que Pereira da Silva trata sobre autores e poesia no rodapé da primeira página de *Cidade do Rio* (1901), lê-se uma crítica impressionista, uma categoria própria da época que, segundo Cândido (1999), caracterizava-se pelo cunho pessoal, tendo sido desenvolvida pelo jornalismo do século XIX, também responsável pela formação da própria crítica moderna. Em “*Currente calamo*”, revela-se uma concepção de poesia associada a princípios estéticos que correspondem ao simbolismo, que tomam a exploração do ritmo, musicalidade, subjetividade, em especial a presença da melancolia, com pressupostos de análise poética. Pereira da Silva vai de encontro à concepção científica da arte, que lhe nega os sentimentos e considera a melancolia uma doença poética, como uma espécie de resposta às constantes farpas contra a estética simbolista a que se filia este autor:

Para muitos, este fato (a melancolia da poesia) constitui doença de espírito. Há muitos homens de ciência, para quem essas sutilezas são absolutamente estranhas, que têm feito a glória do seu nome enxovalhando de ironias agudas, e agudas como os seus próprios bisturis, os espíritos mais sutilmente delicados. Positivos em tudo, até mesmo em religião e Arte, são incapazes de perceber esses estados subjetivos, tão profundamente subjetivos que muita vez fazem da poesia não uma doença, uma psicose qualquer, com a *prima vista* parece, mas uma linguagem de sons, de cores e aromas, que nem todos os sentidos percebem (SILVA, 1901, p.01(grifos nossos)).

Esse tom de crítica aos incapazes de perceber os estados subjetivos da poesia e, por essa razão, a acusam de doente revela o próprio contexto histórico-cultural a que o ano de 1900 também encerra. No final do século XIX, em *Cidade do Rio*, Paulo Barreto, ainda um jovem aspirante às letras, passa a assumir as publicações de crítica literária, usando por vezes o pseudônimo Claude, numa homenagem ao cientista Claude Bernard, representando o papel de divulgador da cultura moderna, numa defesa do realismo e do naturalismo, num combate aos românticos, simbolistas e decadentistas, segundo Simões Jr. (2010). O crítico Paulo Barreto ataca tanto o simbolismo brasileiro quanto o europeu, assim como dirige farpas ao

simbolismo universal, criticando “os costumes escandalosos e a *toilette* dos franceses que se embebedavam nos cafés parisienses” (SIMÕES JR., 2010, p.165).

Um dos fatos noticiados na coluna assinada por Paulo Barreto foi uma série de reportagens, intituladas “A comemoração: Cruz e Sousa”, devido à celebração do segundo aniversário da morte de Cruz e Sousa, no ano de 1900. Neste fato, Paulo Barreto encontrou, então, a oportunidade de ridicularizar os simbolistas remanescentes que cultivavam a memória de Cruz e Sousa. Para isto, em *Cidade do Rio* (1900), são anunciados e comentados dois eventos em homenagem ao poeta simbolista: um, nos quais discursariam, entre outros, os poetas Félix Pacheco<sup>10</sup> e Carlos Dias Fernandes<sup>11</sup>, ocorrendo no Liceu de Artes e Ofícios e organizado por Francisco Bittencourt Felix; o outro, na Associação Cristã dos Moços, financiada pela revista literária *A Vida*, no qual discursariam Nestor Vitor<sup>12</sup>, entre outros, declamando poemas do poeta morto. Aproveitando o ocorrido, nas reportagens sobre as comemorações do aniversário de Cruz e Souza, em “O salão de 1900”, Paulo Barreto discorre sobre esses dois eventos. No subtítulo da matéria já se percebe a apreciação negativa do crítico a respeito dos simbolistas e, consequentemente, do evento narrado, chamando-o de “A mediocridade expositora”, o que revela o total desprezo que o simbolismo causava no autor desta reportagem.

<sup>10</sup> Félix Pacheco (José F. Alves P.), jornalista, político, poeta e tradutor, nasceu em Teresina, PI, em 2 de agosto de 1879, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 6 de dezembro de 1935. Em 1897, ingressou no jornalismo, como repórter de *O Debate*. Dois anos depois, pela extinção daquele periódico, fez carreira no *Jornal do Comércio*, do qual se tornou diretor-proprietário. Segundo ocupante da Cadeira 16, eleito em 11 de maio de 1912, na sucessão de Araripe Júnior, pela Academia Brasileira de Letras. Ainda que o jornalismo tenha sido a escola em que se disciplinou na experiência e que o projetou no cenário nacional, Félix Pacheco distinguiu-se também nas letras, como poeta ligado à segunda geração dos poetas simbolistas brasileiros, colaborando ativamente na revista *Rosa-Cruz*, de Saturnino de Meireles (texto informado na **Biografia** de Félix Pacheco, disponível no site da Academia Brasileira de Letras <<http://www.academia.org.br/academicos/felix-pacheco/biografia>> Acesso em 30 de jul de 2015).

<sup>11</sup> Carlos Dias Fernandes (Carlos Augusto Furtado De Mendonça Dias Fernandes), poeta, romancista, contista, jornalista, pedagogo, nasceu em Mamanguape (PB) em 20 de novembro de 1874 e faleceu no Rio de Janeiro em 9 de dezembro de 1942. Em 1893, ingressa na redação de *O Debate*, onde conhece Cruz e Souza e vê na poesia deste um novo mundo. Torna-se um jornalista disputado, contribuindo para vários jornais cariocas: *Jornal do Comércio*; *A Imprensa*, secretariando Ruy Barbosa; *Cidade do Rio*; *Gazeta da Tarde*, de Gastão de' Bousquet e funda a revista *Rosa Cruz* ao lado de Saturnino de Meireles, Félix Pacheco entre outros. Participa da imprensa de Recife, de Manaus e do Pará. No ano de 1911, é convidado para integrar a direção geral do órgão oficial da Paraíba, no governo de Castro Pinto (MARTINS, 1976).

<sup>12</sup> Nestor Victor (Nestor Victor dos Santos), poeta, romancista, ensaísta, jornalista, deputado estadual do RJ, tradutor e crítico literário, nasceu em Paranaguá (PR) em 12 de abril de 1868 e faleceu no Rio de Janeiro em 13 de outubro de 1932. Matriculado no Instituto Paranaense, envolve-se com a geração de jovens intelectuais da qual pertenciam Emilliano Pernetta, Dário Velloso e Silveira Neto. No Rio de Janeiro, conhece Cruz e Sousa, de quem se torna amigo e admirador, cujo falecimento fez com que Nestor Victor publicasse a um estudo biográfico sobre o chamado Cisne Negro do simbolismo brasileiro. Em Paris, no ano de 1901, torna-se correspondente dos jornais *O País* e *Correio Paulistano*. Foi revisor da livraria Garnier, onde publicou seu único livro de poesias, *Transfigurações*, mas deixou outros livros como *A terra do futuro* (1913), *Três romancistas do norte* (1914), entre outros (texto informado na biografia de Nestor Victor, disponível no site da Academia Paranaense de Letras <<http://www.academiapr.org.br/academicos/cadeira-6/>> Acesso em 07 de agosto de 2015).

Logo no início de sua reportagem reporta-se a um episódio em que ele e seu companheiro André dirigiam-se ao evento, quando encontraram um “literato” que garantia não se realizar a cerimônia do Liceu, tentando conduzi-los à Associação Cristã dos Moços. Esse episódio, real ou não, segundo Simões Jr. (2010), é utilizado por Paulo Barreto para iniciar suas severas críticas ao movimento, ao sugerir, ironicamente, que “[...] os grupos de admiradores do Dante Negro não conseguiam unir-se nem mesmo para celebrar a memória do grande ídolo em comum” (BARRETO, 1900, p.02). Tal dificuldade de união já demonstra a total ineficiência do movimento, revelada pelas palavras de Paulo Barreto.

Segue-se em sua reportagem uma irônica caracterização dos presentes e do próprio salão, como também dos discursos e gafes cometidas pelos oradores, além do desinteresse dos ouvintes. Paulo Barreto conclui sua reportagem com gargalhadas,

Escrita com recursos próprios da narrativa literária como a caracterização satírica do espaço e das personagens, a alternância calculada entre cenas e sumários, o emprego do discurso direto para expor as personagens ao ridículo com frases deslocadas do contexto original (e provavelmente deturpadas), a técnica de desprezar os méritos e tornar hiperbólicos os defeitos dos oradores, a criação do interlocutor André, que conhecia muito bem o simbolismo e os simbolistas e proporcionava ao repórter a oportunidade de ostentar uma orgulhosa ignorância a esse respeito, a reportagem de Paulo Barreto não pode ser tomada como expressão da *verdade*, como pretendia o jovem jornalista, mas deve ser compreendida como um texto rigorosamente planejado para alcançar determinados objetivos (SIMÕES JR., 2010, p.171).

Simões Jr. (2010) lembra, ainda, o fato de que havia desafetos entre José do Patrocínio, diretor de *Cidade do Rio* e Rui Barbosa, que dirigia o jornal *A Imprensa*, do qual Carlos D. Fernandes, era redator. Desse modo,

[...] essa reportagem bastante parcial e mal intencionada dá bem a medida da verdadeira campanha de descrédito que se dirigiu ao simbolismo e seus seguidores no Brasil. Há nos periódicos do final do século XIX vários artigos e sátiras extremamente agressivos ou irônicos contra Cruz e Sousa e outros simbolistas (SIMÕES, JR., 2010, p.172).

A reação contra os simbolistas não é algo inaugurado pelo jornal *Cidade do Rio*. Antes de Paulo Barreto, o crítico Araripe Júnior – um nome de destaque em seu tempo, colaborador atuante da *Revista Brasileira* –, no jornal *A Semana*, durante o ano de 1894, assina uma sequência de artigos intitulados “Retrospecto literário de 1893”, nos quais analisa a estética simbolista também de modo depreciativo, historiando e justificando sua chegada ao Brasil. Araripe Jr. (1894), para compreender a estética simbolista, recorreu, segundo ele, à análise de

livros sujeitando-os à sua própria crítica, sobre a qual concluiu que o Simbolismo seria uma transformação do Parnasianismo, revelando tratar-se de uma estética menor. Além disso, dividiu-os em dois grupos: o da gramática, com sua sintaxe recheada de truncamentos na obtenção de determinados efeitos, e o outro grupo, avesso a uma literatura de cunho social, na busca em exprimir o inexprimível, em criar aptidões novas ao espírito. Essas tendências, segundo Araripe Jr., justificam-se em detrimento das mudanças atravessadas pela Europa devido às pressões políticas que recaíram sobre as econômicas e repassaram para o social, conduzindo a necessidade de salvação da alma. O Naturalismo, com a submissão da sociedade e da vida a um mesmo processo de análise, assim como o positivismo de August Comte e a visão evolucionista no tratamento dado às lutas de classes não eram mais suficientes, não traziam certezas, não eram justas, o que gerou a denominação dessa nova estética associada ao *pessimismo e decadência*. Araripe Jr. conclui a primeira parte de sua série de artigos afirmando que o “[...] decadismo ou simbolismo constitui um simples acidente literário, um sintoma de fenômenos de ordem mais elevada” (*A Semana*, 28 de abril de 1894, p.306). Ou seja, as palavras do crítico reforçam a campanha negativa contra a estética simbolista. Também faz referência aos grupos formados em torno do poeta simbolista Cruz e Sousa J. dos Santos, pseudônimo de Medeiros e Albuquerque, nas seções do jornal *A Notícia*, em artigos dedicados ao livro *Evocações*, de Cruz e Sousa e ao estudo crítico de Nestor Victor intitulado *Cruz e Sousa*. Neste artigo o autor, distingue os grupos simbolistas em três:

Um, pequeno e sincero, que o admirava verdadeiramente. Outro, dos que, na incerteza do rumo que tomarão e tendo o legítimo desejo de aparecer, cercam os primeiros unicamente por espírito de *coterie*, para elogiando o amigo comum, serem também elogiados... E finalmente existem os *snobs* que fingem sempre entender as mais inteligíveis coisas, para parecerem espíritos de rara elevação. Destes últimos a admiração é quase sempre desastradas: elogiam de tal modo, que os louvores parecem antes mal disfarçadas trocas... (SANTOS, J. dos. 8 de abril de 1899, p.2).

O primeiro grupo diz respeito àqueles que conviveram diretamente com Cruz e Sousa, algo justificável, segundo J. dos Santos, por ser o poeta reverenciado alguém de personalidade agradável, “um bom e meigo amigo, um coração de poeta” cujas qualidades e a própria condição econômica, ética como também seu estado de saúde, “devia por força suscitar admirações e dedicações”. O segundo grupo alia-se movido pelo interesse em dar visibilidade aos seus nomes, o que revela as próprias lutas travadas em favor da inserção e manutenção dentro de um campo literário. Para J. dos Santos, portanto, muito mais que as qualidades

estéticas, a repercussão de Cruz e Sousa devia-se ao movimento que se construía em torno dele, tanto por aqueles que lhe tinham grande estima e amizade quanto pelos que a ele se uniam a fim de alcançarem prestígio, com interesses definidos. Esse movimento, portanto, alcançou seu objetivo: Cruz e Sousa teve seu nome perpetuado pelos historiadores e críticos de literatura, ou seja, venceu o discurso ora instaurado por esses autores. Aos demais autores simbolistas, também ridicularizados por Paulo Barreto e criticados por Araripe Júnior nas notícias analisadas, restou a citação em notas de rodapé por autores de obras de história e crítica literária que circulam nas instituições de ensino: um discurso, ao contrário daquele, vencido. Contudo, não se pode negar que essas formações de grupos simbolistas dissidentes entre si interferiram diretamente nos lugares ocupados pelos autores simbolistas, como o do próprio Pereira da Silva.

Segundo Simões Jr. (2011), com a ausência de seu líder, ocorre a perda de força dos simbolistas e o fechamento em si próprios, diferentemente dos parnasianos que continuavam desfrutando do prestígio público e da imprensa. Simões Jr. (2011), ao analisar como foram recebidos pela imprensa alguns livros simbolistas, constatou que entre os jornais consultados, *A Notícia, Gazeta de Notícias e Cidade do Rio*, “[...] somente *A Notícia* manteve ao longo de todo o ano uma seção dedicada aos livros recém-lançados” (SIMÕES, JR., 2011, p.8), os demais apenas tiveram algumas publicações aleatórias. À exceção da publicação de quatro artigos a respeito de um estudo crítico de Nestor Victor sobre Cruz e Sousa pelo jornal *Cidade do Rio*, tendo recebido uma apreciação favorável por Gustavo Santiago, as demais publicações mantêm um tom desde o mais implacável até aqueles resultados das limitações de ideias que predominavam naquele tempo, ou seja, as objeções eram baseadas no racismo científico típico do final do século XIX, segundo Simões (2011).

Apesar desses fatos, ao mesmo tempo em que essas dissidências podem ter sido a causa do enfraquecimento do movimento simbolista, quando observamos a dinâmica dos jornais, não nos parece assim tão clara, uma vez que o nome e os livros de Pereira da Silva são retomados por colegas simbolistas independentemente de quais grupos pertenciam, a exemplo de artigos escritos por Nestor Victor, sobre os quais abordaremos mais adiante. Acreditamos, apesar disso, que o pertencimento a grupos dissidentes, revelando uma falta de unidade do movimento simbolista, a posição subsidiária que este movimento se colocava ao se fechar em si mesmo diferentemente dos parnasianos, como também o fato de terem seus autores se colocado numa posição secundária diante de Cruz e Sousa seriam razões muito prováveis para explicar o apagamento literário de Pereira da Silva e seus colegas dentro do cânone nacional atual.

Retomando a discussão de como foram recebidos negativamente os livros simbolistas pelos jornais *Cidade do Rio*, *A Notícia* e *Gazeta de Notícias*, segundo Simões (2011), percebe-se que esses mesmos jornais e os mesmos autores, a exemplo de Paulo Barreto, não excluíam os simbolistas em seus jornais. O que de fato percebemos é uma dinâmica que é própria dos periódicos daquele momento, em que aspirantes a escritor encontravam neste suporte uma chance de se dar visibilidade e construir-se como autor – na verdade os jornais os recebiam independentemente da estética a que pertenciam, reforçando o caráter corporativista da imprensa jornalística. Desse modo, os poetas e jornalistas agrupados em torno do nome Cruz e Sousa como o próprio Pereira da Silva, na verdade, sabiam que

Os jornais e as revistas tinham como trunfo servirem de berçário, vitrine, pedestal e mesmo de trampolim para o homem de letras, encarregando-se do recrutamento, da visibilidade e dos mecanismos de consagração dos escritores. Era a imprensa que dava as condições de sobrevivência e de divulgação para a produção dessa massa crescente de intelectuais brigando por um lugar ao sol (COSTA, 2005, p.25).

A fim de inserirem-se nesse campo intelectual, não medianam esforços nem estratégias para tal. No caso específico de Pereira da Silva e tantos outros de seu tempo, a necessidade de inserir-se se associa à própria luta pela sobrevivência. A visibilidade que os jornais proporcionavam gerava com ela a perspectiva de adquirir significativos ganhos econômicos. Muitos escritores encontraram nos jornais sua subsistência, uma profissão muito mais rentável que a de escritor de livros, a exemplo do que ocorrera a Olavo Bilac e Coelho Neto:

Apesar de ter sido uma espécie de *best-seller* da poesia, com tiragens de até 4 mil exemplares, não era com os livros que Bilac mantinha seus luxos no Brasil e na Europa. Nem mesmo Coelho Neto, seu contemporâneo, com mais de cinquenta livros escritos, conceberia essa façanha. Assim como para boa parte dos integrantes do meio intelectual de então, era o jornal e não o livro que pagava as contas do escritor no fim do mês (COSTA, 2005, p.48).

Esse fato vem contribuir para o esclarecimento acerca do lugar que Pereira da Silva ocupava quando iniciou sua vida literária, ou seja, aliando-se ao Simbolismo, uma estética fortemente atacada pela própria imprensa carioca a que se filia, como a *Cidade do Rio*, já aponta para uma posição à margem dos discursos que se vão consolidando. Pereira da Silva, como poeta simbolista, encontra-se num lugar em que forças contrárias serviram muito mais para seu apagamento do que para sua consagração.

Ainda segundo Simões Jr. (2010), como os simbolistas não possuíam acesso irrestrito à imprensa no Rio de Janeiro do final do século XIX, ficavam expostos a críticas

desqualificadoras, como as proferidas por Paulo Barreto, ao contrário do que ocorria com os parnasianos e naturalistas retardatários. Porém, apesar desse acesso restrito à imprensa carioca, essas críticas ao Simbolismo não impediram que Pereira da Silva também fizesse parte do jornal *Cidade do Rio*, assim como o próprio poeta Carlos Dias Fernandes (também colaborador de *Cidade do Rio*), tão ridicularizado por Paulo Barreto no episódio de 1900, ou seja, Pereira da Silva sobreviveu a esse desprestígio que o Simbolismo sofreu. Uma das razões para que houvesse colaboradores de diversas correntes de pensamento estético e posições ideológicas até mesmo divergentes tem relação direta, também, muito mais com o próprio contexto dos jornais do final do século XIX e início do século XX, do que com filiações estéticas. As dificuldades financeiras levavam os jornais a aceitar jovens colaboradores a baixos salários, a fim de manter o periódico em funcionamento, a exemplo do *Cidade do Rio*, segundo Simões Jr. (2010).

Além das produções em prosa que trouxemos anteriormente, Pereira da Silva publica seus poemas nas páginas de *Cidade do Rio*, entre os meses de novembro e dezembro de 1901 e de março a maio de 1902, todos constando na primeira página do jornal em posição central, totalizando o número de sete poemas<sup>13</sup>. Esse lugar demonstra certo grau de prestígio que ele possuía neste periódico, uma vez que nos jornais pesquisados não é algo comum a presença de poemas nas suas primeiras páginas, além do fato de *Cidade do Rio* não ser, propriamente, um jornal literário. Ainda não tendo publicado nenhum livro de poesia, os sonetos de Pereira da Silva em *Cidade do Rio* (1901-1902) eram, no momento de sua produção, poemas inéditos, tendo alguns deles permanecidos nessa condição até esta data em que os tornamos público em nossa tese. É o caso do soneto intitulado “O sapo” que se segue na imagem abaixo, comprovando o lugar de destaque dado ao poema do autor.

---

<sup>13</sup> Entre os poemas estão os sonetos “Caos”, “Tela espiritual”, “O sapo”, “Escalada”, “A Pêndula”, “Pelo ideal” e “Nau do sonho”. Todos transcritos em anexo.

Figura 2 Poema "O sapo" em *Cidade do Rio*



Fonte: *Cidade do Rio*, 11 de dezembro de 1901, p.01.

(Ver transcrição na página 196)

A hipótese para esse prestígio de ter suas produções impressas na página de capas do jornal *Cidade do Rio* justifica-se por dois motivos: um primeiro aspecto seria o fato de Pereira da Silva não ser um estreante no mundo dos jornais. Ele não inicia suas publicações poéticas em *Cidade do Rio*, conforme já comprovado. Suas produções datam de 1898, ou seja, no jornal *Rua do Ouvidor* (1898-1912). Acrescenta-se ainda o fato de Pereira da Silva ter alcançado a admiração de José do Patrocínio, redator de *Cidade do Rio*, conforme se pode verificar na notícia biográfica escrita por Múcio Leão (1898-1969), no suplemento literário

*Autores e Livros* (1944), no qual narra um episódio ocorrido na edição de *Cidade do Rio*, revelando, mais uma vez, esse cooperativismo literário que ocorria no mundo dos jornais:

Em 1900 está Pereira da Silva de novo no Rio, desligado do Exército. Faz-se funcionário postal e matricula-se na Faculdade de Direito desta cidade. Entra para a *Cidade do Rio* e inicia-se como jornalista, sob a direção de José do Patrocínio. Certo dia, Patrocínio o chama, e bem assim a Pausilipo da Fonseca e José do Patrocínio Filho, e determina que os três façam uma prova de poesia, sob o título de *Trilogia da Dor*. Pereira da Silva ganha o prêmio, e com ele um beijo na fronte, que lhe dá o grande jornalista (LEÃO, 1944, p. 01).

Dos sete poemas, acima referidos, publicados em *Cidade do Rio*, apenas dois constam em seu primeiro livro *Vae Soli!* (1903), são eles “A pêndula” (p.19) e “Nau do sonho” (p.21). Em relação aos contos e aos demais poemas publicados tanto em *Rua do Ouvidor* quanto em *Cidade do Rio*, encontram-se todos inéditos, compondo um número significativo de textos literários de Pereira da Silva que ficaram restritos às páginas dos jornais cariocas, uma vez que não os encontramos publicados em nenhum de seus livros seguintes, mas publicados agora, pela primeira vez, neste trabalho.

Uma hipótese para o aproveitamento de apenas dois dos sete sonetos publicados em *Cidade do Rio* para o *Vae Soli!* (1903), assim como o não aproveitamento das narrativas curtas e dos demais poemas publicados, diz respeito ao próprio contexto de produção do livro que difere do contexto do jornal.

[...] em uma edição em livro, há como, mesmo se pensando em seu leitor contemporâneo, pensar em um leitor situado em outro contexto e em outro tempo, diferente do leitor de jornal e periódico que é somente aquele do momento (FARIAS, 2013, p.195).

Desse modo, no que se refere a autores que publicaram tanto para a imprensa periódica quanto para a imprensa livresca, no contexto do século XIX até meados do século XX, em especial a Pereira da Silva, a função-autor torna-se mais complexa, ou seja, os poemas e contos que permaneceram apenas nos jornais assim ficaram porque talvez possuíssem um caráter pontual, isto é, respondessem a expectativas e propósitos exigidos pelo contexto momentâneo ou até mesmo guardando uma relação com alguma notícia dada no mesmo jornal, pois “muitas vezes, tem-se, antes de um conto, ou um poema, uma pequena advertência, na qual aquele que o fez publicar o endereça ao seu destinatário certo, e assim o torna legível, ao esclarecer os seus propósitos.”, conforme afirma Barbosa (2007, p.36) ao se referir à linguagem alegórica dos jornais do século XIX. O livro, ao contrário, exerce um

papel bem menos efêmero e pontual, cujo horizonte de expectativas de seus editores ultrapassa o limite histórico.

É o caso do soneto “António Nobre”, de Pereira da Silva publicado em *Rua do Ouvidor* em 12 de maio de 1900, que não foi aproveitado para as publicações em livro. O tema deste poema é a morte do poeta referido em seu título, António Nobre. Este poeta português morre em 18 de março de 1900, considerado um de seus simbolistas mais significativos e a quem, posteriormente, Pereira da Silva é constantemente comparado. O soneto vem trazer à memória essa morte recente, uma vez que o jornal *Rua do Ouvidor* traz em suas páginas notícias acerca de nomes da literatura brasileira e estrangeira, fazendo parte, portanto, do seu programa. Esse poema guarda características elegíacas, pois traz uma homenagem ao poeta morto e seus versos assemelham-se a uma notícia fúnebre, deixando evidente a relação com o recente evento, fazendo parte, portanto, das seções exigidas pelo programa do jornal.

A ocupação de destaque da poesia e da prosa de Pereira da Silva no jornal de Patrocínio deu a ele maior visibilidade e, talvez por essa razão, Tavares (1934) considere ter sido em *Cidade do Rio* o início da carreira jornalística do autor. As referências à sua colaboração no jornal *Rua do Ouvidor*, a de ser diretor da revista literária *Palladium*, além da notícia de ele representar o *Jornal do Comércio* em evento significativo para as rodas literárias de seu tempo e sua inserção no grupo simbolista, revelam que o ano de 1898 pode marcar o início da vida jornalística e poética do poeta, contista e crítico literário Pereira da Silva e, consequentemente, a própria construção de um nome que vai encontrando lugar nos discursos a serem formados em torno dele e com ele, uma vez que:

O nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, não está localizado na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser. [...] A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade (FOUCAULT, 2001, p.274).

Não podemos deixar de considerar que sua atuação neste período é ainda muito tímida, devido às produções em um curto intervalo de tempo. Mesmo sendo algumas delas publicadas em matéria de capa, como as de *Cidade do Rio* (1901-1902), essas produções não possuíram uma continuidade, uniformidade ou alcançaram repercussões, ao contrário do que ocorreu, por exemplo, a outros escritores como a escritora Júlia Lopes (1862-1934) – também um nome esquecido pela história da literatura –, que no período de 1906 a 1909 assinou a primeira coluna de um dos jornais mais populares de seu tempo, *O País* (1884-1934), de

Paulo Barreto, como também teve muitas de suas produções neste jornal posteriormente publicadas em livros, segundo Silva (2015a), alcançando em seu tempo consagração e respeito pela imprensa carioca e críticos literários de seu tempo.

Ainda na década de 1900, no Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que Pereira da Silva colaborava para os jornais, ele cursava Direito, almejando a uma melhor condição de vida. Após concluir o curso de Direito, Pereira da Silva é nomeado para o cargo de Promotor de São José dos Pinhais, no Paraná, onde permanece até o ano de 1911, sem, entretanto, afastar-se totalmente da imprensa, uma vez que chega a contribuir para o jornal paranaense *Der Beobachter*, conforme Lucena (1993).

No entanto, a carreira jurídica, “[...] única opção para os homens de letras da época (metade dos fundadores da ABL passaram pela faculdade de Direito),” (COSTA, 2005, p.49), não conseguiu prender Pereira da Silva. Sua saída do Paraná teve como razão o fato de ele ter pedido exoneração do cargo de promotor público, voltando, definitivamente para o Rio de Janeiro, segundo Lucena (2003). A carreira jornalística como crítico literário e poeta, então, torna-se visível a partir do que nos é dado a ler nos jornais.

## **2.2 Os anos de 1910 a 1920: o crítico**

Na década de 1910, Pereira da Silva retorna definitivamente ao Rio de Janeiro, após sua estada no Paraná, como promotor público. A partir desse período, acompanhamos sua trajetória como crítico literário e autor de livros de poesia. Encontramos alguns artigos críticos do autor nas páginas de jornais como *Gazeta de Notícias* (1912), *Era Nova* (1922), *Autores e Livros* (1941-1944) e *Revista da Academia Brasileira de Letras* (1934-1940), como também notícias a respeito das publicações de seus livros de poesia nesses e em outros periódicos, que serão analisados ao longo deste capítulo.

Em 1912, Pereira da Silva passa a contribuir para a *Gazeta de Notícias*, “[...] o jornal mais literário da época” (BROCA, 2004, p.161), também um periódico de grande prestígio, almejado por todo escritor, conforme assegura o próprio Bilac (1916, p.07): “Nunca houve dama, fidalga e bela, que mais inacessível parecesse ao amor de um pobre namorado: - escrever na *Gazeta*; ser colaborador da *Gazeta*; ser da casa, estar ao lado da gente ilustre que lhe dava brilho, - que sonho!”. Assim, neste jornal, também um jornal identificado com o sistema político vigente, não é o poeta Pereira da Silva que surge, mas o crítico literário, debruçando-se sobre o livro *Eu* (1912), do também poeta e paraibano Augusto dos Anjos,

sobre o qual afirma pretender apenas “exprimir as impressões pessoais ou subjetivas que me deixaram a sua poesia e a sua poética” (SILVA, 1912, p.02). Esses oferecimentos sugerem um compadrio dos escritores que estabelecem uma troca de elogios aos próprios livros, uma prática muito comum herdada do século XIX, a que Silva (2015b) em seus estudos acerca das cartas de Machado de Assis, chama de *crítica-amiga*.

**Figura 3 "A poesia e a poética do Sr. Augusto dos Anjos", por PS, em *Gazeta de Notícias* (1912)**



Fonte: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 07 de Agosto de 1912, p. 02.  
(Ver transcrição na página 217)

Justamente nesse contexto de “crítica-amiga” que Pereira da Silva inicia sua matéria a respeito do livro de poesias *Eu* (1912), de Augusto dos Anjos, recém-lançado, afirmindo estar correspondendo à gentileza deste poeta em ter se lembrado de seu nome, oferecendo-lhe o seu livro. A notícia crítica ganha destaque nas páginas da *Gazeta do Rio* (1912), por estar localizada em sua segunda página e ao lado de notícias políticas e policiais, que chamam a atenção do leitor. Exprimida entre essas notícias, mas não menos importante pelas razões já proferidas, o artigo de Pereira da Silva, como é de se esperar de uma notícia elogiosa, enaltece

a poesia de Augusto dos Anjos, enfatizando o sucesso de sua obra, compreendendo que sua técnica científica e naturalista, a sua poética extravagante, esquisita e esdrúxula não diminui a emoção nem a beleza estética de seus versos.

O Sr. Augusto dos Anjos, se não fosse fundamentalmente poeta, não teria conseguido com sua técnica científica os efeitos emocionantes que dão ao seu livro uma originalidade extravagante, mais incontestavelmente estética. E a sua estética é efetiva, é real – é a expressão viva de um estado d’alma que não é só seu, mas de todos os espíritos voluptuosamente fascinados pela ciência positiva, que talvez, não engane, mas é certo que não satisfaz (SILVA, 1912, p.02).

Essa troca de gentilezas é, acima de tudo, uma forma de se dar visibilidade, próprias da característica e papel exercidos pelo jornal na difusão da literatura. Desse modo, Pereira da Silva ao ter seu nome associado a uma instância de consagração de escritores como a *Gazeta de Notícias*, devido às relações que possuía com reconhecidos grupos em torno dos jornais e revistas literárias de prestígio, também atraiu para si outros escritores, ávidos de consagração dentro do campo literário, como ocorreu com Augusto dos Anjos, um jovem poeta. Tal posição de crítico literário em jornais de prestígio coloca Pereira da Silva também como um produtor de bens simbólicos em seu tempo, exercendo uma função legitimadora, que passa a interferir diretamente na formação de um sistema literário de seu tempo, instaurando discursos na construção do nome de um autor, nesse caso específico, o nome Augusto dos Anjos. O que de fato aconteceu: Augusto dos Anjos pertence hoje ao cânone nacional.

Outro jovem escritor da Paraíba que obteve de Pereira da Silva uma nota elogiosa foi José Américo de Almeida (1887-1980) que na época era procurador-geral desse estado, já atuando em seu meio intelectual ao lado de novelistas como Carlos Dias Fernandes, tendo publicado em 1921 seu primeiro livro, *Poetas da Abolição*. No ano seguinte, oferece a Pereira da Silva a sua novela *Reflexões de uma cabra* (1922). A notícia a respeito desse oferecimento é transcrita em uma carta publicada pela revista paraibana *Era Nova* (1922)<sup>14</sup>.

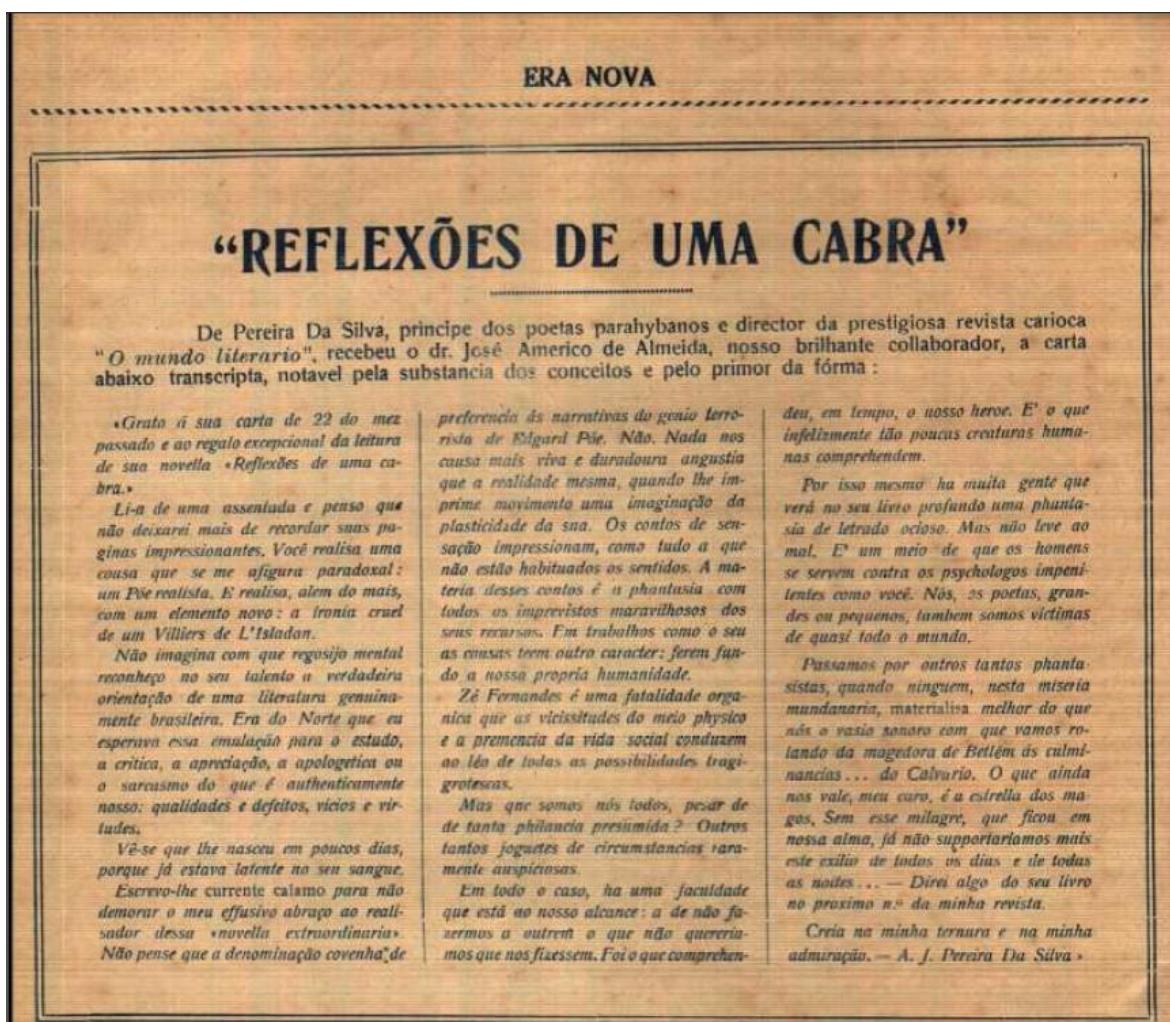
A revista paraibana *Era Nova* (1921-1924), considerada um periódico de grande prestígio na Paraíba, publica a transcrição de uma carta que fora enviada por Pereira da Silva a José Américo de Almeida, em virtude de sua leitura da novela *Reflexões de uma cabra* (1922), deste autor, colaborador desta mesma revista. Estando esse gênero epistolar, no suporte jornal, acaba por revelar usos e apropriações diversas de sua utilidade originária, ou

---

<sup>14</sup> A revista literária *Era Nova* encontra-se disponível no site <<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>>, que abriga, desde 2007, projetos de pesquisas financiados pelo CNPq, tendo nos jornais paraibanos o corpus para reconstituir as práticas de leitura e escrita do século XIX na Paraíba.

seja, serve à campanha de divulgação do livro recém-publicado, que encontra em Pereira da Silva uma instância de consagração de um autor e de uma obra. O título da seção, na qual é transcrita a carta, recebe o nome da novela referida, “Reflexões de uma cabra!” e, logo abaixo do título, numa espécie de subtítulo, encontra-se a seguinte introdução explicativa, justificando o lugar ocupado por Pereira da Silva perante a comunidade de leitores do periódico: “De Pereira da Silva, príncipe dos poetas paraibanos e diretor da prestigiosa revista carioca *O Mundo Literário*, recebeu o Dr. José Américo de Almeida, nosso brilhante colaborador, a carta abaixo transcrita, notável pela substância dos conceitos e pelo primor da forma (ERA NOVA, 1922, s/p).

**Figura 4 Carta de PS a José Américo de Almeida, em *Era Nova* (1922)**



Fonte: *Era Nova*, Paraíba, 01 de setembro de 1922. In:  
<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/eranova1922.html>  
 (Ver transcrição na página 233)

Na carta de Pereira da Silva, percebe-se, com era de se esperar, um tom elogioso à novela de José Américo de Almeida, também colaborador de *Era Nova*, permeado de uma crítica impressionista, como podemos perceber na conclusão da carta, sobre a novela *Reflexões de uma Cabra*, após tecer alguns comentários a respeito da humanidade dos personagens da obra:

Passamos por outros tantos fantasistas, quando ninguém, nesta miséria mundana, materialista, melhor do que nós o vazio sonoro com que vamos rolando da manjedoura de Belém às culminâncias... do Calvário. O que ainda nos vale, meu caro, é a estrela dos magos. Sem esse milagre, que ficou em nossa alma, já não suportaríamos mais este exílio de todos os dias e de todas as noites... – Direi algo do teu livro no próximo n° da minha revista<sup>15</sup> (SILVA, 1922, s/p).

O encerramento da carta revela outro aspecto que merece destaque, pois representa a visão do poeta a respeito do cenário intelectual brasileiro, em que, mais uma vez, insere os autores paraibanos: trata-se da divulgação e a valorização de seus autores e obras em sua revista. Confirmando essa valorização, Pereira da Silva acrescenta o quanto essas personalidades paraibanas e do Nordeste são significativas na formação cultural brasileira, como se percebe em outro trecho abaixo transcrito da carta, quando se refere a José Américo de Almeida:

Não imagina com que regozijo mental reconheço no seu talento a verdadeira orientação de uma literatura genuinamente brasileira. Era do Norte que eu esperava essa emulação para o estudo, a crítica, a apreciação, a apologética ou o sarcasmo de que é autenticamente nosso: qualidades e defeitos, vícios e virtudes (SILVA, 1922, s/p).

A valorização da produção literária da Paraíba pode ser também percebida em outra carta de Pereira da Silva transcrita em *Era Nova* (1922), como resposta de agradecimento pelo artigo publicado nesta revista por Guimarães Sobrinho, um de seus redatores, sobre o livro *Holocausto* (1921). Nesta carta, portando-se com humilde retórica, própria do *capatio benevolentiae*, afirma Pereira da Silva, ao agradecer as palavras acerca de seu livro:

A Paraíba oferece tal coeficiente propulsar da história cultural brasileira que eu não poderia aspirar maior honra do que a de ver o meu nome ao par de tantos outros ilustres nas artes e nas letras. Apesar de não ter, até hoje, um só filho seu na Academia de Letras, estou certo de que a posteridade nunca deixou de reparar injustiças e assim procederá com os poetas e escritores da

---

<sup>15</sup> Aqui, Pereira da Silva refere-se à revista *O Mundo Literário*, da qual é diretor.

nossa terra. A um deles, Augusto dos Anjos, (que nome augural!) já a morte, embora prematura, atraiu os louros de uma glória imperecedora (SILVA, 1922, s/p).

A sugestão de uma reparação à injustiça de não ter um nome paraibano na Academia Brasileira de Letras, citada pelo autor reforça a campanha de Pereira da Silva para adentrar nesta Casa de Machado de Assis, sobre o qual iremos tratar mais adiante.

A transcrição desta carta para o jornal *Era Nova* também assume usos e apropriações – além das já referidas em outros momentos neste – que nos faz reportar ao final do século XIX, quando ela também foi responsável pela instauração de uma crítica literária seletiva que solidificou uma “panelinha” de literatura. Segundo Silva (2015b), o próprio

Machado de Assis e alguns de seus companheiros promoveram uma crítica literária que, de alguma forma, contribuiu para a promoção de muitos escritores, se não eternizados na história da literatura brasileira, no mínimo, prestigiados em seu próprio tempo pela classe intelectual, que era próprio do público leitor (SILVA, 2015b, p.158).

O mesmo observa-se ocorrer nas cartas transcritas em *Era Nova* (1922). As epístolas vão revelando Pereira da Silva agradecendo as considerações sobre seu livro e tecendo outras a respeito de autores ainda estreantes no cenário literário, de modo que nos sugere um laço entre os intelectuais e a benevolência no trato de um discurso retórico apropriado. No caso dos autores que Pereira da Silva retoma em suas cartas: Augusto dos Anjos e José Américo de Almeida, mais tarde, tornam-se eternizados pela história da literatura.

Dentre os protocolos assumidos por esse gênero nos jornais, como analisa Barbosa (2011), o que nos interessa é tratar-se esse gênero e sua escrita no jornal um artifício de convencimento, cujo destinatário é a própria comunidade de leitores do jornal, buscando estabelecer um diálogo entre comunidades diferentes, uma vez que na carta transcrita Pereira da Silva compromete-se em publicar artigo sobre o livro de José Américo de Almeida em seu jornal *O Mundo Literário*. Desse modo, a transcrição da carta para *Era Nova* revela a tentativa do jornal em dar ao autor José Américo de Almeida um lugar de destaque para a comunidade de leitores deste periódico como também projetar esse autor e sua literatura na imprensa carioca, sendo, portanto, um grande passo para sua consagração e para a própria circulação da novela escrita pelo autor. Ao mesmo tempo, Pereira da Silva é colocado por *Era Nova* em posição de destaque como um grande crítico de prestígio na imprensa periódica. Seu lugar de prestígio é reforçado em outras notas, quando a *Era Nova* anuncia a revista *O Mundo Literário*, da qual Pereira da Silva era redator. Sobre a revista, tem-se o seguinte comentário:

“[...] puramente literário [...]. Por isso mesmo, merece ser lida e amparada por todos que se interessam pelas coisas do espírito, a brilhante revista de Pereira da Silva e Théo Filho. Recomendamos, portanto, aos nossos leitores o útil e interessante mensário” (ERA NOVA, 1922, s/p).

Pereira da Silva também escreve sobre outros autores nacionais, publicados em jornais como o Suplemento Literário *Autores e Livros*, um periódico direcionado a notícias e divulgação da cultura brasileira em suas várias expressões artístico-culturais. O mesmo ocorre com a *Revista da Academia Brasileira de Letras*, uma publicação mensal contendo a transcrição de discursos e pronunciamentos feitos por seus membros assim como artigos e ensaios críticos de autores e obras, na qual se percebe participação de Pereira da Silva, a exemplo do artigo sobre a poesia de Machado de Assis (Ver transcrição na página 219), em homenagem às comemorações do centenário de nascimento deste autor.

### **2.3 A Revolução de 1930: os lugares e suas representações**

As décadas de 1930 a 1940 representam outro momento na trajetória de Pereira da Silva. Funcionário público da Estrada de Ferro da Central do Brasil passa a integrar, em 1934, a Academia Brasileira de Letras após três tentativas frustradas. Sua inserção nessa instituição cultural traz repercussões para o lugar ocupado pelo autor sobre o qual pretendemos elucidar.

No que se refere ao panorama político-cultural, o período que se estende entre os anos de 1930 a 1945 ficou conhecido historicamente como a Era Vargas, em referência ao governo de Getúlio Vargas (1852-1954), cuja marca principal foi a centralização do poder através de medidas como a eliminação dos órgãos legislativo federal, estadual e municipal, já na sua primeira fase governamental, chamada de Governo Provisório (1930-1934), além da anulação da Constituição de 1934, durante o Governo Constitucional (1934-1937), após vários conflitos entre os grupos da Ação Integralista Brasileira (AIB) – aliados ao Facismo italiano – e os da Aliança Nacional Libertadora (ANL) – aliados ao comunismo soviético. Getúlio Vargas consegue desarticular a esquerda comunista e, com a anulação da Constituição de 1934, garante plenos poderes, inaugurando o chamado Estado Novo (1937-1945) e iniciando o período de Ditadura no Brasil.

É justamente nesse contexto que Pereira da Silva alcança um lugar na Academia Brasileira de Letras. A ABL que nasceu de um reconhecimento pela intelectualidade da virada do século XIX por um grupo associado à elite da época, no período da ditadura de Vargas vai servir também como um instrumento para a difusão das políticas culturais centralizadas no

esforço de uma mobilização simbólica que se definia, ou seja, a criação de uma cultura histórica, alinhada à política nacionalista para o Brasil. Pertencer, portanto, à ABL, seria pertencer a uma lista de autores e obras que se pretendia tornar a constituição das letras brasileiras, dentro do projeto Vargas.

A campanha em favor da candidatura e eleição de Pereira da Silva para a ABL é noticiada pela imprensa jornalística, num período de controle de informação imposto pelo governo Vargas, desde a criação do Departamento Oficial de Publicidade (DOP) até a promulgação do Decreto-Lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939, que criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Dessa forma, os jornais por onde circulam a campanha de Pereira da Silva para a ABL encontram-se subjugados a um governo autoritário e, por isso mesmo, as matérias divulgadas também se mantêm associadas às notícias que estejam em consonância com o projeto político do governo: um instrumento de promoção pessoal do chefe do governo, de sua família e das autoridades em geral, cuja função era servir como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas dentro e fora do Brasil, segundo Araújo (2001).

É inserido nesse contexto que na década de 1930, os jornais *A Noite* (1910-1969) e seu suplemento *A Noite Ilustrada* (1930-1954), *A Batalha* (1920-1949) e *A Nação* (1930-1939) publicam as concorrências de Pereira da Silva à vaga na ABL. Os proprietários desses jornais, portanto, estavam atrelados direta ou indiretamente ao governo Vargas, ora adotando uma postura mais comedida, como o jornal *A Noite*, ora numa defesa aberta como ocorreu com *A Nação*. De um modo ou de outro, temos um Pereira da Silva que se manteve em consonância com grupos aliados aos interesses políticos vigentes.

Nesse contexto, surgem as notícias acerca da candidatura de Pereira da Silva a ABL, quando da morte do poeta pernambucano Silva Ramos (1853-1930) fundador da cadeira nº 37, em que são lembradas as tentativas anteriores de Pereira da Silva, afirmado tratar-se esta da terceira empreitada do poeta, apesar de em todas as outras o poeta ter merecido aplausos de intelectuais sem distinção de escolas:

Inscreveu-se como candidato à vaga de Silva Ramos, na Academia Brasileira de Letras, o poeta Pereira da Silva. Nome de si mesmo expressivo, graças à autoria de livros como “Solitudes”, “Beatitudes”, “Holocausto”, “Pó das Sandálias”, “Senhora da Melancolia”, cuja aceitação unânime pela crítica lhe deu merecido acolhimento e admiração em todo o país, encontrará, sem dúvida, toda a simpatia a que faz jus (*A Batalha* Rio de Janeiro, sexta-feira, 20 de fevereiro de 1931. Ano III, n. 345, p.02).

No entanto, não foi dessa vez que o poeta conseguiu vencer o pleito. Em seu lugar, pois, vence o político, advogado e historiador paulista Alcântara Machado (1875-1941), que dirigia a *Revista da Antropofagia* (1928-1929), um periódico idealizado por Oswald de Andrade e Raul Bopp, lançado com o objetivo de divulgar as ideias modernistas em voga no cenário paulista. No ano de 1931, Alcântara Machado ocupa a cadeira de nº 37, deixada por Silva Ramos, denunciando as circunstâncias políticas que ensejam as eleições da ABL.

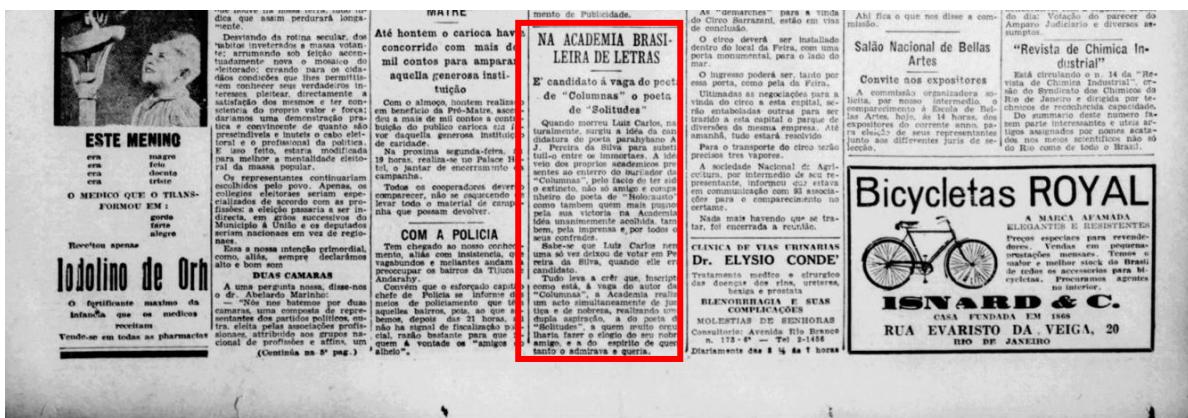
No que se refere a este jornal, *A Batalha* (1929-1940) foi criado com a finalidade de apoiar a Aliança Liberal, colocando-se numa posição de cunho esquerdista. No entanto, com a vitória da Revolução de 1930, a razão de ser do jornal se perdeu. De um jornal de oposição, acaba por ir se aproximando dos ideais governamentais vigentes, segundo Ferreira (2001). O final do jornal ocorre justamente quando seu proprietário Júlio Barata assume a direção do setor de radiodifusão do DIP.

Somente com a morte do poeta Luiz Carlos (1880-1932), a certeza da eleição de Pereira da Silva torna-se foco das notícias. Noticiada pelo jornal *A Nação* (1930-1939), em nota intitulada “Na Academia Brasileira de Letras”, afirma-se que desde a morte de Luis Carlos (1880-1932), a ideia da candidatura de Pereira da Silva ressurge novamente, pelos próprios acadêmicos presentes em seu enterro. Entre os motivos levantados estão a amizade que existia entre os poetas e o fato de o próprio Luiz Carlos sempre ter querido ver Pereira da Silva pertencente à ABL, votando nele nas outras campanhas: “Sabe-se que Luiz Carlos nem uma vez só deixou de votar em Pereira da Silva, quando ele era candidato.” O jornal, portanto, anuncia que a probabilidade de Pereira da Silva ocupar esta vaga é grande:

Tudo leva a crer que, inscrito como está, à vaga do autor das *Colunas*, a Academia realize um ato simultaneamente de justiça e de nobreza, realizando uma dupla aspiração, a do poeta de *Solitudes*, a quem muito orgulharia fazer o elogio do seu nobre amigo, e a do espírito de quem tanto o admirava e queria (*A Nação*, 04 de agosto de 1933, p.03).

A notícia acerca da candidatura de Pereira da Silva à vaga do poeta Luis Carlos encontra-se no final da página 03 deste periódico, espremida ao lado de anúncios publicitários, reportagens abordando assuntos em voga no momento, entrevistas com personagens políticas, assim como assuntos policiais e de ordem sociocultural. Não sendo *A Nação* (1930-1939) um jornal literário, o lugar da notícia sobre a ABL cumpre seu papel, uma vez que o propósito deste periódico é dar destaque a conteúdos referentes ao cenário político e cultural de seu tempo, no qual a nota sobre a ABL se insere perfeitamente, mesmo que em uma menção rápida, conforme podemos verificar na figura 5.

Figura 5 Notícias sobre a candidatura de PS para a ABL em A Nação (1933)



Fonte: *A Nação*, 04 de agosto de 1933, p.03.  
(Ver transcrição na página 238)

Contudo, um dado merece destaque: a vinculação direta do jornal ao governo de Getúlio Vargas. O proprietário do periódico *A Nação*, o jornalista José Soares Maciel Filho (1904-1975), funda este jornal com a finalidade de defender o governo de Getúlio Vargas perante as classes médias urbanas. Desse modo, o nome de Pereira da Silva na ABL consistiria na ampliação da representatividade do governo também nessa instituição intelectual, o que explicaria a menção à sua candidatura.

Também o jornal *A Noite Ilustrada* (1930-1959) noticia a respeito não só da candidatura como também da grande probabilidade de vitória de Pereira da Silva:

Parece assentada a candidatura de Pereira da Silva, que é um dos valores mais estimáveis da nossa poesia e que, tendo sido amigo íntimo de Luiz Carlos seria também um digno sucessor deste na Academia de Letras. Luiz Carlos desejava vê-lo ao seu lado, no ‘Petit Trianon’, prolongando a intimidade espiritual que os unia, e várias vezes o incitou a candidatar-se aos lauréis acadêmicos. O poeta de ‘Beatitudes’ terá sua candidatura prestigiada por elementos de relevo do nosso meio literário, apresentando as mais robustas probabilidades de triunfo (*A Noite Ilustrada*. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1932. Ano III. n. 130, p.07).

Figura 6 Notícias sobre a candidatura de PS para a ABL em *A Noite Ilustrada* (1932)



Fonte: *A Noite Ilustrada*. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1932. Ano III. n. 130, p.07.  
(Ver transcrição na página 238)

A notícia ganha um tom de reportagem, mesclada a fotografias dos acadêmicos e os respectivos candidatos às suas vagas, revelando o caráter moderno a que se filia esse suplemento: um semanário impresso em rotogravura, um sistema indicado para grandes tiragens em alta velocidade sem perda de qualidade, o que denuncia o grau de investimento em sua confecção. No que se refere à notícia, portanto, vemos seu destaque, apesar de não configurar a página inicial, ocupa um lugar central na página 07, tendo em vista o fato de ele possuir uma média de 15 páginas, constando na metade do jornal.

Na matéria de *A Noite Ilustrada*, o destaque é dado à informação acerca do desejo de Luiz Carlos em ver Pereira da Silva ocupando uma vaga na ABL. Esse desejo é confirmado pelo autor Jorge Azevedo, em seu livro *Eles deixaram saudades*, publicado em 1966, ao

lembra a ocasião da investidura de Pereira da Silva na ABL. O autor relata que o poeta paraibano já tinha concorrido três vezes, sem sucesso, apesar das campanhas jornalísticas, a exemplo do *Jornal do Comércio*. Dessa vez, no entanto, a campanha torna-se muito mais intensa e significativa, porque a vaga era de seu amigo íntimo que, à beira da morte, pediu aos amigos acadêmicos que elegendessem Pereira da Silva para sua vaga. Um pedido no leito de morte é razão mais que suficiente para que Pereira da Silva viesse, definitivamente, ocupar tal vaga.

As palavras dos jornais *A Batalha* e *A Nação* se confirmam, a eleição de Pereira da Silva foi quase uma unanimidade, conforme afirma o jornal *A Nação*, em matéria intitulada “Pereira da Silva foi eleito quase por unanimidade”:

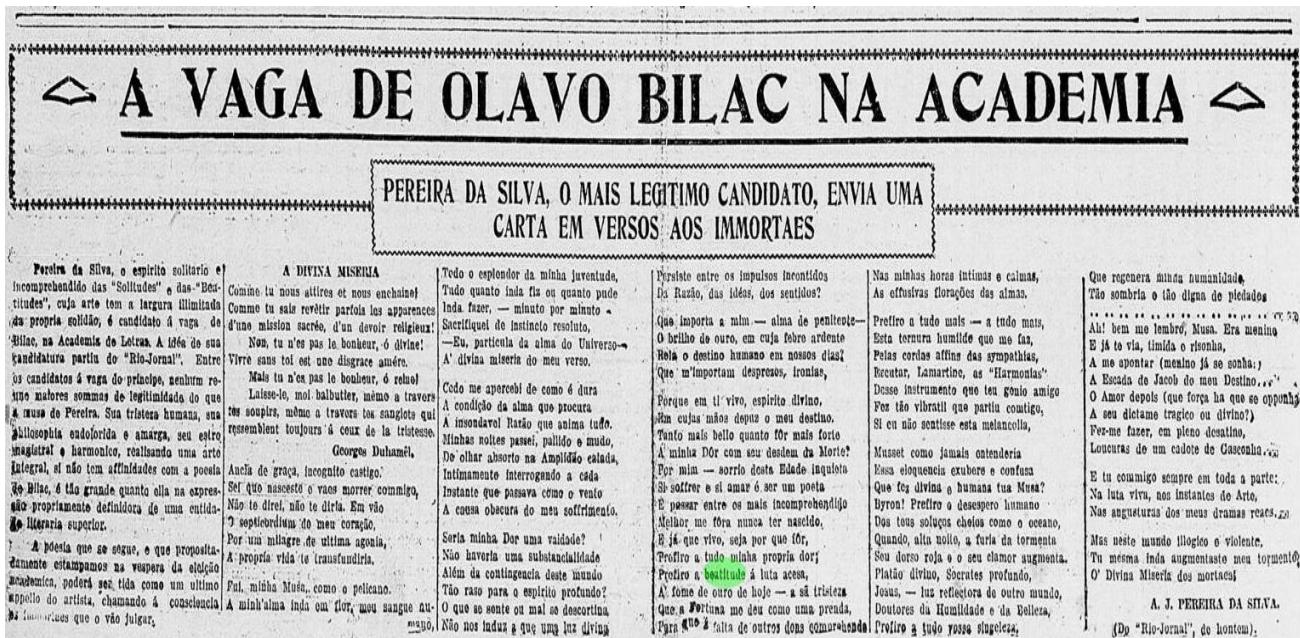
Logo se previu a vitória triunfal do inspirado de *Beatitudes*, uma das mais legítimas, sadias e impressionantes expressões da nossa poesia e que, além do imenso prestígio do seu nome literário, reunia a circunstância de ter sido o amigo dileto de Luiz Carlos com quem mantinha particulares afinidades de espírito. O sonhador de *Rosal dos ritmos* sempre desejou ver Pereira da Silva na Academia, longe de vaticinar que por uma singular coincidência do destino – o destino caprichoso e incerto dos poetas –, Pereira da Silva terminaria se assentando na poltrona 38 que ele tanto horara com o seu talento de escol (*A Nação*, Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1933. Ano 1. nº 270, p.1 03).

Esta campanha, no entanto, é antiga. A primeira vez que Pereira da Silva se candidata para uma vaga na ABL foi à ocasião da morte de Olavo Bilac. O jornal *A Época* transcreve uma carta em versos enviada pelo poeta aos imortais, publicada no *Rio-Jornal* de 06 de agosto de 1919, ou seja, um dia anterior a esta publicação. Antes de transcrever a carta, na notícia sobre a vaga de Olavo Bilac na Academia, o editor do jornal elogia Pereira da Silva desde o próprio título da notícia “Pereira da Silva, o mais legítimo candidato, envia uma carta em versos aos imortais”, seguindo na apresentação da mesma.

Pereira da Silva, o espírito solitário e incompreendido das *Solitudes* e das *Beatitudes*, cuja arte tem a largura ilimitada da própria solidão, é candidato à vaga de Bilac, na Academia de Letras. A ideia de sua candidatura partiu de *Rio-Jornal*. Entre os candidatos à vaga do príncipe, nenhum resume maiores somas de legitimidade do que a musa de Pereira. Sua tristeza humana, sua filosofia dolorida e amarga, seu estro magistral e harmônico, realizando uma arte íntegra, se não tem afinidades com a poesia de Bilac, é tão grande quanto ela na expressão propriamente definidora de uma entidade literária superior (*Época*. Rio de Janeiro, quinta-feira, 07 de agosto 1919. Ano VIII, n. 2.877, p.02).

A carta em versos é propositadamente publicada nas vésperas da eleição, segundo palavras do próprio editor, sendo, portanto, “o último apelo do artista, chamando à consciência das imortalidades que o vão julgar.”, conforme podemos conferir na figura abaixo, transcrita da página deste jornal.

**Figura 7 Carta em versos aos imortais, por Pereira da Silva (1919).**



Fonte: *A Época*. Rio de Janeiro, quinta-feira, 07 de agosto 1919. Ano VIII, n. 2.877, p. 02.  
(Ver transcrição na página 198)

A estratégia do uso de cartas pelos jornais é algo recorrente nos periódicos pesquisados, como as já mencionadas ao longo deste capítulo: a carta de Pereira da Silva a José Américo de Almeida transcrita para *Era Nova*, as cartas publicadas no suplemento *Autores e Livros* para tratar do perfil dos escritores homenageados, por exemplo. Neste caso em especial, trataremos da epístola enviada a Pereira da Silva por João Grave, poeta português, consagrado pela imprensa de sua época, segundo a introdução da notícia, em sua contextualização e justificativa. Esta carta é tornada pública em matéria intitulada “Pereira da Silva e a Academia de Letras”, tendo como subtítulo “Uma carta do escritor João Grave”. O pretexto para a notícia diz respeito à leitura, feita pelo então presidente da Academia Brasileira de Letras em sua última sessão, da carta protocolar em que Pereira da Silva se coloca candidato à vaga do poeta Luiz Carlos. De início, o jornal *A Época* já se coloca totalmente favorável a esta candidatura, considerando o candidato à altura para tal pleito. A

fim de reforçar e justificar seus argumentos favoráveis ao poeta, o jornal afirma que o também poeta João Grave, “o grande escritor português”, compactua da mesma opinião:

O mesmo pode-se dizer de João Grave, o grande escritor português, tão justamente e efusivamente aplaudido no Brasil. Por isso mesmo é com agrado que proporcionamos aos nossos leitores a leitura de uma carta do autor do *Último Fauno* ao poeta de *Pó das Sandálias* (*A Nação* (Suplemento). Rio de Janeiro, terça-feira, 13 de agosto de 1933. Ano 01. n. 182, p.17).

Após essa justificativa e contextualização da notícia, segue a transcrição da carta, cujo conteúdo deseja revelar as relações entre o poeta brasileiro e o português, deixando claro que João Grave pretende enviar artigos para os jornais acerca dos livros de Pereira da Silva, o que reforça novamente a notoriedade deste. Segue a reprodução da carta:

*Biblioteca Pública Municipal do Porto – Gabinete do diretor.  
Meu insigne poeta – Porto, 26 de novembro de 1926.*

*Passei ultimamente algumas horas de delicado prazer espiritual lendo os belos livros que teve a gentileza de enviar-me, por intermédio do meu amigo Raul Martins. Em todos eles o poeta de raça e de inspiração profunda se denuncia, em livres voos que ascendem às alturas iluminadas. Nestas maravilhosas ascensões, todavia, o artista não é apenas conduzido pelo sentimento criador da Beleza, mas pelo pensamento, criador da Verdade. Por vezes, mesmo, o filósofo é superior ao lírico, aliando ao brilho da forma a cintilação das ideias, sobretudo em **Beatitudes** e **Holocausto**, que me parecem ter saído mais da inteligência do que da sensibilidade. As **Solitudes** têm, de certo, a minha preferência, não porque a sua elevação intelectual seja superior, mas pela intensidade dominante da nota lírica, pela orquestração, pelo som, pelo ritmo, pela sutiliza emotiva. Neste último volume, certamente, há mais emoção do reflexo demorada – e o meu eminentíssimo confrade sabe perfeitamente que poesia subtende emoção. Se nesta virtude, essa poesia que, como uma doce música, no conduz ao conhecimento diretor da divindade que em nós existe, não poderá viver. O que de modo algum quer dizer que a individualidade extraordinária do poeta não esteja nitidamente marcada nos três volumes admiráveis que têm sido os meus companheiros das noites recentes e que tenho lido e meditado serenamente, mergulhando avidamente os olhos na clarióscrope dos horizontes esplêndidos que eles abrem à minha vista. Por eles, mais uma vez verifico que o Brasil é a pátria encantada do lirismo e que a sua poesia é uma das mais ricas e puras do mundo. Um dia, quando publicar novo livro, sentirei imensa alegria em dizer, em artigo enviado aos jornais, as impressões que da sua leitura ficarem no meu espírito e a admiração que consagro ao poeta brilhantíssimo. Por agora, envio-lhe apenas os meus sinceros agradecimentos, por se ter lembrado dum nome obscuro com tanta gentileza e pelas magníficas e generosas palavras com que o fez. Peço-lhe que creia na sinceridade com que o admira e que é seu confrade muito grato – João Grave (*A Nação* (Suplemento). Rio de Janeiro, terça-feira, 13 de agosto de 1933. Ano 01. n. 182, p.17).*

Nesse sentido, a circulação desta carta assume, mais uma vez, neste suporte, em especial o aqui analisado, uma estratégia de campanha em favor da eleição de Pereira da Silva e ratificação do prestígio que este autor possuía perante seus pares. Assim, a simples transcrição de uma carta pessoal torna-se um objeto de análise diferente quando alterado o suporte que o veicula e suas práticas discursivas: de individual passa para uma apropriação coletiva com finalidades bem definidas – reforçar um discurso que se deseja consolidar, ou seja, o nome do autor a qual se pretende consagrar por meio de seu ingresso na Academia Brasileira de Letras. Desse modo, “[...] implica em compreender que, ao ser um texto traduzido, reproduzido, adaptado, *etc.*, para ser veiculado em determinado suporte pode, então, assumir sentidos outros, muitos dos quais não estavam previstos por seus autores originais” (COSTA, 2014, p.26).

Entre as estratégias desse artifício retórico está o convencimento através de alguns recursos. Primeiramente, a apresentação para o leitor das credenciais do poeta português, ou seja, “João Grave, o grande escritor português”. Em segundo lugar, a transcrição da origem da carta, “Biblioteca Pública Municipal do Porto – Gabinete do diretor.”, revelando o lugar de status que João Grave ocupava dentro de uma hierarquia de legitimidade cultural, ou seja, uma Biblioteca pública e o cargo de diretor da mesma. Finalmente, o próprio conteúdo da carta, no qual constam diversos elogios à poética de Pereira da Silva e a intenção de seu emissor em enviar artigos apreciativos sobre seus livros para os jornais, revelando o diálogo entre as duas literaturas, a portuguesa e a brasileira. Todos esses recursos persuasivos têm por finalidade proporcionar notoriedade à instauração de um discurso: Pereira da Silva é um grande poeta e, por essa razão deve pertencer à instituição consagradora da intelectualidade nacional – a Academia Brasileira de Letras.

A posse de Pereira da Silva na ABL ganha destaque nas páginas do suplemento literário *A Noite Ilustrada*, a exemplo de outras edições em que deu notícia da campanha empreitada pelo autor. Noticiada na sexta página deste suplemento, a matéria ganha destaque por se tratar de uma reportagem que ocupa todo o espaço da página, acompanhada da fotografia do poeta discursando em sua posse com a transcrição de trechos de seu discurso, o que nos leva a considerar a hipótese de ser o conteúdo da reportagem de interesse do editor desse suplemento, uma vez que ao lado dela encontram-se anúncios publicitários de remédios e cosméticos, numa estratégia comercial do jornal em dar visibilidade aos produtos anunciados, aproveitando-se da notícia de destaque.

Figura 8 Fotografia de PS discursando na ABL, *Noite Ilustrada* (1934).



Fonte: *A Noite Ilustrada*. Rio de Janeiro, 04 de julho de 1934. Ano V. n. 227, p. 06.  
(Ver transcrição na página 239)

O destaque dado a Pereira da Silva se mantém neste suplemento. Eleito para a ABL, os versos de seus livros vão se tornando uma referência nas páginas do suplemento literário *A Noite Ilustrada*, citados em seção fixa intitulada “O mais belo verso brasileiro” durante várias edições, revelando o lugar de destaque dado à poesia neste periódico, como também ao próprio Pereira da Silva.

Também no jornal *A Batalha*, em seção intitulada “Impressões Literárias”, assinada por Harold Daltro (1934), a vitória de Pereira da Silva na eleição para a vaga de Luiz Carlos na ABL torna-se notícia. Nela, afirma-se que a presença dele na ABL nada mais é do que a confirmação de seu talento, uma vez que, mesmo longe das pompas e das festas onde se conquistam os votos e fazem-se conchaves, o poeta

[...] não desacreditava de que pudesse, um dia, vir a ser um dos 40 do ‘Petit Trianon’, não que isso o levasse à vaidade, mas por ser um direito que lhe cabia pleitear [...]. A casa de Machado de Assis e Coelho Neto teria que ser sua também (DALTRO, 1934, p.02).

No entanto, seu discurso deixa nas entrelinhas a ideia de que a eleição de Pereira da Silva também é resultado da amizade que ele possuía com o seu antecessor na cadeira 18, Luiz Carlos, “O amigo maior de Luis Carlos havia de se sentar ainda ao lado do poeta das *Colunas*, no palácio da Avenida das Nações.”, cuja morte influenciou – denúncia de que os conchaves não foram assim tão afastados nesse processo.

Entretanto, a notícia da vitória na ABL torna-se ponto de partida para o crítico tecer elogios à obra, ao citar os livros *Solitudes*, *Beatitudes*, *Senhora da Melancolia* e *O pó das sandálias*, quanto ao homem, agora um imortal, ao reportar-se à personalidade reclusa do poeta, que não frequenta as rodas da elegância, por seu temperamento solitário e sincero como sua arte. Coloca-o como distinto de certos poetas modernistas, com os quais ele não iria compactuar, sendo sua poética, uma arte santa.

Em seu artigo, Harold Daltro também tece vários comentários sobre a postura sisuda, humilde, discreta e reclusa de Pereira da Silva, afirmindo que muitos disseram que sua entrada na ABL o faria sentir-se deslocado, por ele não se encontrar confortável com elegâncias desse ambiente intelectual. Lembra um episódio em que ambos foram a um café em um ambiente movimentado e o poeta referiu-se ao local como não sendo próprio para poetas: “Ele prefere locais calmos, sombrios, onde se possa falar confidencialmente, onde o espírito possa abrir, sem constrangimento, a flor perfumada e simples da beleza.” Por outro lado, quanto ao fato de Pereira da Silva encontrar-se deslocado na ABL, por se tratar de um lugar de requinte e sofisticação, Haroldo (1934) não concorda ao dizer que, ao contrário, “[...] ele estará no seu lugar, porque ali há inteligência e, quem vai à Academia, com as exceções, que há em toda a parte, é para pensar e ouvir, como os que a ela pertencem, cujo dever é cuidar da literatura e da arte.” Afirma que o luxo da academia não está na elegância de seu espaço, mas nas crônicas, romances e poesias de seus membros e, nesse sentido, Pereira da

Silva está em boa companhia. E conclui: “O Jardim de Acadêmicos, de areias douradas, não estranhará o pó luminoso de suas sandálias.”

Sobre essa rejeição a pompas, também escreve Azevedo (1966, p.35), ao lembrar a ocasião da morte de Pereira da Silva, noticiada na seção de Austregésilo de Athayde em *O Jornal*<sup>16</sup>, a respeito do velório do poeta. Nela, Austregésilo considerou uma incoerência ver o caixão do poeta na ABL, pois cria que sua morte não poderia ser diferente do que foi sua vida: uma negação a pompas e cerimônias protocolares, uma vida reclusa e discreta tanto na alma quanto na aparência, a ponto de nunca assinar seus artigos, preferindo permanecer no anonimato dos editoriais que poderiam colocá-lo entre “os mais ilustres servidores da imprensa.”

Essas palavras denunciam a importância, entre outros aspectos, das ligações duradouras, do estabelecimento de conchaves e de fazer parte dos salões para a manutenção de um nome no campo literário, conforme nos aponta Silva (2015b) sobre os apadrinhamentos – a “crítica-amiga” já discutida anteriormente. Pereira da Silva foi, segundo nos é dado a ler nos jornais, um poeta sisudo, um homem recluso, avesso a pompas e elegâncias, ao mesmo tempo um homem público e admirado por seus colegas de profissão. De fato, os jornais deram visibilidade a Pereira da Silva, conforme ainda iremos aprofundar ainda mais neste capítulo, quando tratarmos da circulação de seus livros pela imprensa periódica. No entanto, pelo caráter efêmero dos jornais, por centrar-se este suporte no cotidiano das ações e acontecimentos sociais, com sua morte em 1944, seu nome vai sendo apagado, uma vez que deixa de ser notícia ficando apenas na lembrança e nas possíveis referências pontuais ao sabor das matérias e seus interesses.

#### **2.4 Os últimos anos em Autores e Livros (1940)**

A partir do ano de 1941, Pereira da Silva colabora para o suplemento literário *Autores e Livros* (1941-1950), especialmente, como crítico literário, escrevendo artigos sobre literatura de modo geral e comentando a respeito dos próprios autores homenageados pelo suplemento como Euclides da Cunha, Fagundes Varela, Jackson de Figueiredo, Humberto de Campos, Farias Brito, entre outros, a exemplo da figura seguinte, uma crônica sobre Farias de Brito.

---

<sup>16</sup> Não tivemos acesso ao referido jornal, para podermos comprovar as palavras de Austregésilo de Athayde. Essa referência encontra-se transcrita no livro *Eles deixaram saudades*, de Jorge de Azevedo.

**Figura 9 "Farias de Brito, numa evocação de Pereira da Silva" em *Autores e Livros* (1944)**

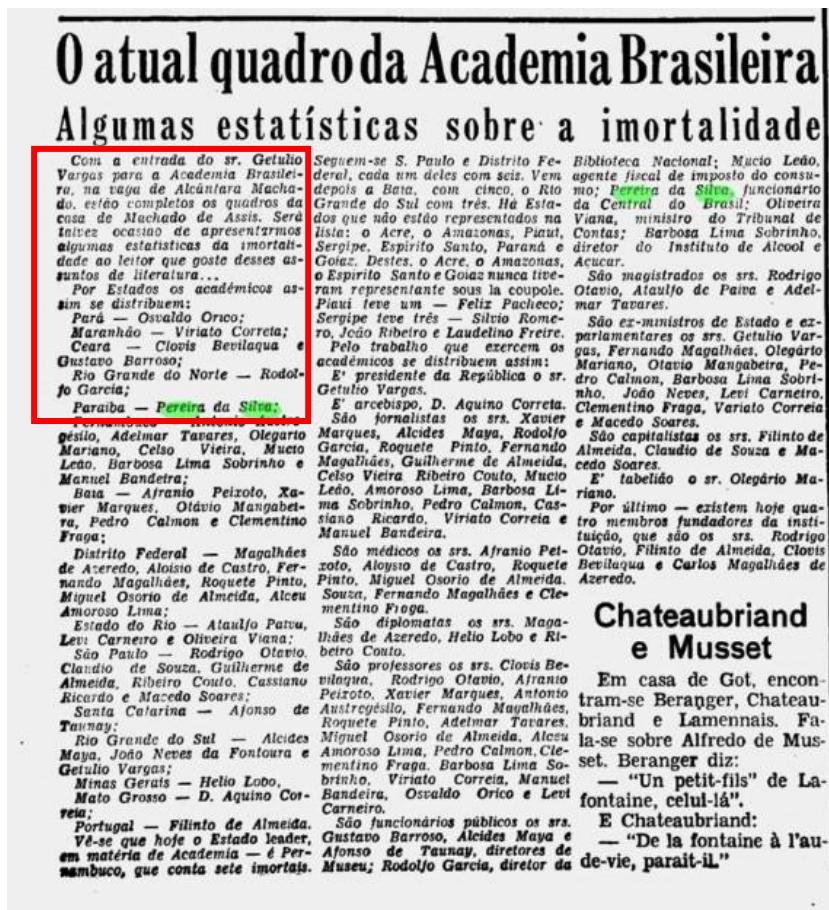


Fonte: Suplemento Literário *Autores e Livros*. 19 de setembro de 1944.  
(Ver transcrição na página 228)

Seu ingresso neste suplemento deu-se desde a sua formação inicial, pois Pereira da Silva passa a contribuir para o semanário a partir do ano de 1941, já sendo um membro da Academia Brasileira de Letras, requisito necessário para o pertencimento ao grupo em torno deste suplemento. Na figura abaixo, em que se dá notícia acerca do quadro dos acadêmicos da instituição, separado por estados, a fim de apresentar as “[...] estatísticas da imortalidade ao leitor que goste desses assuntos de literatura”, incluindo, além do estado, o lugar que ocupam os acadêmicos na sociedade, Pereira da Silva é o único paraibano a fazer parte da *Petit*

*Trianon*, listado como funcionário público. A notícia dá destaque em sua introdução à posse de Getúlio Vargas na ABL, revelando o uso que seu governo fez tanto do periódico quanto da própria ABL, ou seja, um instrumento de promoção da imagem do ditador Vargas. É nesse contexto que Pereira da Silva encontra um lugar de destaque novamente na imprensa, conforme iremos abordar.

Figura 10 Quadro atual da Academia Brasileira em *Autores e Livros* (1941)



Fonte: *Autores e Livros*, 07 de setembro de 1941, p.56.

(Ver transcrição na página 241)

O Suplemento Literário *Autores e Livros*<sup>17</sup> circulou no Rio de Janeiro no período de 1941 a 1950, tendo uma sobrevida até os anos de 1953, fundado pelo modernista pernambucano Múcio Leão, já membro da Academia Brasileira de Letras. O suplemento era publicado semanalmente, aos domingos, pelo jornal *A Manhã* (RJ), este dirigido pelo escritor Cassiano Ricardo, cujo objetivo era ser o porta-voz do Estado Novo, segundo Gomes (2013).

<sup>17</sup> O Suplemento Literário Autores e Livros encontra-se disponível nos acervos da Biblioteca Nacional Digital: <<http://hemerotecadigital.bn.br/autores-e-livros-suplemento-literario-de-manh%C3%A3/066559>>.

Como consequência, a razão do convite feito a Cassiano Ricardo para dirigir o jornal *A Manhã*

[...] tinha sólidas raízes, pois, além de seu indiscutível prestígio como escritor, dera inúmeras indicações de que suas ideias políticas afinavam-se com as do novo regime. Autor de *Martim Cererê* (1926), acabara de lançar um novo livro, *Brasil no original* (1937), em que defendia a ideia de uma democracia social para o país. Nada, portanto, mais oportuno e adequado para o momento (GOMES, 2013, p.27).

O intuito do suplemento de reconstituir a história literária brasileira, contemporânea e antiga também se engajava no ideário de uma democracia social para o país, buscando o jornal *A Manhã* formar um perfil da intelectualidade brasileira, integrado ao cenário e propósitos do governo Vargas, conforme discutido. Na primeira edição do suplemento, de 10 de maio de 1941, em uma espécie de programa do semanário literário, o editor traça os princípios que nortearão a produção do periódico, revelando uma intenção doutrinária: “a de ser, tanto quanto possível, um órgão de coordenação da inteligência literária do nosso país” e, por conseguinte, instaurar o que deve ser lido para que se possa conhecer o Brasil.

O título *Autores e Livros* já revela esse objetivo do periódico: traçar um perfil das personalidades literárias contemporâneas e antigas. Desse modo, cada caderno possuía, em média, de 16 a 24 páginas, geralmente dedicando de seis a oito páginas a traçar o perfil de um autor, através de artigos, biografia, transcrições de obras, notícias, críticas, cartas escritas de próprio punho etc. Dessa forma, como documento, “*Autores & Livros* tornou-se um dos mais importantes para os pesquisadores da literatura brasileira, assim como da imprensa especializada afim, pelo capricho de Leão na abordagem das matérias de capa” (CADENA, 2011, s\p.), o que justifica sua importância dentre os periódicos literários.

Tal importância se confirma pela própria posição tomada pelo editor do suplemento, Múcio Leão, (1898-1969), pois este semanário tem a pretensão de se tornar uma grande referência para a literatura brasileira, servindo ao propósito do governo de Vargas. Nesse sentido, é todo organizado em numeração contínua interrompida a cada ano, a fim de que o assinante pudesse encaderná-lo, configurando, assim, uma espécie de livro de referência cultural

[...] chamamos atenção de todos os que no Brasil se interessam pelos assuntos das letras para a conveniência de guardarem os números de **Autores e Livros**, pois esta publicação procurará constituir-se cada vez mais um repertório cuidadoso e elevado de tudo o que represente atividade literária em nossa terra (*Autores e Livros*, 10/05/1941, p.1).

A fim de se tornar um periódico que pudesse ser colecionado pelos leitores, no início de cada ano, o suplemento lança um índice, por ordem alfabética, de escritores e assuntos contidos no volume do ano anterior, a fim de orientar o leitor que o coleciona. Pereira da Silva é referenciado nos sumários de volumes, entre as décadas de 1940 a 1950.

O surgimento de *Autores e Livros* tem estreita relação com a própria configuração do jornal a que este suplemento se filia, ou seja, reconstruir a história literária brasileira. Segundo Gomes (2013), o jornal *A Manhã* possuía uma proposta cultural bem definida, articulada com os discursos que vinham sendo construídos pelo Estado Novo. Essa proposta envolvia várias frentes ministeriais: educação, saúde, trabalho, indústria e comércio. Assim, a fim de materializá-la, o corpo editorial de *A Manhã* buscou organizar suplementos que correspondessem às áreas mencionadas. Dos quatro suplementos previstos, apenas dois se concretizaram, sendo um deles, *Autores e Livros*, dirigido por Múcio Leão<sup>18</sup> até fevereiro de 1945, “[...] quando este se afasta por discordar da promulgação do ato governamental (Lei Constitucional nº 9) que fixava o prazo de 90 dias para que fossem marcadas as eleições e determinava a elaboração de uma lei eleitoral para o país” (GOMES, 2013, p.28), o que revela o total apoio de seu editor à ditadura Vargas, já em decadência, levando, também a própria decadência desse suplemento, que perde, portanto, sua razão de existência.

O suplemento guiar-se-á por dois princípios, que também revelam as concepções de literatura previstas neste semanário: ausência de partidarismos literários e políticos, uma vez que estando em um governo ditador, não há como ser diferente. O primeiro deles, o partidarismo literário, revela-se na diversidade que seu corpo de colaboradores e escritores homenageados possui no que se refere à filiação estética:

Entre as facções em que, pelo menos, teoricamente, se divide o nosso mundo das letras, havemos de seguir um rumo inteiramente nosso, equidistante de paixões e preconceitos. [...] Em nossas colunas acolheremos os representantes de todas as correntes – antigas e modernas, revolucionárias e conservadoras – com a condição única do valor dos autores e do mérito dos trabalhos apresentados (*Autores e Livros*, 10/05/1941, p.1).

Em segundo lugar, o critério de trazer de todos os Estados os que considerar ter “mérito literário”, entendido como aquilo que caracteriza o lugar de origem, o aspecto da cor

---

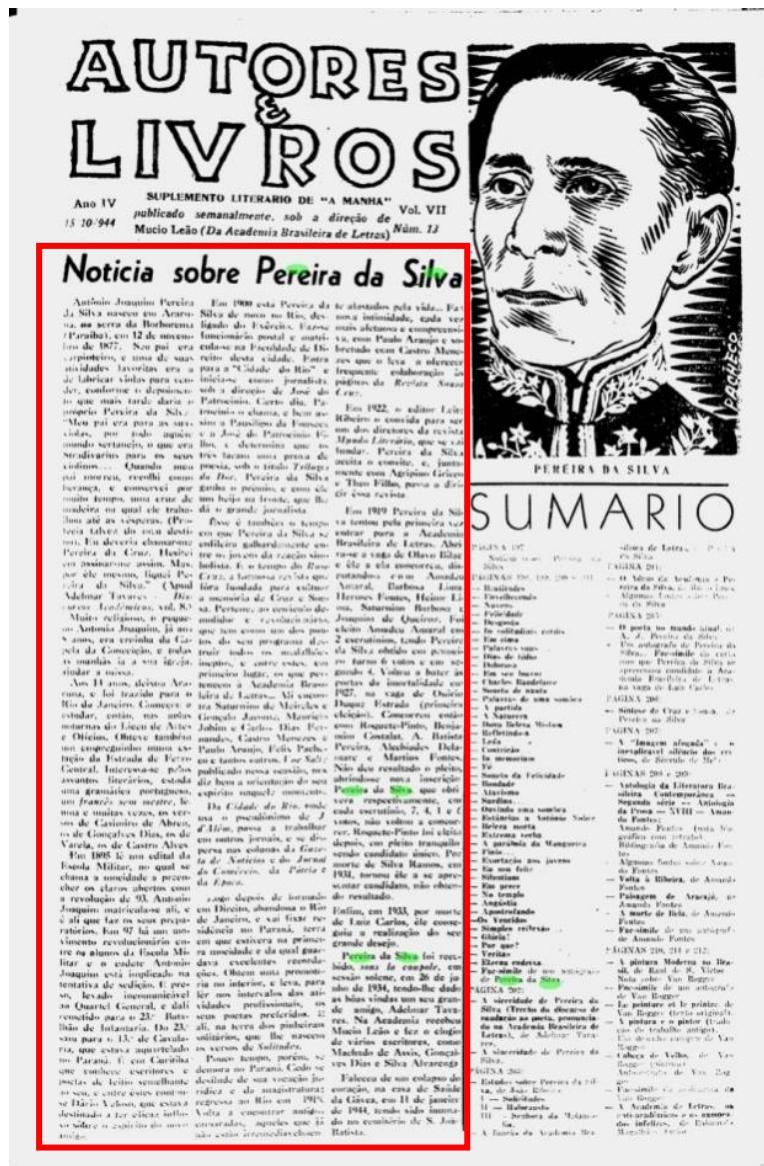
<sup>18</sup> Múcio Leão (Recife, 1898; Rio de Janeiro, 1969): crítico literário, jornalista, diretor do Suplemento Literário Autores e Obras, membro da ABL (cadeira nº 20), o qual foi recepcionado por Pereira da Silva. Ocupou vários cargos no serviço público e na Academia Brasileira de Letras (ABL).

local, congregando num só espaço “os valores que se estabilizam nas províncias, esses valores hoje dispersos, hoje quase completamente ignorados do Rio, e quase que somente conhecido nos rincões a que pertencem” (*Autores e Livros*, 10/05/1941, p.1). Assim, o suplemento insere-se numa corrente nacionalista da literatura à luz dos princípios norteadores do Estado Novo.

Confirmando o programa do suplemento, pudemos perceber, na leitura de suas edições, que o caderno literário dedicou suas páginas a traçar perfis de diversos autores filiados a correntes estéticas variadas, como Machado de Assis, Fagundes Varela, Ruy Barbosa, José de Patrocínio, Coelho Neto, Manuel Bandeira, Euclides da Cunha, Olavo Bilac, assim como Pereira da Silva entre outros, através de ilustrações e caricaturas dos autores, sendo predominante a presença de patronos e membros da Academia Brasileira de Letras entre seus homenageados – todos já mortos – e colaboradores, como o próprio editor do suplemento, o acadêmico Múcio Leão. Entre colaboradores e homenageados de *Autores e Livros* encontram-se tanto nomes que se tornaram e se tornariam consagrados quanto os que foram sendo apagados pela história da literatura, a exemplo de Pereira da Silva.

Quanto à organização do suplemento, este se apresenta com uma estrutura fixa em suas seções, com algumas exceções. Na primeira página, por exemplo, temos logo abaixo do título e subtítulo do periódico, as credenciais do diretor: “da Academia Brasileira de Letras”, conferindo autoridade e status ao suplemento, reforçando a presença marcante dessa instituição em *Autores e Livros*. Há duas seções fixas nas capas dos suplementos: “Notícia”, “Bibliografia”, que muitas vezes se estendiam para outra parte do suplemento. Na seção “Notícia”, as informações contidas são os dados biográficos dos autores homenageados por determinado fascículo, seguindo sempre uma estrutura semelhante quanto ao conteúdo, ao apresentar dados sobre a origem dos autores, sua família, estudos, atividades profissionais, relacionamentos no campo pessoal e intelectual e, em alguns casos, seus posicionamentos políticos. Acrescenta-se a esses dados textuais, no canto superior direito, a foto do escritor sobre o qual a revista irá deter-se, a exemplo do que ocorreu a Pereira da Silva em outubro de 1944, nove meses após sua morte, conforme imagem abaixo:

## **Figura 11 Capa do Suplemento Autores e Livros (1944)**



Fonte: *Autores e Livros*, 15 de outubro de 1944.

(Ver transcrição na página 243)

Na verdade, “O que se homenageava em *Autores e Livros*, portanto, não era apenas a figura de qualidade intelectual, mas igualmente o ‘homem’ em sua dimensão ética: seu caráter e sua honra, defendidos ao preço da própria vida, [...]” (GOMES, 2013, p.32. Grifos do autor), algo que se repete ao longo das páginas do jornal. Nas páginas seguintes, seguem-se artigos sobre os autores de capa, notas biográficas, transcrição de obras (poemas, trechos de romance, artigos críticos etc.), cartas escritas de próprio punho, estudos críticos sobre o escritor em questão, fotos, caricaturas, além de apresentar para o leitor do suplemento uma referência bibliográfica sobre a personalidade literária. A perspectiva adotada é a mesma: uma

homenagem ao *homem* pelas suas qualidades morais, seu caráter e ideologias defendidas ao longo da vida.

Essa homenagem ao homem e suas qualidades pode ser percebida nas palavras de Múcio Leão, em artigo intitulado “O adeus da Academia Brasileira a Pereira da Silva”. O crítico dá destaque a uma das maiores qualidades do autor: ser poeta. As palavras dirigidas para qualificar Pereira da Silva remetem ao plano da singeleza, da docura e da melancolia, da simplicidade, da espiritualidade, colocando-o como o maior entre os poetas de sua geração:

E é preciso dizer que esse poeta soube conquistar um lugar seu, inteiramente seu, na literatura do nosso país e do nosso tempo. Ele será o poeta por excelência, se entendermos a Poesia como o fenômeno da emoção introspectiva e noturna. Nenhum dos seus companheiros da vocação literária – e me refiro, é claro, aos maiores – olhou tanto para dentro de sua própria alma (LEÃO, 1944, p.46).

A essas palavras, Múcio Leão acrescenta que Pereira da Silva “soube permanecer fiel à perfeição do seu ideal de artista” (LEÃO, 1944, p.46), sendo o poeta da alma humana, do martírio humano, um íntimo de Antero de Quental e Baudelaire, sobre quem o autor extrai um dos versos de Pereira da Silva para defini-lo: “Dai ao pó da minha alma a forma etérea / Da dor humana espiritualizada” (LEÃO, 1942, p.46).

Um dado que merece destaque é a incidência marcante da Academia Brasileira de Letras em *Autores e Livros*. Essa presença representa um momento bem peculiar desta instituição, que vai ao encontro do próprio momento vivido quando da formação desse suplemento. Não é apenas pelo fato de ser dirigida por um acadêmico a justificativa da presença da ABL, mas, segundo Gomes (2013), essa incidência deve-se ao próprio lugar que ocupava essa instância cultural, ou seja, uma instituição a serviço dos princípios nacionalistas à luz do Estado Novo. Ao mesmo tempo, a ABL se encontra fortemente atacada, por associar-se ao governo ditador, o que lhe conferiu descrédito. E nesse clima de descréditos em relação à ABL, portanto, que Múcio Leão dirige *Autores e Livros*, podendo seu trabalho ser entendido como a tentativa de:

[...] recriação e revitalização da própria instituição, a qual não pode nem deve ser associada ao Estado Novo. Ela tem suas próprias origens, anteriores e independentes — segundo sua história de fundação — de qualquer regime político. [...] associa seu trabalho de construção de uma galeria de vultos de nossa história intelectual ao perfil da própria ABL, levando-a, mais uma vez, a assumir o papel simbólico para o qual fora criada. O seu próprio pertencimento à ABL, como o de muitos daqueles envolvidos diretamente com o jornal *A Manhã*, é sugestivo da heterogeneidade política do campo intelectual em praticamente qualquer época, bem como das possibilidades de

aproximação e distanciamento sucessivos de um regime político, conforme os movimentos curtos da conjuntura que é vivida (GOMES, 2013, p.30-31).

Esse movimento, ou seria melhor dizer esforço, pela revitalização e recriação desta instituição, necessário para que seja exercido seu papel simbólico, pode ser percebido, também, nas páginas do suplemento *A Noite Ilustrada* (1932), do qual Pereira da Silva foi colaborador, reforçando o interesse desses jornais na manutenção do discurso integralista associado ao governo de Vargas. Em notícia acerca das vagas deixadas pelo poeta Luis Carlos, o historiador Alberto de Farias e do inventor Santos Dummont na ABL, o jornalista deste jornal deixa implícita uma defesa à Academia em relação às possíveis acusações de serem seus membros eleitos por influências e apadrinhamentos, uma estratégia do jornal para manter o status de consagração da ABL. Neste relato, o jornalista afirma ser a vaga de Santos Dummont de difícil substituição, pois

Só uma figura de vigorosa expressão mental terá o justo direito de ocupá-la. O receio de que as suas candidaturas sejam mal recebidas pelo público excluirá, sem dúvida os que procuram fazer contrabando da “imortalidade”, conquistando as próprias insígnias acadêmicas menos pelo mérito próprio que pela influência de amizades e “pistolões” (*A Noite Ilustrada*. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1932. Ano III. n. 130, p.07).

O jornal *A Noite Ilustrada*, portanto, busca afirmar o valor e a idoneidade dos procedimentos de eleição da Academia, por meio dessa crítica. Esse posicionamento, no entanto, vai ao encontro dos interesses do próprio periódico, uma vez que um colaborador seu, no caso Pereira da Silva, está concorrendo para a vaga deixada pelo também poeta Luiz Carlos:

Para a vaga de um poeta é justo que se eleja outro poeta. Olavo Bilac foi substituído por Amadeu Amaral e este por Guilherme de Almeida. Vicente de Carvalho por Adelmar Tavares. É natural, portanto, que para a vaga do autor de *Rosal de Ritmos* seja também eleito um poeta. Parece assentada a candidatura de Pereira da Silva, que é um dos valores mais estimáveis da vossa poesia e que, tendo sido amigo íntimo de Luiz Carlos, seria também um digno sucessor deste na Academia de Letras. [...] O poeta de “Beatitudes” terá sua candidatura prestigiada por elementos de relevo do nosso meio literário, apresentando as mais robustas probabilidades de triunfo (*A Noite Ilustrada*. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1932. Ano III. n. 130, p.07).

A colaboração de Pereira da Silva para o jornal *A Noite*, fundado e dirigido pelo também poeta Menotti del Picchia, um integralista, já é referenciada desde o ano de 1911. Em

seção intitulada “Aniversários”, na qual consta uma nota sobre o aniversário de sua esposa: “Faz anos hoje Mme. Dr. Pereira da Silva, esposa do Dr. A. J. Pereira da Silva, advogado no nosso foro, e nosso companheiro de trabalho” (*A Noite*, 1911, p.02). Nessa mesma seção, o jornal faz menção ao aniversário de seu filho Hélio, reportando ao poeta como um de seus colegas de imprensa. O jornal passa, então, a realizar uma verdadeira campanha a favor de sua candidatura a vagas na ABL, juntamente com outros jornais.

Todos esses fatos somados revelam não só o tratamento carinhoso e honroso dado ao homem, ao poeta, crítico e redator Pereira da Silva, mas a função que ele ocupava no campo literário, no sentido de que sendo um crítico de jornais, possuía um lugar de controle e manutenção de um sistema literário em vigor. Porém, ao mesmo tempo, os elogios feitos à escrita de Pereira da Silva em *Era Nova*, seus artigos e comentários críticos sobre autores brasileiros publicados em jornais e revistas de referência como a *Gazeta de Notícias*, somados à ampla campanha feita pelos jornais *A Noite*, *A Notícia*, *A Batalha*, *A Noite Ilustrada*, *A Época*, entre outros, em torno de sua candidatura e eleição da Academia Brasileira de Letras, não foram suficientes para impedir seu apagamento pela história da literatura que o deixou à margem. Outras instâncias seriam necessárias para manter esse nome dentro do campo literário, pois os jornais, apesar de importantes para essa consagração em seu tempo, não são suficientes para garantir a permanência temporal do nome do autor.

Entre as hipóteses para o apagamento do nome do autor, que podemos ir concluindo deste capítulo, estão: primeiramente, o próprio surgimento de Pereira da Silva nos jornais como um poeta de filiação simbolista, em um período de transição do século XIX para o século XX que, apesar de ter sobrevivido a essas lutas, manteve-se filiado a uma imprensa vinculada a uma elite dominante, cujos aliados e amigos literatos também hoje são nomes apagados pela história da literatura. Acrescenta-se a postura de reclusão e aversão a pompas e promoções individuais por meio de bajulações; além da entrada na ABL como poeta simbolista num período em que pertencer a esta corrente não lhe permitia uma relevância significativa a não ser para os seus próprios pares. Somando-se a todos esses fatores, tem-se ainda a ausência de instâncias de consagração que ultrapassem o suporte jornal, ou seja, uma instância permanente e durável, que poderia ter sido a Academia Brasileira de Letras, mas que ao imortalizá-lo também não foi suficiente, paradoxalmente, para evitar sua morte no que se refere à circulação e manutenção do nome do autor dentro do campo literário para além de seu tempo.

No entanto, as hipóteses não terminam neste capítulo. Em seguida, analisamos a circulação dos livros publicados por Pereira da Silva em vida e sua repercussão pela imprensa

periódica de seu tempo, elementos importantes para compreender a trajetória literária e apagamento deste autor.

## ***2.5 Os livros de Pereira da Silva na imprensa carioca: repercussões e crítica***

Encerramos esse capítulo buscando apresentar a circulação de alguns livros de Pereira da Silva nos jornais e suas possíveis repercussões para o apagamento do autor. Sendo assim, já tendo apresentado um perfil do autor e a construção de seu nome pela imprensa periódica, a fim de que pudéssemos conhecer suas origens e sua trajetória literária, partimos para a abordagem da repercussão que alguns de seus livros tiveram nesta mesma imprensa, por entender que

Compreender os princípios que governam a ‘ordem do discurso’ pressupõe decifrar, com todo o rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outros objetos que veiculem o escrito) (CHARTIER, 1999, p.08).

A própria concepção de obra passa a configurar outros sentidos. Sejam quais forem as obras, canônicas ou não, nenhuma delas possui um sentido estático, universal, nem fixo, ao contrário, elas se investem de significações múltiplas e móveis, construídas na relação entre uma proposição e uma recepção. Além desse fator, Chartier (1999) acrescenta dois outros ingredientes: o público e sua apropriação da leitura, a obra com seus vínculos e práticas sociais.

No que se refere à relação estabelecida entre o público e a forma como ele se apropria da leitura, os sentidos atribuídos dependem não só das formas e dos motivos da escrita, mas das competências e expectativas criadas por diversos públicos que dela se apropriam. Já a relação da obra com seus vínculos e práticas sociais é muito mais complexa, uma vez que não são igualmente generalizadas entre todas as produções. Mesmo as que pertencem e estejam ancoradas nas mesmas práticas e instituições sociais, sua permanência não está associada à noção da universalidade do belo, ao contrário: “O essencial encontra-se em outra parte, nas relações complexas, sutis, móveis, enlaçadas às formas mesmas das obras (sejam elas simbólicas ou materiais) desigualmente abertas às apropriações, aos costumes e inquietações dos seus diferentes públicos” (CHARTIER, 1999, p.09-10).

Sendo assim, outro desdobramento repercute sobre a função-autor, ou seja, ela não se forma da vontade espontânea de um discurso a um indivíduo. Segundo Foucault (2001),

[...] o que no indivíduo é designado como autor (ou o que faz de um indivíduo um autor) é apenas a projeção, em termos sempre mais ou menos psicologizantes, do tratamento que se dá aos textos, das aproximações que se operam, dos traços que se estabelecem como pertinentes, das continuidades que se admitem ou das exclusões que se praticam. Todas essas operações variam de acordo com as épocas e os tipos de discurso (FOUCAULT, 2001, p.276-277).

Nesse sentido, a operação para a concepção do que se constituiu nas retomadas histórico-literárias de Pereira da Silva acabou por ser considerado apenas o que remete à sua produção em livros, definindo-o, portanto, como simplesmente um poeta, já que seus sete livros publicados em vida são todos de poemas. Sua produção narrativa, como os contos e crônicas encontrados nos jornais pesquisados, assim como seus textos críticos acabaram ficando à margem dos estudos referentes a esse autor. Tal postura é oriunda de uma concepção que vai ao encontro da própria história do livro que “[...] separa o estudo das condições técnicas e materiais de produção ou de difusão dos objetos impressos e a dos textos que eles transmitem, considerados como entidades cujas diferentes formas não alteram a estabilidade linguística e semântica” (CHARTIER, 2002, p.62). Dessa forma, acabou-se por deixar no anonimato autores e obras que circularam em outros suportes, como os jornais.

A causa dessa separação, segundo Chartier (2002), é resultado da oposição de duas concepções em torno da escrita: a pureza da ideia e sua corrupção pela matéria. Essa oposição traz como consequência a noção de que o fato de um texto possuir uma propriedade autoral faz dele um sistema idêntico independente do suporte que o faz ler e de suas formas particulares e sucessivas. No entanto, é preciso verificar que

[...] não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge seu leitor. Daí a distinção necessária entre dois conjuntos de dispositivos: os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras (CHARTIER, 1999, p.17).

No suporte livro, as escolhas do que publicar, do que aproveitar entre seus poemas e contos já escritos para os jornais e, por conseguinte, para a construção do nome do autor, conduz à necessidade de uma coerência estilística, de explorar o que para aquele momento histórico dar-lhe-ia certo nível constante de valor. Desse modo, excluir poemas, contos etc., e manter outros na imprensa livresca é a tentativa da manutenção de um nome que lhe daria

repercussão, o que de fato aconteceu, uma vez que por mais de quarenta anos Pereira da Silva alcançou prestígio por certa imprensa periódica e seus leitores, o que lhe rendeu uma cadeira entre os imortais da Academia Brasileira de Letras. É nessa perspectiva de como funciona a caracterização de um modo de ser do discurso e das formas de apropriação da leitura que passamos a analisar como alguns livros de poesia de Pereira da Silva foram recebidos pela imprensa periódica entre os anos de 1903 a 1940, mais especificamente, datas essas que coincidem com a publicação de seu primeiro e último livros editados em vida.

As discussões apresentadas por Foucault (2001) assim com os aspectos abordados por Chartier (1999) podem ser associados ao que analisamos acerca dos modos de tratamento dados aos poemas produzidos por Pereira da Silva, quer sejam as aproximações estabelecidas ou as continuidades admitidas, quanto às exclusões praticadas, relacionando o escritor a uma tradição literária, a um modo de dizer de épocas e discursos que se vão construindo em torno de seu nome e de sua obra. Com base em tudo o que foi discutido, ao analisar os livros de poesia de Pereira da Silva a partir do que nos é dado a ler nos jornais, busca-se levar em conta as materialidades.

### **2.5.1 Vae Soli!– o primeiro livro de poesias**

A primeira publicação em livro de Pereira da Silva, estando o poeta com 27 anos de idade, dá-se em 1903, com *Vae Soli!* pela editora Imprensa Paranaense. O livro é dedicado ao também poeta simbolista, o paranaense Dálio Velloso, preconizando as ligações estéticas a que Pereira da Silva se filia, refletindo, segundo afirma Barbosa Filho (2014, B7): “[...] o espírito programático do Simbolismo, com todos os elementos estilísticos e temáticos que lhe caracterizam o tom e a perspectiva, [...].”

Apesar de ser uma obra de estreia cujo autor já ocupava um lugar considerável na imprensa carioca, colaborando para os jornais cariocas *Cidade do Rio*, *Rua do Ouvidor*, *Jornal do Comércio* como também na imprensa paranaense dirigindo a revista literária *Palladium*, pouca repercussão nesta mesma imprensa foi encontrada durante nossas pesquisas, no que se refere a artigos e anúncios de divulgação na época do lançamento de *Vae Soli!*, salvo o comentário crítico feito por J. dos Santos, pseudônimo de Medeiros e Albuquerque, no jornal *A Notícia* (1903), para o qual Pereira da Silva também colaborava desde o ano de 1900.

Em seção intitulada “Crônica Literária”, o assinante da coluna, J. dos Santos, dedica à análise de dois livros, *Astros Mortos*, de Saturnino Meirelles, e *Vae Soli!*, de Pereira da

Silva, ambos poetas simbolistas, seguidores de Cruz e Sousa. Analisar livros simbolistas e sobre o Simbolismo não é algo novo na imprensa carioca de finais do século XIX para início do século XX, pois Medeiros e Albuquerque, desde 1899, já vinha publicando artigos a respeito de obras relacionadas a essa estética nas seções de *A Notícia*. Suas apreciações, bem mais depreciativas que positivas, podem ser observadas na crítica dirigida aos autores mencionados, apesar de, segundo Araripe Jr. (1894), ter sido Medeiros e Albuquerque quem primeiramente se preocupou em trazer a estética simbolista para o Brasil por meio de revistas e livros dos simbolistas franceses, com as quais teve contato em Paris. No entanto, seu posicionamento não segue um princípio apaixonado e idealizado desta corrente estética, ao contrário o que está em destaque em suas críticas depreciativas ou enaltecedoras é a obra em si e, principalmente, seu autor.

A apreciação que J. dos Santos faz do livro de Saturnino Meireles é depreciativa: “Os *Astros Mortos* do Sr. Saturnino Meirelles são na sua indigência de ideias a fina flor do *cruz-e-sousismo*. Não valem nada, nada, nada... E o volume é, no entanto, um mimo de tipografia” (*A Notícia*. Rio de Janeiro, 21/22 de outubro de 1903. Ano X. n. 254, p.03), ou seja, uma publicação não por merecimento, mas por prestígio concedidos.

Inicia lembrando que o livro *Os Astros Mortos*, de Saturnino de Meirelles, está dedicado a Cruz e Sousa, o que se esperaria, segundo ele, que o poeta estivesse à sua altura, mas, ao contrário, percebe-se uma visão negativa do autor a respeito da corrente simbolista, quando diz, de forma muito irônica que:

O livro de Saturnino Meirelles está dedicado <<ao grande mestre e divino amigo Cruz e Souza>>. Nessas condições, o elogio que lhe será mais grato é o de dizer-se que o discípulo é digno do mestre. Realmente, como produto da escola – se há realmente uma escola *Cruz-e Souzista* – é uma obra acabada. Mas para o grande público, que, quando lê versos procura neles achar não só palavras como ideias, é um mero desolador de vaidade. Não tem dentro de suas páginas coisa nenhuma (*A Notícia*. Rio de Janeiro, 21/22 de outubro de 1903. Ano X. n. 254, p.03).

Diferentemente da crítica negativa aos versos de Saturnino Meirelles, o mesmo não se diz de *Vae Soli!*, de Pereira da Silva, uma vez que J. dos Santos afirma haver nele merecimento. Contudo, esses elogios não apagam as críticas feitas à estética simbolista, quando o crítico afirma possuir os versos de Pereira da Silva algumas

[...] fúteis modas literárias, que fazem abusar das alusões a *Santas*, a *Virgem das Dores*, a *Sete Espadas*... É difícil compreender que, no nosso tempo, se ache poesia em aludir a antigas, tolas e desacreditadas superstições, como a valor cabalístico do número 7, o maior presságio das sextas-feiras e dos dias 13... Mas cada um é da sua época, da sua geração (*A Notícia*. Rio de Janeiro, 21/22 de outubro de 1903. Ano X. n. 254, p.03).

Apesar de afirmar que Pereira da Silva tem “merecimento real”, que tem “produções muito boas”, o autor tece comentários negativos a respeito do estilo, da forma dos versos, da pobreza vocabular nas rimas etc., mas, ao mesmo tempo, suaviza essas críticas, justificando-as “Mas cada um é da sua época, da sua geração”, ou “o Sr. Pereira da Silva tem produções muito boas: *O olhar da Morte*, *Máxima Culpa*, *Dolorosa*, podem, além de outras, ser citadas com elogio. E, creio eu, o caso do seguinte soneto intitulado *Núpcias sombrias*”. Nota-se que a crítica a Saturnino Meirelles é mais direta e agressiva, ao contrário do que ocorre a Pereira da Silva, havendo, assim, certa simpatia do crítico a respeito do livro deste autor, ao elogiá-lo as produções, ao contrário do de Saturnino Meirelles a quem apenas deprecia, com uma crítica feroz.

As razões de suas críticas não teriam relação apenas com o valor estético dos versos dos autores mencionados, mas com as próprias ligações e lugares que cada um deles possuía em sua época. Pereira da Silva é colega de jornal de Medeiros e Albuquerque, ambos colaboraram para *A Notícia*, o que se tornaria uma razão suficientemente compreensível para que ele não atacasse tão incisivamente os versos de seu colega de profissão. Ao contrário, Saturnino de Meirelles, que pertenceu ao grupo de amigos de Cruz e Sousa, a este ligado por ligações pessoais, e um grande responsável pela luta na manutenção desse nome, a exemplo da revista *Rosa-Cruz*, dedicada a Cruz e Sousa, na qual assumiu uma postura de isolamento estético, não aceitando sequer colaboração alguma para sua revista, muito menos qualquer patrocinador ou investimentos financeiros que não pertencessem a seguidores e admiradores do Simbolismo. Esse isolamento talvez colocasse Saturnino de Meirelles numa posição de exclusão dos meios jornalísticos e atraísse para si críticas que sequer ele pudesse refutá-las, tendo em vista sua limitada atuação na imprensa periódica carioca. Pereira da Silva não segue esse princípio, ao mesmo tempo em que colabora para *A Notícia*, está nas equipes de outros periódicos publicando e divulgando suas poesias, contos e crônicas, apenas integrando-se ao grupo da revista *Rosa-Cruz* em 1904, um ano após a publicação de *Vae Soli!* (1903). Sua integração ao grupo em torno desta revista também não o afasta da atuação permanente nesta mesma imprensa.

Finalmente, sobre *Vae Soli!* (1903), as poucas referências a este livro, a que tivemos acesso em nossa pesquisa, limitam-se a citações como as pertencentes à lista de livros de Pereira da Silva. Diferentemente do que ocorre nas edições de seus outros títulos posteriores a este, não há sequer artigos críticos sobre *Vae Soli!* na sua edição, ao contrário, sua citação reaparece nas edições de outros livros do autor, como um livro de publicação esgotada.

Esse fatos nos levam a crer ter tido *Vae Soli!* pouca circulação e nenhuma re-edição para que pudesse ser retomado pela imprensa carioca e, por isso mesmo, ocupando apenas o lugar de composição do conjunto da obra do autor. A retomada histórico-literária de *Vae Soli!* (1903) só passa a ser feita por críticos literários, historiadores da literatura e pesquisadores do Simbolismo e da literatura paraibana muito *a posteriori*, a exemplo de Massaud Moisés (1966), Hildeberto Barbosa (2001; 2014), entre outros, sobre os quais abordaremos no último capítulo desta tese. A imprensa jornalística, portanto, na época em que Pereira da Silva atuava, segundo nossas pesquisas, pouco ou nada comentou sobre *Vae Soli!* (1903).

Na verdade, o livro que vai ser considerado a obra-prima de Pereira da Silva é sua próxima produção poética: *Solitudes* (1918). As razões, ao contrário de *Vae Soli!* (1903) são os artigos críticos, comentários, anúncios, citações e referências a ele dedicados, demonstrando ter sido este livro aquele que vem consagrar Pereira da Silva como poeta e merecedor dos elogios e repercussões na imprensa periódica. Além disso, ao contrário do que ocorre com as edições de seus outros livros, *Vae Soli!* (1903) não possui nenhum prefácio ou publicação de qualquer artigo crítico para legitimar o autor, apenas a dedicatória a Dálio Velloso, poeta simbolista do Paraná. Esses dados confirmam que a luta pela inserção na imprensa livresca, assim como na imprensa periódica, possui mecanismos que ultrapassam valores estéticos e correspondem “[...] a um mundo à parte, sujeito às suas próprias leis” (BOURDIEU, 1996, p. 64).

## **2.5.2 De Solitudes a Holocausto**

Após aproximadamente quatorze anos da publicação de *Vae Soli!*, Pereira da Silva lança outro livro, *Solitudes* (1918), pela editora Jacinto Ribeiro, seguido de *Beatitudes* (1919), *Holocausto* (1921), *O pó das sandálias* (1923), *Senhora da melancolia* (1928) e *Alta noite* (1940). A maior parte de suas produções ocorre justamente num período de dez anos, em que muitas publicações de revistas literárias com enfoque na poesia, como a *Klaxon* (1922-1923), *Revista da Antropofagia* (1928-1929), *Revista Pau Brasil* (1924-1925), entre outras, principais veículos de divulgação das ideias do modernismo paulista, seus autores e suas

poesias. Delas configuraram nomes como Menotti del Picchia (1892-1988) publicando livros de poesia como *Máscara* (1920) e *A Angústia de D. João* (1922); Oswald de Andrade (1890-1954) com seu livro *Pau-Brasil* (1927); Manuel Bandeira (1886-1968) publica *Carnaval* (1919), e *O ritmo dissoluto* (1924); Cecília Meireles (1901-1964) com *Espectro* (1919), *Nunca mais...* (1923), *Baladas para El-Rei* (1925) entre outros, estando todos eles ainda inscritos no cânone nacional. No entanto, o nome de Pereira da Silva não encontrou lugar nesse cenário que se consolidava, as revistas citadas não divulgam suas publicações, ao contrário, seus livros são recebidos especialmente pelos jornais cariocas que iremos apresentar – à exceção do periódico paulista *Correio Paulistano* (1854-1963) –, num período que antecede à Semana de 1922, entre os anos de 1917-1919; voltando a ser retomados a partir de 1930. Esses jornais cariocas guardam em si a preocupação em difundir a modernização pela qual o Rio de Janeiro passava. Desse modo, a produção poética de Pereira da Silva não se encontrava associada ao movimento paulista, o que nos leva a considerar esse fator um elemento importante para o apagamento posterior do autor.

A data da primeira edição de *Solitudes* guarda em si mesma uma peculiaridade: certa imprecisão temporal, uma vez que sua primeira edição consta do ano de 1918, impresso pela então editora Jacinto Ribeiro dos Santos, segundo a edição que possuímos em nosso acervo pessoal, como também a que se encontra na biblioteca do professor Humberto Fonseca de Lucena. Encontra-se essa data também indicada em todas as referências e notas bibliográficas dispersas tanto nas páginas dos jornais que analisamos quanto em livros pesquisados.

Nesta edição que possuímos não existe nenhuma referência ao fato de tratar-se de outra tiragem do livro ou de ser uma segunda edição. No entanto, em matéria de capa no jornal carioca *A Época* (1910-1919), tem-se um artigo de 1917 a respeito do lançamento do livro *Solitudes*, ou seja, um ano antes da data que consta em todas as demais referências.

Transcrevemos as palavras do artigo: “Ainda hoje, talvez, a conhecida casa editora Jacinto Ribeiro, entregue à venda das livrarias do Rio, o de há muito ansiosamente esperado, *Solitudes* – livro de versos de Pereira da Silva.”, conforme imagem abaixo, extraída da matéria de capa do jornal, o que revela o prestígio e a notoriedade atribuídos ao autor no espaço deste periódico.

Figura 12 Matéria de capa sobre o livro *Solitudes*, de Pereira da Silva em A Época (1917)



Fonte: A Época. Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1917. Ano VI, n. 1.982, p.01.

(Ver transcrição na página 235)

A notícia do lançamento de *Solitudes* consta em matéria de capa do jornal *A Época*, com o qual colaboraram também nomes como os de Sílvio Romero, Coelho Neto e Augusto dos Anjos, o que revela o destaque dado à literatura. Estar neste jornal, também, representava filiar-se a uma imprensa apartidária, avessa à guerra, cujos editores autodenominavam-se católicos, apartidários e defensores de “um exército e uma marinha eficientes, isto é disciplinados”, os quais seriam responsáveis por uma ordem nacional, conforme anuncia o editorial de seu primeiro número (*A Época*, RJ, 31 de julho de 1912, p.01). *A Época*, ainda neste editorial, apresenta-se como um jornal contrário a um jornalismo que valorizava noticiários policiais, notas sobre órgãos públicos e bajulações a figuras da alta sociedade, apesar de não fugir totalmente a esse modelo, o que explica a matéria de capa sobre o lançamento do livro de Pereira da Silva.

Ainda em referência ao livro *Solitudes*, no dia seguinte à notícia de *A Época* acima citada, o mesmo jornal publica a respeito de um jantar oferecido pelo Dr. Augusto Ramos – “cientista brasileiro e de dobrado valor literário, servido por uma vasta cultura” –, a Pereira da Silva em virtude da publicação de seu livro. Estavam presentes ao jantar redatores, diretores e secretários de jornais como *A Notícias* e o *Jornal do Comércio*, além de figuras políticas. A notícia deixa claro que o livro *Solitudes*, noticiado pelo jornal, foi impresso pela gráfica do *Jornal do Comércio*: “[...] *Jornal do Comércio*, onde foi carinhosamente impresso o *Solitudes*” (*A Época*. Rio de Janeiro, domingo, 16 de dezembro de 1917. Ano VI, n. 1983, p. 04). O mesmo ocorre em a *Gazeta de Notícias* que, em 14 e 16 de dezembro do mesmo ano como também em 20 de janeiro de 1918, publica artigos sobre o lançamento de *Solitudes*, em matéria constando em sua segunda página em torno de notícias policiais, de política nacional e estrangeira, demonstrando a visibilidade que o jornal pretendia conceder à publicação de livro de Pereira da Silva.

Acrescenta-se às notícias acerca do lançamento do livro *Solitudes* em dezembro de 1917 o anúncio publicado pelo jornal *O Imparcial*, em que se anuncia o lançamento do livro que já foi para o prelo em março deste ano, evidenciando a expectativa gerada em torno de sua publicação. Nesta nota, incluída na seção “Registros Literários”, evidencia-se a notoriedade do poeta:

Pereira da Silva é, entre os novos poetas brasileiros, um dos mais perfeitos e profundos. O seu verso, permanentemente correto e sonoro, é sempre portador de uma ideia original, e ordinariamente, soturna. [...] E é dessa feição literária, toda sua, que se originou o título do seu próximo livro de versos, já entregue aos prelos, com o nome grave, triste e significativo de *Solitudes* (*O Imparcial*, 19 de março de 1917, p.02).

Essas notícias preocupam, portanto, todas as informações acerca da publicação deste livro reveladas por autores que se debruçaram sobre o poeta: a data da primeira edição de *Solitudes* pode ser, de fato, o ano de 1917. Após esclarecimento acerca da data do livro acima citado, deparamo-nos com outro dado quando de posse do livro *Solitudes*, datado de 1918, ou seja, um artigo assinado por Agripino Grieco a respeito de *Beatitudes*, terceiro livro publicado por Pereira da Silva. Contudo, este livro, segundo consta nas mesmas fontes que listam as publicações poéticas do autor, data de 1919. Se *Beatitudes* fora publicado em 1919, como estaria um artigo sobre este livro constando numa publicação datada de 1918? Esses dados nos levam concluir que o livro que possuímos em nosso acervo pode ser considerado uma publicação posterior a *Beatitudes* ou Agripino Grieco teria lido o seu manuscrito para escrever

o artigo. Independentemente das razões pelas quais o artigo sobre *Beatitudes* (1919) conste na publicação do livro *Solitudes* (1918), podemos considerar que, além de *Solitudes* ter tido outra edição por editora diferente, outras tiragens pela mesma editora Livraria Jacinto Ribeiro também existiram, sem que houvesse o cuidado de registrar as datas dessas outras edições. Essa última hipótese se confirma porque o livro que o professor Humberto Fonseca de Lucena possui em sua biblioteca particular não é o mesmo que consta em nosso acervo bibliográfico, pois naquele não possui o estudo de Agripino Grieco nem a mesma capa e contra-capa, mas apenas a data e a tipografia são as mesmas. O fato é que partimos da hipótese de que há três edições diferentes para o mesmo livro: a impressa pelo *Jornal do Comércio*, a que consta na biblioteca do professor Humberto Fonseca de Lucena e a que possuímos. À exceção da primeira, à qual não tivemos acesso, as duas últimas, apesar de possuírem a mesma data de edição, são publicações distintas. Esse fato pode ser explicado devido ao próprio processo de publicação dos textos que, segundo Chartier (2002, p.64), “[...] implica sempre uma pluraridade de espaços, de técnicas, de máquinas e de indivíduos.”, havendo, portanto, a necessidade de o historiador ficar atento para as decisões e intervenções que deram aos textos impressos suas diferentes formas materiais. Essas três publicações já apontam para o fato de ter tido *Solitudes* sucesso perante o público, conforme se posicionaram autores como Agripino Grieco, Andrade Muricy, entre outros, sobre os quais abordaremos posteriormente.

Retomando a recepção de *Solitudes* pelos jornais, podemos considerar o diário *A Época* como o primeiro a apresentar aos leitores este livro de Pereira da Silva. Em coluna intitulada “Livros Novos”, o livro *Solitudes* recebe referência juntamente com a publicação do romance de Théo-Filho (1891-1925) e Robert de Bedarieux. A nota elogia ambas as publicações, tanto a em versos quanto a em prosa, afirmando que “o ano terminou, em versos, com o livro *Solitudes*, de Pereira da Silva, e, em prosa, com um romance destinado a um grande sucesso de livraria, [...]” (*A Época*. Rio de Janeiro, quarta-feira, 26 de dezembro de 1917. Ano VI, n. 1994, p. 02), aproxima Pereira da Silva de um escritor popular como Théo-Filho, com quem mais tarde se une na direção do jornal *O Mundo Literário*.

As referências a *Solitudes* não param. O mês de dezembro de 1917 termina com a transcrição de uma crítica, publicada “nas colunas de honra do *Correio Paulistano*” por Hermes Fontes<sup>19</sup>. Adjetivar a coluna como “de honra” diz respeito ao fato de Hermes Fontes

---

<sup>19</sup> Hermes Fontes (Hermes Floro Bartolomeu Martins de Araújo Fontes), poeta, jornalista, crítico literário, professor nasceu na cidade de Boquim (SE), em 28 de agosto de 1888, morre em 25 de dezembro de 1930, no Rio de Janeiro. Colaborou para os principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo: O Fluminense, de Niterói; Correio da Manhã; Fon – Fon, Careta, O País, O Malho, Kosmos. Fundador da Academia Sergipana de Letras. Entre os livros publicados, estão Apoteoses (1908), Gêneses (1913), O Mundo em Chamas, livro didático

ter sido um colaborador deste periódico que, durante o ano de 1917, único período que consultamos, assinou uma coluna fixa na primeira página do jornal, na qual discorre, principalmente, sobre livros e autores de poesia de filiação simbolista. A coluna referida é transcrita por *A Época* em 31 de dezembro de 1917 encontra-se publicada no *Correio Paulistano* em 28 de dezembro deste ano, sob o título “Duas almas”, uma vez que Hermes Fontes discorre sobre *Solitudes* (1917), de Pereira da Silva, e *Um sorriso para tudo* (1915), de Álvaro Moreira (1888-1964), este em sua segunda edição. Indicar que o livro de Pereira da Silva foi recebido pelo jornal *Correio Paulistano* (1854-1963) revela que o vínculo e as ligações que o poeta possuía ultrapassavam a imprensa carioca, uma “crítica-amiga” que tenta divulgar as produções simbolistas no cenário paulistano. Segundo Thalassa (2007), O *Correio Paulistano* nasceu republicano e abolicionista, seguindo uma postura ora liberal ora conservadora, representando em finais da década de 1910 os ideais do Partido Republicano Paulista. Desse modo, o jornal *Correio Paulistano* encontra-se em consonância com os princípios dos jornais cariocas nos quais Pereira da Silva encontra espaço.

Além disso, Hermes Fontes é um poeta associado ao Simbolismo, reforçando o caráter corporativista da crítica produzida nos jornais também “amigos”. Em seu comentário crítico, numa humildade retórica, inicia definindo e refletindo a respeito de seu lugar como crítico, que muitas vezes lê páginas, crônicas, ensaios, capítulos com a responsabilidade de “transformar periquitos em condores e piratas autênticos em Jasões epopeicos, descobridores do Tosão...”

Eu mesmo – ai de mim! – trago às costas um surrão de remorsos e arrependimentos; nem sei até como certas exagerações de julgamento, quase sempre benévolos, ainda me fizeram corcunda, ao peso de certas afirmações, que, sem mais longo exame, tenho atirado estouivamente, no afan inocente de transformar periquitos em condores e piratas autênticos em Jasões epopeicos, descobridores do Tosão... (*A Época*. Rio de Janeiro, segunda-feira, 31 de dezembro de 1917. Ano VI, n. 1998, p.02).

O crítico Hermes Fontes faz uma autoanálise de seu papel: a falibilidade da crítica. Antes de apresentar seu objeto de análise, volta-se para justificar suas limitações que vão desde a apresentação ao público de nomes “nobres, capazes de coisas sérias e duradoras”, ao revestimento de honras a quem não as merece, ou seja, “criaturas ocas e levianas, sem amor à beleza, sem amor às letras, sem amor a nada”, cujo único interesse é promover-se a qualquer

---

(1914), *Juízo Efêmero*, livro de crítica, (1916). (adaptação dos dados biográficos de Hermes Fontes disponíveis em <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=31024> Acesso em 26 de agosto de 2015).

custo. Entre os artifícios para dar-se visibilidade, Hermes Fontes se coloca como um instrumento ambíguo nesse processo, porque acaba deixando-se levar pelas “condescendências de meio, atuações de camaradagem” e trair-se pelo seu temperamento volátil que facilmente se entusiasma e se decepciona.

Após tecer suas reflexões, tudo o que disserta até o momento nada mais é do que um recurso retórico para garantir a condescendência do leitor à sua crítica, algo comum nesse gênero jornalístico, considera o autor e o livro a que se propõe analisar pertencente, de fato, a esses nomes nobres, capazes de coisas sérias e duradouras. Agora, sim, o crítico elogia Pereira da Silva, afirmando ser ele um verdadeiro poeta, cujo encontro não se deu em ambientes nobres e elegantes ou de camaradagem, mas nas páginas de seu livro, repetindo um discurso elogioso que outros escritores já tinham afirmado sobre o poeta, quando em sua entrada na ABL, isto é, o fato de que Pereira da Silva ter alcançado um lugar entre os imortais pelo mérito de seus versos.

Hermes Fontes, ao analisar *Solitudes* (1918), considera supérfluo referir-se ao seu encantamento, pois, apesar das duzentas páginas de poesia, “num mesmo dia, numa mesma tarde,” apropriou-se de lê-lo e relê-lo, demonstrando o quanto seus versos o contagiaram. O encantamento é consequência não só da leitura, mas “das qualidades de simpatia e nobreza que a gente descobre em si mesma, ao admirar, querer e amar a obra de outrem o se enternecer pela sua bondade e pela sua dor.” Os elogios são dirigidos ao próprio poeta: um poeta doloroso e profundo, o Antero de Quental dos trópicos.

É possível que a Pereira da Silva falte muita coisa para ser um Antero de Quental. Mas não é menos possível que a Antero de Quental, para ser um Pereira da Silva, teria faltado, em seu tempo, a ternura de exprimir e a ingenuidade graciosa de chorar. Porque, em Antero de Quental, a tristeza é profunda e trágica. Em Pereira da Silva, é profunda e ingênua, que dizer, é graciosa e amável. [...] Pereira da Silva é, destarte, um Antero quiçá menor, mas independente nos processos de idealização e composição e rico de variedade, renovando-se em cada nova dor, fazendo, assim, de uma única Mágica permanente, uma encantadora variedade de mágicas, que parecem sempre novas e ditadas por diferentes estados de angústia (*A Época*. Rio de Janeiro, segunda-feira, 31 de dezembro de 1917. Ano VI, n. 1998, p.02).

Após tecer todos os elogios inflamados ao poeta, Hermes Fontes dirige-se ao leitor questionando-se se no futuro irá arrepender-se e reconhecer o exagero de seus julgamentos. No entanto, não considera isso possível, porque sempre que abrir o livro *Solitudes*, este falará por si só. Esse elogio do autor revela que o envio e recebimento de livros não eram apenas

uma troca de lembranças ou presentes entre amigos, mas principalmente “[...] configuravam uma sociedade literária em que a opinião de um, publicada no jornal ou revista *a posteriori*, funcionava como suporte, apoio ou propaganda do escrito do outro” (SILVA, 2015b, p.162). Desse modo, a “crítica-amiga” não só revelava a amizade como promovia uma existência de grupos de intelectuais prestigiados pela crítica deles mesmos. Essa “crítica-amiga”, no entanto, não coloca Pereira da Silva e o grupo de intelectuais de seu tempo ao qual ele se encontra inserido numa posição inferior nem desmerece sua produção literária. Esse movimento é próprio de uma instância de circulação da literatura que elevou autores como Machado de Assis a ingressar-se na lista dos autores canônicos.

Além das notas publicadas no jornal *Gazeta de Notícias*, em dezembro de 1917, este periódico de grande prestígio em seu tempo publica uma resenha crítica intitulada “À margem de *Solitudes*: o poeta Pereira da Silva e sua poesia”. Numa análise detalhada do livro e do homem Pereira da Silva, Rodolpho, o autor da crítica, tece comentários elogiosos ao estilo e à postura do poeta, transcrevendo os versos que compõem *Solitudes*, numa apreciação bastante positiva a respeito de suas construções estruturais e temáticas, dando especial destaque à tristeza, à dor, à melancolia e à espiritualidade como traços marcantes de sua poética.

A repercussão positiva de *Solitudes* é cultuada por seus pares, vê-se também presente em várias outras notícias, como ocorre no jornal *O Imparcial* (1917) e *A Noite* (1918), nas seções intituladas “Novos poetas” e “Livros Novos”, respectivamente, nas quais o nome de Pereira da Silva integra a lista de anúncios dos livros divulgados, constando, inclusive, seus respectivos valores monetários em *A Noite* (1918), o que revela estar Pereira da Silva inserido em um grupo sempre aliado ao movimento simbolista.

Em *O Imparcial*, um fato merece atenção: a seção “Novos poetas”, assinada por João Ribeiro em 1917, o que reforça a edição de *Solitudes* ser datada deste ano, traz como subtítulo “As *Solitudes* de Pereira da Silva; e outros livros...”. Como nesta seção lista-se o nome de vários autores, o seu subtítulo confere destaque ao poeta e a seu livro recém-publicado, reforçando, mais uma vez, o quanto esta publicação era esperada e reconhecida por certa imprensa. A estrutura da apresentação dos novos poetas segue como uma oração, em que cada poeta é citado uma conta de um terço, uma vez que, para o assinante da seção, “Os poetas do dia a dia produzem-me a impressão mística e religiosa de um enorme e florido rosário”, a quem se cumpre, portanto, rezar o terço “como devoto profissional da poesia”. Pereira da Silva representa o Pai-Nosso, citado como o maior dos volumes listados, pelo jornal *O Imparcial*, o qual se transcreve abaixo:

Sinto agora nos dedos um volume maior. Não posso entregá-lo. Será um Padre-nosso. Não há dúvida. É o cântico forte das *Solitudes* de Pereira da Silva. O autor de *Vae Soli* é a mesma alma da solidão e da saudade, ensimesmada e recolhida como essas flores irmãs das estrelas, que se fecham à luz do sol e só se derramam à sombra, no mistério das noites. Simples, modesto, puro, inimitável, este grande poeta é certamente u dos maiores do seu tempo (RIBEIRO, 1917, p.11).

Ou ainda, sendo este livro indicado como um grande sucesso de público, “[...] Publicou depois as *Beatitudes* (1919) – a continuidade emocional da *Solitudes* – conquistando o mesmo sucesso e o mesmo apreço do grande público e da crítica patrícia” (*A Noite Ilustrada*. Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1944. Ano XIII, n. 777. p.15), sendo, ainda, referenciado como “o sacerdote da poesia”, a exemplo da imagem a seguir:

**Figura 13 Pereira da Silva: sacerdote da poesia, artigo publicado em A Noite (1944)**



Fonte: *A Noite Ilustrada*. Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1944. Ano XIII, n. 777, p.15.  
(Ver transcrição na página 242)

Os livros de Pereira da Silva também são recebidos pela imprensa paraibana, pelas mãos de seus amigos Synésio Guimarães Sobrinho e Carlos Dias Fernandes. É o caso de *Holocausto* (1921) e *Senhora da Melancolia* (1928) que recebem dois artigos elogiosos nos

periódicos *Era Nova* (1921) e *A União* (1928), respectivamente. Sobre *Holocausto* (1921), o artigo intitulado “Missionário da tristeza” é assinado por Synésio Guimarães Sobrinho, colaborador de *Era Nova*; enquanto que *Senhora da Melancolia* (1928), em artigo também intitulado “Senhora da Melancolia”, é assinado por Carlos Dias Fernandes, então diretor efetivo de *A União*, na seção “Autores e livros” deste jornal, sendo ambos, amigos e admiradores de Pereira da Silva e, no caso de Carlos Dias Fernandes, antigo companheiro nos jornais cariocas.

Apesar de Pereira da Silva não ter colaborado diretamente para os jornais paraibanos, nem mesmo ter voltado para a Paraíba depois que dela saiu ainda criança, suas ligações e posto ocupados na imprensa carioca são motivos suficientes para que estes autores deem-lhe destaque também na imprensa paraibana, uma vez que, conforme Guimarães Sobrinho (1921), pouco ou nada a Paraíba conhecia deste autor, como também o próprio autor desconhecia-lhe a origem, apesar de já conhecer-lhe os versos:

Pereira da Silva não é um desconhecido na poética nacional; na Paraíba, berço do atormentado vate, pouco se fala dos seus versos, de sua torturada musa, no entretanto, ele é o príncipe dos poetas paraibanos. A minha intimidade espiritual com Pereira da Silva data dos albores de minha mocidade; lera-lhe os versos, admirava-lhe a obra triste e pessimista, mas, ignorava-o filho da Paraíba (GUIMARÃES SOBRINHO, 1921, s/p).

**Figura 14 Sobre Holocausto, de PS, em Era Nova (1921)**



Fonte: *Era Nova*. 1º de dezembro de 1921. Disponível em:

<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/eranova1921.html>

(Ver transcrição na página 236)

O artigo acerca da recente publicação de *Holocausto* (1921) em *Era Nova* faz parte do programa desta revista: trata-se de um periódico de natureza literária. Ela circulou na Paraíba

entre os anos de 1921 e 1925, possuindo, em sua totalidade, 100 números, sendo uma publicação quinzenal. As páginas da revista não são numeradas e a quantidade em cada exemplar é irregular, assim como o tipo de letra, cor, estampas, localização do título, contendo também fotografias de pessoas da sociedade paraibana. No entanto, as seções “Notas sociais”, “Notas elegantes” e “Pelo Mundo dos Desportos” seguem uma uniformidade de apresentação, mas as colaborações são heterogêneas.

Em seu primeiro número, encontra-se o propósito da revista: contribuir para o desenvolvimento intelectual, com uma publicidade variada e interessante a diversos leitores, sem partidarismos e com muita motivação, o que justificaria, “a presença de colaboradores de várias tendências e de artigos de diferentes manifestações de atividades políticas, sociais, econômicas e culturais” (SILVA, 1980, p.15). Assim, a revista não se prende a uma determinada estética literária, mas volta-se para a divulgação da cultura e das letras paraibana e brasileira. Quanto às contribuições literárias feitas para a revista *Era Nova*, as colaborações são, na sua maioria de escritores paraibanos, mas há também as de escritores de vários estados do Brasil, assim como de estrangeiros, possuindo, também, transcrições de textos de Olavo Bilac, Augusto dos Anjos, Rui Barbosa, Gilberto Freyre, Olegário Mariano, Machado de Assis, Vicente de Carvalho, entre outros.

A revista *Era Nova* representou, portanto, para o cenário intelectual e cultural da Paraíba, um espaço de divulgação de ideias, de concepções artísticas, de autores e obras, além de servir como um meio de circulação da vida cultural paraibana e nacional. Há vários números dedicados à divulgação das festas centenárias das cidades paraibanas, das construções civis em suas cidades, do desenvolvimento do progresso, tudo isso mesclado a notícias sobre os acontecimentos sociais como os concursos de beleza.

Sobre o poeta, crítico e jornalista Pereira da Silva, a revista *Era Nova* traz tanto transcrições de poemas, anúncios e notas sobre suas obras, como textos críticos escritos por e sobre este autor paraibano. É o caso da carta transcrita que fora enviada a José Américo de Almeida, em virtude de sua leitura da novela “Reflexões de uma cabra”, deste autor, sobre a qual já retratamos anteriormente. Nesta revista, Pereira da Silva é comumente chamado de o “príncipe dos poetas paraibanos” (uma forma de identificar o autor e dar visibilidade ao Estado da Paraíba) e sua revista *O Mundo Literário* também é citada em diversos números, como a revelada no trecho a seguir, extraído da seção “Cartas”, em que o poeta Pereira da Silva anuncia, em uma epístola escrita à revista, que irá divulgá-la, por considerá-la uma obra de “justiça ao Brasil mental”:

Avante! Parabéns por ela. No próximo número 03 de “O Mundo Literário” lhe fará a referência merecida. Escusado declarar que esta revista é de todos os legítimos talentos de nossa terra. Impusemo-nos essa obra de justiça ao Brasil mental, até agora exclusivamente carioca (PEREIRA DA SILVA, 1922, s/p).

Ou, ainda, em comentário a respeito da revista *O Mundo Literário*, elogiando não só a revista, seu conteúdo, mas o próprio poeta Pereira da Silva, numa espécie de propaganda da disponibilidade para venda, pelos livreiros F. C. Batista & Irmãos, do segundo número da revista. No anúncio, espécie de propaganda, o editor ressalta as qualidades literárias e culturais da revista: o recorde de vendas do primeiro número, o reflexo de concepções estéticas sem restrições regionalistas e o fato de o periódico ser:

[...] puramente literário [...]. Por isso mesmo, merece ser lida e amparada por todos que se interessam pelas coisas do espírito, a brilhante revista de Pereira da Silva e Théo Filho. Recomendamos, portanto, aos nossos leitores o útil e interessante mensário (ERA NOVA, 1922, s/p).

No entanto, é importante ressaltar que esse intercâmbio entre as revistas não é algo próprio de *Era Nova*, mas uma marca peculiar ao jornalismo brasileiro, o que não poderia ser diferente entre nós:

Assim temos que os jornais da Paraíba recebiam jornais de Paris, sobre os quais comentavam e teciam considerações. Os jornais do Rio Grande do Sul e do Pará também foram enviados à Paraíba, que eram lidos pelos redatores que, ao mesmo tempo em que faziam circular essa leitura, enviavam seus jornais a outros lugares e às capitais (BARBOSA, 2011, p.11).

Acrescenta-se a esse intercâmbio, natural do jornalismo brasileiro, o fato de, no caso de *Era Nova* especificamente, tornar-se uma estratégia da revista paraibana em aliar-se ao nome Pereira da Silva, seu conterrâneo e uma voz na imprensa carioca, para se dar visibilidade e ampliar a circulação de sua revista. Há, portanto, uma troca de interesses, em que um encontra no outro a possibilidade de circulação de seus escritos.

Dessa forma, apesar da não participação direta de Pereira da Silva nos jornais paraibanos, ele é constantemente referido por *Era Nova* ou seus poemas e outros gêneros publicados a depender do interesse da edição. O mesmo ocorrendo com o jornal *A União*, cuja diferença para *Era Nova* é o fato daquele não ser um jornal propriamente literário, mas um porta-voz do governo paraibano. Ao mesmo tempo, o periódico *A União*, fundado em 1893, é

o jornal mais antigo que ainda circula na Paraíba, sendo um dos mais velhos do nordeste e, segundo Araújo (1986, p.255), “nascido em berço oficial”.

Por fim, é anunciada a publicação de seu último livro *Alta Noite* (1940) pela *Revista da Semana* (1940-1949) em duas matérias. A primeira matéria, intitulada “A POESIA NÃO DESAPARECEU DA TERRA”, na qual se coloca a fotografia de Pereira da Silva em seu gabinete, anunciando o tom respeitoso e consagrador atribuído a Pereira da Silva, o que se vê confirmado em passagens do texto, mas que entra em contraste com a disposição da página do jornal, ou seja, encontra-se em nota de rodapé, da página 35, em meio a notícias políticas e propagandas de remédios (figura 15). Nessa notícia, dá-se ao público a informação indiscreta, mas louvável, trazida por um acadêmico acerca da última sessão da Academia Brasileira de Letras, na qual o presidente Celso Vieira comunicou a visita feita a Pereira da Silva que se encontrara enfermo, trazendo desta o novo livro do autor. A nota é elogiosa: “[...] Pereira da Silva vem de fazer publicar *Alta Noite*, poemas de inspiração altíssima como apenas sabe hoje compor o mestre fiel de *Nossa Senhora da Melancolia*” (*Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1940. Ano XLI, n. 32, p.35).

Sugere-se, no final da notícia “A POESIA NÃO DESAPARECEU DA TERRA”, ser Pereira da Silva um representante sublime, distante das competições prosaicas a que se submetem os representantes da geração de Cruz e Sousa. Seu título, incluindo Pereira da Silva e seu livro como uma espécie de símbolo de uma poesia que não desapareceu, chama a atenção por representar um discurso em consonância com o período literário dos anos de 1940, ou seja, a retomada de uma tradição poética tão atacada pelos modernistas. Nas décadas de 1940 e 1950, infundem-se obras líricas que retomam as matrizes tradicionais no registro de linguagem, nas formas fixas e nos temas de conteúdo existencial, com as quais a publicação de Pereira da Silva concorre: as publicações de Mário Quintana, que estreia em 1940 com o livro de sonetos *A rua dos cataventos*; Murilo Mendes, que compõe entre 1946 e 1948 os *Sonetos brancos* e publica a *Contemplação de Ouro Preto* (1954); Carlos Drummond de Andrade com *Novos poemas* (1948), *Claro enigma* (1951), *Fazendeiro do ar* (1954) e *A vida passada a limpo* (1959) os quais José Guilherme Merquior (1975) denominou de “quarteto metafísico” da poesia drumonndiana.

Figura 15 Notícia sobre o livro *Alta Noite*, de PS em *A Semana* (1940)



Fonte: *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1940. Ano XLI, n. 32, p.35. Disponível em: [www.hemeroteca.br](http://www.hemeroteca.br) / Acesso: 07 jun, 2015.  
(Ver transcrição na página 240)

A segunda matéria, na seção “Livros Novos”, dedicada à divulgação de livros recém-publicados, *Alta Noite* é mais uma vez citado em tom elogioso, atribuindo ao conjunto de seus livros a consolidação de qualidade técnica e sentimental, já percebidas em *Solitudes* e *Beatitudes*, livros mencionados na introdução da matéria.

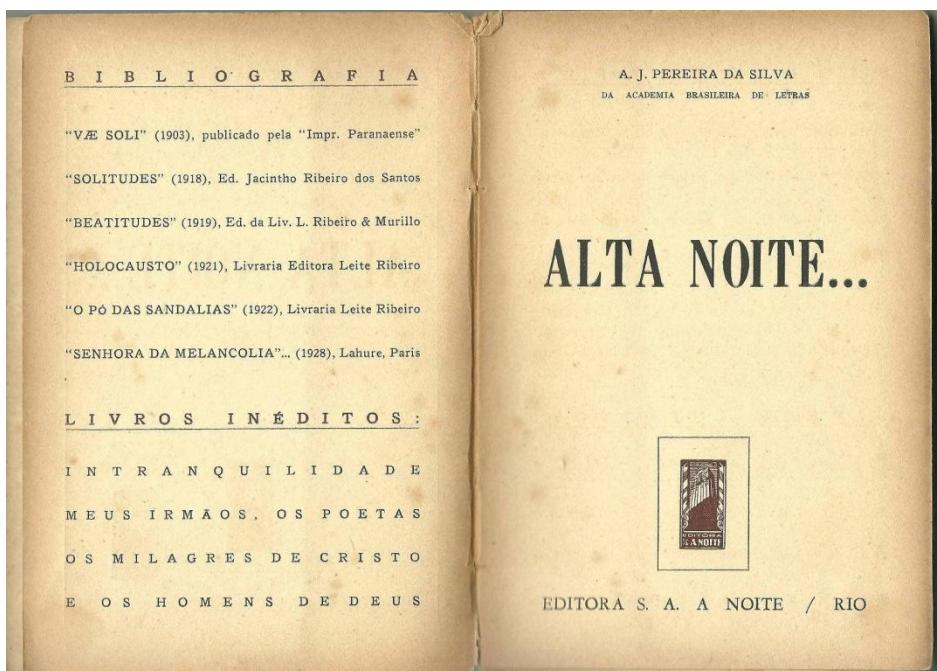
Pereira da Silva foi sempre uma alma vibrátil e carinhosa, marcando sua poesia sugestiva com um caráter inconfundível de misticismo e auto-psicologia. Os seus versos foram, em todas as etapas de sua obra, verdadeiras profissões de fé e quadros emocionais de sua vida. O perpassar dos anos jamais logrou modificar o temperamento do artista e o seu feito de emitir o pensamento. Pode-se dizer, sem medo de erro, que o poeta consolidou sua personalidade com o primeiro verso que escreveu (*Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1940. Ano XLI, n. 34, p.13).

Nos anos de 1940, afirmar estar Pereira da Silva fiel à sua filiação poética desde o primeiro verso que escreveu, configura-se um elogio dentro de uma corrente de literatos amigos que solidificava e até mesmo forjava o talento do outro, mal que não ocupou tanta repercussão fora dessa roda de intelectuais. A *posteriori*, esse discurso acaba por apagar o poeta. A literatura a que Antônio Cândido (2006, p.119), em seu ensaio crítico “Literatura e Cultura de 1900 a 1945”, chama de “permanência”, ou seja, aquela produção que “[...] conserva e elabora os traços desenvolvidos depois do Romantismo, sem dar origem a desenvolvimentos novos; e, o que é mais interessante, parece acomodar-se com prazer nesta

conservação” aponta para uma perspectiva da história da literatura que vê no modernismo o ponto de partida para ler a história a partir daquilo que forma o ideário de nação, um nacionalismo que diminui toda uma expressão anterior, retomando apenas aquelas que mantinham uma ligação com esse espírito moderno, preparando-o, vistos dentro de um processo evolucionista.

No livro *Alta Noite* (1940) que possuímos em nosso acervo pessoal, há a referência a três outros livros escritos por Pereira da Silva, indicados como inéditos, numa espécie de anúncio para o leitor das próximas publicações do poeta, mas nada encontramos, acreditando que ainda permanecem nessa condição, ou nunca existiram, consistindo apenas numa estratégia editorial para afirmar que o autor e a editora estão em plena produção. No entanto, sobre essas obras inéditas, Azevedo (1966), mais de vinte anos após a edição de *Alta Noite* (1940), afirma que essas obras ditas inéditas não conseguiram ser publicadas, pois seu filho, Hélio Pombo Pereira da Silva<sup>20</sup>, tímido como o pai, não conseguiu dar a público, o que nos aponta para a possibilidade de sua existência. Na lista desses livros encontram-se os títulos *Intraquilidade*, *Meus irmãos, os poetas*, *Os milagres de Cristo*, *E os homens de Deus*, conforme abaixo transcritos na figura 16.

**Figura 16 Livros inéditos de PS**



Fonte: SILVA, A. J. Pereira da. *Alta Noite*. Rio de Janeiro: A Noite, 1940.

<sup>20</sup> Hélio Pombo Pereira da Silva é fruto do casamento de Pereira da Silva com a filha de Rocha Pombo.

Por fim, em artigo publicado pelo jornal *A Batalha* sobre o livro *Senhora da melancolia* (1928), escrito por Pereira do Rio, percebe-se a exaltação à figura de Pereira da Silva, reclamando-o como aquele que merece ser estudado, interpretado, compreendido, princípios esses necessários para uma crítica que reproduz, exclui e escolhe nomes e obras para legitimar e consagrar a partir de discursos retomados ao longo do tempo:

Pereira da Silva é um poeta que devemos nos orgulhar. Orgulhar sim. Pela beleza, pela crispação de sonho pensante que ele deixa em legado à sua geração e à sua época de niilismos “snobs” e suicídios morais nos seres e nas almas. Reivindicamos o seu nome. A melhor maneira de o exaltarmos é compreender as suas produções, estudá-las, dissecá-las analiticamente, interpretativamente. Mas a crítica honesta quase não existe entre nós, pela incapacidade relativa em que a coloca a ausência de um sistema de educação. A miopia intelectual é a mais constante geradora do egoísmo (*A Batalha*. Rio de Janeiro, sábado, 17 de maio de 1930. Ano II, n. 126. p.02).

O jornal, na verdade, critica severamente as instâncias de consagração e manutenção do nome do autor. Ao citar o fato de o nome Pereira da Silva, para ser exaltado, ser necessário fazê-lo por meio do estudo, da análise interpretativa de sua poética, formas estas determinantes para a circulação do escrito literário como o conhecemos hoje e assim entendida por uma história literária que reproduz discursos mantidos pela cultura do livro, não indo às fontes desses mesmos discursos. Essa consciência revelada pelo jornal *A Batalha*, ao fazer menção a esses aspectos, seu discurso silenciado confirma-se ao longo do tempo.

A citação deixa para nós mais uma hipótese importante para o apagamento desse autor: um silenciamento causado pela ausência de estudos e análises interpretativas a respeito de sua obra que se vai apagando a partir da década de 1950, logo após a morte do autor. Somado a isso, os livros de Pereira da Silva permaneceram esgotados. A exceção da nossa hipótese de reedições de *Solitudes*, sobre os demais livros não há notícia de outras edições, de acordo com as nossas fontes. Nas publicações dos livros, como já abordamos em relação a *Vae Soli!*, algumas delas anunciam o esgotamento das demais. Os livros de Pereira da Silva têm suas últimas publicações encerradas na primeira metade do século XX, como confirmam Azevedo (1966), ao referir-se em sua antologia ao poeta Pereira da Silva,

O Brasil, infelizmente, ainda não procura conhecer bem seus autênticos poetas, e obras como as que já citei, e “Alta Noite”, seu último livro, publicado em 1940 e em cuja revisão cooperei – permanecem desconhecidas, porque esgotadas, ou nos desvãos poeirentos das estantes, enquanto a poesia chamada de “vanguarda” – a falsa poesia dos manipuladores de palavras – fabricada, em série, por “poetas” que o povo

não conhece nem lê porque não os entende – continua, nos livros luxuosos, intocável, incompreendida na sua trágica virgindade... (AZEVEDO, 1966, p.34).

Esse esgotamento, na concepção de Azevedo (1966), tem como uma de suas causas a transformação estética de um discurso que ora se impõe, cuja história literária vai tomando como ponto de partida para narrar seus eventos culturais. Nessa narração, a poesia de “vanguarda”, “incompreendida” e “intocável” toma o lugar de outras tantas poéticas que existiram, que alcançaram prestígio e consagração em seu tempo, mas que caíram no esquecimento, mas que foram suplantadas, colocadas no limbo.

A verdade é que seus livros mantiveram-se, realmente, nos porões das estantes, uma vez que suas edições encontram-se hoje disponíveis apenas em sebos do Rio de Janeiro, de São Paulo, principalmente, e do Rio Grande do Sul, conforme nossas buscas na *Estante Virtual*, um site da web destinado à venda de livros usados disponíveis em sebos de todo o país. Nas figuras 17 e 18, tem-se a lista dos oito títulos de Pereira da Silva encontrados neste site e um exemplo do livro *Senhora da Melancolia* disponível em um de seus sebos cadastrados.

**Figura 17 Títulos de Pereira da Silva disponíveis no site da Estante Virtual**

The screenshot shows the Estante Virtual website interface. At the top, there's a header with the site's logo, navigation links for 'CADASTRE-SE', 'COMO COMPRAR', 'ATENDIMENTO', and 'BLOG', and a user icon with '1.350 SEBOS E LIVREIROS'. Below the header, a search bar has 'Autor' set to 'A J Pereira da Silva' and a 'BUSCAR' button. To the right of the search bar are 'LOGIN' and a shopping cart icon with '0' items. On the left, there's a sidebar with filters for 'Refinar resultado', 'Tipo do livro' (Seminovos/usados (11)), 'Frete' (checkbox for 'Frete grátis'), 'Preço' (checkboxes for 'Até R\$ 30 (4)', 'Até R\$ 100 (10)', and 'Acima de R\$ 100 (1)'), 'Adicionado em', 'Ano de publicação' (link to 'mais antigos (11)'), and 'Vendedor' (checkbox for 'encontre em vendedores' and 'Do Arco da Vela (2)'). The main content area displays a list of 8 titles found, each with a small thumbnail, the title, author, price range ('de: R\$ 38,00 até: R\$ 80,00' for the first one), and a 'Ver livros' button. The titles listed are: 'Senhora da Melancolia' by A. J. Pereira da Silva, 'Alta Noite' by A. J. Pereira da Silva, 'Holocausto' by A. J. Pereira da Silva, and 'Beatitudes Dedicado' by A. J. Pereira da Silva.

Fonte: [www.estantevirtual.com.br/autor/a-j-pereira-da-silva](http://www.estantevirtual.com.br/autor/a-j-pereira-da-silva). Acesso 04 de set 2015.

**Figura 18 *Senhora da Melancolia*, de PS, disponível em sebos de São Paulo**

The screenshot shows a product listing on the Estante Virtual website. The book is titled 'Senhora da Melancolia...' by A.J. Pereira da Silva. It is described as a seminovo/usado book from Imprensa Lahure, published in 1928, with a weight of 550g. The book is listed at R\$ 38,00 plus shipping. The seller, 'Leia Virtual', is based in São Paulo, SP, with a 100% positive rating and 10 reviews in the last 3 months. The listing also includes links to other books by the same author and seller.

Fonte: [www.estantevirtual.com.br/livrarialeia/A-J-Pereira-da-Silva-Senhora-da-Melacolia-144621114](http://www.estantevirtual.com.br/livrarialeia/A-J-Pereira-da-Silva-Senhora-da-Melacolia-144621114).

Acesso em 04 set 2015.

Dos sete livros publicados em vida por Pereira da Silva, durante nossas últimas buscas encontramos cinco: *Solitudes* (1918), *Beatitudes* (1919)<sup>21</sup>, *Holocausto* (1921), *Senhora da Melancolia* (1928) e *Alta Noite* (1940). Nelas, um fato curioso chamou-nos a atenção: boa parte dos livros foi cadastrada nos sebos nos últimos cinco anos, a exemplo do que revela a figura 28. Seus livros, portanto, perpassaram gerações nas estantes particulares de seus donos. Já os demais livros, *Vae Soli!* (1903) e *O pó das sandálias* (1923), nós só tivemos acesso por estarem na biblioteca particular de Humberto Fonseca de Lucena, junto com os demais.

A ausência de reedições e sua consequente indisponibilidade nas livrarias tratam-se, portanto de fatores que também devem ser considerados, uma vez que a crítica e a história da literatura institucionalizada voltam-se para o que pode ser apropriado a partir da perspectiva da imprensa livresca. Na ausência de comunidades de leitores para esses livros esgotados, sua existência está na efemeridade própria dos jornais que também torna Pereira da Silva um

<sup>21</sup> No caso de *Beatitudes*, na descrição da edição disponível consta possuir uma “Bela dedicatória no anterrosto e outra no rosto. Exemplar com bela encadernação”, o que talvez revele não ser o sujeito que depositou o livro no sebo o dono do mesmo, devido ao caráter pessoal da dedicatória.

autor transitório, passageiro, esquecido nas páginas desses e de outros periódicos que não consultamos para nossas pesquisas.

Dessa forma, o que buscamos fazer aqui foi uma espécie de retomada histórica e literária do nome de um autor que obteve visibilidade por meio de uma instância de circulação e consagração da literatura de seu tempo, a fim de tornar conhecida uma história que foi apagada. Esse retorno, segundo Foucault (2001), faz parte do próprio jogo que caracteriza a instauração discursiva, faz parte do próprio discurso que não cessa de modificá-lo, o discurso nas modalidades de sua existência, ou seja,

[...] os modos de circulação, de valorização, de atribuição, de apropriação dos discursos que variam de acordo com cada cultura e se modificam no interior de cada uma; a maneira com que eles se articulam nas relações sociais se decifra de modo, parece-me, mais direto no jogo da função autor e em suas modificações do que nos temas ou nos conceitos que eles operam (FOUCAULT, 2001, p.286).

Assim, interessaram-nos esses modos, as apropriações variadas, o jogo da função autor e suas modificações de temas e conceitos operados. Apesar do acesso que Pereira da Silva teve aos principais jornais de sua época e que lhe deram visibilidade, retomando-o em momentos históricos diferentes, eles ainda não são capazes de nos trazer dados suficientes para afirmar ter ele alcançado consagração por essa instância, uma vez que suas produções e colaborações para os jornais pesquisados ocorreram de forma dispersa, sem que houvesse um espaço determinado, uma coluna assinada durante um tempo significativo, conforme ocorreu a Júlia Lopes (SILVA, 2015), a exceção do jornal *O Mundo Literário* (1921-1925), do qual foi diretor, durante toda a existência desse periódico, conforme iremos abordar no próximo capítulo.

Todas as análises deste capítulo apontam, a julgar pelos aspectos formais que nos são dados pelos jornais, que não se pode dizer que Pereira da Silva foi um autor consagrado pela imprensa jornalística de seu tempo, mas que ele estava inserido em certa imprensa, alcançando visibilidade literária por meio de considerações positivas dessa “crítica-amiga”, associada, no entanto, a uma corrente literária cuja voz não ecoava, não condizia mais com o espírito modernista que foi se impondo. Além disso, o pertencimento a esses grupos de intelectuais também como ele anônimos, envolvidos com uma imprensa que, por diversas razões históricas, manteve-se aliada a uma elite dominante de seu tempo, não foi capaz de manter o nome do autor legitimado e consagrado pelos discursos que a sucederam. Outras instâncias de consagração e manutenção do campo literário, cujas normas estão sujeitas a

regras próprias que vão variando de época para época, vão se impondo e se institucionalizando. Entre elas estão a crítica e o sistema de ensino já mencionados na citação acima, extraída do jornal *A Batalha* ao tecer considerações questionadoras a uma crítica que substitui um sistema de educação, porém incapaz, por sua opção intelectual. Seu apagamento pelas demais instâncias de consagração e legitimação dentre de um sistema literário vigente são fatores que aprofundaremos em nosso último capítulo.

### 3 PEREIRA DA SILVA: ENTRE A CRUZ E O MUNDO

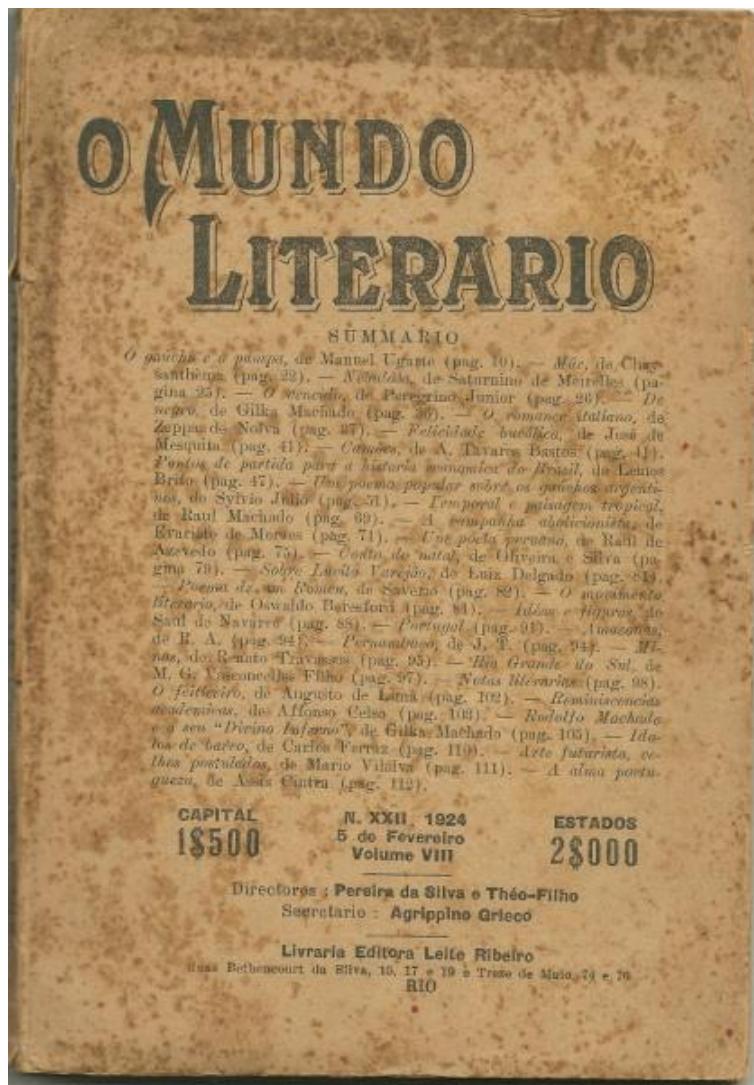
*A relação dos grupos literários com a imprensa comporta, ainda, outros aspectos. [...] Os movimentos de vanguarda souberam usar as revistas como instrumento de luta e as elegeram como veículo privilegiado para divulgar seus manifestos (DE LUCA, 2005, p.125).*

Inicialmente, para analisar o nome do autor Pereira da Silva, torna-se necessário partir de um pressuposto, discutido no capítulo anterior, de que o desenvolvimento dos jornais marcou a instauração de um novo modelo para o estado do campo literário, em que, segundo Bourdieu (1996), a produção literária passou a ser regida pela posição ocupada dentro do campo e instituída através de duas mediações: o mercado e as ligações duradouras. Os jornais, portanto, exercearam um grande papel na disseminação e na própria formação do cenário literário, mas que, segundo Barbosa (2007), esse suporte acabou sendo desconsiderado ao se tratar da vida literária nacional, cuja história reportou-se e ainda reporta-se unicamente às publicações em livros. As razões são diversas, entre elas Barbosa (2007), cita a perspectiva do jornal visto como um instrumento de controle social, principalmente de uma elite, como também a herança do Romantismo que buscava construir uma história nacional, numa perspectiva anacrônica, e, por fim, o valor estético.

No entanto, a importância dos periódicos ainda se dá justamente no fato de eles revelarem as influências do cotidiano na vida literária do século XIX e, por conseguinte, nas primeiras décadas do século XX, no qual nossa pesquisa centra-se, representando “[...] os modos de ver e dizer uma época [...]” (BARBOSA, 2007, p.24). É nesse sentido e por este motivo que escolhemos abordar, neste capítulo, na perspectiva de tornar conhecido este autor a partir do que nos é dado a ler nos jornais *Rosa Cruz* (1901-1904) e *O Mundo Literário* (1922-1925). Esses periódicos guardam entre si algumas semelhanças: são revistas especialmente literárias e trazem a presença marcante do poeta Pereira da Silva ora como colaborador assíduo, a exemplo de *Rosa Cruz*, ora na posição de diretor, como ocorre em *O Mundo Literário* (Figuras 20 e 21). Além disso, como revistas especializadas que obtiveram uma circulação significativa na primeira metade do século XX, acabaram por contribuir para a formação de grupos em torno de estéticas artístico-literárias. Acrescenta-se, ainda, o fato de que muitos autores que contribuíram para essas revistas, até mesmo com textos inéditos, mantêm-se consagrados pela historiografia literária atual, enquanto outros ficaram no

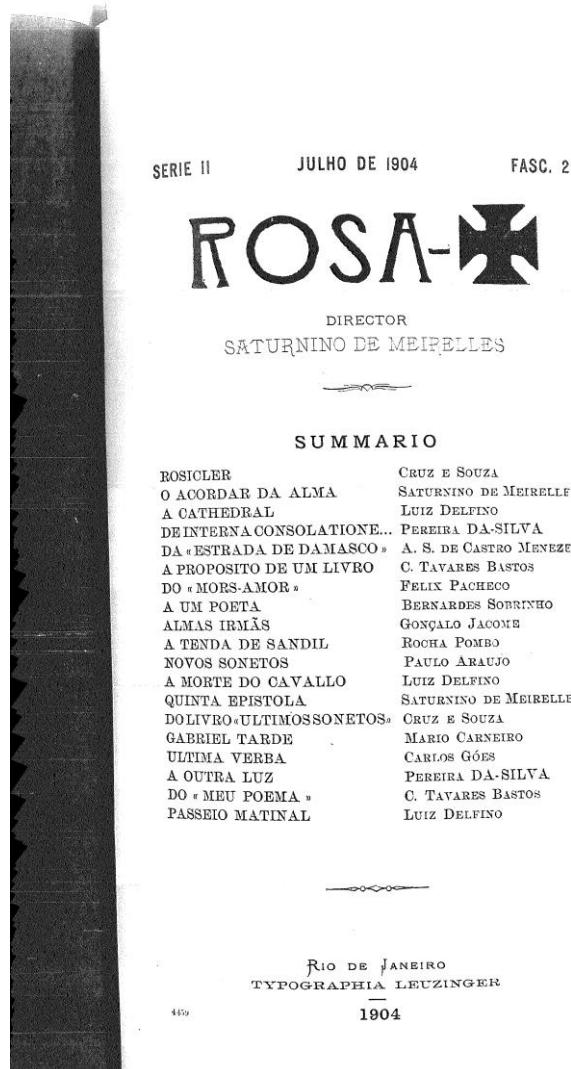
esquecimento. Entender, ou pelo menos refletir sobre essas lutas na formação de um campo literário, é o nosso maior desafio.

**Figura 19 Capa da revista *O Mundo Literário***



Fonte: “Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no século XIX” e Biblioteca Nacional (RJ).

**Figura 20 Capa das revistas Rosa Cruz**



Fonte: Biblioteca Nacional (setor de periódicos e Hemeroteca Digital).

Após essa rápida contextualização e justificativa da escolha desses periódicos como fontes de análise, dividiremos nossas discussões a respeito dessas revistas literárias em dois momentos: a análise do periódico *Rosa Cruz* e seus desdobramentos no contexto do Simbolismo, e *O Mundo Literário*, uma revista em que Pereira da Silva atuou como editor.

### **3.1 Revista Rosa Cruz: entre cruzes e rosas**

Inicialmente, é importante esclarecer que os estudos acerca de periódicos como fonte para análise literária é algo ainda muito recente. Apesar de já existirem linhas de pesquisa sobre História Cultural, tendo como fonte os jornais, as revistas aqui analisadas ou possuem uma fortuna crítica limitada ou nenhuma, isto é, não há referências repetidas de estudos

aprofundados a seu respeito. Essa quase ausência de estudos repetidos apresenta-se para nós como um desafio e, ao mesmo tempo, um privilégio. Portanto, nossas conclusões ou hipóteses não são uma leitura fechada, mas uma porta para outras pesquisas, uma vez que nosso olhar remeter-se-á unicamente sobre a representação e o lugar do poeta Pereira da Silva nesses periódicos, sem, contudo, negligenciar em apresentar ao leitor um perfil desses jornais, uma vez que não podemos analisar nosso objeto de estudo sem contextualizar essas fontes de pesquisas.

A revista *Rosa Cruz*, segundo autores como Andrade Muricy (1922), Antônio Dimas (1980)<sup>22</sup>, Aderaldo Castello (1999), entre outros críticos e pesquisadores, é caracterizada como um periódico destinado à perpetuação do nome de Cruz e Sousa, logo após sua morte. Dessa forma, essa revista já aponta para as questões discutidas em nosso capítulo primeiro como o fato de os jornais terem sido um suporte essencial para a manutenção de autores e obras. Acresentando a esse dado, tem-se que o pertencimento a um grupo, unido por interesses e afinidades semelhantes, pode ser fator também determinante para a consagração duradoura de um bem cultural, ou pelo menos, uma consagração em seu tempo de produção, como é o caso de tantos autores simbolistas que, apesar de terem sido responsáveis pela permanência de Cruz e Sousa no cânone, não conseguiram ver seus nomes configurados e perpetuados nessa lista.

Conforme será discutido ao longo desse capítulo, a revista *Rosa Cruz* traz em si mesma não só aspectos que corroboram a perspectiva adotada em nossa tese, como também o lugar ocupado por Pereira da Silva na construção de um campo literário do início do século XX. Posturas estéticas e econômicas adotadas pelo editor e diretor da revista, seus colaboradores e os objetivos centrais desse periódico literário trazem pistas reveladoras para a compreensão do apagamento de nomes significativos na construção do cânone literário. Assim sendo, dividiremos nossa análise da revista em dois momentos: o seu isolamento estético, não admitindo sequer a presença de anúncios, muito menos o recebimento de contribuições pecuniárias que não adviessem da arte simbolista; sua origem e propósitos para, finalmente, analisar as colaborações literárias de Pereira da Silva para o periódico.

---

<sup>22</sup> Agradecimento especial ao professor Antônio Dimas que, gentilmente, cedeu-me seu livro *Rosa-Cruz (contribuição ao Estudo do Simbolismo)*, colocando-se à disposição para esta pesquisa, contribuição bastante importante para o trabalho.

### 3.1.1 Um isolamento estético e suas repercussões

As referências à revista *Rosa Cruz* (1901-1904) em obras dedicadas ao estudo do Simbolismo, como as já citadas no início desse capítulo, aguçaram nosso interesse em investigar mais a respeito desse periódico, uma vez que o poeta Pereira da Silva é citado nessas referências, como um de seus colaboradores, além do fato de constarem nelas informações de que a revista fora criada com o único objetivo de cultuar o poeta Cruz e Sousa, a fim de manter acesa sua poesia. Assim, interessa-nos mais especificamente investigar a contribuição desse periódico para a construção do nome de Pereira da Silva e o lugar que este ocupou nessa construção.

Entre as obras dedicadas ao estudo do Simbolismo, sobre as quais ainda iremos abordar mais detalhadamente no próximo capítulo, a de Aderaldo Castello (1999) traz muito mais do que referências à revista *Rosa-Cruz*, pois o autor deteve-se em traçar um perfil dessa revista, assim como de outras que estiveram ligadas ao movimento simbolista, partindo do levantamento já feito por Andrade Muricy em seu livro *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. No capítulo XII de seu livro “A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)”, Aderaldo Castello trata do Simbolismo numa perspectiva mais histórica, tomando, além da poética, os grupos e revistas em torno deste movimento artístico-cultural. Tal fato se justifica pelo motivo de Aderaldo Castello, professor da USP, ter se dedicado a pesquisas sobre história da literatura tendo como fonte os periódicos literários do século XIX até o Modernismo. Foi, portanto, nas páginas desse capítulo que pudemos ter acesso às primeiras informações menos vagas a respeito da revista *Rosa Cruz*. Nele, o autor declara ter este periódico surgido com o propósito de homenagear e manter viva a poética de Cruz e Sousa e cita o grupo simbolista que formou essa revista, estando entre eles, Pereira da Silva.

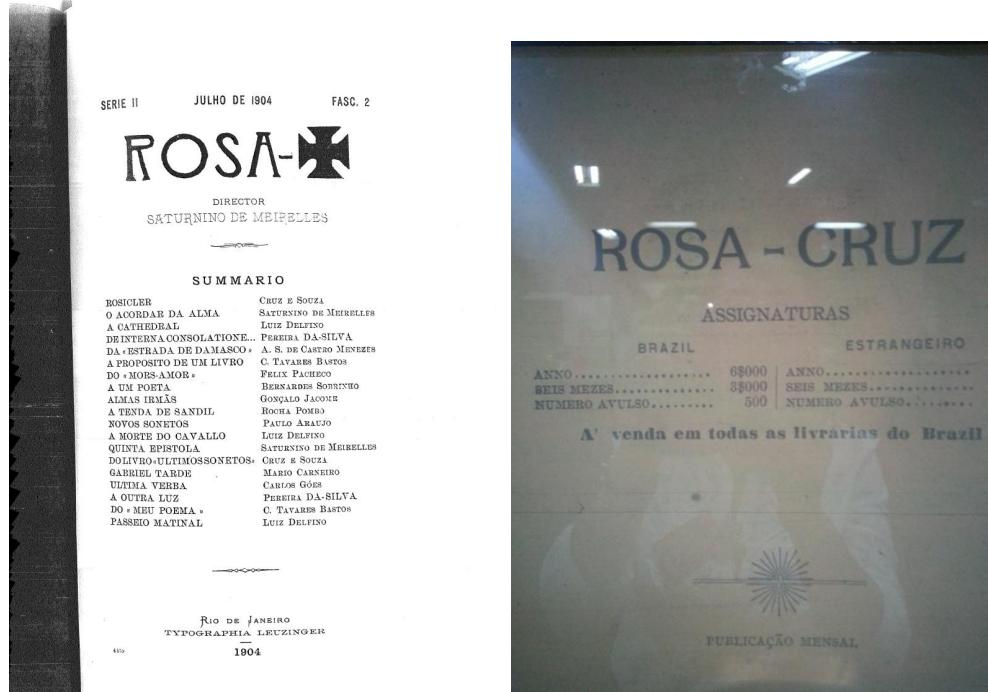
Inicialmente, quanto à organização estrutural da revista, ela é composta por uma capa, na qual constam, na ordem de apresentação, a série, a data e o fascículo; o nome do diretor da revista, Saturnino de Meireles<sup>23</sup>; título da revista com o nome ROSA e o símbolo da cruz pátea<sup>24</sup>; índice dos textos publicados com o nome de seus respectivos autores e, na parte

<sup>23</sup> Saturnino Soares de Meireles (RJ, 1978-196), poeta simbolista, era amigo e discípulo de Cruz e Sousa. Consta, em notas no livro intitulado *Exposição Comemorativa do Centenário de Nascimento de Cruz e Sousa*, publicado pela Biblioteca Nacional (RJ), tratar-se de um ensaísta e poeta mais dedicado a Cruz e Sousa a quem entregava um soldo de R\$ 50\$000, dos R\$ 250\$000 que ganhava.

<sup>24</sup> Cruz pátea é uma categoria de cruz, de braços geralmente côncavos, com cravos, e mais largos nas extremidades, inicialmente usada pela Ordem dos Templários (Portugal). Ela representa uma simbologia mística, possuindo grande identificação com o ideal de Cavalaria Espiritual; indicando, também, um local sagrado. (<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=7&ved=0CDQQFjAG&url=http%3>

inferior, o nome da cidade do Rio de Janeiro, a tipografia e o ano, como podemos verificar nas imagens abaixo:

**Figura 21 Páginas iniciais da revista Rosa Cruz**



Fonte: Acervo em microfilme na Biblioteca Nacional (RJ).

O interior da revista segue conforme apresenta o sumário, em todos os seus números, não havendo, portanto, uma organização em seções fixas. Apesar de não possuir uma organização em seções, os textos estão organizados na sequência apresentada no sumário. À página seguinte ao que chamamos de capa, está a folha de rosto que traz informações acerca dos valores das assinaturas tanto no Brasil quanto no estrangeiro, acrescentando que está à venda em todas as livrarias do Brasil e indicando que se trata de uma revista mensal. Essas informações revelam que a revista possui circulação nacional e internacional ou trata-se de uma estratégia de autopromoção a fim de angariar mais leitores, subterfúgio comum aos periódicos da época. *Rosa Cruz*, segundo Broca (2004):

[...] nasceu na mesa de um café, da rua Gonçalves Dias; onde se reuniam, com frequência, Saturnino Meireles, Gonçalo Jácomo, Pereira da Silva, Carlos Dias Fernandes e outros simbolistas, todos inculcados num esteticismo agudo, encarando com desdém as necessidades materiais da existência (BROCA, 2004, p.307).

Ela circulou entre os anos de 1901 e 1904, publicando o total de sete números, divididos em duas fases. A primeira fase da revista teve quatro números de junho a setembro de 1901. Ocorre um espaço de três anos para a publicação da outra fase, seu retorno em 1904, com a publicação de mais três números, ficando assim disposta:

Nº I – Junho de 1901  
 Nº II – Julho de 1901  
 Nº III – Agosto de 1901  
 Nº IV – Setembro de 1901  
 Fº I – Junho de 1904  
 Fº II – Julho de 1904  
 Fº III – Agosto de 1904<sup>25</sup>

Em seus estudos sobre a revista *Rosa-Cruz*, Petry (2001) concluiu que os motivos que levaram a revista a ficar durante tanto tempo sem publicações devem-se a questões de ordem urbanística, ou seja, a revista encontrava-se situada, durante sua primeira e segunda fases na Rua 7 de Setembro e na Praça Tiradentes, respectivamente, ambas próximas à Praça da República, estando, assim, no centro de grandes transformações pelas quais passaram a cidade do Rio de Janeiro. Entre essas transformações estavam a reforma urbanística promovida durante a administração do prefeito Engenheiro Passos e do presidente Rodrigues Alves, além do projeto de saneamento com o apoio do Dr. Oswaldo Cruz, seguida da Revolta da Vacina. Esses fatores aliados à fragilidade da saúde do diretor da *Rosa Cruz*, Saturnino de Meireles, como também problemas de ordem financeira da revista, tornaram-se determinantes para a não publicação nos anos de 1902 e 1903, assim como para o fechamento da revista definitivamente em 1904, tendo seu último número lançado em agosto deste mesmo ano. A mudança de fases, porém, não acarretou grandes alterações na ordem estrutural e ideológica da revista, apenas mudou a tipografia responsável pela sua impressão. Na primeira fase a Tipografia do Instituto Profissional imprimiu os quatro números, enquanto na segunda fase, essa responsabilidade passou para a Tipografia Leuzinger.

---

<sup>25</sup> A numeração é resultado da organização feita pela Biblioteca Nacional, para sua reprodução em microfilme. A revista original não possui numeração.

Ainda sobre os problemas de ordem financeira pelos quais a Revista *Rosa Cruz* passou, um fato merece destaque: a total ausência de anúncios publicitários de qualquer natureza. Essa postura adotada por Saturnino de Meirelles representa seu posicionamento contrário aos “medalhões” da arte e da literatura, como também da burguesia endinheirada, segundo Bastos (1969). Cabia, assim, a Saturnino de Meirelles o maior encargo da revista, tendo dos demais colaboradores a contribuição de 50\$ por mês para a publicação de seus escritos, no entanto isso não era suficiente, resultando em muito sacrifício a manutenção do periódico. Saturnino não aceitava, inclusive, o recebimento de verbas que não adviessem da arte segundo conta Bastos (1969), citando as palavras do acadêmico Souza Bandeira (*apud* BASTOS, 1969). Segundo Souza Bandeira, (*apud* BASTOS, 1969) a revista não possuía uma folha de assinantes numerosa, nem sua venda era significativa, até porque não possuía anúncio o que a diferenciava das demais revistas de estética. A maior parte das matérias, ainda segundo Bandeira (*apud* BASTOS, 1969), girava em torno das publicações dos simbolistas da revista ou autores simbolistas e, quando faltava matéria, transcreviam-se trechos de Nietzsche, Paul Adam, Mallarmé:

Ninguém podia entrar no Graal, sem ser iniciado. De uma vez corria perigo a publicação da revista. Faltavam cincuenta mil réis, e o editor era implacável. Um amigo, sabendo das ânsias em que vivia o grupo, ofereceu-se generosamente para entrar com a quantia. Mas ele não fazia arte, e o dinheiro assim oferecido teria um caráter mercantil que repugnava aos cavalheiros do Graal. O delicado mancebo submeteu-se à iniciação. Rodeado dos redatores da *Rosa-Cruz*, instalou-se nos fundos de um botequim da rua a Assembleia. Auxiliado por todos, tentou fazer uma obra de arte. Duas horas depois, tinha produzido um soneto. Assim, pôde adquirir o direito de completar a soma reclamada pelo diretor. Estava salva a *Rosa-Cruz* (BANDEIRA, *apud* BASTOS, 1969, p.9).

Essa postura de isolamento adotada pela *Rosa Cruz* representa o próprio ideário simbolista: “[...] o de reabilitar o culto da poesia, a alta condição do poeta no mundo, que os parnasianos, numa natural reação aos românticos, tendiam a banalizar” (BROCA, 2004, p. 182). O agrupamento em círculos fechados era consequência, segundo Broca (2004), de uma tentativa em reconduzir a poesia “[...] para o terreno da iniciação de que o Parnasianismo a retirara, [...]” (BROCA, 2004, p.184). Para os simbolistas, ainda segundo Broca (2004), não seduzia a ideia de uma produção maciça, uma vez que “A poesia resultava de um estado de ascese, que não podia ser provocado a todo instante. Em lugar de duzentas páginas, de centenas de versos, apenas trinta ou vinte páginas, em que um poema era encerrado como uma planta rara num vaso chinês” (BROCA, 2004, p.185).

No entanto, as palavras de Brito Broca vão de encontro às de Bandeira (*apud* BASTOS, 1969) ao colocar a corrida de Saturnino de Meireles para publicar a revista, trocando versos simbolistas, escritos por um amigo que não era poeta, por moeda. O ideário simbolista da “alta condição do poeta”, da recondução da poesia para o “terreno da iniciação”, resultado de um estado “que não podia ser provocado a todo instante”, nas palavras de Brito Broca (2004), não representa o que de fato ocorre mediante a necessidade de manter-se viva sua estética pelas páginas, pelo projeto chamado *Rosa Cruz*.

Devido a essa postura de isolamento estético, a salvação da revista esteve sempre por um fio. O depoimento acima revela que a negação total à veiculação artística associada à dependência dos mecanismos da indústria cultural fez com que *Rosa Cruz* não fosse um periódico rentável, fechando as portas para investimentos necessários à manutenção dos veículos de comunicação. Saturnino de Meirelles queixava-se constantemente da demora dos originais destinados à publicação, o que na falta o fazia substituir por transcrições estrangeiras, conforme desabafa em carta escrita a Tavares Bastos (1969):

[...] Continuo exilado, escrevia-me ele na sua eterna angústia de sofredor desiludido, continuo exilado entre as quatro paredes do meu quarto, tendo somente a consoladora companhia de Maeterlinck, Emerson, Carlyley, Novalis, Hello, Swedenborg, Platão, Spinosa, Pascal e tantos outros que das minhas estantes me ensinam a ter a sábia resignação de tudo aceitar com um sorriso nos lábios. E por isso sempre encontro uma desculpa para todos vocês que me não procuram. Mas agora precisava de ti um conselho: que hei de fazer para sair o 3º número da *Rosa-Cruz*, se tu mesmo e todos os demais companheiros não me vêm animar com a sua presença, com o produto do seu espírito e com os meios pecuniários necessários? Manda-me um trabalho teu, a contribuição que prometeste e vem até cá, para não assistirmos aos funerais de tão bela revista (BASTOS, 1969, p.10).

Essa postura de Saturnino de Meireles ignora as necessidades monetárias do que hoje chamamos de indústria cultural, fazendo com que essa ausência de anúncios e a negação de patrocínios que não adviessem da arte simbolista restringissem a circulação da revista, deixando-a marginal em relação às demais revistas literárias que aceitavam os anúncios como fontes necessárias para sua manutenção e circulação. Ao comparar essa postura do grupo simbolista com a do grupo parnasiano, Dimas (1980) acrescenta:

Em última análise, essa atitude de repulsa à propaganda respondia ao ideário do grupo, dominado por um ‘esteticismo agudo’, revelando-se, aqui, mais uma vez, o nítido contraste de comportamento entre parnasianos e simbolistas. Estes desenhavam a submissão daqueles diante das necessidades corriqueiras, que uma boa quadrinha comercial poderia eliminar. O pudor

estético era desconhecido àqueles e, nesse ponto, Bilac, Coelho Neto, Júlio Afrânio eram bastante realistas. Este último chegava mesmo a insistir na profissionalização do escritor (DIMAS, 1980, p.21).

Assim, o grupo simbolista que se forma em torno de Saturnino Meirelles na elaboração da revista *Rosa Cruz*, diferentemente da postura adotada pelos parnasianos segundo Dimas (1980), não vendia seus versos, não se submetendo aos interesses mercadológicos para se permanecer no campo literário. Esse grupo, portanto, foi vítima de sua própria arte. A precariedade de sua circulação, segundo depoimento de Andrade Muricy a Dimas (1980), em seu livro *Rosa-Cruz (contribuição ao estudo do Simbolismo)* levou a uma circulação restrita ao meio carioca, em que apenas amigos ligados ao grupo adquiriam, mesmo que todo o mundo literário tivesse tido conhecimento sobre ela. Dessa forma, manter vivo um periódico dessa natureza sem o financiamento comercial e com uma postura de isolamento estético, numa espécie de autoconsumo, seria algo quase que utópico.

Esse isolamento estético adotado pela direção da revista e de seus colaboradores insere-se no contexto das discussões acerca da profissionalização do escritor também apontadas pelos poetas parnasianos, a quem os simbolistas em questão simplesmente repudiavam. No entanto, a estética parnasiana, ao contrário da simbolista, a exemplo do que ocorria com Olavo Bilac que tinha seus poemas recitados nas ruas, recebia dinheiro para escrever versos comerciais (DIMAS, 1980). Essas questões, portanto, não podem ser desconsideradas quando tratamos da história da literatura, uma vez que todas as variantes sociais, culturais e econômicas são fatores determinantes para a formação do campo literário de uma época e seu posterior apagamento ou manutenção ao longo do tempo. A estética simbolista à qual Pereira da Silva se vinculou manteve-se no confronto com uma literatura de consumo, ao buscar uma arte pura, sem dependências ou submissão comerciais.

Dessa forma, tendo o poeta Pereira da Silva pertencido a esse grupo logo após a publicação de seu primeiro livro *Vae Soli* (1903), não só revela o desejo do escritor em pertencer e manter-se ligado ao grupo simbolista em torno da figura de Cruz e Sousa e Saturnino de Meirelles, como também, uma estratégia de alcance de um público leitor para sua obra, que apesar de restrito, ser-lhe-ia fiel. Além disso, tal pertencimento serviu, também, como uma estratégia para a promoção de alianças com o mundo dos jornais. Esses dados também reforçam o que discutimos em capítulo anterior no que se refere ao fato de a obra de Pereira da Silva ter circulado especialmente entre seus pares, não deixando um legado literário que ultrapassasse os muros dos leitores e amigos simbolistas.

O pertencimento à revista *Rosa-Cruz*, possuindo ela esta postura de isolamento literário, uma postura contrária a toda e qualquer dependência ou pelo menos parceria com o mercado de consumo de bens simbólicos, associada à vida reclusa e solitária adotada por Pereira da Silva, talvez seja mais um fator determinante para que sua obra se mantivesse viva enquanto vivos estivessem seus contemporâneos unidos por afinidades estético-culturais e sociais, as chamadas ligações duradouras, segundo Bourdieu (1996). Broca (2004) acrescenta ainda que os poetas simbolistas, reunidos em torno da Garnier, uniam-se aos anarquistas e socialistas, numa atitude de hostilidade a Machado de Assis. Esse confronto, esse lugar ocupado pelo grupo simbolista, também reforça um isolamento político que prejudica sua inserção definitiva num campo de produção cultural.

### **3.1.2 Cruz e Sousa: uma homenagem, uma estratégia**

No que se refere ao surgimento da revista *Rosa Cruz*, encontramos mais notícias por meio da publicação de Tavares Bastos (1969), do livro *O Simbolismo no Brasil e outros escritos*, no qual reúne diferentes trabalhos de diversas épocas em memória dos escritores simbolistas, com quem teve convivência, considerando-se, portanto, um “sobrevivente tardio de um pequeno grupo de discípulos de Cruz e Souza, formado em torno da figura inconfundível de Saturnino Meirelles, [...]” (BASTOS, 1969, p.5). Neste livro, Tavares Bastos traz o texto *Como surgiram os místicos da Rosa-Cruz*, publicado pela primeira vez no *Jornal do Comércio* (RJ), em 14 de março de 1937. Neste artigo, o autor conta a história do surgimento da revista, disserta sobre sua organização e faz referência honrosa ao seu diretor Saturnino de Meirelles, transcrevendo-lhe cartas, nas quais Saturnino de Meirelles desabafa sobre as dificuldades em manter a revista *Rosa-Cruz* em circulação.

Quanto ao propósito de homenagem a Cruz e Sousa, objetivo levantado pelos autores citados neste capítulo, tal fato chamou a atenção do pesquisador Petry (2001), que, em sua dissertação de mestrado, aponta para outras chaves de leitura prováveis. Este autor aponta para outras entradas de leitura a partir de um estudo minucioso que fez a respeito da revista *Rosa-Cruz*, numa análise centrada unicamente nos elementos da revista e, com base nela, o autor conclui que a revista não apresenta indícios suficientes que possam servir de justificativa que sustente a hipótese, já amplamente aceita pelos discursos lidos para esta tese, de que *Rosa Cruz* foi um periódico escrito unicamente para homenagear Cruz e Sousa. Entre esses indícios estão o fato de que

[...] não há textos analíticos relativos ao poeta, não há homenagem explícitas, não há textos apresentando essa proposta para a revista, ou seja, não há argumentos, *na revista* – é preciso deixar claro que estamos "mergulhados" no arquivo –, de uma função homenagem (PETRY, 2001, p.178).

Petry (2001) acrescenta que entre os fatos que levaram autores a considerar *Rosa Cruz* uma revista em homenagem a Cruz e Sousa estão os de questões externas à revista, como o grupo a que ela pertence:

[...] foram Saturnino de Meirelles juntamente com Nestor Victor os responsáveis por dar um *funeral digno* a Cruz e Souza, ambos também herdaram o *inventário* do escritor – em conjunto com as declarações de Cassiano Tavares Bastos, Andrade Muricy e Antonio Dimas fortalecem a leitura de que a revista *Rosa-Cruz* possui a função de homenagem (PETRY, 2001, p.177).

Continuando sua defesa, a fim de justificar que o método utilizado para a análise da revista *Rosa Cruz* aponta outra ou outras possibilidades de leitura, Petry (2001), com base na lista de autores que têm seus textos publicados em seus exemplares, divide seus colaboradores em 4 grupos: o de *estrangeiros*, o do *trio simbolista*, o dos *menores* e o dos *anônimos*.

No primeiro grupo encontram-se contribuições de autores ligados ao movimento ou à ideologia simbolista, todas escolhidas pelo editor da revista para complementar suas publicações, totalizando 10 nomes, com 14 textos publicados. Entre eles estão João Barreira, Charles Baudelaire, Maurice Bigeon, Tristan Corbière, Conde de Lautréamont, Maurice Maeterlinck, Stéphane Mallarmé, Friedrich Nietzsche, Sar Péladan e Arthur Rimbaud.

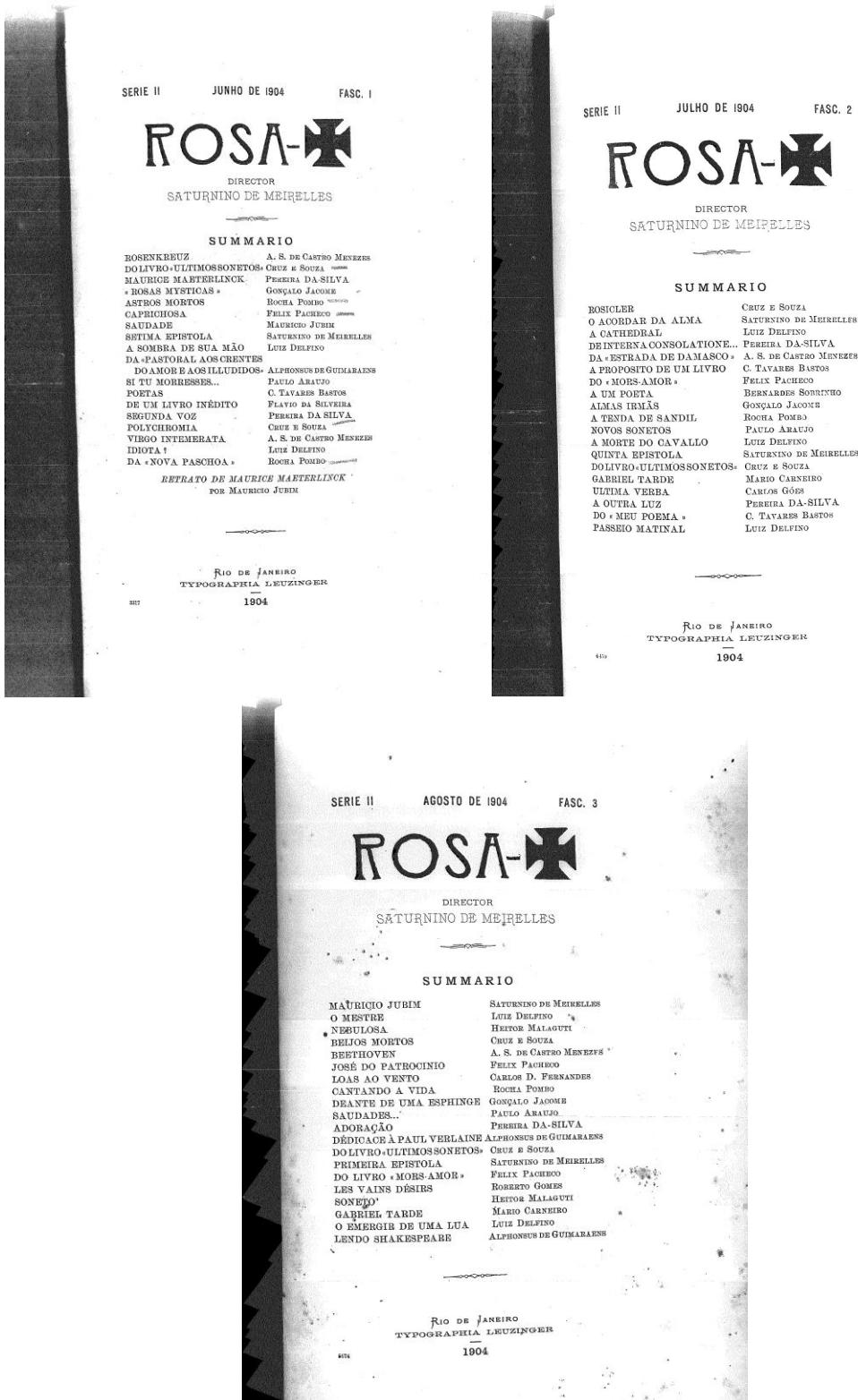
Já o segundo grupo é composto pelo trio simbolista brasileiro Alphonsus de Guimaraens, Luiz Delfino e Cruz e Sousa. Segundo Petry (2001), este foi o que mais publicou, totalizando 32 colaborações, entre poemas e ensaios críticos. O terceiro grupo, chamado de “menores”, mas não menos importantes, estão presentes autores estudados pela crítica especializada no movimento simbolista, totalizando 72 textos, entre poemas e ensaios; sendo, portanto, o grupo dominante da revista e o responsável pelo seu custeio. A esse grupo pertence o poeta Pereira da Silva. O quarto e último grupo, ainda segundo Petry (2001), são compostos por autores que ele chamou de “desconhecidos”, porque não possuíam crítica consolidada na época nem atualmente ou aparecem em referências, mas sem informações seguras suficientes. Este grupo totalizou a publicação de 13 textos. A respeito do grupo dos “menores” e dos “desconhecidos”, Petry (2001) acrescenta que muitos dos que pertenceram ao grupo dos “menores” podem, atualmente, ser considerados do grupo dos “desconhecidos”, uma vez que alguns foram perdendo seu espaço dentro da história e da produção literárias. É o

caso de Pereira da Silva que, apesar de ter pertencido a um grupo que colaborava economicamente com a Revista e ter possuído uma crítica literária significativa em seu tempo, conforme abordaremos em capítulo posterior, atualmente encontra-se no rol dos “esquecidos” pela história da literatura atual.

Petry (2001) conclui sua categorização justificando o fato de que além do objetivo da revista em homenagear o poeta simbolista Cruz e Sousa, uma vez que este possuía o maior número de textos individuais (16 textos publicados), a *Rosa Cruz* serviu, principalmente, de veículo para publicação de novos autores simbolistas. Este fato se confirma no que se refere a Pereira da Silva, pois ele começa a contribuir para essa revista em 1904, ano que marca seu retorno ao Rio de Janeiro, um ano depois da publicação do seu primeiro livro *Vae Soli!* (1903). Nesse sentido, a revista *Rosa Cruz* serviu para alguns autores, a exemplo de Pereira da Silva, como um instrumento de inserção no mundo literário e jornalístico carioca, sem fugir de suas raízes estéticas, além de uma possibilidade de ver seus textos inéditos publicados, isto é, criar um público e se dar visibilidade dentro do campo de produção literária.

O primeiro ensaio de Pereira da Silva publicado na revista *Rosa Cruz* foi em junho de 1904, portanto, na segunda fase do periódico. Assim, o poeta contribui com poesias e ensaios críticos em todos os exemplares de *Rosa Cruz* do ano de 1904, como podem ser verificados nas imagens abaixo, cópias dos sumários das revistas desse ano.

Figura 22 Sumário das Revistas Rosa Cruz de 1904



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional (microfilme).

Nessas edições de 1904, Pereira da Silva contribui com ensaios críticos, crônicas poéticas e poesias. Na primeira edição de junho, temos *Maurice Maeterlinck*<sup>26</sup>, um ensaio crítico sobre alguns dos livros deste autor simbolista, cuja ilustração, feita pelo também colaborador da revista Mauricio Jubim, encontra-se na página seguinte à folha de rosto da revista. O segundo é o soneto “Segunda voz”, de tema espiritualista, marca predominante nas poesias de Pereira da Silva. Na edição de julho, o poeta assina “Da eterna consolatione” e “A outra luz”, ambos de caráter intimista, melancólico e espiritualista, sendo o primeiro uma espécie de crônica poética; e o segundo, um soneto. Por fim, na edição de agosto, Pereira da Silva escreve outra crônica poética intitulada “Adoração”, tendo também nessa edição A. S. de Castro Meneses<sup>27</sup>, colaborador da Revista *Rosa Cruz*, dedicado ao poeta seu soneto “Beethoven”. Os gêneros aqui mencionados, que não foram publicados nos livros de poesia de Pereira da Silva, encontram-se em nossos anexos.

Nesse sentido, portanto, a análise do arquivo da revista e sua indexação, com suas listas de autores e grupos divididos por autor, aliados aos indícios externos ao periódico, isto é, o fato de pertencer seu editor a um grupo ligado a Cruz e Sousa, podemos chegar à conclusão de que as duas entradas não estão em campos opostos, ao contrário, interligam-se. Homenagear Cruz e Sousa, pertencer a um grupo simbolista e fundar uma revista para esse fim é uma forma de buscar estratégias de manutenção de uma estética abalada pelas conjunturas literárias de seu tempo, como também, uma estratégia por parte dos autores “novos” em inserir-se neste campo de produção literária e jornalística, uma vez que:

[...] não se pode negar que os jornais, proporcionando trabalho aos intelectuais, mesmo quando se tratava de simples rotina de redação, sem nenhum cunho literário, facilitava a vida de muitos deles, dando-lhe um *second métier* condigno, no qual podiam, certamente, criar ambiente para as atividades do escritor (BROCA, 2004, p.286).

As análises aqui apresentadas a respeito da revista *Rosa Cruz*, nesse sentido, tornam-se importantes, pois são dados reveladores do lugar que Pereira da Silva ocupou na esfera literária e jornalística e as lutas empreendidas por ele para inserir-se no campo de produção literária de seu tempo. O fato de Pereira da Silva pertencer ao grupo de autores que contribuía

<sup>26</sup> Poeta e dramaturgo belga, Maurice Polydore Marie Bernard Maeterlinck (1862-1949) é considerado o principal expoente do teatro simbolista. Estreando na França como poeta simbolista, escreveu várias obras de poesia e teatro, como “A intrusa” e “O Cego”, ambas de 1890. Recebeu o prêmio Nobel da Literatura em 1911 e em 1932 recebeu o título de conde da Bélgica.

<sup>27</sup> Álvaro de Castro Menezes contribuiu com dez textos na Revista *Rosa Cruz*, tendo participado de seu grupo formador. No entanto, até o momento, não obtivemos nenhuma informação a seu respeito até o momento.

financeiramente para a publicação da revista, os que a patrocinavam, mostra-nos uma necessidade do poeta: criar em torno de si alianças capazes de inserir-se no mercado de bens simbólicos. No entanto, a postura adotada pelo editor de *Rosa Cruz*, isto é, o isolamento estético e a ausência de anúncios, acabam por restringir muito esse círculo de alianças.

Essa postura da revista vai ao encontro do estilo de vida que Pereira da Silva adotou ao longo de sua trajetória: um isolamento estético, político e social, restrito aos seus pares, e sem grandes lucros do ponto de vista econômico, como Azevedo (1966) relembra, em seu livro *Eles deixaram saudades*, ao relatar o episódio da morte de Pereira da Silva, transcrevendo trechos da seção de Austregésilo de Athayde, em *O Jornal*, sobre o velório do poeta. Nela, Austregésilo de Athayde considera uma incoerência ver o caixão do poeta na ABL com toda pompa e cerimônias, pois considera que:

A morte do homem não deve ser diferente da sua vida. E, Pereira da Silva era a negação da pompa, das cerimônias protocolares, das coisas vistosas com que se enfeita a vaidade humana. Tudo nele era discreto, vinha muito do fundo da alma e tinha a mesma aparência triste e despreocupada de seu físico. [...] Nunca assinava os artigos e teimosamente preferia ficar anônimo nos editoriais que poderiam bem colocá-lo entre os mais ilustres servidores da imprensa em nossa terra (AZEVEDO, 1966, p.35).

O livro *Eles deixaram saudades* (1966) reúne uma coletânea de artigos sobre poetas que Jorge Azevedo julgou importantes e merecedores de serem lembrados, entre eles os poetas Pereira da Silva, Alphonsus de Guimaraens e Olavo Bilac, numa lista de 32 nomes. O próprio título do livro encerra em si mesmo o propósito dessa antologia: reavivar figuras do passado. No entanto, apesar de todo esforço por reavivar a poesia do passado, Pereira da Silva, diferentemente de Alphonsus de Guimaraens e Olavo Bilac, também relembrados nessa coletânea, e tantos outros da revista *Rosa Cruz* foram sendo apagados da memória cultural brasileira.

### **3.2 Pereira da Silva: da Cruz ao Mundo**

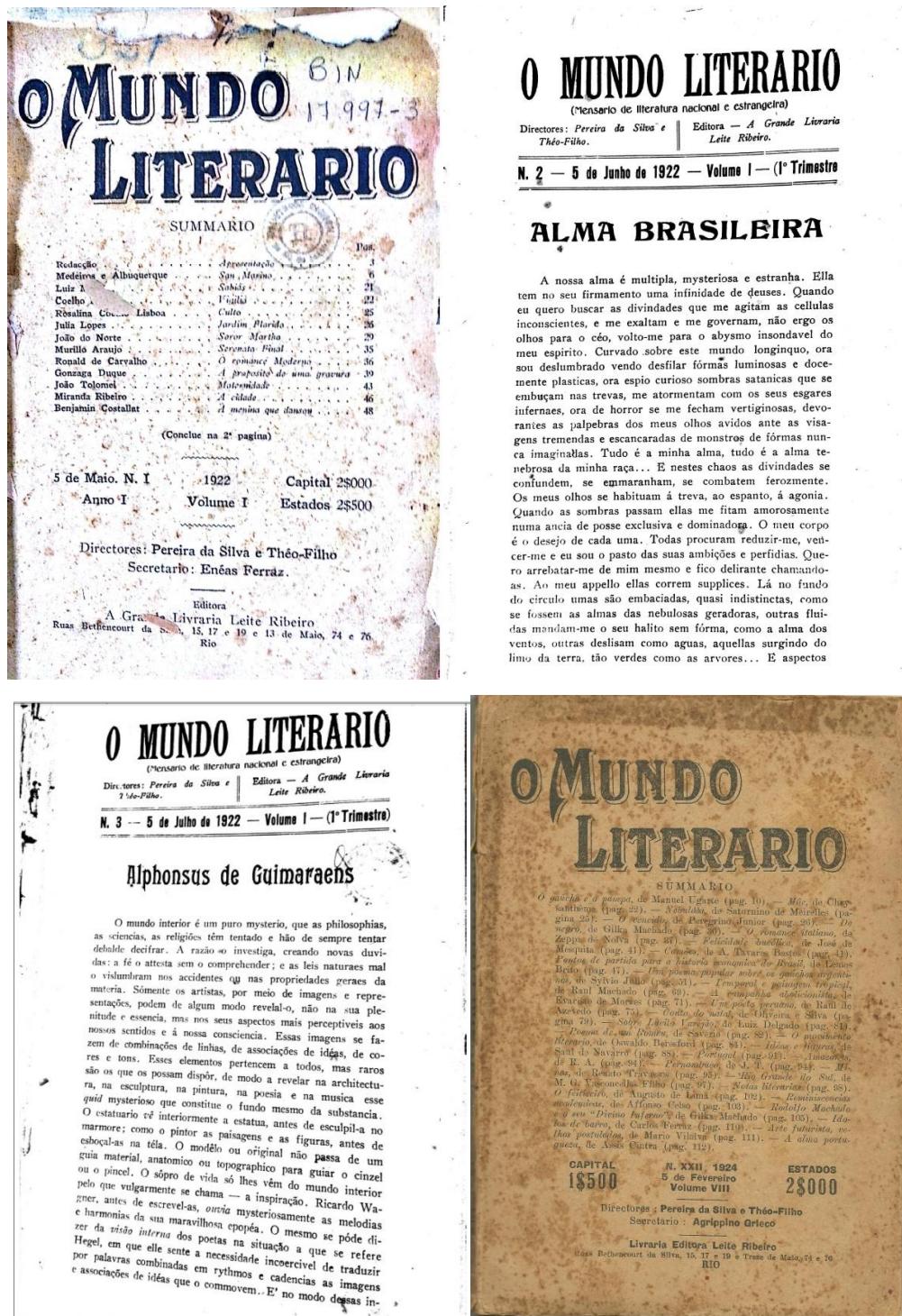
Chegamos ao conhecimento da revista *O Mundo Literário*, nas páginas do livro *Arrecifes e Lajedos: breve itinerário da poesia na Paraíba*, do pesquisador Hildeberto Barbosa Filho (2001), em capítulo dedicado à análise da obra de Pereira da Silva, no qual ele afirma que o poeta, em 1922, passa a dirigir o mensário ao lado de Agripino Grieco e Théo Filho. Essa informação, portanto, foi suficiente para que passássemos a buscar esta revista, a

fim de melhor compreender e conhecer mais profundamente os modos de circulação e as repercussões da obra de Pereira da Silva.

As referências encontradas a respeito dessa revista encontram-se dispersas em biografias sobre o autor e nas fontes utilizadas para esta tese, tais como a revista *Era Nova*, o *Suplemento literário Autores e Livros*, entrevistas feitas a antigos colaboradores da revista, além das obras críticas analisadas no capítulo seguinte. A revista não se encontra digitalizada e, por essa razão, só tivemos acesso aos números I, II e III de 1922, nos acervos da Biblioteca Nacional, e ao número XXII de cinco de fevereiro de 1924, volume VIII, adquirido em site de compras da *web*. No entanto, apesar de não termos encontrados mais números, ela circulou entre os anos de 1922 e 1926, segundo as fontes citadas. A revista possuía uma tiragem mensal, conforme consta no subtítulo da revista, “(mensário de literatura nacional e estrangeira)”.

Em relação aos números a que tivemos acesso, suas capas não possuem uma uniformidade de apresentação nem de diagramação, apenas mantêm o título da revista em letras maiores. O primeiro número de cinco de maio de 1922 e o número 22 de cinco de fevereiro de 1924 trazem ambos um sumário, a indicação dos dados da revista (volume, data, ano, volume, preço) e o nome dos diretores e secretário. Já as revistas de cinco de junho e cinco de julho de 1922 não trazem o sumário e iniciam-se com um texto, uma espécie de artigo.

Figura 23 Páginas iniciais da revista O Mundo Literário (1922 e 1924)



Fonte: Material impresso disponível no Acervo de periódicos da Biblioteca Nacional (RJ)<sup>28</sup>.

<sup>28</sup>Como as revistas de 1922 foram encontradas nos arquivos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, em situação precária de impressão e conservação dos originais, uma hipótese seria que estivesse faltando suas páginas iniciais, uma vez que o volume 22 de 1924, de que dispomos na íntegra e de razoável qualidade de impressão e conservação, a capa com o texto apresenta-se após oito páginas de propagandas da própria Livraria Leite Ribeiro. Dessa forma, podemos concluir que, possivelmente, as revistas de junho e julho de 1922 estejam realmente faltando páginas.

Com base nos números a que tivemos acesso e em “As entrevistas relativas a *O Mundo Literário*” feitas por Eneida Maria Chaves<sup>29</sup>, da USP, a antigos colaboradores de *O Mundo Literário* tais como Sérgio Buarque de Holanda, Murilo Araújo e José Geraldo Vieira, traçaremos um perfil da revista e de Pereira da Silva.

### **3.2.1 *O Mundo Literário*: entre táticas e estratégias na manutenção de poderes**

O corpo editorial da revista *O Mundo Literário* era composto pelo poeta Pereira da Silva, o romancista Théo Filho - seus diretores -; Agripino Grieco, secretário e a Livraria Editora Leite Ribeiro como editora, tendo como sucessora, posteriormente, a Livraria Freitas Bastos, Spicer & Cia. Trata-se de uma revista eclética e, ao contrário de a *Rosa Cruz*, não se filiava a nenhuma estética específica, aceitando contribuições de diversos autores, gêneros e estilos, sendo seus colaboradores autores que editavam ou não pela Livraria Leite Ribeiro, conforme afirmam os escritores Murilo Araújo, Sérgio Buarque de Holanda e José Geraldo Vieira, todos eles antigos colaboradores da revista *O Mundo Literário*, em entrevista feita por Eneida Maria Chaves, já citada. Segundo consta na entrevista, o caráter eclético associado ao investimento financeiro da Livraria Leite Ribeiro foram fatores determinantes para que esse periódico durasse quatro anos. No entanto, pouco ou nada sabemos a respeito desta revista, seu ecletismo pode ser considerado fator importante para o seu também apagamento pela história literária, em detrimento das publicações de revistas literárias ligadas aos ideais modernistas, tais como a *Revista da Antropofagia* (1928-1929), *Revista Pau Brasil* (1924-1925), *Klaxon* (1922-1923). Porém, nossa retomada a esse periódico interessa-nos, uma vez que ele guarda outras histórias que ficaram à margem.

Dessa forma, *O Mundo Literário* é um mensário, publicado no dia 5 de cada mês, contendo apenas textos inéditos sobre literatura nacional e estrangeira, com um número muito grande de colaboradores, entre eles nomes conhecidos e consagrados pela literatura brasileira atual como Cecília Meireles, Lima Barreto, Coelho Neto, Ronald de Carvalho, entre outros.

---

<sup>29</sup> “Entrevistas relativas a *O Mundo Literário*”, publicadas na Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) nº 24, de 1982, trata-se de um extrato do apêndice ao trabalho *O Mundo Literário: um periódico da década de 20 no Rio de Janeiro*. Monografia de Mestrado de Eneida Maria Chaves. S. Paulo, FFLCH-USP, 1977, 2 volumes.

Figura 24 Sumário de O Mundo Literário de 05 de maio de 1922

<b>"O MUNDO LITERARIO"</b>		
só publica inéditos		
(Continuação do sumário).		
Cecília Meirelles . . . . .	O vendedor de passaros . . . . .	54
Abadie de Paria Rosa . . . . .	Theatro . . . . .	60
Carlos de Vasconcellos . . . . .	Musica . . . . .	58
Pereira da Silva . . . . .	A aparição . . . . .	62
Lima Barreto . . . . .	O carteiro . . . . .	63
Andrade Muricy . . . . .	Francisca Julia . . . . .	66
Théo-Filho . . . . .	As vírgens amorosas . . . . .	72
Alberto Núñez . . . . .	A onda . . . . .	75
	As nossas enquêtes . . . . .	76
LITERATURA ESTRANGEIRA:		
Mario Ferreira . . . . .	Portugal . . . . .	77
Barbosa Lima Sobrinho . . . . .	Argentina . . . . .	79
Jayme Guimarães . . . . .	França . . . . .	85
Agrípino Grieco . . . . .	Itália . . . . .	86
A. de Athayde . . . . .	E. Unidos . . . . .	87
Enéas Ferraz . . . . .	Inglatera . . . . .	89
	Os ultimos livros e a critica europeia . . . . .	92
LITERATURA nos ESTADOS:		
Abdias Neves . . . . .	Piauhy . . . . .	95
Santos Netto . . . . .	Parahyba . . . . .	97
Adelmar Tavares . . . . .	Pernambuco . . . . .	98
Carlos Rubens . . . . .	Alagoas . . . . .	99
Astério de Campos . . . . .	Bahia . . . . .	100
Mario José . . . . .	E. do Rio . . . . .	106
Ribeiro Couto . . . . .	S. Paulo . . . . .	108
Felipe Oliveira . . . . .	R. G. do Sul . . . . .	109
Publicaremos no proximo numero: trabalhos de Gracá Ara- Jackson de Figueiredo, Renato nha, (da Academia Brasileira), Almeida, Pontes de Miranda, Tas- Augusto de Lima (da Academia), so da Silveira, Corynho da Fon- Goulart de Andrade (da Academ- seca, Bastos Tigre, Carlos Maul, a), Xavier Marques (da Academ- demia), Evaristo de Moraes, Gil Abreu Filho, Geraldo Vieira, berto Amado, Bruno Arruda, Mario Hora, etc., etc.		
Assignaturas d'O MUNDO LITERARIO		
CAPITAL ESTADOS		
Um anno . . . . .	20\$000 Um anno . . . . .	25\$000
Um semestre . . . . .	11\$000 Um semestre . . . . .	13\$000
Preço do exemplar		
CAPITAL ESTADOS		
Número avulso . . . . .	25000 Número avulso . . . . .	28500
Número atrasado . . . . .	25500 Número atrasado . . . . .	30000

Fonte: Material impresso disponível no Acervo de periódicos da Biblioteca Nacional.

Quanto às suas seções, a revista, diferentemente de *Rosa Cruz*, divide-se por temas de diversas áreas de conhecimento, confirmando seu propósito de generalidades: Teatro, Pedagogia, Filosofia, Medicina, Música, Engenharia, Literatura Nacional e Estrangeira, todas a cargo de quem assinava cada uma dessas seções, conforme consta nas páginas do mensário de 5 de julho de 1922. Além disso, seus editores também fazem alusão honrosa às editoras femininas colaboradoras de *O Mundo Literário*, o que reforça o caráter eclético a que se propunha a revista:

São redatoras-colaboradoras de O MUNDO LITERÁRIO as seguintes escritoras, glórias da intelectualidade feminina: Albertina Bertha, Bertha Lutz, Chrysanthpeme, Cecília Meirelles, Gilka Machado, Júlia Lopes de Almeida, Maria Eugênciia Celso e Rosalina Coelho Lisboa (*O Mundo Literário*, 5 de julho de 1922, nº 3, vol. I).

Outro aspecto que justifica seu caráter eclético é o fato de, em pleno Modernismo de 1922, *O Mundo Literário* não se apresentar como uma revista Modernista. Segundo Murilo Araújo (1982), ela não foi uma revista exclusivamente modernista, no sentido da Semana de

Arte Moderna, mas abria espaço para os autores modernos. Sua característica eclética fazia com que a revista recebesse contribuições literárias de gêneros e concepções artístico-culturais diversos. Sérgio Buarque de Holanda (1982) também reforça as palavras de Murilo Araújo (1982) ao referir-se à revista dentro do contexto da Semana de Arte Moderna, afirmando que ela representava várias correntes e sub-correntes, principalmente os valores acadêmicos e tradicionais, por isso contava com tantos colaboradores, pois

Havia de tudo. Mesmos os modernistas, quando quisessem colaborar, eles os aceitavam. Não marcou uma corrente, assim. Não havia sentido de grupo. Naturalmente, o pessoal da revista tinha interesse em agremiar toda uma gente. A Livraria mais ainda (HOLANDA, 1982, p.175).

O que também justificava o grande número de colaboradores, de diversas correntes e posturas literárias era o fato de não haver tantas revistas literárias onde se publicar e, como os editores recebiam colaboração de diversos autores, tornou-se um espaço aberto e plural, cujo interesse, na verdade, era criar público para si e para a livraria. Além disso, o próprio modelo editorial que se tornou uma marca dos jornais do início do século XX, conforme analisamos no capítulo anterior. No entanto, esse caráter plural também não deu à revista uma identidade e, talvez por esse motivo, Sérgio Buarque de Holanda (1982) afirmou que *O Mundo Literário* não marcou tanto uma época.

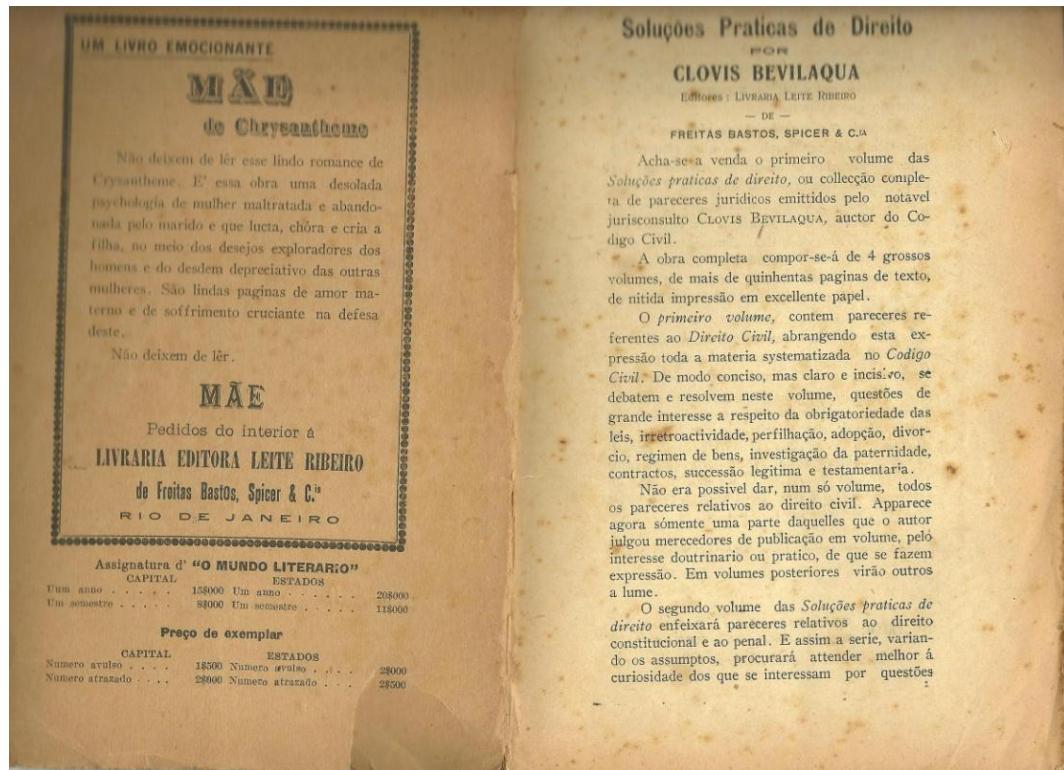
Quanto à origem e objetivos da revista *O Mundo Literário*, o periódico surge como um veículo de propaganda da Livraria Leite Ribeiro. Ao contrário de *Rosa Cruz* que era dirigida por pessoas que perdiam dinheiro com ela, que dependiam de seus fundadores, *O Mundo Literário*, mesmo que trouxesse algum prejuízo, tinha a Livraria Leite Ribeiro para custeá-la, com interesses bem definidos, pois

[...] Queriam formar um ponto de reunião, um núcleo como a Garnier era e tinha sido tradicionalmente. A Livraria Leite Ribeiro era grande, enorme, tinha dois andares, ambos atopetados de livros. Assim, era livraria de grande movimento e girava um largo capital. [...] A Livraria tinha esse objetivo: formar um núcleo lá dentro. Para a Livraria era interessante, porque lá iam se encontrar os escritores. Dois jornais – *O Globo* e *O Correio da Manhã* – ficavam a pequena distância. Assim, jornalistas também iam muito à livraria (HOLANDA, apud CHAVES, 1982, p.175).

Do ponto de vista de empreendimento material, segundo José Geraldo Vieira, também entrevistado por Eneida Maria Chaves (1982), *O Mundo Literário* teria sido uma iniciativa da própria Livraria Leite Ribeiro. Sendo, portanto, subsidiada por uma empresa que queria o

domínio editorial no Rio de Janeiro, numa época em que as editoras Garnier e Alves vinham publicando autores estrangeiros, a José Olympio e a Livraria Schimidt ainda não existiam, a Leite Ribeiro podia pagar uma revista própria e os seus editores arregimentavam os colaboradores e Grieco os dinamizava. Uma aliança perfeita: interesses culturais e econômicos. As informações de Sérgio Buarque de Holanda e José Geraldo Vieira se justificam uma vez que, além dos anúncios publicitários, havia um grande número de páginas anunciando os livros vendidos pela Livraria Leite Ribeiro, com seus respectivos comentários críticos e, em alguns anúncios, com o preço da obra, além de um grande número de colaboradores entre eles, mulheres.

**Figura 25 Anúncios de livros em O Mundo Literário (1924)**

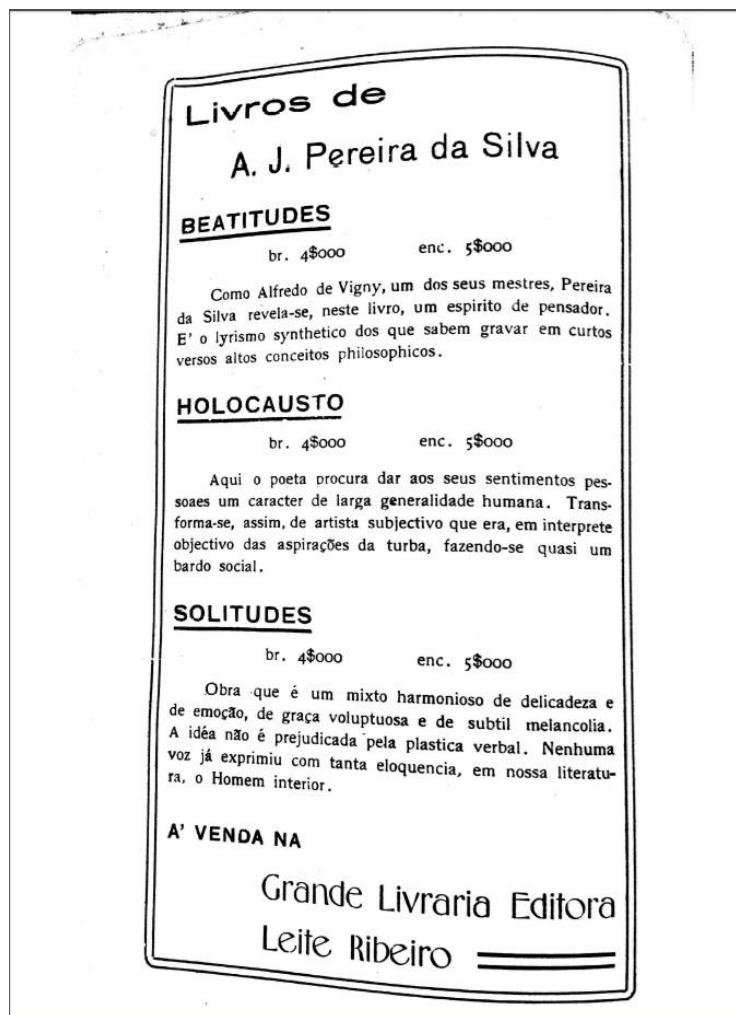


Fonte: *O Mundo Literário*, nº 3, de 5 de julho de 1922, volume I. Material impresso disponível no Acervo de periódicos da Biblioteca Nacional.

O veículo de propaganda também se prestava à divulgação das obras de seus próprios diretores, todos com edições pela Livraria Leite Ribeiro. Essa divulgação se dava tanto em relação aos livros como na publicação de seus textos. Desse modo, Pereira da Silva encontra nesse mensário, com também encontrou em *Rosa Cruz*, um veículo de promoção e de manutenção de sua poesia, não só na venda de seus livros, como ocorre em *O Mundo Literário*, mas também na publicação de seus poemas. *O Mundo Literário* era, portanto, um

meio de divulgação e manutenção de nomes e obras, uma vez que muitos poetas não conseguiam ver seus livros reeditados e, por conseguinte, utilizavam-se dos jornais para ver suas obras não só publicadas originalmente, como também re-publicadas.

**Figura 26 Anúncio de livros de P. Silva em O Mundo Literário (1922)**

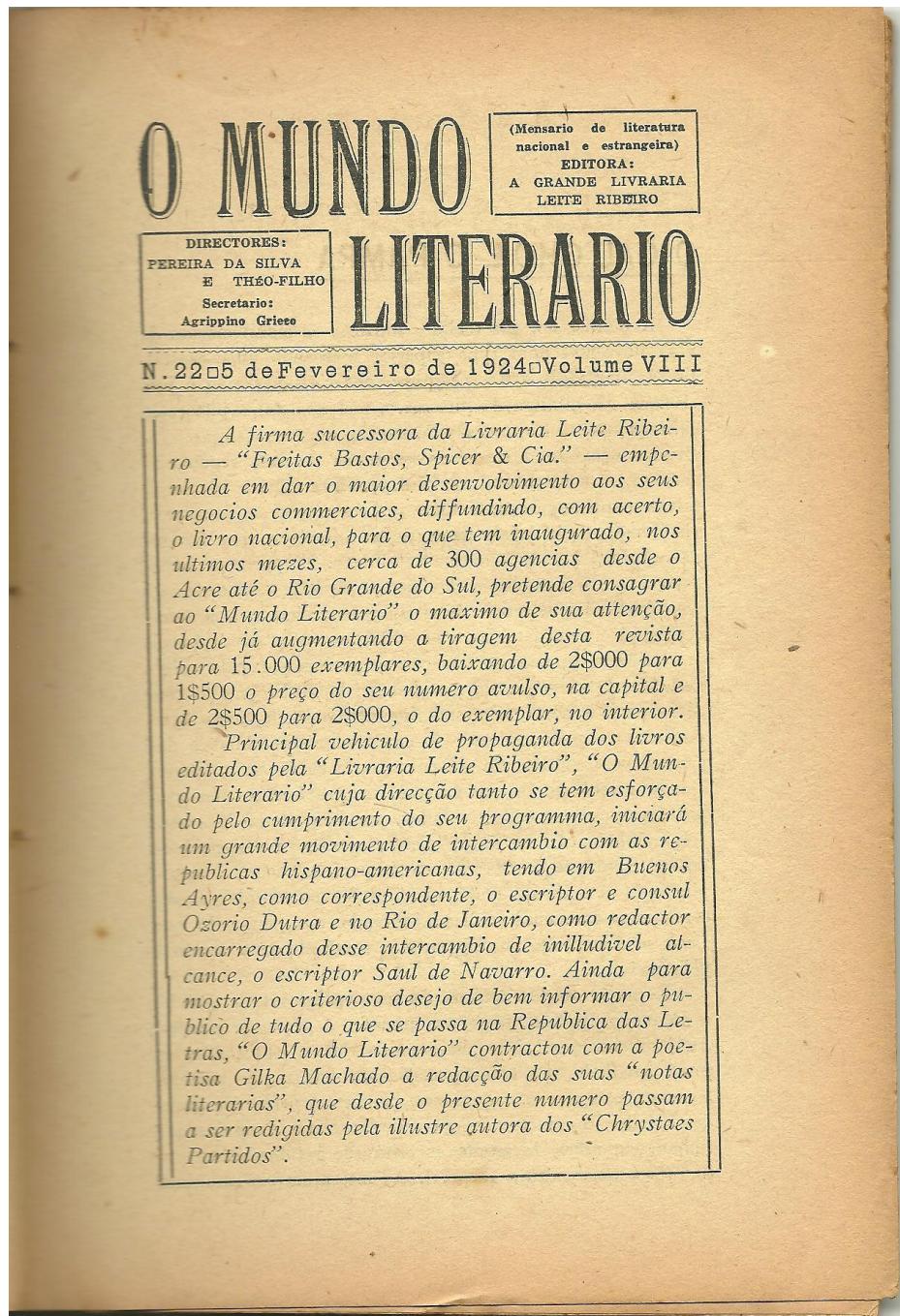


Fonte: *O Mundo Literário*, nº 3, de 5 de julho de 1922, volume I. Material impresso disponível no Acervo de periódicos da Biblioteca Nacional.

Ainda sobre esse aspecto, outros recursos utilizados pelos editores da revista revelam esse caráter de autopromoção, essa necessidade de vender um produto e de ver esse produto circulando em território nacional e estrangeiro. Um deles é a própria disposição gráfica da definição da revista, que aparece em alguns números: um “(Mensário de literatura nacional e estrangeira)” da “GRANDE LIVRARIA LEITE RIBEIRO”, escrito em letra maiúscula. Essa disposição, além do uso do adjetivo superlativo “grande”, sugere o que vai ser confirmado no texto que segue – uma espécie de editorial da revista –, isto é, que o mensário serve, também,

como uma propaganda da própria livraria, que se autointitula “GRANDE”. No entanto, esse recurso insere-se numa tradição dos jornais advindos do século XIX.

**Figura 27 Página da revista O Mundo Literário (1924)**



Fonte: *O Mundo Literário*, nº 22, vol 8, de 5 de fevereiro de 1924. Material impresso disponível no Acervo de periódicos da Biblioteca Nacional.

Nessa apresentação do mensário, explicam-se os propósitos da revista: dar maior desenvolvimento aos negócios da livraria Leite Ribeiro, difundir o livro nacional e estabelecer

intercâmbio com as repúblicas hispano-americanas, além de “mostrar o criterioso desejo de bem informar o público de tudo o que se passa na República das Letras”. Sobre o intercâmbio referido, o editor comunica que tem em Buenos Aires, como correspondente, o escritor e cônsul Ozório Dutra; e no Rio de Janeiro, o redator encarregado desse intercâmbio, também escritor, Saul de Navarro. Tal fato revela que esta revista tinha pretensões que ultrapassavam as barreiras geográficas, como argumento fortalecedor do propósito principal deste mensário: informar bem o público!

Toda a estrutura do periódico volta-se, então, para essa autodivulgação da Livraria Leite Ribeiro. Muitos dos anúncios giram em torno da promoção de livros publicados pela editora, como também, a presença de listas contendo suas edições. Dentre os livros anunciados, não poderiam faltar os de Pereira da Silva e Théo Filho, o que denuncia essa autopromoção, conforme já mencionamos, elemento indispensável para a manutenção do bem cultural. No entanto, há também, anúncios de outras revistas literárias, tanto nacionais, quanto estrangeiras; reforçando, assim, o fato de a imprensa brasileira manter esse sistema de trocas entre si.

Outro aspecto que merece destaque, mencionado no texto de abertura da revista é a propaganda sobre a tiragem de vendas, que representa uma forma de garantir ao leitor a visibilidade e importância do produto oferecido: “[...] cerca de 300 agências desde o Acre até o Rio Grande do Sul, pretende consagrar ao *Mundo Literário* o máximo de sua atenção, desde já aumentando para 15.000 exemplares, [...]”. O aumento dos pedidos informado pelo editor confirma-se em comentário feito na revista *Era Nova* (PB), sobre o mensário *O Mundo Literário*, conforme se pode perceber no fragmento abaixo:

Ainda uma publicação surgiu com mais probabilidades de triunfos do que essa, basta dizer que, com pouco mais de 15 dias de venda do primeiro número, se fez preciso a tiragem de uma segunda edição, para satisfazer o reclamo da gente culta do meio carioca (*Era Nova*, 1922, s/p).

Assim como o editor de *O Mundo Literário* utiliza-se dessa informação para revelar o quanto este mensário tem alcançado um público extenso, o editor de *Era Nova* (PB), ao fazer a propaganda da revista carioca em solo paraibano, também recorre à mesma estratégia para motivar o leitor paraibano a adquirir o produto, acrescentando que o mensário é lido pela “gente culta do meio carioca”. Essa informação valoriza o produto, ao inseri-lo na ordem do discurso.

Os textos reunidos nesta revista literária reúnem vários gêneros textuais: poemas, contos, artigos científicos e de crítica literária, trechos de romances etc. Esses textos são tanto de e sobre autores nacionais, de diversas regiões do país quanto de e sobre autores estrangeiros, estes últimos argentinos, peruanos etc. Tal diversidade de gêneros e assuntos converge para a necessidade dos periódicos de abranger um número diversificado de leitores, mas, também, reflete uma concepção de literatura que ainda se encontra presente nessas duas revistas da década de 1920, nas palavras de Márcia Abreu (2003): de que não há um consenso sobre o que pertence realmente ao mundo literário, a literatura é vista como um conjunto de conhecimento produzido ou como um conjunto de obras e autores consagrados. Nas revistas, essas duas concepções parecem caminhar juntas.

Além dos aspectos apresentados, chamamos a atenção para um comentário feito na revista *Era Nova*, a respeito de uma das qualidades de *O Mundo Literário*: o fato de o mensário não apresentar “restrições nem cores regionalistas”. Essa característica se confirma no exemplar que estamos analisando, pois os textos apresentados trazem contribuições e refletem concepções culturais de diversos estados brasileiros, como de outros países; reforçando o caráter universal pretendido pela revista. Nesse sentido, a revista enquadra-se nas discussões que se avolumavam no país nesse período, ou seja, o surgimento do movimento regionalista, cujo objetivo era inspirar uma nova organização do Brasil, dar um corpo brasileiro ao Brasil, uma vez que, segundo Freyre (1996, p.02) em seu *Manifesto Regionalista* proferido em 1926, as províncias estavam sacrificadas ao imperialismo da Corte, “[...] uma corte afrancesada ou anglicizada.” Visava, assim, a um sistema em que as regiões, mais importantes que os Estados, se completassem e se integrassem ativa e criadoramente numa verdadeira organização nacional – uma articulação entre o que é nordestino com o que é brasileiro ou americano.

Dessa forma, o periódico vem ser um espaço, no qual escritores, eruditos ou não, assim como os artistas de modo geral, possam produzir tanto para um público quanto para os seus pares concorrentes, numa necessidade constante de permanência na dinâmica do campo literário, uma vez que “[...] os artistas e os intelectuais, [...] dependem tanto, no que são e no que fazem, da imagem que têm de si próprios e da imagem que os outros e, em particular, os outros escritores e artistas, têm deles e do que eles fazem” (BORDIEU, 2009, p.108).

*O Mundo Literário* representa, então, um espaço para formação de comunidades de leitores, na qual Pereira da Silva alia-se a Agripino Grieco e Théo-Filho, estes de personalidade forte e ao mesmo tempo autores populares na época, ao contrário do poeta simbolista, um recatado e avesso às rodas literárias e sociais, “[...] sem a menor desenvoltura

quanto ao conceito de *comunicação social*", segundo José Geraldo Vieira (1982, p.168). A Leite Ribeiro deu a direção da revista, curiosamente, a essas duas personalidades antagônicas, uma aliança entre a tradição e a irreverência, de um lado um poeta simbolista sério, místico, triste no aspecto, não muito conhecido a não ser pelos seus admiradores devotos; e um romancista de sucesso na época, pois escrevia romances para vender e "vendia muito", apesar de não agradar moralmente, acusado que era pelas pessoas "graves", de "explorar temas escabrosos", conforme também relata Sérgio Buarque de Holanda (1928) ao referir-se à dupla que conduzia a revista. Porém, independentemente do sucesso ou não em seu tempo, ambos os autores foram esquecidos pela memória historiográfica literária brasileira.

Apesar de eclética, a revista possuía uma ideologia própria que se percebe nos artigos, espécies de editorias. Na revista número 1 de 5 de maio de 1922, seu redator afirma a crença na missão social da arte: independentemente das ideologias, o povo tem o direito à arte, além de ele ser fonte inspiradora da natureza imortal. Sendo assim, os próprios editores de *O Mundo Literário* consideram o periódico um instrumento capaz de concretizar o direito à arte, devido à facilidade no acesso, o preço e a variedade de autores e de campos do saber que *O Mundo Literário* propõe-se a publicar. Seria, portanto, uma prestação de serviço, "[...] serviço à generosidade dos leitores, proporcionando rápido, econômico e fácil veículo de informação e educação mental, serviço aos homens de letras, preparando terreno propício à frutificação de ideias novas e sãs" (*O Mundo Literário*, 5 de maio de 1922, p.4). Portanto, prestar um serviço ao público e aos homens de letras é ao mesmo tempo um meio de formação de uma comunidade de leitores sem a qual o literário não teria como manter-se. Ou seja,

[...] é a própria lei do campo, e não um vício de natureza, como pretendem alguns, que envolve os intelectuais e os artistas na dialéctica da distinção cultural, muitas vezes confundida com a procura a qualquer preço de qualquer diferença capaz de livrar do anonimato e da insignificância. Esta mesma lei, que impõe a busca da distinção, impõe também os limites no interior dos quais tal busca pode exercer legitimamente sua ação (BOURDIEU, 2009, p.109).

A revista ainda adota um compromisso político-social com a Nação. Para seus diretores, a Literatura e a Política são instrumentos de plenitude das forças harmônicas de uma Nação: "[...] a ação direta dos estadistas realizando os projetos de que depende o progresso material e a influência dos escritores e educadores na formação do espírito coletivo" (*O Mundo Literário*, 5 de maio de 1922, p.4). Assim, a correlação entre Literatura e Política torna-se um fator indispensável na construção da Nação e o que a Revista pretende ver

concretizado. *O Mundo Literário* revela isso, ao tratar em seções separadas a literatura nacional da literatura estrangeira. Na seção de literatura nacional, há a separação por estados, em que se dão notícias sobre autores além do clima cultural e artístico que dominava a região. Sendo, dentro desse espírito nacionalista e regionalista, um meio de divulgação da cultura literária do período, uma vez que:

Os jornais e as revistas tinham como trunfo servirem de berçário, vitrine, pedestal e mesmo de trampolim para o homem de letras, encarregando-se do recrutamento, da visibilidade e dos mecanismos de consagração dos escritores. Era a imprensa que dava as condições de sobrevivência e de divulgação para a produção dessa massa crescente de intelectuais brigando por um lugar ao sol (COSTA, 2005, p.25).

A revista, portanto, representa o desejo de seu editor e diretores em alcançar o prestígio econômico-social e o cultural, uma espécie de tática, no sentido dado por Certeau (1998), de firmar-se num mercado simbólico dos bens culturais. Não bastava à Editora Leite Ribeiro ser recordista em publicações, ser economicamente satisfatória, mas o que ela pretendia era o “lugar” que a Garnier ocupava, isto é, um lugar de status cultural, de formação intelectual, conforme podemos concluir com base nas considerações de Holanda (1982). Para isso, aliar-se a nomes como Pereira da Silva, um poeta de personalidade pacata, um homem honesto e bem quisto entre os seus pares com um romancista popular, Théo-Filho, recorde de vendas, além de um articulador como Agripino Grieco, crítico também popular, foi de fato uma estratégia inteligente. Ao mesmo tempo, seus editores, encontraram nessa aliança a possibilidade de não apenas ver suas obras e seu nome entre as rodas jornalísticas e literárias, mas inserirem-se nelas.

A autopromoção de *O Mundo Literário* faz-se presente, também, em uma de suas seções intitulada “O Mundo Literário e a Imprensa do Rio”. Nessa seção, há publicação dos comentários feitos por diversos jornais a respeito do primeiro número da revista. Isso porque, segundo a revista, “O Mundo Literário” teve uma tirada de sua 2<sup>a</sup> edição em menos de 15 dias, algo incomum para o gênero. Entre os elogios, encontram-se os publicados pelos jornais *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *O País*, *Notícia*, *A Careta*, *Correio da Manhã*, *O Jornal*, entre outros, segundo *O Mundo Literário* de 5 jun., 1922, p. 270.

Há ainda as notas a respeito da repercussão da revista nos demais estados brasileiros. No entanto, independente desse caráter promocional, tanto em elogios feitos à livraria quanto aos seus diretores, elogios que revelam o prestígio que ambos possuíam no cenário carioca, os comentários revelam alguns aspectos da revista que apontam pistas para os lugares ocupados

pelo também poeta Pereira da Silva, a exemplo do comentário do jornal *Gazeta de Notícias* que afirma ter a revista um formato semelhante ao de “La Revue” (1830-1880), que se edita em Paris. Esse intercâmbio cultural Brasil e França que a revista possui é reafirmado pelo jornal *Notícia* (diretor, Joaquim Salles e secretário José Guilherme):

*O Mundo Literário*, confeccionado à feição das mundiais revistas francesas, vem preencher positivamente uma lacuna nos círculos da imprensa carioca, ou por outra na imprensa de todo o país. Cremos mesmo que dificilmente se encontrará outra superior em toda a América do Sul (*O Mundo Literário* nº 2, vol. I, 5 de junho de 1922, p.269).

O mesmo afirma o jornal *Correio da Manhã*: “*O Mundo Literário* é uma revista de feitio novo, que se destina a operar, no Brasil, como o ‘Mercure de França’, na literatura Francesa” (idem, p.268).<sup>30</sup>

### 3.2.2 Mundo vasto mundo: autores, leitores, livreiros, leituras...

Em publicação do número 2 de cinco de junho de 1922, volume I, o texto introdutório, escrito pelo escritor Graça Aranha sob o título “Alma Brasileira”, traz em seu conteúdo uma proposta que vai conduzir todo esse número da revista: o centenário da independência do Brasil, um espírito nacionalista. Chamou-nos a atenção, portanto, a matéria acerca de uma enquete, publicada no *Rio Jornal* (20/05/1922) intitulada “Uma enquete entre os livreiros editores”, também encomendada em virtude do centenário da independência do Brasil. A finalidade deste jornal foi apresentar, com essa enquete, o quanto os leitores brasileiros vêm se interessando pela leitura de obras patrícias, apesar do ainda alto índice de analfabetismo.

*O Mundo Literário* acrescenta ainda que o *Rio Jornal* também publicou uma matéria, nesse mesmo número, sob o título “A grande atenção do público brasileiro pelas obras literárias é um fato”, matéria esta não transcrita para este periódico. Dessa forma, o mensário literário transcreve, em especial, a enquete que, além de revelar, mais uma vez, o caráter de promoção da Livraria Leite Ribeiro, os discursos existentes nessa reportagem também apontam pistas acerca dos autores, leitores, livreiros e leituras que circulavam nessa época, destacando-se Pereira da Silva entre um dos autores mais lidos.

---

<sup>30</sup> O referido periódico encontra-se disponível no endereço <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k201857h/f1.image.r=Mercure%20de%20France.langFR.swf>> Acesso: 29 abr, 2015.

O *Rio Jornal* dirigi a enquete referida a três Livrarias Cariocas: Livraria Leite Ribeiro, Livraria Alves e a Livraria Schettino. Sobre as livrarias, o “*Rio Jornal*” tece alguns comentários de apresentação. A respeito da Grande Livraria Leite Ribeiro, o jornal ressalta a disponibilidade dela, apesar de estar sempre com “intenso movimento em sua casa” (*O Mundo Literário*, 5 jun, 1922, p.263), acrescenta, ainda, que a entrevista foi feita com o “[...] inteligente editor de *O Mundo Literário* [...]”. Esses comentários revelam o grande prestígio que essa editora possuía perante o cenário carioca ou pelo menos a representação que se queria dar sobre ela. Já a Livraria Alves, considerada pelo entrevistador como uma das melhores e mais antigas casas do comércio livreiro, segundo o *Rio Jornal*, dedicava-se especialmente a obras de cunho didático e tinha como editor o Sr. Paulo Ernesto de Azeredo. Por fim, sobre a Livraria Schettino, o jornal informa ser esta pertencente ao Sr. Francisco Schettino que, por ser o mais moço dos editores entrevistados, é considerado aquele que mais acolhe a mocidade inteligente e debutante.

No que se refere às perguntas que compõem a enquete, elas pretendem identificar que obras e autores são os mais lidos e procurados pelo público leitor, com base na lista dos livros mais vendidos por essas editoras. Entre as perguntas em comum a todos os entrevistados estão: qual o gênero literário mais em voga? Quais os prosadores mais lidos? Entre os poetas, quais são os mais lidos? Qual foi, ultimamente, o ano mais comercial? Quais os escritores de sucesso? Quais são as próximas edições da casa? Dentre os escritores novos, quais os mais procurados? Além dessas questões, outras perguntas foram feitas, em especial à Livraria Schettino: Qual o futuro literário do Brasil após o centenário? Quais os estados do Brasil que mais leem, excetuando São Paulo e Rio de Janeiro?

Figura 28 Enquete entre os livreiros editores em *O Mundo Literário* (1922)

## Uma “enquete” entre os livreiros editores

Com os titulos “A grande atenção, o que é melhor, fazendo desde jáção do público brasileiro pelas obras uma selecção entre todos esses literarias é um facto” “O que nos vros, dedicando affeixões a determinados tres dos principaes donos de nados autores, interessando-se, em livrarias desta capital”, o importante vespertino *Rio Jornal* publicou na sua edição do dia 20 do mez passado a seguinte interessantissima reportagem:

“O movimento intenso que nestes ultimos tres annos, isto é, logo depois da guerra européa, vem se acen- centuando, cada vez mais, no mundo quaes, antes de quaesquer outros, es- pensante de todo o paiz, levou-nos a obter, em rapida palestra, a opinião de alguns dos nossos principaes livreiros e editores.

Porque, é fora de qualquer duvida, que, entre nós, já se lê bastante, mesmo apezar da cifra entristecedora e elevada do nosso analphabetismo. E, isto, não só aqui no Rio, mas em muitos dos nossos Estados, cujo movimento de producção é cada dia mais numeroso. Em S. Paulo, onde se lê muito mais do que aqui, a publicação dos “Urupês” do sr. Monteiro Lobato, elevou-se a uma edição de vinte e um milheiros, cifra até então nunca verificada na história da literatura brasileira.

### NA GRANDE LIVRARIA LEITE RIBEIRO

O primeiro dos livreiros que se promptificou a responder ao nosso questionario foi o sr. Leite Ribeiro, apezar de se achar sempre tão atarefado com o intenso movimento da sua casa.

Conversando com o intelligent editor d’*“O Mundo Literário”*, fizemos-lhe a primeira pergunta :

— Qual o genero literario mais em voga?

Fonte: *O Mundo Literário*, nº 2, vol. I, 5 de junho de 1922, p.263.

Segundo consta na matéria transcrita do *Rio Jornal* (1922), no Brasil, vem crescendo o número de leitores, sendo São Paulo o lugar onde se lê muito mais do que no Rio de Janeiro, tendo como fundamento para isso a informação que o jornal traz acerca do grande número de edições de “Urupês”, de Monteiro Lobato, “cifra até então nunca verificada na história da literatura brasileira” (*O Mundo Literário*, 5 jun 1922, p. 263). Sobre essa constatação acerca do aumento de leitores no Brasil, o ano de 1921 é considerado o marco de vendagem, segundo a Livraria Leite Ribeiro. O editor da Livraria Leite Ribeiro, em resposta à pergunta “Qual foi

ultimamente o ano mais comercial?”, acredita que dois fatores são os responsáveis pelo crescente avanço da divulgação e vendagem de obras de autores brasileiros:

[...] o acolhimento que os autores literários hoje conseguem obter dos editores, franco, muito franco, em face da avareza com que outrora eram recebidos e a extensão e multiplicidade dos processos de propaganda dos livros aparecidos, sobretudo pelo interior do país e, se quiserem ser justos, terão de reconhecer que muito e muito devem à nossa casa esses dois fatores (*O Mundo Literário*, nº 2, vol. I, 5 de junho de 1922, p.264).

Acentua, nesse sentido, que o papel da imprensa, por ato patriótico e amor às letras pátrias, é contribuir para a divulgação do que está sendo produzido no Brasil, em especial no interior do país, o que de fato podemos perceber nas páginas da revista. A resposta do editor da Livraria Leite Ribeiro também revela, mais uma vez, o seu caráter de autopromoção, ao se colocar como responsável pela multiplicidade de livros aparecidos em diversos lugares do Brasil. Ao contrário, a esse respeito, o editor da Livraria Alves, apesar de não se julgar tão habilitado para responder ao questionário uma vez que publica basicamente obras didáticas e poucas obras literárias, acrescenta que a maior dificuldade para um crescente mais acelerado da publicação e qualidade de impressão de obras nacionais é o preço elevado do papel e consequente encarecimento dos livros:

Em 1817, esses direitos eram de 10 réis por quilo, em 1918, 200 réis, e em 1922 estamos a pagar 300 réis. Um aumento de 3.000%, o maior que se tem verificado. E feita a conta do ágio do ouro e mais despesas na Alfândega, teremos 022 em 1917; 360 a 400 em 1918 e 1919; 500 a 650 em 1920 e 1921 e 900 em 1922, por quilo de papel importado para a impressão de um romance, devendo-se notar que o livro estrangeiro paga a exatamente a metade desses direitos. Se tivéssemos a tarifa de 1917 ainda em vigor, livro nacional poderia ser vendido 30 a 40% mais barato e a sua divulgação seria muito mais fácil (*O Mundo Literário*, nº 2, vol. I, 5 de junho de 1922, p.266).

Tal depoimento reafirma a importância e a real necessidade da circulação de revistas literárias: dar visibilidade a obras e autores, formar e manter um público leitor, além de inserir-se tanto no mercado da indústria cultural quanto no campo do erudito.

Outro aspecto da enquete diz respeito aos prosadores e poetas considerados por esses editores como os mais lidos e procurados pelo público. Primeiramente, quanto ao gênero mais lido e procurado estão obras emotivas e de humor crítico, em especial as de humor erótico, segundo respostas da Livraria Leite Ribeiro. No entanto, ao mesmo tempo em que esse gênero é o mais procurado, sofre, simultaneamente, bastante censura. Essa censura, porém, é vista

pelo editor como um puritanismo inútil, uma vez que, mesmo a crítica execrando tais leituras, quem escolhe o que lê e quando vai ler é o próprio leitor. Sobre essa crítica puritana, o editor da Leite Ribeiro afirma que:

- Alguns críticos puritanos, raros nesta manifestação, não olham com simpatias os trabalhos de sua verdade ou incandescente humorismo, como soem ser os livros de Humberto de Campos, Théo-Filho, Benjamim Costallatt, etc., (aliás os livros de mais sucesso de nossa casa) mas, francamente, não lhes assiste razão, pois o mal – se mal existe – não está no seu aparecimento e sim em não dependerem do seu contrato aqueles ou aquelas que tais produções devem conhecer[...]" (*O Mundo Literário*, 5 junho, 1922, p.264).

As palavras do editor da Leite Ribeiro revelam uma consciência do que discutimos ao longo do nosso segundo capítulo: o papel da crítica na formação de um campo literário. No campo de produção erudita, recrutada de seu próprio corpo de produtores, torna-se um instrumento singular capaz de fornecer não a apropriação que a obra exige, mas uma “[...] interpretação criativa para uso dos criadores (grifos do autor)” (BOURDIEU, 2009, p.107). O sucesso de vendagem, a independência que essas obras possuíam da aprovação ou não da crítica, seria, portanto, o seu maior defeito, faltando-lhes um instrumento legitimador capaz de manter a produção literária como um bem simbólico duradouro. Assim ocorreu com o diretor de *O Mundo Literário*, Théo-Filho e o escritor Benjamim Costallat, foram esquecidos, nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda (1982):

[...] Théo-Filho fazia uns romances que obtinham seu sucesso popular na época. Não era um romancista de classe, mas fazia seu sucesso pela década de 20. Fazia romances para vender e vendia muito. Não sei se algum dia cheguei a ler alguma coisa dele, mas havia quem o admirasse. Depois ninguém mais ouviu falar no seu nome. [...] Era extremamente prolífico e as pessoas graves acusavam-no de explorar temas escabrosos. Talvez sem razão. Dois romancistas populares que não tinham muita cotação no meio intelectual, mas vendiam muito, eram justamente o Théo-Filho e Benjamim Costallat (HOLANDA, 1982, p.174).

Por ser recorde de vendas, a livraria não se omite a publicar tais obras humoristas, apesar de ter também censurado outras. Perguntado acerca dos novos escritores mais procurados, cita o Sr. Enéas Ferraz, aplaudido pela crítica pelo seu último romance, mas que a Editora Leite Ribeiro, apesar de conhecer e admirar o escritor, recusou publicar o seu primeiro romance, por achá-lo escandaloso. Os critérios de aceitação ou não de uma obra

literária, portanto, passam muito mais por motivos de ordem política e subjetiva que necessariamente estética. O que fez a crítica execrar as obras de Théo-Filho e recomendar as obras de Enéas Ferraz? E a Leite Ribeiro? O que de fato é escandaloso e amoral? O que é uma obra de valor literário merecedora de divulgação e aplausos? A aceitação do público leitor? A consagração pela crítica e a academia? São questões que só à luz dos discursos da época podemos compreender.

No que se refere aos poetas, as Livrarias Leite Ribeiro e Schettino colocam Pereira da Silva entre escritores com livros publicados mais procurados ao lado de poetas hoje consagrados pela literatura nacional como Alberto de Oliveira, Raymundo Correia, Olavo Bilac, poetas parnasianos, e Ronald de Carvalho, inserido pela historiografia literária atual como modernista. A Livraria Alves, que publica especificamente obras didáticas e poucas obras literárias, apontou o poeta Olavo Bilac como recordista de vendagens. Interessante destacar que na lista de poetas, indicada pelas livrarias Leite Ribeiro e Schettino, encontram-se muito mais nomes de simbolistas e parnasianos que modernistas, confirmando as palavras de José Geraldo Vieira (1982) acerca das influências dos movimentos de vanguarda europeia no Rio de Janeiro, em que ele constata que no cenário carioca praticamente ninguém conhecia esses movimentos de vanguarda, à exceção de Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e de Ronald de Carvalho, este último

[...] por um fator todo especial: é que o Montalvor, da Editora que tem publicado todo o Fernando Pessoa e Sá Carneiro, pertencia à Diplomacia Portuguesa e estava no Rio de Janeiro. Como Ronald era do Itamarati, dava-se com ele. De maneira que Ronald conhecia esses movimentos havidos em Portugal, em 1917, um ano depois de Dada. Aqui só veio a aparecer em 1922, movimento aliás mais de São Paulo, de Minas e do Nordeste, do que do Rio (VIEIRA 1982, *apud* CHAVES, 1982, p.172).

Dominava, assim, aqui no Brasil, uma poesia enraizada nas correntes simbolistas e, em especial, parnasianas. A estética em vigor na Europa, mesmo com a semana de 1922, não era uma febre nacional, muito menos conhecida unanimemente, tendo em vista os depoimentos aqui transcritos, além da lista de autores mais lidos com base nas vendas das livrarias entrevistadas pelo periódico *Rio Jornal*, publicado por *O Mundo Literário*, em 1922. Nesta perspectiva, o escritor Pereira da Silva é inserido na lista dos poetas mais vendidos tanto pela Leite Ribeiro quanto pela Schettino, um recurso retórico próprio dos jornais, a fim de dar maior visibilidade aos seus pares. Considerado um autor simbolista, pouco expressivo para alguns, muito popular para outros, um poeta de personalidade sombria e pacata, respeitado

por seus pares, sem envolvimento em grandes disputas nem marginalizado pela crítica de seu tempo, alia-se a figuras populares como Théo-Filho, ao mesmo tempo marginalizado pela crítica de seu tempo; dirige um jornal que possuiu um propósito bem definido por 4 anos: uma autopromoção, isto é, uma editora que deseja consagrar-se no mundo cultural, não apenas possuir sucesso econômico. No entanto, Pereira da Silva, tem o mesmo destino de seus companheiros: o anonimato.

## **4 AS INSTÂNCIAS DE CONSAGRAÇÃO: MANUTENÇÃO E APAGAMENTO DO AUTOR**

*Flaubert, como se sabe, contribuiu muito, com outros, Baudelaire, especialmente, para a constituição do campo literário como mundo à parte, sujeito às suas próprias leis (BOURDIEU, 1996, p.64).*

Partimos do princípio de que a construção e a permanência de um autor nos espaços e nos discursos culturais não estão exclusivamente associadas à qualidade estética nem a aspectos internos de uma obra, como afirma Zohar (2014); mas, sobretudo, às práticas e aos usos sociais que foram sendo incorporados ao longo do tempo, conforme já discutido em capítulos anteriores. Seguindo esta perspectiva, nossa pretensão, neste último capítulo, é levantar a discussão a respeito do cânone literário e sua interferência na construção da história da literatura brasileira que deixa no anonimato autores e obras e elegem outros para consagrar. Desse modo, neste capítulo, analisaremos o papel das instâncias de consagração e legitimação tanto para a manutenção quanto para o apagamento do nome Pereira da Silva na constituição do campo literário. Para tal, recorremos a Bourdieu (1996) e sua análise acerca da formação do campo literário.

Segundo Bourdier (2009), diferentemente da Idade Média, do Renascimento e na França em todo o período clássico, em que a vida intelectual e artística estava nas mãos de instâncias legitimadoras externas, como o Estado, a aristocracia e a Igreja, a partir, especialmente, do século XIX tais instâncias não mais ditam os padrões éticos e estéticos dessas produções. Essa transformação tem como causa a constituição de um público consumidor que passa a ditar, também, seus próprios princípios de legitimação; como também o crescente número de produtores e empresários de bens simbólicos que também ditam seus próprios princípios de legitimação, muito mais de ordem técnica e econômica e, finalmente, a multiplicação de outras instâncias legitimadoras como as academias, os salões, a burguesia, as editoras e direções artísticas. Estas últimas continuam a subordinarem-se “a obrigações econômicas e sociais capazes de influir, por seu intermédio, sobre a própria vida intelectual” (BOURDIE, 2009, p.100).

Nesse processo de transformação, a autonomização da produção intelectual e artística não se deu, necessariamente, a partir do rompimento com padrões e estéticas já consagrados, mas, principalmente, a partir do rompimento com os controles morais, sociais e estéticos “[...] de uma Igreja empenhada em proselitismo, seja dos controles acadêmicos e das encomendas

de um poder propenso a tomar a arte como um instrumento de propaganda” (BOURDIEU, 2009, p.101). Outro fator foi a Revolução Industrial e a reação romântica que contribuíram para o aceleramento desse processo de autonomização da produção intelectual e artística, provocando transformações no papel que o artista desempenha frente à sua obra e ao consumo dela. O que passa a ocorrer é a arte ditada pelo mercado, tornando essa autonomia, portanto, algo relativo, pois, se havia o rompimento do escritor com uma relação de subordinação ao patrão e aos mecenás, estando suas produções diretamente relacionadas com o sistema de encomendas dentro do Antigo Regime, há também um processo correlato instaurado pelo desenvolvimento impessoal e pela aparição de um público numeroso de compradores anônimos de livros, ou seja, a sujeição a um mercado regido por dinâmicas próprias que “[...] fazem pesar sobre a produção artística ao substituir as demandas de uma clientela selecionada pelos veredictos imprevisíveis de um público” (BOURDIEU, 2009, p.104).

Como consequência, a aparição de um público anônimo de “burgueses” e o surgimento de técnicas ligadas à comercialização de uma obra coincidiram com a rejeição dos cânones estéticos (glorificação do escritor e do artista e sua missão semiprofética), fazendo surgir, portanto, a separação entre artistas vulgares ou eruditos – literatura boa e literatura de consumo. Assim, segundo Bourdieu (1996), na ausência de verdadeiras e específicas instâncias de consagração, instituições como museus e academias – que conservam o capital dos bens simbólicos –; sistemas de ensino – que asseguram a reprodução, concepção e apreciação das obras de artes –; instâncias políticas e o Estado – por intermédio de proveitos materiais e simbólicos – atuam diretamente sobre o campo literário, em uma determinada formação social.

No entanto, as relações entre as diferentes categorias de produtores de bens simbólicos estão diretamente relacionadas à posição que eles ocupam no interior do sistema de produção e circulação desses bens simbólicos e à posição que ocupam na hierarquia cultural dos graus de consagração, o que implica em uma definição de sua prática e dos produtos dela derivados. Essa posição perante a produção e circulação dos bens simbólicos e perante a hierarquia ocupada no universo cultural de consagração impõe “[...] como um fato e passa a comandar sua ideologia e sua prática a tal ponto que sua eficácia manifesta-se, sobretudo, nas condutas inspiradas pelo esforço de transgredi-la” (BOURDIEU, 2009, p.154).

No que se refere à posição que ocupam essas instâncias perante a produção e circulação dos bens simbólicos, a inquietação pela legitimidade de sua prática leva muitos críticos a adotarem “[...] um tom duto e sentencioso, o culto da erudição pela erudição da crítica universitária, ou de procurar uma caução teórica, política ou estética nas obscuridades

de uma linguagem tomada de empréstimo” (BOURDIEU, 2009, p.155). Ao mesmo tempo em que a posição que ocupam na hierarquia cultural dos graus de consagração, os que a ela se entregam é colocada em questão a sua própria legitimidade perante o sistema de ensino e o reconhecimento que lhe cedem.

Nesse sentido, as instâncias de consagração, legitimação, circulação e apropriação dos bens culturais tais como a crítica, a Academia e o sistema de ensino, possuem interferência direta no processo de manutenção do nome de um autor. Desse modo, tendo como objeto para análise artigos de crítica literária, antologias poéticas, livros didáticos e de história da literatura, documentos acadêmicos sobre Pereira da Silva, buscamos discutir, neste capítulo, como essas instâncias atuaram no processo gradativo de esquecimento do poeta paraibano Antônio Joaquim Pereira da Silva, no período entre 1920 até os dias atuais, buscando demarcar seu lugar na história literária.

#### ***4.1 O papel da crítica: entre instauração e silenciamento de discursos***

Segundo Bourdieu (1990), a história intelectual e artística das sociedades europeias é uma história de transformação das funções e da estrutura do sistema de bens simbólicos. A relação entre produção, circulação e consumo sofreu uma autonomização progressiva, em que intelectuais e artistas passaram a exercer diferentes funções a depender da posição que ocuparam dentro dos sistemas de produção artística e cultural, aparentemente autônomo; sendo esse sistema, então, um “princípio unificador e gerador (e, portanto, explicativo) dos diferentes sistemas de tomadas de posição culturais e, também, o princípio de sua transformação no curso do tempo” (BOURDIEU, 2009, p.99).

Essa constatação, apresentada por Bourdieu, pode ser também aplicada para compreender como as lutas travadas no cenário brasileiro na conquista por espaços de legitimação e consagração de autores e obras ocorreram e, consequentemente, apontar um caminho rumo ao preenchimento de lacunas na história literária brasileira, no que se refere ao apagamento e/ou manutenção de bens simbólicos.

Inicialmente, um aspecto a ser levado em consideração quando desejamos compreender a construção do nome de um autor e a própria posição deste no mercado de bens simbólicos consiste partir do princípio de que o próprio sistema de produção e circulação dos bens simbólicos define-se num campo de oposição entre o da produção erudita e o da indústria cultural. O primeiro, segundo Bourdieu (2009), produz bens culturais para seus próprios produtores, ditando suas normas de produção e de avaliação e buscando a

concorrência pelo reconhecimento cultural concebido pelos seus próprios pares. Dessa forma, neste campo de produção erudita, a crítica ocupa um papel importantíssimo, uma vez que, recrutada de seu próprio corpo de produtores, torna-se um instrumento singular capaz de fornecer não a apropriação que a obra exige, mas uma “[...] interpretação criativa para uso dos criadores (grifos do autor)” (BOURDIEU, 2009, p.107).

Assim, tal constatação nos fez analisar as produções críticas publicadas entre os anos de 1920 até os dias atuais a respeito de Pereira da Silva, uma vez que, sendo a crítica uma espécie de “[...] ‘sociedades de admiração mútua’, pequenas seitas fechadas em seu esoterismo” (BOURDIEU, 2009, p.107), a importância dessa instância de legitimação dos bens simbólicos para a construção e desconstrução do nome do autor se torna imprescindível nas análises. Nas vozes que permeiam os documentos que serão aqui analisados – sabendo que não se pode abordar uma obra e um autor, sem levar em consideração o como, o porquê e o para quê essas instâncias se posicionam e interferem no lugar ocupado no mercado de produção e consumo da arte – podemos perceber tais interferências.

Por outro lado, o campo de produção da indústria cultural objetiva a produção geral de bens culturais destinados a produtores e não produtores desses bens, dirigindo-se tanto à classe dominante quanto às demais, obedecendo às leis de concorrência mercadológica. No entanto, apesar de opostos, esses campos – o da produção erudita e o da indústria cultural –, interligam-se e se complementam, gerando uma luta de poder que vai repercutir nas tomadas de decisões de quem permanece ou de quem é esquecido ao longo da construção de um campo simbólico.

Como consequência desse jogo de oposições, o escritor se vê inserido nesse sistema de relações entre as instâncias e os agentes nele envolvidos, que constitui

[...] o *sentido público* da obra pelo qual o autor é definido e em relação ao qual está obrigado a definir-se. As relações sociais nas quais se realiza a produção deste sentido público, ou seja, deste conjunto de *propriedades de recepção* que a obra revela apenas no processo de ‘publicação’ (no sentido de ‘tornar-se público), relações entre o autor e o editor, entre o editor e o crítico, entre o autor e a crítica etc., são comandadas pela posição relativa que tais agentes ocupam na estrutura do campo de produção erudita (BOURDIEU, 2009, p.113).

A posição que ocupam os agentes de circulação e consagração da obra literária e do nome do autor, no campo de produção erudita, define, de forma significativa os lugares ocupados pelo escritor e sua possível permanência ou apagamento na história literária, isto é, como um bem cultural permanente ou anônimo.

Dessa forma, a arte pura não possui mais a mesma concepção clássica, mas se submete, na modernidade, à *explicação* e à *sistematização* dos princípios próprios a cada tipo de expressão artística. Desse modo, não se pode compreender, em sua totalidade, ou próximo a ela, o lugar que Pereira da Silva ocupou em seu tempo de produção, como também seu próprio não lugar na história literária atual, sem levar em conta esses campos de produção e suas implicações na formação de um cânone. Queremos, observando essas lutas, avaliar até que ponto a posição que ocupavam seus agentes de circulação em relação ao campo de produção erudita definiu lugares, interferiu diretamente na permanência e consequente anonimato deste autor.

Para defender nossa hipótese, com base nos postulados apresentados por Bourdieu (1996; 2009), a respeito do campo de produção erudita, iremos percorrer as páginas e analisar os discursos que se foram formando e sendo repetidos por críticos, desde os anos de 1920 até os dias atuais, que contribuíram para a construção de um sistema literário. Críticos como Agrippino Grieco, que dedicaram páginas de seus ensaios críticos a escritores como Pereira da Silva, hoje têm seus discursos suplantados nas instâncias acadêmicas por outros discursos selecionados, organizados e redistribuídos “[...] por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1996, p.9).

Nesse sentido, em meio a discursos ora dominantes, ora suplantados, a poesia de Pereira da Silva foi objeto de estudo e de circulação em vários livros, jornais, revistas, artigos, antologias poéticas por um período significativo. O escritor foi o primeiro poeta paraibano a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Citado, referenciado, publicado até a década de 1960, de modo mais significativo, continua nas décadas seguintes por meio de algumas obras biográficas, teses de doutorado, ensaios críticos, livros didáticos, livros acadêmicos nas décadas de 1990, sendo apenas referenciada em breves citações e notas de rodapé por críticos e historiadores da literatura como Aderaldo Castelo, Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi. Ao mesmo tempo, sua poesia e lugar na história literária foram sendo silenciados por uma crítica cujo discurso suplantou os demais, num construto de uma história resultante de lutas travadas por um poder de que se quer apoderar.

Outro lugar de onde partiremos nossas análises é o que ocupa a história da literatura tal qual a conhecemos hoje, no que se refere à perspectiva adotada por seus historiadores e críticos diante da manutenção e apagamento de autores e livros. A história da literatura brasileira é narrada sob a perspectiva do livro e de uma história evolucionista, baseada em divisões entre escolas e estéticas literárias, em que autores, obras e gêneros são enquadrados

nesta ou naquela escola literária, seguindo um princípio evolucionista da literatura e da história cultural. O silêncio encontrado hoje em relação ao nome de Pereira da Silva representa, também, a consequência dessa forma de conceber o literato, ou seja, um estudo centrado em autores e livros mencionados e repetidos por essa fortuna crítica, especialmente as destinadas ao sistema de ensino. Nesse sentido, no momento em que um intelectual volta-se para publicar um livro cujo objetivo é traçar um panorama da poesia ou da literatura nacional, o seguimento dessa linha do tempo, a indicação da estética a que pertence este ou aquele autor torna-se para nós uma categoria responsável pela instauração de discursos que evidenciaram autores e apagaram outros. Esse enquadramento é responsável pela perpetuação de discursos que guardam em si mesmos a determinação de lugares fixos para autores e obras, tidos, por exemplo, como o grande poeta simbolista, como o grande romancista realista etc. No entanto, essa determinação de gêneros, autores e obras acaba por apagar outra variedade de produções e lugares, muitas vezes aquelas em que na época de sua enunciação representavam e consagravam a poética desses autores.

Como exemplo dessa manutenção e apagamento do autor e de sua obra, temos o escritor Olavo Bilac. Consagrado pela história da literatura brasileira institucionalizada e pelo sistema de ensino como poeta parnasiano – o princípio dos poetas –, é apagada, por consequência, toda uma produção de narrativas curtas que o consagraram na imprensa periódica como um cronista, ou seja, houve o esquecimento de gêneros que o consagraram em sua época para poder enquadrá-lo no lugar que Olavo Bilac hoje ocupa, na perspectiva dessa instância legitimadora. Esses discursos se perpetuam, provocando uma abordagem do evento literário como único e natural, num viés sincrônico, excludente e unilateral.

Encontrar, portanto, um lugar para Pereira da Silva nessa concepção evolucionista da literatura é a perspectiva adotada na abordagem da produção crítica pesquisada, uma vez que entendemos ter essa concepção, que reúne autores e obras enquadrando-as num princípio baseado numa história narrada a partir de escolas e estéticas literárias, contribuído para o apagamento deste autor. Dessa forma, esclarecemos nosso leitor que ao tratarmos, neste capítulo, da presença do nome Pereira da Silva em livros de história da literatura, não estamos corroborando com essa prática nem com essa concepção evolucionista da literatura. Nosso propósito é problematizar e apontar para o fato de que essa forma de narrar a história da literatura torna-se fator significativo que contribui para o apagamento, aspecto central desse nosso capítulo. As filiações literárias a que Pereira da Silva foi enquadrado em vários momentos da história da literatura por meio da voz da crítica literária, representam modos de apropriação de seu escrito e de seu lugar, como também seu consequente silenciamento,

afinal, não temos como acompanhar o discurso da crítica livresca sem citar e avaliar os lugares que Pereira da Silva ocupou dentro desse próprio discurso, uma vez que, concordando com Abreu (2006), para estudar o evento literário,

[...] Não se trata de esquivar de qualquer forma de julgamento ou hierarquia, até porque os grupos avaliam suas próprias produções e decidem que há algumas mais bem realizadas que outras. O que parece inadequado, entretanto, é avaliar todas as composições segundo os critérios pertinentes à criação erudita. Abandonando esta forma de agir, ficará claro que não há livros bons ou ruins para todos, pois nem todos compartilham dos mesmos critérios de avaliação. (ABREU, 2006, p. 110)

É desse lugar, portanto, que pretendemos abordar a construção e desconstrução do nome Pereira da Silva. A crítica literária, sua representação no cenário histórico-cultural de seu tempo como uma instância de consagração e de construção da história literária e hierarquização de obras e autores, vem nos trazer à luz esses lugares e não-lugares, a fim de que possamos dizer quem foi e quem é Pereira da Silva, observando seus critérios de avaliação de seu nome. Para alcançarmos nosso objetivo, por uma questão metodológica, analisaremos os artigos de crítica literária dividindo-os em duas categorias temporais: o período entre 1920 e 1950, a que chamamos de um discurso silenciado; e o período de 1960 aos dias atuais, o discurso institucionalizado.

#### **4.1.1 Pereira da Silva na voz de um discurso silenciado**

Em livro, o poeta Pereira da Silva inicia sua produção literária em livro, no ano de 1903, com a publicação de *Vae Soli!*. A partir desta publicação, mais seis obras são produzidas em vida pelo autor. A respeito de sua filiação literária, é divergente em vários autores, sendo, apontado como simbolista, parnasiano e pré-modernista, filiações essas que em nada contribuíram para sua permanência na história literária, por se tratarem de construções e vínculos *a posteriori*. No entanto, sua filiação atual está definida pelos estudiosos da literatura paraibana e brasileira como simbolista. Não vamos, entretanto, deternos em discutir essas filiações estéticas, por compreendermos que o conceito de literatura, como o entendemos hoje, como afirma Abreu (2003), surge da necessidade de controlar práticas culturais e fazer valer marcas de distinção social. A crítica literária, portanto, ainda segundo a autora, é marcada por continuidade, divergências e retorno, numa constante discussão a respeito do processo de formação da historiografia literária, em que um autor cita o outro, classificando e analisando as obras literárias, acarretando uma análise que não vai às

fontes primárias, mas que se restringe a reproduzir discursos selecionados por critérios muitas vezes subjetivos.

Assim, adotamos o ponto de vista, para analisar os ensaios e artigos críticos a respeito de Pereira da Silva, de que a referência a seu pertencimento a esta ou aquela corrente literária não se trata de uma aceitação deste posicionamento, mas uma variante para a análise da construção desse próprio discurso que tem como bases uma visão “evolucionista da produção literária” (ABREU, 2002, p.52), o que corrobora para uma concepção de literatura como um conjunto de obras e autores consagrados, a que queremos nos distanciar, mas que, ao mesmo tempo, não podemos desconsiderar por entender que os critérios adotados por essa crítica literária revelam procedimentos de avaliação próprios para podermos compreender os lugares ocupados pelo autor ao longo do tempo.

Entre os nomes da produção crítica, que dedicaram ao poeta ensaios e artigos, a que tivemos acesso até o momento, encontram-se os críticos Andrade Muricy (1922; 1987), Tomás Murat (1939), Jayme de Barros (1944), Agrippino Grieco (1947;1968), Massaud Moisés (s/d), Afrânio Coutinho (1990), Alfredo Bosi (1994) e Aderaldo Castello (1999). Além dessas produções, o poeta encontra-se presente por meio de antologias poéticas e livros de cunho didático, como também em periódicos que circularam no período de 1910 a 1950, em que se encontram tanto seus ensaios críticos e suas obras quanto referências à sua poética e contribuições literárias, entre eles se encontram: o suplemento literário *Autores e Livros* do jornal *A Manhã* (RJ), a revista literária *Era Nova* (PB), a revista *O Mundo Literário* (RJ), a revista literária *Rosa Cruz* (RJ), entre outros, já abordados em capítulos anteriores.

Escolher a crítica como uma das fontes para nossa pesquisa diz respeito ao fato, como já referido antes, de ela cumprir um papel importante para a formação desse campo. O lugar que os críticos ocuparam em determinado tempo histórico e sua permanência ou não dentro do campo de produção dos bens culturais torna-se um dado imprescindível para o pesquisador que deseja compreender os mecanismos, táticas e estratégias de manutenção e/ou apagamento de nomes e obras ao longo da história cultural.

Iniciamos, portanto, por Andrade Muricy, um crítico estudioso do movimento simbolista, ao qual dedicou dois significativos volumes intitulados *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro* (1952). Sua obra ainda é a grande referência para os estudos sobre essa corrente literária nos redutos universitários, sendo citada por críticos como Alfredo Bosi, Afrânio Coutinho e Antônio Cândido até os dias atuais. A primeira vez que Pereira da Silva surgiu em suas obras foi em 1922, quando publica um livro intitulado “O suave convívio: ensaios críticos”. Nesse livro, o autor reúne vários ensaios críticos sobre literatura, autores e

obras; dividida em três partes. A respeito do poeta Pereira da Silva, o crítico lhe dedica algumas páginas, referindo-se à recente publicação de *Solitudes* (1918) e *Beatitudes* (1919), obras poéticas do autor. Em aproximadamente 13 páginas, o ensaísta Andrade Muricy inicia suas considerações destacando a estrutura dos versos do poeta, considerando-os com ritmo suave e discreto, sem colorido, de deficiente visão plástica, cuja natureza é sentida a partir de seu estado de alma, tendo como tema a preocupação com o significado moral dos fenômenos, numa postura contemplativa. A estrutura de seus versos, portanto, na visão do crítico, afasta-o dos parnasianos.

Após essas considerações, o crítico se preocupa em enquadrar Pereira da Silva em uma estética literária, em uma tradição cultural, fator relevante para a inserção de um nome, de uma obra na tradição literária vigente e, por consequência, no cânone:

A poesia de Pereira da Silva, aparecendo depois da parnasiana e da simbolista, lembra-nos a música pouco capaz de efeitos harmônicos variados, mas expressiva, intensa, sincera de Verdi, comparada com a opulenta complexidade da polifonia de Bach ou com a transcendência e a potencia magnética da música wagneriana (MURICY, 1922, p.225).

O comentário do crítico revela um dos aspectos relevantes para a formação de um sistema literário, nas palavras de Zohar (20014). Segundo este autor, a canonicidade se dá em dois níveis: no nível dos textos e no nível dos modelos. É diferente introduzir um texto no cânone literário de introduzi-lo por meio de um modelo de um dado repertório cultural. No nível dos textos, a canonicidade é estática, uma vez que a aceitação de um texto se dá pela concepção de um produto concluído e inserido em um conjunto de textos santificados que vai ser conservado. No segundo nível, a canonicidade é dinâmica, pois “[...] certo modelo literário logra se estabelecer como princípio produtivo no sistema por meio do repertório desse” (ZOHAR, 2014, p.11).

Como os livros *Solitudes* e *Beatitudes* de Pereira da Silva haviam sido recentemente publicados, estando o poeta vivo, o crítico Andrade Muricy, estrategicamente, em seu ensaio, deixa revelar a necessidade de inserir o autor a partir de um modelo já consagrado em determinado repertório, uma vez que a poesia de Pereira da Silva, segundo o crítico, não se enquadrava nas estéticas parnasiana nem simbolista.

Pereira da Silva pertence à estirpe dos últimos românticos, longínquo emulo de Varella, desenvolvendo sua feição artística sem excessivas influências estrangeiras. Não parece ter se deixado impressionar mui profundamente pela própria corrente simbolista, apesar da sua estréia *nefelibata* com o livro *Vae soli*, apesar, ainda, da sua predileção literária pelos chamados

*decadentes*, por Baudelaire e Poe entre outros. Respirou dentro da *aura* simbolista, e, se aquele ambiente literário da sua adolescência poucos vestígios deixou em sua obra, menos ainda nela se encontra do Parnasianismo:[...] (MURICY, 1922, p.234).

Ao mesmo tempo em que nega tal vinculação, deixa revelar em sua fala que Pereira da Silva possuía uma predileção literária pelos chamados *decadentes*, além do fato de sua primeira obra, *Vae soli!* (1903), possuir associações com o Simbolismo. A predileção de Pereira da Silva pelo Simbolismo, postura essa apresentada pelo crítico e por isso não menos importante que a imposição deste em associá-lo ao Romantismo de Varela, revela o *sentido público* – termo utilizado por Bourdieu (2009) para se referir à formação do campo de produção cultural – que a obra precisa possuir para inserir-se no mercado de bens simbólicos. Esse sentido *público* provoca, entre outros aspectos, a própria dialética da distinção cultural, que ao mesmo tempo em que busca a distinção “[...] impõe também os limites no interior dos quais tal busca pode exercer legitimamente sua ação” (BOURDIEU, 2009, p.109).

Após negar esse vínculo, Muricy associa Pereira da Silva aos românticos, em especial ao lirismo de Fagundes Varela, que apesar de deliciar os ouvidos, de ainda ter público, seu canto é conhecido:

A poesia da maturidade de Pereira da Silva tem a simpleza e exaltada doçura do lirismo varelleano. É poesia que pode ainda ser sentida, pois o Brasil continua romântico, [...]. Por isso mesmo, ela não traz novidade. Se nos delicia, fá-lo como música já ouvida, que é grato recordar transfigurada por nova e forte interpretação. Não será ela que nos proporcionará o *frisson nouveau*, que nos desvende novas regiões de sonho e de ideal, restando contudo arte humana de indecisão, e talvez de penumbra luminosa de alvorecer, dos maiores poetas do Brasil (MURICY, 1922, p.235).

Observa-se no comentário de Andrade Muricy que o poeta Pereira da Silva, apesar de lido e de agradar, segundo esse crítico, um Brasil que continua romântico, mesmo não proporcionando um *frisson nouveau*, a tomada de posição que o Muricy assume perante a obra do poeta se refere à posição que os críticos ocupam perante a produção e circulação dos bens simbólicos, a inquietação pela legitimidade de sua prática leva muitos deles a adotarem “[...] um tom douto e sentencioso, o culto da erudição pela erudição da crítica universitária, ou de procurar uma caução teórica, política ou estética nas obscuridades de uma linguagem tomada de empréstimo” (BOURDIEU, 2009, p.155).

Além disso, a fim de explicar ou se posicionar diante da recente publicação das obras de Pereira da Silva, Andrade Muricy assume um tom imperioso que possa tanto introduzir o poeta num campo de produção simbólica quanto defini-lo como tal, uma vez que a recente

publicação dos livros *Solitudes* e *Beatitudes*, ambas publicadas em 1918 e 1919, causaram impactos positivos perante a comunidade de leitores, como podemos ler nas entrelinhas de seu depoimento, quando ele considera *Beatitudes* mais elaborado, apesar de *Solitudes* ter feito mais sucesso “[...] por ter aparecido primeiro e devido à surpresa causada pelo aparecimento dum poeta que estreara já há tanto tempo, e de quem nada mais se esperava” (MURICY, 1922, p.232).

No entanto, a abordagem feita por Muricy (1922) faz-nos questionar sobre essa comunidade de leitores que preferiu o livro *Solitudes*. Em *O Mundo Literário*, revista literária que Pereira da Silva, em seus dois números de 1922 traz anúncios de *Solitudes* como também uma enquete realizada com três livrarias editoras do Rio de Janeiro: a Leite Ribeiro, a Livraria Alves e a Livraria Schettino. Nessa enquete o nome de Pereira da Silva configura a lista dos poetas mais procurados pelos leitores dessas editoras, além do fato desse livro ter ocupado espaço nos jornais da época, conforme analisamos no primeiro capítulo.

Outro aspecto que está implícito ao seu espanto é o fato de Muricy considerar *Beatitudes* mais elaborado, apesar de o sucesso maior ter se dado com o livro *Solitudes*. Essa divergência de considerações a respeito da qualidade da obra revela o que já vimos discutindo: que a oposição entre os dois campos – o da produção erudita e o da indústria cultural – gera consequências na estrutura do sistema de produção e circulação de bens simbólicos, ou seja, o isolamento da sociedade literária em relação ao grande público, provocando uma oposição entre a produção erudita e o consumo mercadológico, marcando o que é boa ou má literatura, e proporcionando o apagamento e/ou permanência de obras e autores nesse sistema de circulação dos bens simbólicos.

Além disso, a crítica para se sustentar como instância de legitimação e consagração acaba por criar uma distância entre hierarquias: o *sucesso de público* (dentro ou fora do campo de produtores de bens culturais) e o reconhecimento no interior do grupo dos próprios pares-concorrentes. Esta distância, além de um indicador da autonomia do campo de produção erudita, acaba por revelar “[...] o desnível entre os princípios de avaliação que lhe são próprios e aqueles que o ‘grande público’ e, em particular, as frações não intelectuais das classes dominantes aplicam às suas produções” (BOURDIEU, 2009, p.107-108). Percebemos ainda em suas considerações, que apesar de o poeta, na concepção do crítico, possuir uma poética já conhecida, sem novidades, ela revela a arte humana própria dos maiores poetas do Brasil. Isso demonstra a necessidade deste crítico de manter Pereira da Silva dentro do campo de produção simbólica, o que significa também a manutenção de uma instância de legitimação: o jornal.

Em sua obra “Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro”, já em sua 3<sup>a</sup> edição, revista e ampliada, datada do ano de 1987, Andrade Muricy lista, em dois volumes, mais de 50 autores ligados ao movimento simbolista, sobre os quais relata a vida e a obra deles. Esse livro é dividido em dois volumes, em que além de trazer os autores, o crítico apresenta estudos sobre o Simbolismo brasileiro, analisando-o e contextualizando-o. Pereira da Silva se mantém no quadro dessa lista de autores simbolistas. No capítulo dedicado a Pereira da Silva, Andrade Muricy (1987) escreve uma pequena biografia sobre o autor, em que nela está contida, mais uma vez, a referência ao sucesso que o livro *Solitudes* obteve perante o público, ao dizer que “Foi promotor público no Paraná onde escreveu o livro *Solitudes*, que o consagrou perante a opinião nacional” (MURICY, 1987, p.691).

Ao contrário, no entanto, do que afirmou em seu livro *O suave convívio: ensaios críticos*, obra publicada em 1922, já abordada anteriormente, em *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro* em sua 3<sup>a</sup> edição datada de 1987<sup>31</sup>, Andrade Muricy já afirma ser Pereira da Silva um poeta simbolista: “Pertenceu ao grupo chamado de *Rosa-Cruz*, um dos mais ativos do Simbolismo brasileiro. [...] Os seus versos simbolistas ortodoxos estão reunidos no volume *Vae Soli!*” (MURICY, 1987, p.691), como também fundamenta a inclusão do poeta nessa estética ao colocar em nota de rodapé as considerações do crítico literário Antônio Olinto, transcritas do jornal *O Globo* de 1960, fato revelador de que, apesar de decorridos quase 20 anos da morte de Pereira da Silva, o poeta ainda é mencionado por seus pares, críticos literários dos jornais:

Escreveu Antônio Olinto, tratando de Pereira da Silva: *Fez crítica literária em jornais, e nelas sempre defendeu o Simbolismo (talvez a corrente que mais alto foi em nossa poesia, e que atravessou a semana de 22, para continuar até hoje)* (*O Globo*, 8-4-1960) (MURAT, 1987, p.693. Grifos do autor).

A pergunta que fica é o porquê da mudança de filiação. Se em 1922, Andrade Muricy associava Pereira da Silva aos românticos tardios, sem encontrar nele filiações ao Simbolismo, por que nesta obra, sua inserção ao Simbolismo se confirma? Novamente o que já discutimos anteriormente: a necessidade dar um *sentido público* à obra e, consequentemente, de manter um sistema literário, um lugar no campo de produção dominante. Além dessa necessidade, evidencia-se um construto constante de uma historiografia literária que se vai formando a partir de uma crítica que tem um papel

---

<sup>31</sup> A primeira edição da obra *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, de Andrade Muricy, data de 1956.

importante na consagração da obra literária. Nesse sentido, as obras são selecionadas sob o critério da historiografia, o que nos faz investigar os motivos de Andrade Muricy. O que em 1922 impedia o crítico de inserir Pereira da Silva entre os poetas simbolistas? Que discursos não estavam na ordem, no lugar de poder? Andrade Muricy na edição de 1987 repete um discurso já autorizado ao citar o comentário do crítico literário do jornal *O Globo*, Antônio Olyntho Marques da Rocha, que ao longo de 25 anos colaborou com jornais do Brasil e de Portugal.<sup>32</sup> Esse citar o outro é a marca do que vai se configurando como Literatura a partir do século XIX: um construto em torno da seleção de obras e autores que a crítica evidencia na historiografia literária.

Nessa biografia, Muricy (1987) destaca, ainda, a produção de Pereira da Silva nos jornais, inclusive como crítico literário, ao se referir, além da informação contida na nota de rodapé, ao: “[...] Importante ensaio seu, datado de 1910, e até então inédito, sobre Emiliano Perneta, (que) foi publicado por ocasião do centenário desse fundador do Simbolismo (*Jornal do Comércio*, 16-1-1966)” (MURAT, 1987, p.693, grifo nosso), como também na introdução sobre o poeta ao destacar sua colaboração na imprensa carioca:

Iniciou sua vida intelectual na imprensa do Rio de Janeiro, colaborando na *Cidade do Rio*, na *Gazeta de Notícias*, em *A Época*, em *A Pátria* e no *Jornal do Comércio*. [...] Dirigiu, com Agripino Grieco e Téo-Filho, o mensário *O Mundo Literário* (MURAT, 1987, p.691).

Outro crítico e ensaísta brasileiro, que também dedica páginas de seu livro ao poeta Pereira da Silva é Tomás Murat<sup>33</sup>. O livro “O sentido das máscaras” (1939) reúne ensaios críticos acerca de diversos autores. É um livro póstumo, segundo seu prefaciador Saul de Navarro, pseudônimo do escritor Álvaro Henrique Moreira De Souza<sup>34</sup>. Saul Navarro exalta

<sup>32</sup> Antônio Olyntho Marquem da Rocha, além de crítico literário de *O Globo*, dirigiu e apresentou os primeiros programas de televisão, na TV Tupi e nas TVs Continental e Rio e ocupou a cadeira de nº 8 da ABL em 1997. Em 2009, recebeu o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra.

<sup>33</sup> Tomás Murat: filho do poeta Luiz Murat, Tomás Murat foi crítico e ensaísta literário, considerado por Pereira da Silva como o melhor de sua geração (in: Revista da Academia Brasileira de Letras, nº 173, vol. 51, ano 28, de maio de 1936). Acrescenta ainda outras obras de Murat: “As noites do demônio”, “Areia do deserto”, “A evolução do romance brasileiro” e “O elogio da morte”, livros que, nas palavras de Pereira da Silva, ainda estavam por imprimir. Não encontramos maiores informações a respeito de Tomás Murat apenas esse texto de Pereira da Silva e comentários elogiosos no final do livro “O sentido das máscaras” (1939), feitos por vários escritores.

<sup>34</sup> Álvaro Henrique Moreira de Souza (Santa Leopoldina, ES, 1890 – Rio de Janeiro, RJ, 1947), dedicou-se à divulgação de nomes e obras da cultura ibero-americana em vários países, através de artigos, estudos e conferências estampados em jornais e revistas de prestígio, como também em livros. Pseudônimo Saul de Navarro. Principais obras: *Visões do século, crônicas* (1921), *O espírito ibero-americano* (1928), *Rapsódia brasileira* (1935), *O amor do Brasil pelo amor da pátria* (1941) entre outros.

as qualidades de Murat como crítico, elogia-lhe o estilo e a linguagem, considerando-o ser ele mais que um crítico, mas alguém que “Lia os outros para escrever como desejaria que todos escrevessem... Critica no mais alto senso divinatório da Beleza e dá mais profunda introspecção, buscando itinerário para a sua viagem deslumbrada” (MURAT, 1939, p.8).

Na parte final do livro Murat (1939), há um capítulo intitulado “Alguns juízos sobre o autor deste livro”. Neste capítulo, há depoimentos de vários escritores, inclusive do prefaciador do livro, a respeito de Tomás Murat, nos quais são exaltadas as qualidades deste como crítico, escritor e homem. Entre os escritores citados neste livro, além de Pereira da Silva, estão: Rodrigues de Abreu; Moacir de Almeida; Raul de Leoni; Hermes Fontes; Ronald de Carvalho; João Ribeiro Pinheiro; Graça Aranha; Constancio Alves; Roquete Pinto; Mansueto Bernardi; Raimundo Moraes; Herman Lima; Saul de Navarro; Antenor Nascentes; Rui Castro; Francisco Karam e Agrippino Grieco. Muitos dos que configuram essa lista não se encontram nas páginas dedicadas à historiografia literária brasileira, com exceção de Graça Aranha e Ronald de Carvalho, ambos considerados escritores expoentes do Modernismo brasileiro, segundo os critérios da historiografia literária atual. Os demais são poetas ligados ao jornalismo e, na sua maioria, membros ou candidatos à Academia Brasileira de Letras, associados à poesia de final do século XIX e início do XX (simbolistas e/ou parnasianos, ou sem nenhuma identificação com uma estética literária específica); outros não encontramos informações alguma, como Rui Castro e Raimundo Moraes.

Ao contrário de Andrade Muricy, Tomás Murat não se preocupa em associar Pereira da Silva a alguma corrente literária, mas apenas em tecer comentários elogiosos a respeito da temática de sua obra, cujas características são repetidas por vários dos críticos que fizeram alusão à sua poética: o pessimismo, o amor à solidão e o espiritualismo. Além disso, Tomás Murat exalta as qualidades morais e espirituais do poeta, algo bastante comum nos textos críticos e biográficos que analisamos.

Um poeta como Pereira Da Silva – transcendente místico, que recebeu na água do batismo o símbolo da sua arte e que fez da arte o batismo da sua vida – é o poeta da Agonia e do Milagre. Na arte, como na vida, está só. Está só no último mistério da poesia (MURAT, 1939, p.110).

No entanto, apesar de Tomás Murat não mencionar a vinculação de Pereira da Silva a nenhuma corrente literária, insere-o a uma tradição artística como o fez Andrade Muricy, ao comparar sua poesia à musicalidade de Chopin. Dessa forma, reforça-se, mais uma vez,

segundo Zohar (2014), a necessidade de pertencer ao grupo de modelos ao longo de uma carreira literária, uma vez que sendo rejeitado como modelo aceitável para confeccionar novos textos, pode-se até não perder sua posição no cânone estático, mas pode perder sua posição contemporânea.

Esse esforço em manter a posição de Pereira da Silva, nos anos de 1930 é perceptível nessas obras críticas, tendo em vista o fato de que esses críticos eram jornalistas como Pereira da Silva o era. Manter essa posição de Pereira da Silva é manter um grupo que circulava nos jornais, prática herdada do século XIX, a chamada “crítica-amiga” (SILVA, 2015b). Enquanto o sistema de ensino legitima, consagra e mantém o passado, os jornais constroem o contemporâneo. Os livros críticos aqui analisados mantêm essa mesma postura, pois são obras críticas que falam da contemporaneidade, isto é, voltado aos seus pares, numa manutenção do que lhe era atual no momento.

Um aspecto a ser destacado é o fato de que ao contrário de Andrade Muricy, cujas obras ainda permanecem como referência para estudos críticos atuais, nada se conhece sobre Tomás Murat. No entanto, seu prefaciador Saul de Navarro ocupou um lugar de prestígio em seu tempo, em especial no mundo jornalístico, o que reforça a hipótese levantada a respeito do lugar ocupado por Pereira da Silva na voz da crítica: sua circulação se dava principalmente entre os pares. É importante lembrar que entre os escritores citados no livro de Murat (1939), assim como Pereira da Silva, não se encontram nas páginas dedicadas à historiografia literária brasileira, com exceção de Graça Aranha e Ronald de Carvalho, ambos considerados escritores expoentes do Modernismo brasileiro. Os demais são poetas ligados ao jornalismo e, na sua maioria, membros ou candidatos à Academia Brasileira de Letras, associados à poesia de final do século XIX e início do XX (simbolistas e/ou parnasianos, ou sem nenhuma identificação com uma estética literária específica).

Adentrando a década de 1940, outro texto retoma o caráter pessimista, solitário e espiritualista do poeta Pereira da Silva. Trata-se do livro “Poetas do Brasil”, de Jayme de Barros<sup>35</sup>. O livro surge, segundo o autor, como uma necessidade de reavivar a poesia esquecida em tempos de materialismos e guerras. Na introdução, o crítico conceitua o que é poesia e sua importância para a expressão humana.

Reavivar a poesia esquecida em tempos de materialismos e guerras reflete bem a necessidade, novamente, de manter a posição contemporânea de autores e de um gênero que

---

<sup>35</sup> Jayme de Barros é natural do Rio de Janeiro (1901-1986). Jornalista, crítico de artes, cronista e representante do Brasil na ONU. Escreveu várias obras: *Uma mulher e outras fatalidades* (1927), *Espelho dos livros* (1936), *Chão de vidas – Memórias* (1985), entre outras.

se supõe, pelo próprio objetivo do livro, estarem ausentes no mercado de bens simbólicos. Trata-se, portanto, de uma subordinação a que se sujeita a produção literária, regida pela posição ocupada no campo e instituída através de duas medições, nas palavras de Bourdieu (1996): o mercado e as ligações duradouras. Essas ligações duradouras representam as afinidades de estilo de vida e de sistema de valores que unem uma parte de escritores a certas frações da alta sociedade e, por consequência, mantêm-nos no campo.

O livro de Jayme Barros apresenta-se dividido em capítulos em que o autor se propõe a revelar os poetas brasileiros em uma cronologia. O autor explica a literatura brasileira desde a sua formação até os Modernistas, classificando e analisando os poetas a partir das escolas literárias – uma historiografia de cunho didático, porém diferente da que temos conhecimento hoje. Acrescenta que não é fácil classificar as fases da poesia brasileira, pois “[...] as escolas se prolongam umas nas outras, se interpenetram, quase se confundem” (BARROS, 1944, p. 32).

O poeta Pereira da Silva encontra-se citado no oitavo capítulo do livro, intitulado “Os Pré-Modernistas”. Essa vinculação reflete bem o modo como a história da literatura passa a ser narrada, ou seja, o passado passa a ser lido sob o viés nacionalista de tradição modernista, um discurso dominante que configurava na época do governo Vargas. Assim, sobre o poeta Pereira da Silva, Barros (1944) lhe dedica apenas um parágrafo em que diz:

O Sr. Pereira da Silva é um poeta de inclinações religiosas, que marcou bem sua personalidade com alguns livros de cadência tristes, em que há mais sombra do que luz. Os seus poemas são de uma melancolia dolorosa. Parecem escritos na penumbra das igrejas, em velhas catedrais, onde não entra o sol e onde não se veem o mundo, as paisagens, a vida. São elegias comoventes, mas seu tom monocórdio como que nos arrasta para o terrível círculo vicioso da amargura e da dor (BARROS, 1944, p.130).

Nessa referência, algo se mantém em comum aos já citados críticos, o caráter uniforme da obra do poeta: uma temática triste e sombria, a religiosidade, amargura e dor. Incluir Pereira da Silva entre os Pré-Modernistas, nessa obra de Barros (1944), é uma questão de inseri-lo num discurso que ora dominava, sendo um esforço de retomar o nome do autor e mantê-lo vivo numa crítica que se construía. Os Pré-Modernistas em sua concepção são considerados aqueles que vieram depois do Simbolismo e antes do Modernismo, que não sendo nem um nem outro, “[...] apresentam mensagens novas da sensibilidade e do pensamento brasileiro” (BARROS, 1944, p.124). No entanto, essas vinculações estéticas revelam uma concepção de literatura como resultado de uma evolução histórica, a fim de

compor um cenário da historiografia literária, uma forma, portanto, de manter o *sentido público* da obra, criada por uma instância consagradora: a crítica literária.

É importante considerar o fato de que este ano marca a morte de Pereira da Silva, falecido em 11 de janeiro. Sendo sua recente morte noticiada por jornais como o suplemento literário *Autores e Livros*, do jornal carioca *A Manhã* que lhe dedicou, em outubro deste mesmo ano, um volume inteiro de sua revista, o poeta não poderia faltar numa coletânea como essa, o que revela estar Pereira da Silva inserido nesse clima corporativista da literatura. Sua presença na obra crítica de Barros (1944), mesmo que em apenas um parágrafo, faz jus à posição que Pereira da Silva ocupava nos jornais, pertencendo a um grupo seletivo de jornalistas do Rio de Janeiro, reverenciado por seus pares que não o deixam morrer também dentro do campo de produção dos bens simbólicos.

Essa manutenção representa a noção apresentada por Certeau (1998) a respeito das estratégias, ou seja, a criação de um lugar de poder, que elabora lugares teóricos, os chamados “[...] (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. [...]” (CERTEAU, 1998, p.102). Como também, uma resistência que busca o *estabelecimento de um lugar*, porventura gasto pelo tempo, mas necessário para sua manutenção no mundo literário.

Após a morte do poeta, outro crítico literário mantém vivo o nome de Pereira da Silva, trata-se do ensaísta e jornalista Agrippino Grieco<sup>36</sup>. A obra desse crítico literário teve grande importância para o cenário literário das décadas de 1920 a 1950. Em 1920, ele substitui Tristão de Ataíde em *O Jornal* e, a partir de então, passa a contribuir com vários artigos, diariamente, em vários outros jornais, sendo muito eclético, polêmico e satírico em suas críticas.

O livro *Obras completas de Agrippino Grieco: evolução da poesia brasileira* (1947), publicado pela editora José Olympio em sua 3<sup>a</sup> edição, é uma obra didática que trata da evolução da poesia brasileira desde o Classicismo até o Modernismo. Não temos notícias, até o momento, se esta obra circulou nas universidades. Essa informação se faz necessária, uma vez que, como afirma Bourdieu (2009), a posição ocupada pelas instâncias de legitimação interfere diretamente na permanência ou apagamento do nome do autor.

---

<sup>36</sup> Agrippino Grieco (1888-1973) é natural da cidade de Paraíba do Sul (RJ). Foi poeta, jornalista, crítico literário. Estreou com o livro de poesia *Ânforas* (1910), sob forte influência de Olavo Bilac, recebendo menção honrosa pela ABL. Colaborou com “O Jornal”, atuando como crítico literário substituindo Tristão de Ataíde, por longo tempo. Entre suas principais publicações estão o livro de contos *Estátuas Mutiladas* (1913), *Evolução da poesia brasileira* (1932) e *Evolução da poesia brasileira* (1933).

Em seu livro, no capítulo intitulado “Entre o Parnasianismo e Simbolismo”, Grieco (1947) cita os poetas que se configuram entre o Parnasianismo e o Simbolismo: em grande parte desconhecidos, anônimos na História da Literatura consagrada neste século. Entre eles estão: Raul de Leoni, Moacir de Almeida, Alceu Wamosy, Eduardo Guimaraens, Hermes Fontes, Alberto Ramos, Belmiro Braga, Olegario Mariano, Pinheiro Viegas, Angelina Macedo, Cecília Meireles, Auta de Sousa e Lia Correia Dutra (configurando um capítulo intitulado “Quatro poetisas”), e, finalmente, Pereira da Silva. Grieco (1947) inicia seu comentário crítico dizendo que irá se contradizer ao falar sobre Pereira da Silva. Começa lembrando a exortação que fez a Pereira da Silva em 1919 de não seguir o conselho de Luiz Murat, “[...] quando, num estudo, o mandou arejar a alma e fartar-se de sol, [...]” (GRIECO, 1947, p.145), pois, naquele momento, ao contrário, Grieco considerava essa a beleza de Pereira da Silva, exortando-o, assim, a permanecer um elegíaco. No entanto, decorridos anos após 1919, afirma que suas elegias já estão fatigando, pois se repetem ao longo de suas obras.

Acentua o principal defeito do poeta: ser monótono, o que o obriga, neste momento, a concordar com Murat. Entre as críticas que reitera sobre a obra de Pereira da Silva estão: o caráter repetitivo da temática – a monotonia; o vocabulário restrito e rimas pouco variadas; o caráter prosaico, confidencial; a vida isolada que faz acentuar um pessimismo exagerado. Acrescenta como um elogio a Pereira da Silva, o fato de ele não se preocupar em agradar seus leitores, atitude vista como algo positivo, uma vez que Grieco, de forma irônica, critica a escrita literária que busca emocionar os leitores, considerando uma espécie de enfraquecimento da qualidade poética, conforme verificamos na citação abaixo:

Preocupa-se também menos o Sr. Pereira da Silva em enternecer os seus leitores. Nada mais fácil que fazer chorar: qualquer defunto sem importância, qualquer melodrama banal consegue isto, e não há necessidade de subir ao Pindo por tão pouco. Fazer chorar era interessante no tempo do meio Casimiro e de outros vates que punham vermelhão nas chagas, metrificando os acessos de tosse e morrendo no palco à maneira da Dama das Camélias (GRIECO, 1039, p.146-147).

Apresenta uma concepção de que a arte não deve atender aos apelos sentimentais de um público leitor, referindo-se à poética romântica de maneira bastante sarcástica. Tal postura revela a própria luta aqui já citada: o mercado erudito e o da indústria cultural. A literatura não seria, portanto, uma arte para emocionar nem para enternecer os seus leitores, considerado algo, inclusive, ultrapassado, uma concepção puramente romântica, ao estilo de um Casimiro.

Após trazer críticas negativas e positivas à obra do poeta, Grieco (1947) volta seu olhar para o que há de melhor no poeta, o tom elegíaco de seus versos, aceitando-o dessa forma. Analisa o livro *Pó das Sandálias*, retomando um texto já escrito antes, em prefácio à obra *Beatitudes*. Sobre *O Pó das sandálias*, Grieco (1947) faz uma restrição: critica o fato de o poeta, na primeira parte do livro, pretender fazer uma espécie de socialismo sentimental. Considera tal pretensão perigosa. Dessa forma, Grieco (1947) se posiciona:

Somos dos que não creem nas virtudes humanitárias das obras de arte e os bardos humanitários [...] Admiram as cabeças de mendigos bem caracterizadas, bem arranjadas e só suportam os trapos de Diógenes quando compostos artisticamente (GRIECO, 1947, p.147).

No entanto, afirma não reconhecer essa postura em Pereira da Silva, uma vez que este, na sua concepção, prefere as paisagens interiores e cria uma figura humana triste, pondo a perfeição no sacrifício, isto é, Pereira da Silva mantém coerência entre a obra e sua própria vida, o que não ocorre com outros artistas que “[...] Acham que há na dor o mais precioso dos ensinamentos e vão ao extremo de desejar desgraças aos outros, não só porque isso é útil aos desgraçados, como também para ter ensejo de consolá-los” (GRIECO, 1947, p.148). Uma ironia clara a um falso socialismo dos produtores de arte!

Grieco (1947) conclui o capítulo sobre Pereira da Silva tecendo-lhe uma crítica e um elogio, daí o porquê de ter iniciado seu texto justificando a contradição de trazer esse poeta para sua obra “Evolução da poesia brasileira”. A crítica recai novamente sobre o valor estético e o elogio ao valor moral de sua obra que lhe reflete a fisionomia de seu caráter:

Ainda que, em alguns trechos dos seus últimos livros, o valor moral da tese supere o valor propriamente estético e o primeiro cresça aritmeticamente à proporção que o segundo decresce geometricamente, forçoso ver no Sr. Pereira da Silva, poeta que não cai jamais na odiosa vulgaridade e mostra possuir, em muitas passagens, o dom musical da estrofe, um dos intérpretes do doloroso lirismo da raça. Tudo quanto vem dele tem a fisionomia do seu caráter e a assinatura da sua bondade (GRIECO, 1947, p.150).

Após vinte e um anos da publicação de *A evolução da poesia brasileira*, Grieco publica *Poetas e prosadores do Brasil: de Gregório de Matos a Guimarães Rosa* (1968), mantendo, no entanto, a mesma perspectiva da obra anterior: a visão evolucionista da literatura. Neste livro, Grieco retoma o mesmo texto publicado em *A evolução da poesia brasileira*, com algumas poucas considerações atualizadas. No entanto, é clara a intenção da

manutenção do nome de Pereira da Silva na obra crítica, incluindo-o entre os poetas e prosadores do Brasil, deixando-o entre nomes que, ao contrário do poeta paraibano, ainda permanecem no cânone nacional. Uma razão possível para que este autor mantenha o nome do poeta em evidência em suas obras está no fato de ter coordenado com Pereira da Silva a revista literária *O Mundo Literário* (RJ), revista de grande circulação na década de 1920. Dessa forma, Agrippino Grieco pertence a um mesmo grupo de intelectuais jornalistas que teve grande repercussão nos anos 1920 em torno de poetas e autores como Pereira da Silva.

Grieco (1968), nessa obra, retoma a crítica feita a uma literatura produzida com a finalidade de enternecer o leitor, assim como o excesso de produção, que segundo o crítico, é fator negativo para Pereira da Silva: “[...] e, nessa produção excessiva, complicava, às vezes, o seu estro à força de querer ser simples” (GRIECO, 1968, p.68). Tal crítica representa o que Bourdieu (2009) conclui a respeito dos campos de produção de bens culturais, uma vez que a produção em série e a finalidade de enternecer o leitor corresponderiam a uma aproximação dos critérios adotados pelo campo de produção da indústria cultural. A característica das obras produzidas pelo campo de produção erudita, segundo Bourdieu (2009) são “puras”, por exigir do receptor uma disposição estética; são “abstratas”, pois exigem enfoques específicos; e são esotéricas, por sua estrutura complexa associada às estruturas e à história anteriores. Devido a essas características, a obra de arte só é acessível aos detentores do manejo prático e teórico de um código refinado. As consequências são claras: distinção social e distribuição desigual das condições de aquisição de acesso a essas obras. Esse campo tem como as instâncias que a consagram e a mantêm: os museus que conservam o capital dos bens simbólicos e os sistemas de ensino, que asseguram sua reprodução, concepção, apreciação em uma determinada formação social.

É o caso de Pereira da Silva. Apesar de pertencer ao campo de produção erudita, uma vez que sua consagração se dá entre seus pares e sua circulação se dá em jornais, revistas e livros especializados, ele não circulou nessas instâncias consagradoras e legitimadoras responsáveis pela manutenção da obra de arte e do nome do autor. Suas obras estão esgotadas, não sofreram reedições, nem se encontram em bibliotecas, na Academia Paraibana de Letras nem nas instâncias de ensino.<sup>37</sup>

No sistema de ensino, temos algumas obras paraibanas, de intenção didática, publicadas por professores da UFPB, são elas: “Antologia literária da Paraíba”, destinada ao

---

<sup>37</sup>A própria obra do crítico Agrippino Grieco não se encontra disponível na Biblioteca Central da UFPB, instância que nos daria pistas para saber se este crítico teve repercussão nos redutos da Faculdade de Letras em João Pessoa.

estudo de poetas e escritores paraibanos nas escolas, datada sua 2<sup>a</sup> edição de 1993; “Coletânea de autores paraibanos”, obra que encabeçou o projeto *O autor na escola*, encomenda do Governo da Paraíba sendo, também, instrumento de formação docente por certo período, em diversas escolas da Paraíba, com o intuito de ser utilizado no ensino médio e superior. Por fim, outra obra, também paraibana, *A. J. Pereira da Silva (Primeiro Paraibano da Academia Brasileira de Letras). Documento*, do autor Humberto Fonseca de Lucena, é adotada atualmente pelas escolas públicas da cidade de Araruna, cidade natalícia de Pereira da Silva. Essas foram algumas das táticas utilizadas por estudiosos da literatura paraibana nas décadas de 1980 e 1990 com o intuito de encontrar um lugar no sistema de ensino, que iria garantir, assim, a inserção no currículo paraibano de sua literatura e, por conseguinte, sua pretensa consagração, o que, até o momento, não ocorre<sup>38</sup>.

É importante acrescentar que apesar de referenciadas, citadas e divulgadas, as vozes de críticos como Andrade Muricy e Agripino Grieco não ecoaram nos redutos das universidades paraibanas. Seus estudos são retomados por uma parcela de pesquisadores que têm interesses específicos, não abrangendo os estudos acadêmicos de formação geral. Esse não-lugar que determinadas posições críticas passaram a ocupar ao longo do tempo denunciam o próprio lugar da literatura e nos obriga a tomar uma postura diferente em relação aos eventos cultuais, concordando com Bourdieu (1996) quando afirma que:

O analista que conhece do passado apenas os autores que a história literária reconheceu como dignos de ser conservados condena-se a uma forma intrinsecamente viciosa de compreensão e explicação, [...] ele se impede por isso de compreender realmente tudo que, na própria obra dos sobreviventes, é, como suas recusas, o produto indireto da existência e da ação dos autores desaparecidos (BOURDIEU, 1996, p.88-89).

Concluindo essa primeira parte do nosso capítulo, as considerações feitas até aqui apontam para o fato de que a crítica que manteve a obra de Pereira da Silva em evidência no período de 1920 a 1960, sendo oriunda do grupo de jornalistas do Rio de Janeiro onde o poeta também exerceu sua função jornalística e literária, revela o caráter corporativista da produção literária por certo tempo, não ultrapassando, no entanto, os limites dessa “crítica-amiga” (SILVA, 2015b). Esse fato nos permitiria afirmar que com a morte desses jornalistas, morreu o autor Pereira da Silva? A posição que ocupavam seus agentes de circulação em relação ao

---

<sup>38</sup> Sobre o sistema de ensino e sua importância na consagração do nome do autor no mercado de bens simbólicos, ainda está em fase de pesquisa.

campo de produção erudita definiu os lugares ocupados, sua permanência temporal e consequente anonimato? Seria essa uma razão possível?

No entanto, ainda na década de 1960, ocorre a retomada literária do poeta Pereira da Silva em outros livros, dedicadas à história e biografia literária, por autores não mais pertencentes ao grupo dos jornais. Podemos citar, para iniciar nossas discussões, a obra *História da Literatura da Língua Portuguesa*, publicada pela Edições de Ouro e escrita por Osmar Barbosa, professor do Colégio Anchieta e do Colégio Estadual de Nova Friburgo<sup>39</sup>. Nessa obra, o poeta configura a lista dos escritores simbolistas, na qual há uma pequena biografia sua, seguida de um fragmento de um de seus poemas. Outro livro, *O Simbolismo (1893-1902)*, uma referência para os estudos sobre essa estética literária, foi publicado pela Editora Cultrix na década de 1960, de autoria de Massaud Moisés, professor titular da USP. Neste livro, o autor traz um longo capítulo analítico a respeito da poética de Pereira da Silva. Como também, podemos encontrar nas obras de Afrânio Coutinho (1990), Alfredo Bosi (1994), Aderaldo Castello (1999), referências a este poeta.

Concluímos desse modo, com um excerto do verbete da obra *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira* (1955), de Otto Maria Carpeaux (1955), o qual revela que mesmo os críticos do período analisado, mesmo Massaud Moisés e outros, na década seguinte à publicação dessa bibliografia crítica terem retomado Pereira da Silva, Otto Maria Carpeaux reconhece seu prestígio e, ao mesmo tempo sentencia o poeta ao dizer que:

Pereira da Silva foi o último sobrevivente do Simbolismo no Brasil. O poeta nordestino coloca-se entre os primitivos simbolistas e os decadentistas, ao lado das expressões do espiritualismo filosófico e poético. Entrou, como único dos simbolistas, na Academia, ficando, porém à margem dos movimentos literários (CARPEAUX, 1995, p.206).

#### **4.1.2 Pereira da Silva na não-voz de uma crítica institucionalizada**

Ainda na década de 1960, outro crítico literário, cuja obra circulou nos redutos das universidades, é Massaud Moises, com seu livro *O Simbolismo (1893-1902)*, uma referência para os estudos sobre Simbolismo. Esse livro, publicado pela editora Cultrix, apresenta um longo capítulo dedicado ao poeta Pereira da Silva. Nesse capítulo, Massaud Moisés analisa a obra do poeta, iniciando suas considerações chamando atenção para o fato de Pereira da Silva

---

<sup>39</sup> A cidade de Nova Friburgo (RJ) é referência, desde o século XIX, em educação. Local de grandes colégios com projeção nacional, de formação jesuítica, confunde-se com a história da educação no Brasil. No Colégio Anchieta, estudaram personalidades como Carlos Drummond de Andrade.

ser o único poeta simbolista que alcançou o prestígio de pertencer à Academia Brasileira de Letras.

Conforme percebemos nos outros textos críticos até aqui analisados, Massaud Moisés reproduz o discurso de que a obra de Pereira da Silva mantém-se numa temática única que perpassa todos os seus poemas: a solidão, a dor, a melancolia, com uma estética pouco variada.

De um modo geral, *Vae Soli!* define Pereira da Silva para sempre. Suas obras subsequentes denotam metamorfoses, algumas delas profundas, mas o núcleo básico mantém-se o mesmo. Quase se diria que somente variou onde, por instantes e parcialmente, o poeta traiu o seu específico modo de ver o mundo, ou resolveu ensaiar outras soluções estéticas, no intuito de resto louvável de vencer o perigo da monotonia (MOISES, n/d, p.185).

Também se percebe a necessidade de inserir o autor como pertencente a um modelo artístico-cultural consagrado, ao associar Pereira da Silva a poetas como Cruz e Sousa e o português Antônio Nobre, destacando, porém, que o escritor paraibano não recebeu desses autores uma influência “despersonalizadora”, ao contrário,

A eles se refere como sócios na Dor, num dos sonetos de *Vae Soli!*. E essa consanguinidade, que abrange um vasto território de sentimento e emoção, esclarece por si só as tendências da obra do poeta paraibano: decadentismo, misticismo (ele cognominou o *Vae Soli* de “Missal das Dores”), melancolia, pessimismo, niilismo schopenhaueriano, desprezo do mundo, evasão para o universo do sonho, elogio da morte libertadora (MOISÉS, n/d, p.185).

O autor continua seu capítulo analisando aspectos das obras publicadas por Pereira da Silva, transcrevendo seus poemas e abordando sua produção estética. Na verdade, este capítulo representa um dos poucos (ou o único) dedicados a Pereira da Silva em obras didáticas que circularam nas Universidades Brasileiras. Mesmo sendo uma obra referência para o estudo do Simbolismo, a referência ao poeta paraibano, ao menos nas salas de aula do curso de Letras da UFPB, inexiste. Esse apagamento é resultado de fatores que ainda merecem uma atenção maior nas pesquisas referentes ao sistema literário e seu ensino.

Enquanto o professor e crítico literário Massaud Moisés dedica um longo capítulo ao poeta Pereira da Silva, outros apenas lhe fazem uma rápida referência em notas de rodapé ou comentários breves. É o caso José Aderaldo Castello em seu livro *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)*, publicado pela editora da USP, em 1999. Nessa obra, apesar de o nome de Pereira da Silva aparecer apenas em nota de rodapé, esta nos traz indícios que revelam o caráter seletivo na manutenção ou não de obras e autores na historiografia literária,

assim como o lugar ocupado por este ou aquele crítico dentro do campo literário, conforme já discutimos ao longo deste capítulo.

Nesse sentido, Aderaldo Castello (1999), ao se referir à crítica literária no texto de seu capítulo dedicado ao Simbolismo, afirma que ela cita vários nomes de autores configurados nesta estética, em fins da década de 1890 e as duas seguintes, deixando seu ponto de vista de que a lista desses autores é imprecisa e não coincidente entre si, tanto no que se refere à seleção de escritores quanto na inserção destes no Parnasianismo, Simbolismo e Pré-Modernismo.

A propósito do Simbolismo, a crítica histórica cita vários nomes de fins da última década do século XIX às duas primeiras do século atual, englobando até alguns de transição do Parnasianismo para o Simbolismo e também pré-modernistas. Novamente as imprecisões inevitáveis, além de nem sempre haver coincidência entre as diversas opiniões e seleções. São todas classificações caprichosas, sempre passíveis de revisões, sobretudo se considerarmos posições interpenetrantes assumidas por muitos poetas naquele momento de debate sobre a “poesia científico-filosófica”, à realista e à parnasiana (CASTELLO, 1999, p.343).

Percebe-se, assim, que a posição em que se inserem os críticos como também os poetas frente às discussões e debates a respeito da poesia desse período interfere diretamente na manutenção ou apagamento deles ao longo da história literária. Para confirmar suas afirmações, o autor traz na nota de rodapé, muitas vezes tão desprestigiada pelo leitor, a lista de autores segundo os críticos Araripe Júnior, Ronald de Carvalho, Nélson Werneck Sodré, Agrippino Grieco e Jaime de Barros. Entre esses críticos literários apenas Agrippino Grieco e Jaime de Barros listam Pereira da Silva, o primeiro colocando-o entre os parnasianos e simbolistas; enquanto o segundo, entre os pré-modernistas.

Após as análises feitas por Aderaldo Castello, ele lista seus próprios autores simbolistas, não configurando nela o poeta Pereira da Silva, entre eles, apenas Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens permaneceram no cânone. Dois aspectos merecem destaque nas colocações de Castello (1999) no que se refere às variantes que conferem a este ou aquele autor um lugar consagrado dentro de um determinado sistema literário: primeiramente o que já foi colocado, isto é, a consideração das escolhas feitas e dos lugares ocupados por críticos e poetas ao longo da historiografia; em segundo lugar, a própria identificação com este ou aquele crítico para que haja uma repetição nas escolhas de autores que irão manter-se e, por conseguinte, consagrarse. Podemos comprovar essa última com as próprias palavras de Castello (1999) quando anuncia que o Simbolismo não teve repercussão no Brasil, tendo sido

amplamente criticado por críticos como Silvio Romero que só aceitou Cruz e Sousa quando se comoveu com sua história e, por conseguinte, reconsiderou sua crítica a este poeta; Araripe Júnior e José Veríssimo que manteve sua crítica a Cruz e Sousa. Araripe Júnior é considerado por Castello (1999) como o crítico cujos comentários e observações permanecem válidos e esclarecedores, o que de fato ocorreu. Castello (1999) ressalta ainda o fato de que, José Veríssimo contestou o valor artístico de Cruz e Sousa, não necessariamente por sua qualidade poética, mas, principalmente, por recusar a poesia simbolista em geral; no entanto, suas análises a respeito de sua poética revelam traços de autêntico simbolista: musicalidade e o dom da melodia. Nessas palavras, percebe-se a necessidade de Castello (1999) em justificar o nome de Cruz e Sousa como autêntico poeta simbolista brasileiro, ao concordar com Araripe Júnior.

Apesar de Cruz e Sousa não ser nosso objeto de estudo, esses aspectos são importantes para conseguirmos visualizar o quanto os discursos e os lugares que eles ocupam dentro do campo literário são variantes que não podem ser deixadas de lado quando pesquisamos a historiografia literária. O discurso de Araripe Júnior e Silvio Romero foi reproduzido, numa constatação consciente ou inconsciente de Castello (1999). Mais uma vez, a nota de rodapé:

Escreve Félix Pacheco: “Quando Cruz e Sousa apareceu com o *Missal* e os *Broquéis*, todos se conclamaram contra o esteta novo e estranho, apedrejando-o como um vazio e campanudo arrumador de frases. Araripe, não. Deteve-se a examinar longamente aqueles dois livros, que já anunciam o poder das *Evocações*, a claridade dos *Faróis* e a sabedoria dos *Últimos Sonetos*”. E lembra logo a seguir a reconsideração de Sílvio Romero: “Seis anos depois, na monografia do *Livro do Centenário*, Silvio Romero incluía o negro admirável entre os reis do verso no Brasil, dizendo que ele era a muitos respeitosos ‘o melhor poeta que o nosso país tem produzido’, o verdadeiro ‘ponto culminante de nossa lírica após quatrocentos anos de existência’. V. “Recepção do ser. Félix Pacheco”, em *Discursos Acadêmicos* (1907-1913), vol. 2, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935, p. 343, e Sílvio Romero, “A Literatura”, em *Livro do Centenário* (1560-1900), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900, vol. 1, PP. 110-112 (CASTELLO, 1999, p.344).

Seguindo o capítulo, Castello (1999) vai-nos apresentando a trajetória do nome de Cruz e Sousa até ser considerado o ícone do Simbolismo brasileiro. Nela, percebe-se claramente o quanto as ligações duradouras, no sentido de Bourdieu (2009/1996?), podem interferir direta ou indiretamente na construção do nome do autor. No caso de Cruz e Sousa, conforme Castello (1999), pertencer ao grupo de Nestor Vitor, um poeta e crítico literário do Simbolismo que, depois de Araripe Júnior, continua e forma o elo entre os poetas e as novas

tendências literárias de fins do século XIX e início do XX, foi fator preponderante para a manutenção do nome do autor. É Nestor Vitor, inclusive, quem prefacia e publica o primeiro conjunto de obras de Cruz e Sousa. No entanto, Pereira da Silva, que também pertenceu a este grupo e foi mencionado por Nestor Vitor em suas críticas a jornais até a década de 30, a exemplo do periódico *Correio da Manhã* (RJ) no qual o crítico, na década de 1920, dedica à recente publicação de “Senhora da Melancolia” (1928), de Pereira da Silva, algumas de suas páginas.

Ainda sobre a obra de Aderaldo Castello (1999), confirmando nossa discussão, o crítico e historiador literário acrescenta que após a morte de Cruz e Sousa, em 1898, este passa a ser cultuado pelos seus pares. Em nota de rodapé, Castello (1999) faz referência à revista *Rosa Cruz*, da qual Pereira da Silva participou, citando-o como uma das presenças simbolistas que colaboraram para esse periódico:

Lembramos o grupo da revista *Rosa Cruz*, lançada em 1901 no Rio de Janeiro e cujo objetivo principal foi o de cultuar a memória de Cruz e Sousa. Liderada por Saturnino Meireles, contou com a presença de outros simbolistas: Carlos Dias Fernandes, Gonçalo Jácome, Pereira da Silva, Castro Meneses, Paulo Araújo (...) (CASTELLO, 1999, p.347).

Assim, não basta apenas ser objeto de crítica de seus pares para configurar a lista de autores canônicos. O nome de Pereira da Silva, apesar de sempre citado por um período significativo, é apagado por outros críticos que não perseguiram os mesmos ideais ou simplesmente não comungaram com esta ou aquela crítica, ou ainda não foram às fontes para investigar os fatos à luz das práticas culturais da época. Compreender tantas variantes e encontrar uma resposta fechada é uma tarefa difícil, principalmente por não termos mais pessoas que conviveram com Pereira da Silva que pudessem nos trazer mais dados, mas ao menos podemos levantar hipóteses que vão nos ajudar a esclarecer as razões de tantas lacunas e apagamentos na história literária brasileira.

Aderaldo Castello (1999) também traz um capítulo dedicado à listagem e comentário a respeito de revistas e grupos simbolistas existentes nas províncias do Rio de Janeiro e Paraná, revistas essas citadas por Andrade Muricy em seu livro *Panorama do Simbolismo Brasileiro* (1987), totalizando assim 29 periódicos. Andrade Muricy e Aderaldo Castello têm a preocupação de apresentar os periódicos e grupos a que pertenceram os poetas simbolistas, o que nos conferiu a possibilidade de ir aprofundar nossas pesquisas. Essas anotações feitas em rodapé nos fizeram retornar a outras obras estudadas na graduação a fim de verificar se encontramos outras pistas a respeito dessas lutas, uma vez que os no Curso de Letras, o estudo

literário apenas se voltava para o corpo do texto, detendo nosso olhar para a história geral, para a análise dos textos de autores já consagrados. No entanto, quando fomos ler essas notas à margem do texto, por assim dizer, muitas informações que ficaram marginalizadas tornam-se fonte imprescindível para compreendermos como esses nomes vão sendo construídos e mantidos como referências, muitas vezes únicas, de determinada estética literária.

Encerramos essa primeira parte, trazendo mais dois nomes da crítica e historiografia literária: Alfredo Bosi e Afrânio Coutinho que também fazem pequenas referências a Pereira da Silva. Primeiramente, em sua obra *Introdução à literatura no Brasil* (1990), Afrânio Coutinho ao tratar do movimento simbolista, inicia apresentando sua cronologia e características no Brasil. Evidencia o fato de o Simbolismo, apesar de ter surgido em meio a um clima de hostilidade por parte da corrente realista e parnasiana, apesar de não ter tido seu reconhecimento ao seu tempo, produziu grandes nomes. A fim de ilustrar tais nomes, Coutinho (1990) cita, em nota de rodapé, os trabalhos de críticos como Andrade Muricy, Araripe Júnior, além de trazer uma lista maior de poetas simbolistas, divididos em grupos formados em torno de seus líderes. O mais antigo, segundo o autor, foi o grupo formado em torno de Emiliano Perneta, na *Folha Popular*; o segundo e terceiro grupos foram centrados em torno de Cruz e Sousa, estando este poeta ainda vivo. Após a morte de Cruz e Sousa, ainda na mesma nota rodapé, o autor cita os grupos que, centrados em Cruz e Sousa, dividiram-se em seus continuadores, mas agora adversários entre si. São eles:

[...] o da *Revista Rosa Cruz*, formado de Saturnino de Meireles (1878-1906), Félix Pacheco (1879-1910), [...], Carlos D. Fernandes (1875-1943), [...] Pereira da Silva (1876-1944), [...]. O outro grupo, chefiado por Nestor Vítor, era constituído de Nestor Vítor, Tibúrcio de Freitas, Rocha Pombo (1857-1933), [...] (COUTINHO, 1990, p.221).

Observa-se que o poeta paraibano Pereira da Silva alia-se a um grupo opositor do principal representante, divulgador e crítico da corrente simbolista até a década de 1930, tendo sido, como já nos referimos anteriormente, o primeiro a publicar e prefaciar a obra de Cruz e Sousa, sendo, inclusive, seu amigo. Outro aspecto a ser considerado nessas notas de rodapé é que Nestor Vítor já estava presente no segundo grupo simbolista, formado em torno de Cruz e Sousa ao lado do também paraibano Carlos Dias Fernandes – que, assim como tantos outros, ficou à margem da história do Simbolismo na história da literatura oficial. Afrânio Coutinho (1990) segue essa nota apresentando os demais grupos simbolistas em outros estados do país, revelando que essa estética foi bem mais cultuada e expressiva do que

imaginávamos. Entre os estados citados, além do Rio de Janeiro, estão São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, ressaltando o fato de esse quadro ter sido levantado por Andrade Muricy em seu livro sobre o Simbolismo, deixando claro a forte influência desse crítico para a história literária.

Crítico bastante estudado e referência para críticos e estudantes de literatura, Alfredo Bosi, em seu livro *História Concisa da Literatura Brasileira* (1999), ao tratar da difusão do Simbolismo brasileiro, assim como Afrânio Coutinho, insere-se na tradição historiográfica de Andrade Muricy, Nestor Vítor, autores citados por diversas vezes em notas de rodapé, além de Massaud Moisés, a quem Alfredo Bosi também cita. No entanto, Bosi (1999) traz a referências aos grupos e revistas formadas em torno de Cruz e Sousa no próprio corpo principal do capítulo dedicado ao Simbolismo, deixando claro o papel desses agentes, isto é, difundir a estética simbolista e, por consequência seu poeta principal, Cruz e Sousa:

Ao lado de Cruz e Sousa, cultuando-lhe a memória e muitas vezes repetindo os traços evidentes de seu estilo, estão os poetas que fundaram a Revista *Rosa Cruz* no Rio de Janeiro (1901-1904): Saturnino Meireles, C. D. Fernandes, Castro Meneses, Tavares Bastos, Gonçalo Jácome, Félix Pacheco, Pereira da Silva, Tibúrcio de Freitas, Rocha Pombo, entre outros [...] (BOSI, 1999, p.282).

A existência desses poetas citados está à sombra de Cruz e Sousa. Assim, essas notas de rodapé e referências nos revelam mais uma vez que os lugares ocupados no campo e, principalmente, a filiação a determinados grupos cujas vozes permaneceram como referência para futuros críticos e, por conseguinte, mantiveram-se no campo de produção simbólica por meio da escolarização, uma vez que a adoção dessas obras historiográficas por universidades e sua consequente reprodução nos livros didáticos direcionados ao Ensino Médio são formas de consagração, nas palavras de Bourdieu (2009).

Assim, o primeiro aspecto que observamos ao analisar as obras críticas é o fato de sua maioria pertencer ao mundo dos jornais. Tal constatação é importante porque o desenvolvimento dos jornais marca a instauração de um novo modelo para o estado do campo literário, em que, segundo Bourdieu (1996), a produção literária passa a ser regida pela posição ocupada dentro do campo e instituída através de duas mediações: o mercado e as ligações duradouras. O mercado é regido pelas sanções e sujeições que se exercem sobre as empresas literárias, em que o jornalismo ocupa um lugar significativo. Já as ligações duradouras representam as afinidades de estilo de vida e de sistemas de valores que unem uma

parte de escritores a certas frações da alta sociedade. Essas duas mediações influenciam diretamente na formação do campo literário.

A consequência dessa formação são as constantes citações e referências às obras de Pereira da Silva que podem ser resultado do fato de que ele além de poeta, ter sido um colaborador, crítico e editor de periódicos de grande circulação no Rio de Janeiro, como também no Paraná e na Paraíba; isto é, ele esteve ligado a esses críticos por afinidade de estilos de vida e de sistema de valores que dominaram uma época. O esforço em manter a posição em seu tempo de Pereira da Silva é perceptível nas obras críticas de seus contemporâneos aqui analisadas. Então, manter a posição de Pereira da Silva em seu tempo significava manter um grupo que circulava nos jornais, prática herdada do século XIX.

No entanto, a presença de Pereira da Silva na obra de Massaud Moisés que lhe dedicou um capítulo inteiro de análise, na obra de Aderaldo Castello, além da referência ao poeta como pertencente a grupos formadores e difusores do Simbolismo em torno do poeta Cruz e Sousa, a exemplo de Afrânio Coutinho e Alfredo Bosi, não foram suficientes para que o poeta paraibano fosse estudado, debatido ou ao menos mencionado nas aulas de literatura no ensino superior, nem mesmo na Paraíba. Com exceção de obras de professores pesquisadores da literatura paraibana, sobre os quais ainda iremos tratar em tópicos seguintes, Pereira da Silva não foi sequer citado.

Assim, passados 20 e 40 anos de sua morte, Pereira da Silva continua a ser retomado não apenas por seus pares, isto é, os poetas e críticos jornalistas, mas por professores e críticos literários que não pertenciam mais ao grupo dos jornais. Além das obras de crítica literárias aqui citadas, o nome do autor configura em obras de referência como na *História da Inteligência Brasileira* e *O Ano literário: 2000 e 2001* de Wilson Martins (1978), que traz um panorama da produção intelectual brasileira, propondo-se não filiar-se a nenhuma corrente partidária desta ou daquela escola literária, o que justifica a presença de nomes do cenário intelectual brasileiro que não configuraram o “grupelho literário”, segundo afirma o próprio autor. O autor também se encontra retomado em antologias como *Poetas do Brasil*, de Jayme de Barros (1944), *Eles deixaram saudades*, de Jorge Azevedo (1966) e *Roteiro da poesia brasileira: Simbolismo*, do professor e doutor em Literatura da UFSC Lauro Junkes (2006). No entanto, Pereira da Silva ocupou uma posição secundária, associado a uma estética literária também secundária. Todos os esforços (de seus pares assim como a de críticos e historiadores posteriores à época do autor) em retomar Pereira da Silva em sua crítica e história literária esbarraram num discurso dominante, “[...] cuja força advém, principalmente,

do *valor de uso*” (BARBOSA, 2006, p.134) que não consegue ecoar numa história e nas suas instituições de legitimação e uso produzidas ao longo dos períodos histórico-culturais.

#### **4.2 Pereira da Silva e a Academia: entre a mortalidade e a imortalidade**

A Academia Brasileira de Letras é uma instituição cultural inaugurada em 20 de julho de 1897. Entre seus objetivos está o de cultivar a língua e a literatura nacionais. As primeiras notícias a respeito de sua fundação foram noticiadas pelos jornais *Gazeta de Notícias* e o *Jornal do Comércio*. No entanto, segundo Jorge (1999), a ideia de fundar esta instituição remota aos tempos do Império, época do reinado de Dom Pedro II.

Sob os auspícios desse soberano, na sessão do dia 10 de junho de 1847 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi apresentada uma proposta para ser criada uma sociedade que se ocupasse, especialmente, da literatura, da linguística e da arte dramática. [...] Ainda em 1847, no dia 22 de junho, o parecer sobre a proposta obteve a sua aprovação. Segundo este parecer, a sociedade se denominaria “Academia de Literatura Brasileira”, [...] diga-se *Academia Brasileira* (JORGE, 1999, p.19 (grifos do autor)).

Apesar da aclamação, a iniciativa ficou suspensa, conforme afirma Jorge (1999), só retornando as discussões a esse respeito trinta anos após, numa reunião ocorrida no mesmo Instituto Histórico em 24 de maio de 1878, sobre a presidência de D. Pedro II, sendo a proposta defendida por figuras ilustres da época como José de Alencar, Franklin Távora, entre outros, para consolidar-se, finalmente, após a proclamação da República.

As preparações para a fundação da ABL, a que tivemos acesso, são anunciadas nas páginas do jornal *Gazeta de Notícias* desde novembro de 1896. Nesta data, em matéria de capa intitulada “Academia de Letras”, o periódico anuncia como se dará a sua constituição. O jornal afirma que a ideia de sua fundação foi retomada por Lúcio Mendonça, em virtude de se encontrar um homem de letras, o Sr. Dr. Alberto Torres, na posição de diretor do ministério do interior do governo. Lúcio Mendonça vê esta ocasião como uma boa oportunidade de colocar em prática o projeto nunca consolidado até então. Acrescentam-se ainda as considerações de Venâncio Filho (2004), em discurso proferido em conferência na ABL, no dia nove de março de 2004 na sessão de abertura do ciclo *Origens da Academia*, o qual afirma que “[...] a iniciativa foi facilitada pela existência de duas publicações: a *Semana de Valentim Magalhães*, e a *Revista Brasileira* de José Veríssimo, focos de reunião, esta última em ante-sala da Academia” (VENÂNCIO FILHO, 2004, p.09). O momento realmente parecia propício:

A Academia de Letras será fundada pelo governo, e o decreto de sua criação terá provavelmente a data de 15 de novembro; na mesma data o governo nomeará os dez primeiros membros desse instituto, e eles elegerão outros vinte e mais dez correspondentes, dentro os escritores nacionais residentes nos Estados ou no estrangeiro. As vagas que se derem depois serão preenchidas por eleição (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, 10 de novembro de 1896, nº 315, p.01).

Apesar de ter tido as verbas iniciais custeadas por governo, como também a concessão de uma sala para suas reuniões, essa instituição pretendia ser constituída sem distinção de credo político, sendo composta por homens que ocupassem posições ilustres dentro do cenário cultural que também não manifestassem nenhum envolvimento de ordem política. Por essa razão, o jornal afirma que estes mesmos homens não aceitariam uma nomeação oficial, mas uma eleição entre seus pares. Entre os seus membros, conforme noticia a *Gazeta de Notícias*, elegeu-se um presidente, um bibliotecário e um secretário, sendo este último perpétuo. Finalmente, nas sucessões de notícias a respeito das reuniões preparatórias para a formatação da ABL, o periódico deixa claro que as letras nacionais possuíam um número grande de expoentes merecedores de ocupar essas vagas. No entanto, seguindo o modelo da Academia Francesa, apenas poderiam compor o quadro do *Petit Trianon*, quarenta ilustres homens das artes, sendo eleitos inicialmente trinta:

A princípio, disse-se, uma dificuldade surgiu favorosa diante do espírito do legislador: era saber se ao certo tinham existência real, comprovada, entre nós, trinta cavalheiros dados às letras... Verificou-se após ligeiro exame que existiam – nada menos de trinta mil. Daí a consequente segunda dificuldade: a eleição inteligente e justiciera dos que deixariam na penumbra os 29.970 restantes. E, nesse momento, remédio salvador e eficaz ocorreu ao promotor da ideia: nomear para os trinta lugares os que compõem o cenáculo literário onde oficia como grande sacerdote o Dr. Castro Lopes (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, 10 de novembro de 1896, nº 315, p.01).

Essas palavras revelam o esforço de se atribuir status cultural à ABL, ou seja, ser uma instância de consagração e legitimação do campo literário. Assim, apesar de muitos serem os capazes de pertencer a ela, poucos serão os eleitos de fato, poucos terão o direito à imortalidade. Assim, eleitos os trinta primeiros, seguem-se notícias a respeito da escolha de seus patronos, ficando assim distribuída, conforme noticia a *Gazeta de Notícias*:

**Figura 29 Membros da Academia de Letras, *Gazeta de Notícias*<sup>40</sup> (1897)**



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 12 de fevereiro de 1897. Ano XXIII, nº 43.

O que essa lista pode revelar-nos é que, contraditoriamente ao que foi destinada a Academia: uma instância de consagração e distinção artística, essa mesma consagração e distinção existente na época desses imortais – figuras de destaque na vida literária, e mesmo após 1897 muitos obtiveram uma trajetória de êxito –, passados mais de um século, muitos desses nomes caíram no esquecimento. Assim, concordando com as palavras do acadêmico Venâncio Filho:

Quem se recorda hoje de Luís Murat, Filinto de Almeida, Teixeira de Melo, Urbano Duarte, cujo centenário da morte em 2002 ocorreu em branca nuvem, Garcia Redondo, Pedro Rabelo, Luís Guimarães Júnior? Antes que se erija o monumento ao acadêmico desconhecido, cabe a nós manter viva a chama votiva de nossos predecessores, como agora estamos fazendo com

<sup>40</sup> De acordo com uma disposição do seu regimento, alguns membros da Academia de Letras já escolheram para designar suas cadeiras os nomes dos seguintes vultos da nossa literatura: Afonso Celso escolheu Theophilo Dias; Araripe Júnior, Gregório de Matos; Arthur Azevedo, Martins Penna; Barão de Loreio, Junqueira Freire; Coelho Neto, Álvares de Azevedo; Eduardo Prado, Visconde do Rio Branco; Graça Aranha, Tobias Barreto; Inglês de Souza, Manuel de Almeida; Joaquim Nabuco, Mariel Monteiro; José do Patrocínio, Joaquim Serra; José Veríssimo, João Lisboa; Lúcio de Mendonça, Fagundes Varela; Luiz Murat, Adelino Fontoura; Machado de Assis, José de Alencar; Olavo Bilac, Gonçalves Dias; Pedro Rabello, Pardal Mallet; Rodrigo Otávio, Raul Pompeia; Silva Ramos, Thomaz Gonzaga; Teixeira de Melo, Casimiro de Abreu; Valentim Magalhães, Castro Alves; Visconde de Taunay, Francisco Otaviano. Os restantes não designaram os nomes das respectivas cadeiras.

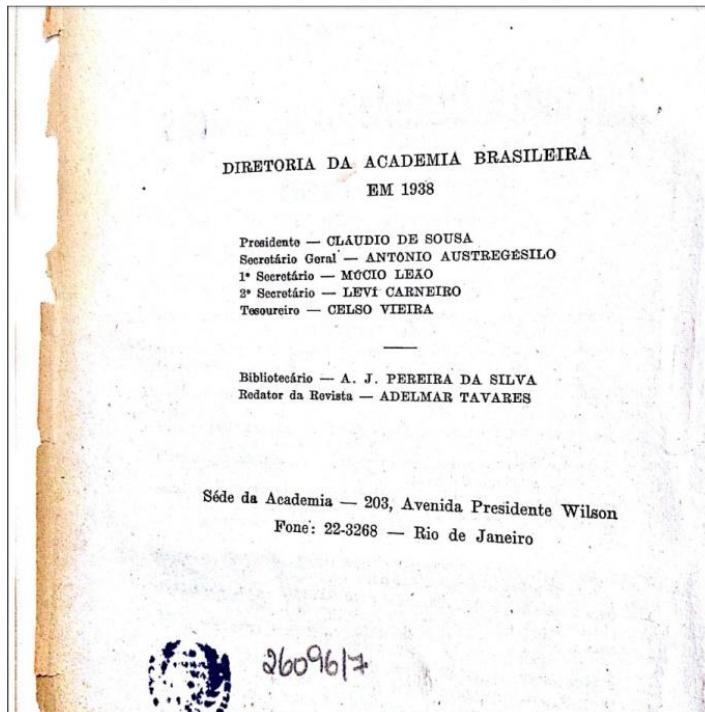
Lúcio de Mendonça na véspera do seu nascimento (VENÂNCIO FILHO, 2004, p.10).

O mesmo também ocorreu a Pereira da Silva. Salvo os esforços em manter viva a memória de seus membros, o que constantemente ocorre em sessões de homenagens nas datas comemorativas de nascimento e morte dos autores, pertencer à Academia Brasileira de Letras não garante sua manutenção dentro do campo literário, uma vez que tais esforços ficam reclusos às salas do *Petit Trianon*, o que acaba não garantindo uma permanência no cânone nacional, o conhecimento e reconhecimento destes autores por uma comunidade de leitores que possam dar sentido, visibilidade e circulação ao escrito.

Assim, quinto ocupante da cadeira de número 18, Pereira da Silva foi eleito em 23 de novembro de 1933, na vaga deixada pelo seu amigo e poeta Luis Carlos da Fonseca Medeiros de Barros (1880-1932), após três sucessivas tentativas frustradas, apesar da grande campanha em seu favor, realizada pelos jornais e pelos acadêmicos amigos seus como o próprio Luis Carlos que sempre votou no colega. Dessa última vez, a campanha foi ainda maior, porque a vaga era de seu amigo íntimo que, à beira da morte, pediu aos companheiros acadêmicos que elegessem Pereira da Silva para sua vaga, segundo Azevedo (1966). O desejo de Luis Carlos é atendido e, no ano seguinte, aos 26 de junho, o autor toma posse definitivamente na ABL e é recebido pelo acadêmico Adelmar Tavares – acontecimento este, conforme já foi abordado, amplamente divulgado pela imprensa jornalística.

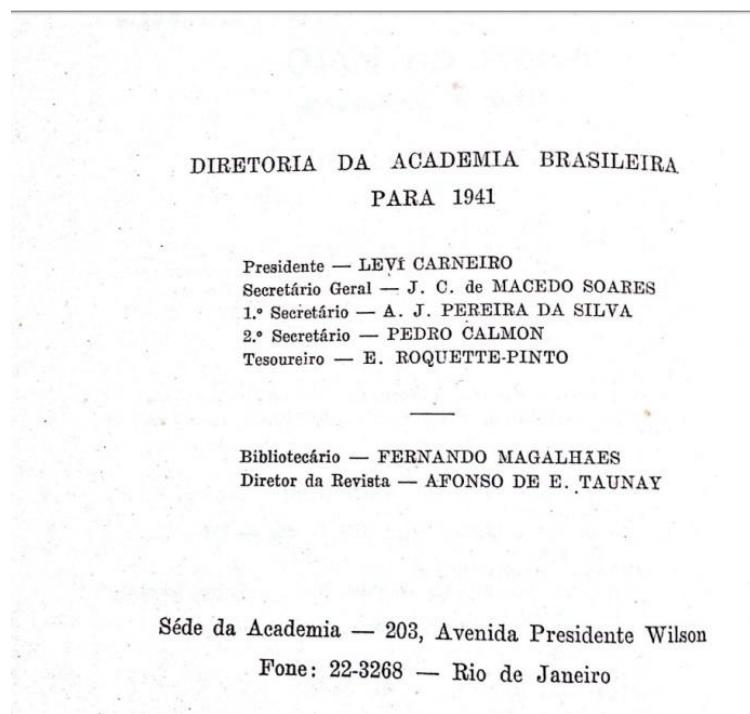
Durante sua permanência na ABL, Pereira da Silva foi um membro atuante, participando de várias sessões, apresentando discursos sobre Machado de Assis, Gonçalves Dias, Silva Alvarenga, Adelmar Tavares, Paulo Barreto, Luiz Murat, Luiz Carlos, entre outros, além de ocupar cargos de direção como o de bibliotecário, em 1938, e o de 1º secretário, em 1941, conforme atestam as publicações da *Revista da Academia Brasileira de Letras* dos referidos anos.

**Figura 30 Diretoria da ABL (1938)**



Fonte: *Revista da Academia Brasileira de Letras. Anais de 1938. Ano 30. Volume 55.*

**Figura 31 Diretoria da ABL (1941)**



Fonte: *Revista da Academia Brasileira de Letras. Anais de 1940. Ano 39. Volume 60.*

Após sua morte, seu nome é relembrado nas sessões acadêmicas dirigidas às comemorações dos aniversários de nascimento de seus autores, conforme pudemos verificar nos exemplares da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, cujo último registro data do ano de 1966, em comemoração ao nascimento de Pereira da Silva, em discurso proferido por Peregrino Júnior que substituiu o autor na cadeira nº 34, com quem também possuía grande amizade desde o tempo em que ambos trabalhavam na Central do Brasil.

Conclui seu discurso atestando o fato de que Pereira da Silva, apesar de ter tido em seu momento “repercussão excepcional na vida literária”, está totalmente esquecido, “[...] pois a última vez que dele se falou foi exatamente no discurso em que lhe fiz elogio aqui nesta casa” (PEREGRINO JÚNIOR, 1966, p.36).

No entanto, nem só de admiração e respeito conviveu Pereira da Silva durante sua estada na ABL. Jorge (1999), em suas críticas sarcásticas com toques de humor à instituição acadêmica das letras, relembra um episódio em que o acadêmico Celso Vieira se opôs à mulatice de Pereira da Silva, denunciando, assim, casos de racismo dentro do *Petit Trianon*.

A ocasião narrada data do dia 23 de julho de 1933, ano em que o nome de Pereira da Silva concorria à vaga deixada pelo poeta Luis Carlos na ABL com perspectivas certas de vitória, conforme analisamos no primeiro capítulo desta tese. Nela, o já sucessor de Santos Dummont, o pernambucano e autor de uma biografia sobre o padre Anchieta, Celso Vieira, segundo Jorge (1999), declarou ao acadêmico Humberto de Campos que a Academia, sendo um “instituto representativo de um país dominado pela raça branca”, encontra-se ameaçada pelos homens de cor. Entretanto, não se tratava de qualquer homem de cor, mas especialmente os “poetas mulatos e desleixados, como o Pereira da Silva.” (JORGE, 1999, p.176), a quem também critica a qualidade de sua produção poética. Ou seja, além de preto e pobre, um mal poeta.

Em contrapartida, Jorge (1999, p.177) discorda da opinião de Celso Vieira, a quem chama de “escritor mediocre, tedioso, de estilo duro, indigesto”, cujas críticas são um paradoxo, por parecer o mesmo com a cara de “um negrão pintado de branco”, que só conseguiu, com os olhos de seu preconceito, “[...] enxergar e condenar o sangue de mulato do elegíaco nascido na serra da Borborema” (JORGE, 1999, p.177). Para Jorge (1999, p.176), Pereira da Silva era de fato um grande poeta, “mas um grande poeta cheio de tristeza, de desalento, de pessimismo”.

A condição humilde com que vivia Pereira da Silva é lembrada por Fonseca (1993), ao relatar a ocasião em que o Interventor Federal da Paraíba, Gratuliano de Brito, recebeu de Alcides Carneiro um telegrama em que este solicita à Paraíba a compra do fardão para seu

poeta conterrâneo em virtude de ele não reunir condições econômicas suficientes para fazê-la. O que de fato ocorreu. O governo paraibano não só ofereceu o fardão ao seu conterrâneo como a bancada do Estado na Assembleia Nacional Constituinte,

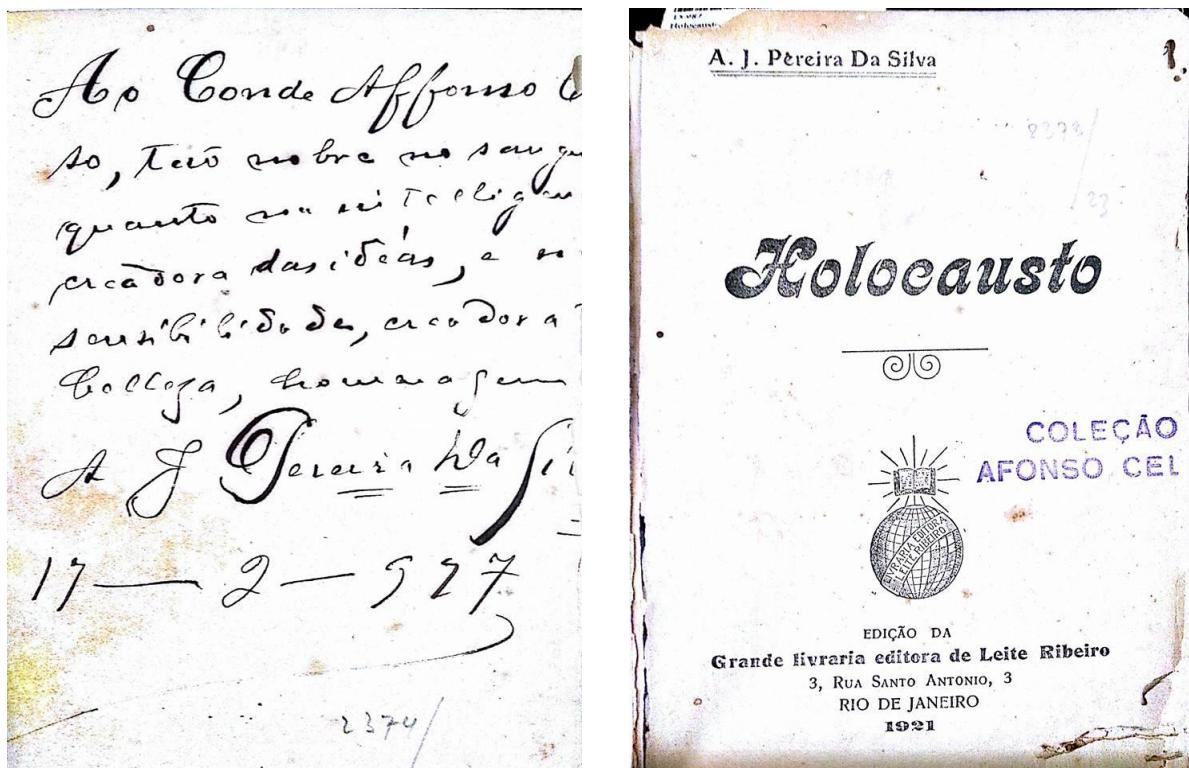
[...] juntamente com amigos e admiradores, promoveram uma grande festa na noite de 25 de junho de 1934 na Associação Brasileira de Imprensa, tendo na oportunidade falado em nome dos paraibanos o Dr. Castro Pinto. Sob viva emoção, Pereira da Silva fez o discurso de agradecimento, [...] (FONSECA, 1993, p.15).

A notícia acerca dessa homenagem está no jornal *A imprensa* (PB), de 07 de julho de 1934, reproduzida por Fonseca (1993, p.92) em seu documento biográfico sobre Pereira da Silva. Nela, anuncia estarem os poetas Tasso da Silveira e Cecília Meireles entre os presentes, que também recitaram versos do poeta homenageado.

A presença e o espaço que recebeu Pereira da Silva pela imprensa periódica, além de ser, entre os escritores nascidos na Paraíba, o primeiro a ocupar uma cadeira na ABL, tornaram-no patrono da cadeira nº 34 da Academia Paraibana de Letras, fundada em 14 de setembro de 1941. No entanto, à exceção das publicações de discursos acadêmicos, geralmente em ocasião de datas especiais, a exemplo da *Coletânea de discursos com notas bibliográficas de paraibanos na Academia Brasileira de Letras*, de Manuel Batista de Medeiros, que ainda obteve duas edições; além de alguns documentos e a antologia *Coletânea de poetas paraibanos*, de Luiz Pinto, encontrados na biblioteca da APL, pouco ou nada pôde conhecer-se sobre Pereira da Silva em últimas visitas a esta casa.

Acrescenta-se ainda a essa ausência na APL o fato de não existir na sua biblioteca nenhum livro do autor, um silêncio que também contribui para o apagamento do escritor e a consequente ausência de uma comunidade de leitores para seus livros, mesmo entre seus pares, apesar dos artigos sobre eles publicados nos periódicos *Era Nova* e *A União*, ao qual nos referimos no primeiro capítulo, revelarem o que Silva (2015b) chama de “crítica-amiga”. Ao contrário, na ABL, foram-nos apresentadas várias edições da *Revista da ABL*, com textos escritos por e sobre Pereira da Silva, além de dois de seus livros, *Holocausto* (1921) e *O pé das sandálias* (1923). No primeiro, encontra-se uma dedicatória escrita pelo próprio Pereira da Silva, conforme figura 33.

Figura 32 Holocausto (1921), de PS, autografado



Fonte: SILVA, A. J. P. da. *Holocausto*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1921 (acervo da ABL).

As Academias, apesar de exercerem um papel significativo para a formação do cânone literário, uma vez que seus nomes passam a servir como uma das referências para certa comunidade de leitores e ponto de partida para pesquisadores, como foi o caso desta pesquisa, não conseguem manter o nome do autor consagrado ao longo do tempo. Muitos de seus membros permanecem no esquecimento, sendo apenas retomados por iniciativas ora acadêmicas, ora políticas ora individuais. A referência à comemoração da morte de Pereira da Silva no discurso proferido por Peregrino Júnior, que analisamos anteriormente, foi a última palavra sobre o autor na ABL, de acordo com as edições da *Revista da Academia Brasileira de Letras* a que tivemos acesso. Tal fato demonstra o também apagamento de Pereira da Silva nesta instância de consagração e manutenção do campo literário.

Dessa forma, a morte de seus amigos e companheiros de jornais, de seus pares, foi fator que pode marcar, segundo as fontes pesquisadas, quando começou o apagamento do nome do autor, assim como ocorreu com os jornais e a crítica literária. Essa hipótese torna-se válida para nós, uma vez que após a morte de Pereira da Silva, sua retomada histórico-literária dá-se dentro do meio acadêmico, fruto de pesquisas sobre a literatura paraibana, a exemplo das pesquisas realizadas pelo pesquisador Hildeberto Barbosa.

Além disso, o nome de Pereira da Silva não ecoou em outra instância, o sistema de ensino, instituição responsável para a consagração definitiva de um nome e de uma obra.

#### **4.3 O sistema de ensino: reprodução e manutenção de uma cultura dominante**

Ao contrário da Academia, que agrega o passado e o contemporâneo de modo mais dinâmico, o sistema de ensino enquanto instância de legitimação cultural cumpre um papel semelhante ao ocupada pela Igreja, ao definir o que é obra legítima e o que não é, no momento em que propicia ao indivíduo um corpo comum de categorias de pensamento que torna este campo algo comunicável a todos, segundo Bourdieu (2009). Além disso, esse sistema é mantenedor de um passado, cujo ritmo de evolução é extremamente lento, sendo uma instituição de conservação cultural. Desse modo,

[...] o sistema de ensino contribui para manter a defasagem entre a cultura produzida pelo campo intelectual e a cultura escolar, “banalizada” e racionalizada pelas e para as necessidades da inculcação, isto é, entre os esquemas de percepção e de apreciação exigidos pelos novos produtos culturais e os esquemas efetivamente manejados a cada momento pelo “público cultivado” (BOURDIEU, 2009, p.123).

Essa defasagem temporal entre a produção intelectual e artística e a consagração escolar constitui um princípio de oposição entre o campo de produção erudita e o sistema de instâncias incumbidas de difundir, consagrar e conservar um tipo determinado de bem cultural. Bourdier (2009, p.206) ainda discute sobre o papel da escola como um sistema de integração cultural, em que os indivíduos dentro do sistema de ensino são “programados”, ou seja, “dotados de um programa homogêneo de percepção, de pensamento e de ação”, partilhando, assim de um mesmo espírito literário ou científico, mantendo com seus pares uma relação de cumplicidade e comunicação imediatas. Nesse sentido, o que existe como realidade para o sujeito está determinado por aquilo que é aceito socialmente como real, sendo a escola aquela que, ao reorganizar o real, orientando-o e ditando modos de fazer e pensar uma forma particular em cada época, hierarquiza à sua maneira os objetos de estudo legítimos e seus pensamentos para o recebimento dos indivíduos no curso de sua aprendizagem.

A língua e o pensamento da escola operam esta ordenação pela valorização de certos aspectos da realidade: produto específico da escola, o pensamento por “escolas” e por gêneros (designados por inúmeros conceitos terminados em ismo) permite organizar as coisas da escola, isto é, o universo das obras

filosóficas, literárias, plásticas ou musicais e, além delas ou por seu intermédio, ordenar toda a experiência do real e todo o real (BOURDIEU, 2009, p.213).

Além disso, ao fornecer indicações como também definir os itinerários, os métodos e programas de pensamento que fazem com que os sistemas de pré-conhecimentos recebidos pelos indivíduos e assim também o seu grau de instrução, a escola acaba por organizar os modos de ler e de se apropriar da forma canônica de se abordar obras e princípios fundamentais de hierarquia cultural.

Assim, cada vez que a literatura torna-se uma disciplina escolar – como por exemplo, no caso dos sofistas ou na Idade Média – constata-se o surgimento da preocupação de classificar, quase sempre mediante gêneros e autores, de estabelecer hierarquias e distinguir na massa das obras os “clássicos”, dignos de serem conservados pela transmissão escolar (BOURDIEU, 2009, p.215).

Nesse modo de organizar e reordenar as práticas de leitura e suas apropriações pela escola, as antologias e manuais passam a constituir o gênero por excelência, responsáveis pela valorização e ordenação do que a escola pretende definir. O mesmo, de maneira mais grave, ocorre com o ensino superior. A legitimidade dos veredictos das instâncias universitárias é reclamada pelos produtores culturais, conferindo a essa instância um lugar na ordem do discurso. É desse lugar, portanto, que analisamos o nome de Pereira da Silva.

Nesse sentido, partimos da constatação de que, segundo Bourdieu (2009, p.215), “As antologias e os manuais constituem o gênero por excelência das obras destinadas à função de valorização e ordenação do que cabe à escola.”, uma vez que eles cumprem o papel de direcionar os discursos e de estabelecer um modo de leitura e compreensão dos eventos culturais.

No que se refere aos manuais, conforme já anunciamos no tópico acerca do papel da crítica para a manutenção e apagamento do nome do autor, os livros de historiadores da literatura destinados às faculdades de Letras, como os dos autores Afrânio Coutinho, Antônio Cândido, Alfredo Bosi e Massaud Moisés, apenas este último traz um capítulo destinado ao autor em questão. Esses manuais, no entanto, mantêm-se atrelados a uma tradição que remete às origens da própria produção de material didático dirigido à formação escolar, cujo pioneiro foi o Cônego Fernandes Pinheiro com a obra *Curso Elementar de Literatura Nacional*, publicado em 1862, seguido de outros compêndios como a *Antologia Nacional* de Fausto Barreto que, desde sua primeira publicação em 1895 e adoção em 1970 por todas as escolas

do país, segundo Segabinazi (2011, p.27) foi responsável por disseminar o cânone da literatura brasileira. Só a partir de 1930, surgem as primeiras faculdades de Letras, em que apenas nos seus últimos anos de curso a literatura nacional encontrava algum espaço. Porém, um movimento liderado da USP, em 1946, conseguiu através de um currículo opcional, dar maior espaço à literatura brasileira, segundo Lajolo (2009). Tal dado nos faz compreender a predominância dos manuais de autores como Antonio Cândido e Alfredo Bosi, nos currículos dos cursos de Letras. Assim, segundo Segabinazi (2011), só a partir da década de 1960 que se estabelece um currículo mínimo para o curso de Letras que passa a conferir um lugar privilegiado para a literatura brasileira, mantendo, no entanto, um enfoque historiográfico da literatura até os dias atuais, numa ausência da literatura local.

Nessa construção do cânone nacional, autores como Pereira da Silva passam a receber, no máximo, anotações de rodapé, cujo destaque é dado à figura de Cruz e Sousa. A própria literatura paraibana encontra-se associada aos autores consagrados nacionalmente, sendo a universidade, portanto, reproduutora de uma cultura dominante, baseada em critérios de seleção e escolhas pautadas numa história da literatura narrada a partir de escolas e do ponto de vista evolucionista na perspectiva dos modernistas.

Em contrapartida, algumas tentativas de inserção do nome de Pereira da Silva, assim como da própria literatura produzida por autores paraibanos no sistema de ensino ocorreram, por iniciativa de pesquisadores e estudiosos da literatura local. É o caso dos livros *Coletânea de Autores paraibanos* e *Antologia Literária da Paraíba*.

O livro *Coletânea de autores paraibanos* integra o projeto “O Autor na Escola”, num convênio celebrado entre o Secretário da Cultura, Esportes e Turismo e o da Pasta do Planejamento do Estado, destinados, inicial e preferencialmente, aos alunos do ensino médio das escolas paraibanas. Na sua apresentação, os autores – Ângela Bezerra de Castro, Chico Viana, Hildeberto Barbosa Filho, João Batista B. de Brito, João Trindade e Sérgio de Castro Pinto, este último coordenador do projeto – já apontam para o principal objetivo desta coletânea: introduzir autores paraibanos no domínio formal de estudos. Esclarecem, ainda, que não se trata esse livro de uma antologia, no sentido que se atribui ao gênero, mas uma obra de cunho didático, uma vez que as escolhas e o mérito desta coletânea não têm nos seus textos um fim em si próprios, mas tomados como meios para o questionamento linguístico-retórico-interpretativo e até gramatical, visando à escolarização e apropriação da literatura paraibana pelo sistema de ensino. O foco deste trabalho está limitado a uma abordagem de textos, cujo nível das questões levou em consideração a clientela a ser atingida: o estudante secundarista. Os autores esclarecem que este projeto destina-se preferencialmente a alunos do

ensino médio, porém pode ser utilizado nos primeiros semestres da graduação em letras e áreas afins:

Isto porque o suporte teórico em que está embasada consubstancia, em larga medida, sobretudo a nível de texto poético, o contributo das modernas correntes de teoria e crítica literárias. [...] uma seleção somente de autores paraibanos e, direcionada para esses autores, uma visão crítico-analítico moderna; centrada no discurso literário enquanto tal; privilegiando, em detrimento do moralismo e das generalidades pouco efetivas, os reais processos retóricos, linguísticos e semióticos que engendram o literário (PINTO, s/d, p.08).

Seguindo essa abordagem, o autor Hildeberto Barbosa Filho é o responsável pela abordagem da poesia de Pereira da Silva, na qual traz uma pequena biografia do escritor e um poema o qual será motivo de questionamentos linguístico-retórico-interpretativos.

O segundo livro, *Antologia Literária da Paraíba* (1993), das autoras Idelette Fonseca dos Santos, Lindalva Patrício de Moraes, Maria de Fátima Almeida e Rivaldete Maria Oliveira da Silva, também seguem a mesma proposta da coletânea coordenada por Sérgio de Castro Pinto já citada, conforme indicado na apresentação do livro, diferenciando-se por escolher textos em prosa e em versos. Esta antologia é resultado do projeto didático-literário desenvolvido pelas professoras da UFPB, cujo objetivo primordial é colocar o aluno “frente à realidade literária do seu estado e consequentemente de sua região.”, conforme afirmam as autoras na apresentação do livro (SANTOS, 1993, s/p). Essa antologia talvez tenha encontrado um maior público leitor, uma vez que alcançou outra edição, como a que possuímos.

Entretanto, como afirma Bourdieu (2009), o sistema de ensino baseia-se na reprodução de uma estrutura de distribuição do capital cultural digno de serem desejados e possuídos. Assim, consciente desse papel que ocupa o sistema de ensino e as demais instâncias de consagração e manutenção do capital simbólico, os autores da *Coletânea de autores paraibanos* alertam para o fato de que não basta publicar o livro, para além desse passo é necessário o envolvimento efetivo dos órgãos educacionais como a Secretaria de Educação e a Universidade Federal da Paraíba, de cujos esforços dependem o êxito de iniciativas como estas.

No entanto, não encontraram ecos na Universidade Federal da Paraíba esses dois projetos citados. Nem mesmo na Biblioteca Central da UFPB, encontramos um livro dos sete escritos por Pereira da Silva, ao contrário ocorrendo com autores como Augusto dos Anjos, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, entre outros, todos estes consagrados pela

história da literatura atual, confirmando o fato de que os nomes da literatura paraibana, que ecoam nas salas de aula de seu ensino superior, limitam-se nomes de autores já consagrados nacionalmente.

As palavras dos autores da *Coletânea de autores paraibanos* vão ao encontro de todas as discussões que apresentamos ao longo de nossa tese: a literatura não está dissociada dos fatores externos a ela, muito menos distante das lutas simbólicas operadas pelas instâncias de poder a que se integra que, no caso desse capítulo, são elas a crítica, as Academias e o sistema de ensino, estes responsáveis por circular e tornar lida a produção do escrito nas diversas comunidades de leitores.

Assim a permanência ou exclusão de um nome de autor da lista do cânone passa por esses conflitos e tomadas de posição que cada agente de produção e consagração cultural ocupa. Essa organização das posições no tocante à legitimação, organizada segundo uma hierarquia, não se manifesta de forma consciente por seus agentes. Isso interfere também nas próprias escolhas das especialidades intelectuais e artísticas (semelhante ao que rege as escolhas profissionais – o êxito econômico e o status social).

Dessa forma, podemos concluir deste capítulo os seguintes aspectos: a crítica que se tornou autorizada silenciou o nome de Pereira da Silva, as Academias de Letras Brasileira e Paraibana não mais reeditaram nem retomaram seus livros em vista a dar-lhe mais visibilidade e, por fim, o próprio sistema de ensino que legitima um passado determinando a partir dele o que deve ou não ser lido e estudado, esses três fatores, aliados à falta de reedições há mais de setenta anos dos livros do autor, restringem sua comunidade de leitores àqueles que, por motivos diversos, ainda possuem seus livros guardados nas suas bibliotecas particulares ou a ele retomam por interesses de pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir não é uma tarefa fácil, nem muito menos possível. O que na verdade encerrou-se com estas últimas considerações, ao final desta jornada, foi um dos possíveis olhares sobre Pereira da Silva. Não podemos dizer que acabou, uma vez que a tarefa do pesquisador é, também, o de apontar caminhos para que outros olhares sejam depositados sobre o mesmo objeto e dele extrair possibilidades de leitura, de apropriação e representação dos eventos culturais.

Nos volumes descritos a partir dos periódicos analisados como os da *Rua do Ouvidor* (1898-1900), *Cidade do Rio* (1899-1902), *A Notícia* (1900-1903), *Rosa-Cruz* (1901-1904), *O Combate* (1917), *A Época* (1917-1919), *Gazeta de Notícias* (1900-1918), *A Noite* (1911-1918), *O Mundo Literário* (1922-1925) *A Batalha* (1931-1934), *O Mundo Literário* (1920-1925), *Noite Ilustrada* (1932-1934), *A Nação* (1933-1936), *Revista Semana* (1940), *Autores e Livros* (1941-1944), do periódico paraibano *Era Nova* (1921-1924), além dos documentos da ABL e da APL, verificamos a construção de um nome associado ao registro escrito, sobre o qual vemos a necessidade de contar sua história através do que nos foi dado a ler nas notas biográfica, cartas, produções de gêneros literários, textos críticos, anúncios de obras, enfim, através de uma escrita que se construiu num espaço destinado a dar visibilidade aos eventos literários do Rio de Janeiro e da Paraíba. Pereira da Silva encontrou, de fato, um lugar nessa imprensa periódica, na qual publicou poemas e narrativas ficcionais curtas, como também crítica literária, tendo algumas dessas publicações permanecidas nas páginas destes jornais, mas que tornamos agora conhecidas pelo público acadêmico, um fruto importante desta nossa pesquisa. Não nos detemos, entretanto, em analisar sua poesia publicada nos jornais e em seus sete livros, tendo em vista o fato de que nosso propósito foi fazer uma retomada histórico-literária do autor nos suportes jornais e livros.

Nessa retomada, recorrendo aos jornais para os quais Pereira da Silva contribuiu e nos quais seu nome encontrou espaço, não podemos afirmar que Pereira da Silva alcançou uma consagração por esta mesma imprensa, uma vez que suas colaborações não configuraram um espaço de prestígio nos jornais analisados, nem mesmo uma unidade ou continuidade temporal significativas a exemplo do que ocorreu a autores como Júlia Lopes em *O País* (SILVA, 2015a), periódico em que se destacaram os variados gêneros literários que constituem o conjunto das obras desta autora, assinando colunas de prestígio por um significativo espaço de tempo. Quando muito, vemos um Pereira da Silva, em *Cidade do Rio*

(1901-1902) tendo suas publicações em alguns poucos meses constando na primeira página; ou como colaborador-financiador da revista *Rosa-Cruz* (1901-1904), esta associada ao simbolismo, num período de decadência desse movimento; ou ainda sendo diretor de *O Mundo Literário* (1921-1926), uma revista literária que serviu muito mais para divulgar a editora que lhe financiava, disputando um lugar num período de grande efervescência das revistas associadas ao Modernismo.

O espaço que ocupou em certa imprensa jornalística, instância de consagração e legitimação da literatura do século XIX e início do século XX, espaço privilegiado de sua circulação, foi uma presença limitada por acontecimentos histórico-culturais que muito mais contribuíram para seu apagamento do que para sua permanência. Seu nome circulou numa imprensa na qual a “crítica-amiga” (SILVA 2015b) favoreceu-lhe uma circulação entre e para seus pares, numa espécie de corporativismo literário, movimento a que autores, como Machado de Assis e Olavo Bilac, também pertenceram. No entanto, diferentemente do que ocorreu a estes autores, que alcançaram prestígio em seu tempo e tiveram seus nomes configurando a lista de autores consagrados pela crítica atual, para Pereira da Silva o resultado foi diferente, pois seu círculo literário não lhe possibilitou uma projeção em seu tempo, ao contrário do que ocorreu a Cruz e Sousa, que teve seu nome perpetuado no campo literário de seu tempo devido aos próprios esforços dos grupos simbolistas hoje esquecidos, e alcançou sua consagração no cânone literário atual. Assim, esse corporativismo literário não é o mesmo para todos, mesmo para aqueles que pertenceram a um campo literário semelhante com disputas simbólicas próximas.

Nesse sentido, buscamos discutir ao longo de nossa tese o fato de que o apagamento do nome de um autor está relacionado não apenas à qualidade intrínseca de sua obra, ou seja, a qualidade estética. Abreu (2006), ao discutir conceitos como “literariedade, texto literário e qualidade estética”, aponta para o fato de que essas noções não fazem parte do texto propriamente dito, mas da maneira como ele é lido e do modo como se inscreve na sociedade, ou seja, “[...] um ‘mesmo’ texto ganha sentidos distintos de acordo com aquilo que se imagina que ele seja: uma carta ou um conto, um poema ou uma redação.” (ABREU, 2006, p. 29 (grifos da autora)). Dessa forma, vimos que outros conceitos se interpõem para a consideração do que realmente seja um “texto literário” e, consequentemente, sua apropriação temporal. Mais do que a qualidade estética, “[...] A literariedade vem também de elementos externos ao texto, como o nome do autor, mercado editorial, grupo cultural, critérios em vigor.” (ABREU, 2006, P. 41). Nesse sentido, o valor estético de uma produção literária também está associado aos modos de ler de seu tempo.

Acrescenta-se a esses fatos que, corroborando com o que Abreu (2006) discute a respeito do texto literário, o caráter artístico e sua permanência no cânone nacional estão relacionados também às instâncias e às convenções sociais responsáveis por sua legitimação, entre eles os conhecimentos prévios que temos do autor, seu prestígio e o lugar ocupado dentro da tradição literária, elementos esses tomados como instrumentos que dirigem a leitura. Assim, segundo Abreu (2006), “[...] a imagem que se tem do lugar do autor do texto na cultura é um dos elementos que afetam fortemente a maneira pela qual se leem seus textos e se avaliam suas obras” (p. 50).

A não inserção de um nome do autor dentro de uma história da literatura também diz respeito a essas questões, ou seja, a essas imagens que se têm do autor, pois elas são construídas por instâncias legitimadoras ao longo do tempo, uma vez que a presença permanente de avaliações estéticas não é universal e varia dos lugares ocupados por essas mesmas instâncias dentro do campo literário. Assim, o movimento que adotamos para nossas pesquisas sobre o apagamento do nome de Pereira da Silva levou em consideração as discussões sobre literatura e sua posição dentro do campo literário, como os apontados por Bourdieu (1996; 2009), que nos fez entender, assim também como comprehende Abreu (2006), que para estudar o evento literário, torna-se necessário abrir mão de julgar e hierarquizar o conjunto de textos.

Desse modo, não buscamos compreender a obra de Pereira da Silva a partir de um único critério dentro de um sistema de valores em que foi criada. Essa perspectiva adotada por nós permitiu-nos conhecer uma trajetória de vida deste autor que saiu da cidade de Araruna (PB) com aproximadamente 15 anos de idade, chegando ao Rio de Janeiro no início da década de 1890, conseguindo inserir-se na imprensa periódica por meio das ligações que alcançou com José do Patrocínio, Félix Pacheco entre outros nomes de repercussão em seu tempo num período de transformações sociais e culturais no Brasil. Nessa imprensa periódica do Rio de Janeiro, Pereira da Silva publicou seus poemas, narrativas ficcionais e artigos críticos até a década de 1940, tendo seu nome, portanto, sobrevivido às repercussões negativas aos simbolistas, alcançando, inclusive um lugar na Academia Brasileira de Letras em 1934. Nesse período, de 1903 a 1940, Pereira da Silva publicou seus sete livros de poesia, os quais foram citados pela imprensa periódica dos anos de 1900 até 1940 como também pela própria crítica até os anos de 1960, de modo mais significativo, com algumas retomadas críticas nas décadas seguintes, conforme analisamos.

Assim, essa mesma tarefa apontada por Abreu (2006) para o critério do que seja literatura erudita ou popular e suas consequências na avaliação da qualidade literária, ou seja,

não considerar um critério único para avaliar o conjunto de textos de um autor, foi a também empreendida por nós. Não se tratou apenas de esquivarmo-nos de julgamentos ou hierarquizações adotadas pelas instâncias de consagração, legitimação e manutenção do campo literário, até porque, concordando com a autora, seria inadequado, uma vez que os critérios adotados por essas instâncias tornam-se categorias necessárias para a compreensão das decisões tomadas na hora de avaliar umas obras como melhores que outras ou até mesmo de excluí-las.

Nesse aspecto, a crítica exerceu grande interferência no apagamento do nome de Pereira da Silva. Enquanto eram vivos os críticos que conviveram com o autor, sua obra continuava sendo retomada, atribuindo-se sentidos, numa tentativa constante de enquadrá-lo nesta ou naquela estética, critério importante para a tradição literária vigente, ora elogiando seus versos, ora criticando-os, papel inerente desta instância. A voz dessa crítica, no entanto, foi sendo suplantada por uma história que encontrou no Modernismo o ponto de partida para narrar nossa trajetória literária através de uma cronologia, numa perspectiva do livro e do evolucionismo, em que o passado passou a ser visto a partir do projeto modernista, ao qual Pereira da Silva não pertenceu.

Além da crítica, outras causas provocaram o apagamento de Pereira da Silva da história literária institucionalizada, conforme analisamos ao longo de nossa tese. Elas vão desde a postura reclusa e a negação a pompas e elegâncias pelo autor, mantendo-se distante das contendas políticas e conchaves literários, atitudes que contrariam uma sociedade em que as ligações sociais e culturais fazem-se imperativas para a manutenção de um nome, chegando ao que consideramos crucial, ou seja, a ausência de reedições de seus livros, limitando sua comunidade de leitores aos seus próprios pares – seus amigos jornalistas e poetas. As principais publicações poéticas de Pereira da Silva ocorreram num período em que nomes, aliados ao movimento modernista paulista, também publicavam seus livros de poesia, tais como: Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade entre outros. Ao contrário, Pereira da Silva mantém-se simbolista e unido a grupos que repudiam essa nova poesia.

Os livros de Pereira da Silva não sofreram re-edições, o que também representa um apagamento, uma vez que não havendo comunidade de leitores que lhe atribua sentido, o literário não sobrevive. Seus livros foram sendo encontrados nos sebos culturais do Brasil, em especial nos do Rio de Janeiro e São Paulo, revelando um objeto que permaneceu nas mãos dos leitores de seu tempo, passando de geração a geração até ser vendido para estes sebos, muitos cadastrados ainda em 2015, conforme pudemos verificar no cadastro do site da *Estante*

*Virtual*, comprovando haver leitores que guardaram os livros do autor em suas estantes durante anos, como os que ainda os guardam, a exemplo de Humberto Fonseca de Lucena, Hildeberto Barbosa Filho, além desta pesquisadora que aqui se pronuncia.

Outro silêncio é o daquelas a quem caberia manter viva a memória de seus membros: a Academia Brasileira e Paraibana de Letras. Conforme analisamos, à exceção de publicações esparsas em seus anais acadêmicos, o nome de Pereira da Silva ficou restrito à lista dos que compõem a imortalidade, assim como tantos outros. Paradoxalmente, uma imortalidade que não é capaz de evitar a morte literária do autor, uma vez que para que haja vida literária é necessário, antes de tudo, de um leitor e um suporte que possam dar sustento e sentido ao texto.

Por fim, o sistema de ensino conferiu a este autor e a tantos outros o anonimato. Apesar das tentativas de professores universitários em tornar público um autor e uma literatura locais, através de obras de cunho didático, por exemplo, assim também as obras de referência como dicionário, além da criação de projetos como este a que esta pesquisa se alia, a força imperativa de uma instituição mantenedora e reproduutora de um campo literário dominante não permitiu que esses esforços tornassem-se ainda um discurso de ordem, muito menos se inserissem no currículo fechado aos discursos não institucionalizados.

Porém, muito ainda há por se descobrir acerca deste autor, uma vez que não tivemos acesso a todos os jornais com os quais ele contribuiu, muito menos a todos os números daqueles que se juntaram aos que abordamos. Nossas pesquisas apontam para outros caminhos, entre eles as ligações de Pereira da Silva com a imprensa portuguesa, devido à carta recebida pelo poeta João Grave e as comparações entre Pereira da Silva e o também poeta português Antônio Nobre, revelando um possível intercâmbio cultural entre os dois países. Outro caminho é verificar as obras consideradas inéditas deixadas pelo autor, apenas citadas nas capas de seu último livro, sobre as quais não nos debruçamos para descobrir, mas que guardam uma significação importante para a história desse autor. Outros escritos também podem ter permanecido anônimos nas páginas dos jornais, além dos que encontramos no decorrer de nossas pesquisas. Acrescenta-se, ainda, o estudo de seus poemas e a re-edição de seus livros de poesia a fim de fazer circular um autor que, para nós, merece ser lido e apreciado. Todos esses aspectos, aliados àqueles que o leitor conseguiu verificar em nossa tese, são caminhos outros a serem percorridos na historicização da literatura.

Associamo-nos aos projetos relacionados aos estudos de história cultural acreditando nas repercussões positivas que essa perspectiva de estudo da literatura vem alcançando para o alargamento da história da literatura brasileira. Acreditamos, assim, que

nossa pesquisa pode vir a contribuir para o alargamento dos estudos literários a partir dos diversos suportes responsáveis pela circulação do texto literário, capazes que são em revelar o evento literário em sua relação direta com o seu meio original de produção, ao recuperar vozes esquecidas pela história literária institucionalizada. Acreditamos, portanto, que alcançamos nosso objetivo, ou seja, trazer à tona um autor e sua trajetória literária nas vozes da imprensa jornalística e da crítica literária, numa retomada histórico-literária importante para o alargamento dos eventos culturais brasileiros.

Concluímos, então, parafraseando as palavras finais da apresentação da *Antologia Literária da Paraíba* (1993): se a retomada histórico-literária de Pereira da Silva, através desta tese e do que aqui apresentamos, incitar professores, alunos, pesquisadores e diversos leitores a conhecer mais profundamente sua obra, como as dos demais autores que caíram no esquecimento, tanto para alargar ainda mais esta pesquisa, quanto para usufruir do prazer da leitura de seus livros, então poder-se-á afirmar que nossa pesquisa atingiu os seus objetivos.

## 6 REFERÊNCIAS

### 1. De e sobre Pereira da Silva

- ARAÚJO, F. **Paraíba**: Imprensa e vida. João Pessoa. 2<sup>a</sup> ed. 1986.
- AZEVEDO, J. **Eles deixaram saudades**. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1966.
- ARANTES, F. d'. **Com ares de crônica**. In: *Cidade do Rio*. Sábado, 14 de dezembro de 1901, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=085669&pasta=ano%20190&pesq=Pereira%20DaSilva> Acesso em 02 jun, 2015.
- BARBOSA FILHO, H. **Arrecifes e Lajedos**: breve itinerário da poesia na Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.
- \_\_\_\_\_. Pereira da Silva. In: PINTO, S. de C. (coord.). **Coletânea de autores paraibanos**: projeto o Autor na Escola. João Pessoa: Gráfica Santa Maria, s/d. p. 175-176.
- \_\_\_\_\_. Pereira da Silva. In: SANTOS, I. M. F. dos. **Dicionário Literário da Paraíba**. João Pessoa: A União, 1994, p. 191.
- \_\_\_\_\_. **Pereira da Silva**: poeta da melancolia! Jornal da Paraíba. Seção Contraponto (B7). Convivência Crítica. De 17 a 24 de abril de 2014.
- BARBOSA, S. de F. P. (org). **Pequeno dicionário dos escritores / jornalistas da Paraíba do século XIX**: de Antônio da Fonseca a Assis Chateaubriand. João Pessoa, 2009, p.131-132. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/>>.
- BARROS, J. de. **Poetas do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.
- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1995, p.282.
- CÂNDIDO, G. **História Crítica da Literatura Paraibana**. João Pessoa: A União, 1983.
- CARPEAUX, O. M. **Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira**. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1955.
- CASTELLO, J. A. **A Literatura Brasileira**: origens e unidade. Vol. 1. São Paulo: USP, 1999, p.343.
- COUTINHO, A. **Introdução à literatura no Brasil**. 15<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A, 1990, p.221.
- DALTRO, H. Impressões literárias. In: **A Batalha**. Rio de Janeiro, domingo, 04 de fevereiro de 1934, n. 1206, p.02.
- GRIECO, A. **Poetas e prosadores do Brasil**: de Gregório de Matos a Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Conquista, 1968, p. 66-70.

- \_\_\_\_\_. **Obras completas de Agrippino Grieco. Evolução da Poesia Brasileira.** 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: José Olympio, 1947, p.145-150.
- \_\_\_\_\_. Pereira da Silva: a propósito do livro *Beatitudes*. In: SILVA, A. J. P. da. **Solitudes**. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1918.
- LEÃO, M. Traços biográficos de Pereira da Silva. In: **Autores e Livros**, ano IV, vol. I, nº 3, 16 de janeiro de 1944, p. 45.
- \_\_\_\_\_. Notícia sobre Pereira da Silva. In: **Autores e Livros**, ano IV, vol. VII, nº 13, 15 de outubro de 1944, p. 01.
- JORGE, F. **A Academia do Fardão e da Confusão**: A Academia Brasileira de Letras e os seus “imortais” mortais. São Paulo: Geração Editorial, 1999.
- LUCENA, H. F. de. **A. J. Pereira da Silva (Primeiro Paraibano da Academia Brasileira de Letras). Documento**. João Pessoa: A União, 1993.
- MARTINS, W. **O ano literário**: 2000-2001. Curitiba: s/d, p. 425-428.
- \_\_\_\_\_. **História da inteligência brasileira**. Vol. VI. São Paulo: Cultrix, 1978, pp. 133, 223, 438.
- \_\_\_\_\_. **História da inteligência brasileira**. Vol. VII. São Paulo: Cultrix, 1977-78, p.172.
- MEDEIROS, M. B. de. **Coletânea de discursos de posse e saudação com notas bibliográficas de paraibanos na Academia Brasileira de Letras**. 2<sup>a</sup> ed. João Pessoa: UNIPÊ, 1999.
- MOISÉS, M. **O simbolismo (1893-1902)**. Vol. IV. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, p. 88-191. n/d
- MURAT, T. **O sentido das máscaras**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1939, p.105-110.
- MURICY, A. **Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro**. Vol. 2. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_. **O suave convívio**: ensaios críticos. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922, p. 222-235.
- PEREGRINO JÚNIOR. Aniversário de nascimento de Pereira da Silva. In: **Revista da Academia Brasileira de Letras**, ano 66, volume 112. Rio de Janeiro: anais julho a dezembro de 1966.
- PINTO, L. **Coletânea de poetas paraibanos**. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1953, p.32-36.
- ROCHA, P. da. O pó das sandálias. In: SILVA, A. J. Pereira da. **Senhora da Melancolia**. Paris: Imprimerie Lahure, 1928, p.143-152.
- RONÁI, P. (com a colaboração de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira). **Não perca o seu latim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.179.

- SANTOS, I. M. F. dos (org.). **Dicionário Literário da Paraíba**. João Pessoa: A União, 1994.
- \_\_\_\_\_. (et.al). **Antologia literária da Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A literatura na Paraíba: ontem e hoje**. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1989.
- SILVA, A. J. P. da. Discurso do Sr. Pereira da Silva. In: MEDEIROS, M. B. de. **Coletânea de discursos com notas bibliográficas de paraibanos na Academia Brasileira de Letras**. João Pessoa: UNIPÊ, 1999, 17-42.
- \_\_\_\_\_. **Alta noite**. Rio de Janeiro: Editora S. A. A Noite, 1940.
- \_\_\_\_\_. **Senhora da Melancolia**. Paris: Imprimerie Lahure, 1928.
- \_\_\_\_\_. **O pó das sandálias**. Rio de Janeiro: Empresa Brasil Editora Casto, Mendonça & Cia, 1923.
- \_\_\_\_\_. **Holocausto**. Rio de Janeiro: Grande Livraria Editora Leite Ribeiro, 1921.
- \_\_\_\_\_. **Beatitudes**. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro & Maurilo, 1919.
- \_\_\_\_\_. **Solitudes**. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1918.
- \_\_\_\_\_. **A poesia e a poética do Sr. Augusto dos Anjos**. In: *Gazeta de Notícias*. Ano XXXVII, nº 220, de 07 de agosto de 1912, p. 03.
- \_\_\_\_\_. **Vae soli!**. Curitiba: Imprensa Paranaense. 1903.
- TAVARES, A. **Discurso de recepção de Pereira da Silva**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1934. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D207/discurso-de-recepcao> Acesso em 20 de jun 2015.
- VICTOR, N. Senhora da Melancolia. In: **Obra crítica de Nestor Vítor**. Vol. III Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979, p.160-163.
- \_\_\_\_\_. Solitudes. In: **Obra crítica de Nestor Vítor**. Vol II. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, p.91-98.
- \_\_\_\_\_. **Cartas à gente nova**. Rio de Janeiro: Tipografia do Anuário do Brasil (Almanaque Laemmert), 1924.

## **2. Sobre Literatura, História Cultural e Imprensa**

- ABREU, M. Letras, Belas Letras, Boas Letras. In: BOLOGNINI, C. Z. (org.). **História da literatura: o discurso fundador**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.
- ALMEIDA, H. de. **Contribuição para uma bibliografia paraibana**. João Pessoa: A União, 1994.

- ARARIPE, JR. **Retrospecto literário do ano de 1893.** Primeiramente no Jornal *A Semana*, no ano de 1894.
- ARAÚJO, R. *et al.* **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001.
- BARBOSA, O. **História da Literatura da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, 1979, p.270-271.
- BARBOSA, S. de F. P. Alva e ideia: duas revistas e um passado para a vida literária paraibana do século XIX. In: **Revista de História e Estudos Culturais.** Volume 04, Ano IV, nº 1, 2007b. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF10/ARTIGO1.SECAO.LIVRE.Socorro.de.Fatima.Pacifico.Vilar.pdf>, acesso em 20 set 2011.
- \_\_\_\_\_. **Jornal e Literatura:** a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A invenção de uma escrita:** Anchieta, os jesuítas e suas histórias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa – Brasil – 1800-1890.** Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- BARTHES, R. A morte do autor. In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua.** São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.57-64.
- BASTOS, T. **O Simbolismo no Brasil e outros escritos.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1969.
- BILAC, O. **Ironia e Piedade.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916.
- BOURDIEU, P. O mercado dos bens simbólicos. In: \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2009, p.99-181.
- \_\_\_\_\_. **As regras da arte.** Trad. Maria Lúcia Machado. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BROCA, B. **A vida literária no Brasil – 1900.** 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.
- CADENA, N. V. **O suplemento literário de “A Manhã”.** Portal Imprensa, 25/05/2011. Disponível em: <<http://portalimprensa.uol.com.br/colunistas/colunas/2011/05/23/imprensa866.shtml>>, acesso em 10 set 2013.

- CANDIDO, A. Crítica impressionista. In: **Revista Remate de Males**. N<sup>o</sup> especial. Campinas (SP): Unicamp 1999, p. 59-62. Disponível em <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/3556>>, acesso em 18 dez 2015.
- CAROLLO, C. L. **Decadismo e Simbolismo no Brasil**: crítica e poética. Vol. 2. Brasília: INL, 1981.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- CHAVES, E. M. Entrevistas relativas a *O Mundo Literário. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* (IEB) n<sup>o</sup> 24, 1982
- COSTA, C. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COSTA, E. T. **A construção e a permanência do nome do autor**: o caso José Condé. Tese (Doutorado). UFPB/CCHLA. João Pessoa, Paraíba, 2013.
- CRUZ, K. J. C. **Cultura impressa e prática leitora protestante no oitocentos**. Tese (doutorado). UFPB/CCHLA. João Pessoa, 2014.
- DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005, p.111-153.
- DIMAS, A. **Rosa-Cruz**: Contribuição ao estudo do Simbolismo. Nova Série. São Paulo: FFLCH-USP, 1980.
- FARIAS, V. L. C. de. **Machado de Assis na imprensa do século XIX**: práticas, leitores e leituras. Tese (doutorado). UFPB/CCHLA. João Pessoa, 2013.
- FERREIRA, M. de M. et al. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001.
- FOCAULT, M. O que é um autor? In: FOCAULT, M. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FREYRE, G. **Manifesto regionalista**. 7<sup>a</sup> ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47-75. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAGancAE/manifesto-regionalista?part=2>>. Acesso em 20 mar. 2015.

- GOMES, Â., de C. **História e historiadores**: a política cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013.
- GOMES, R. G. As. **Oliver Schreiner, literatura e a construção da nação sulafricana**. Dissertação (Mestrado). IFCH/UNICAMP (Departamento de História). Campinas, São Paulo, 2010.
- LAJOLO, M. **No jardim das Letras, o pomo da discórdia**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/pomo.htm>. Acesso em 21 out. 2015.
- MARTINS, E. **Carlos D. Fernandes**: notícia bibliográfica. João Pessoa: A União, 1976.
- MARTINS, L. C. C. **António Nobre e o simbolismo em Portugal**. Dissertação (Mestrado). Universidade da Madeira. Funchal-Portugal, 2012.
- PETRY, F. F. **O cão e o frasco, o perfume e a cruz** [dissertação]: arquivo Rosa-Cruz revisitado / Fernando Floriani Petry; orientadora, Maria Lúcia de Barros Camargo. - Florianópolis, SC, 2011.
- RIO, J. **O momento literário**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1907.
- Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2144](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2144)> Acesso em 12 dez 2014.
- SEGABINAZI, D. M. **Educação literária e a formação docente**: encontros e desencontros do ensino de literatura na escola e na Universidade do Século XXI. Tese (Doutorado). PPGL/UFPB. João Pessoa, 2011.
- SILVA, N. de A. **Júlia Lopes e sua trajetória de consagração em O País**. Tese (Doutorado). UFPB/CCHLA. João Pessoa, 2015a.
- SILVA, O. M. **Retórica, roda de compadres, solidão e achaques da velhice**. João Pessoa: IFPB, 2015b.
- SILVA, L. M. R. da. **Contribuição à História Literária da Paraíba**: estudo da revista *Era Nova*. Dissertação (Mestrado). PPGL/UFPB. Vol. I e II. João Pessoa, 1980.
- SIMÕES JR., Á. S. A repercussão nos jornais de livros simbolistas de 1899. Ensaios. *Revista Navegações*, Porto Alegre, v. 4, n.1, p. 7-14, jan./jun. 2011.
- \_\_\_\_\_. O jovem Paulo Barreto e os simbolistas. *Revista Itinerários*, Araraquara, n. 31, p. 161-174, jul./dez. 2010.
- THALASSA, Â. **Correio Paulistano**: O primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna – o jornal que “não ladra, não cacareja e não morde –”. Dissertação (Mestrado). PUC. São Paulo, 2007.

ZOHAR-EVEN, I. Teoria dos polissistemas. Disponível em <  
<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:oK8ObOr2qOQJ:www.seer.ufrgs.br/translatio/article/viewFile/42899/27134+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 08 de abr. 2014.

### **Periódicos consultados**

- A Batalha*. Rio de Janeiro, 1930-1934.
- A Época*. Rio de Janeiro, 1917-1919.
- A Nação*. Rio de Janeiro, 1933-1936.
- A Noite*. Rio de Janeiro, 1911-1918.
- A Noite Ilustrada*. Rio de Janeiro, 1932-1944.
- A Notícia*. Rio de Janeiro, 1900-1903.
- A Semana*. Rio de Janeiro: Tipografia Central, 1894.
- A União*. Paraíba, 1928.
- Autores e Livros*. Rio de Janeiro, 1941-1950.
- Cidade do Rio*. Rio de Janeiro. (1899-1902)
- Era Nova*. Paraíba: Imprensa Oficial, 1921-1925.
- Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1900-1918.
- O Combate*. Rio de Janeiro, 1917.
- O Imparcial*. Rio de Janeiro, 1917.
- Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1933.
- O Mundo Literário*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro. Rio de Janeiro, 1922-1924.
- Revista Semana*. Rio de Janeiro, 1940.
- Revista Da Academia Brasileira De Letras*. Rio de Janeiro, 1938-1966.
- Rosa-Cruz*. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger. 1901-1904.
- Rua do Ouvidor*. Rio de Janeiro, RJ: Tipografia Casa Mont'Alverne, 1898-1912.

## 7 APÊNDICE

### *Cronologia das produções de Pereira da Silva*

- 1876:** Nasce em Araruna (PB), Antônio Joaquim Pereira da Silva.
- 1898:** Dirige a revista literária *Palladium* (PR).
- 1899-1900:** Colabora para o jornal *Rua do Ouvidor* (RJ).
- 1899:** Publicação dos contos “Tísica” (*Rua do Ouvidor*. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1899, ano II, nº 64, p. 05) “Espiritualizado” (*Rua do Ouvidor*. Rio de Janeiro, 09 de dezembro de 1899, ano II, n. 83, p. 05).
- 1900:** Publica o soneto “Antônio Nobre” (*Rua do Ouvidor*. Rio de Janeiro, 12 de maio de 1900. Ano III, nº 105, p.06).
- 1901-1902:** Colabora para o jornal *Cidade do Rio* (RJ).
- 1901:** Assina a seção “Corrente calamo” (pseudônimo J. d’Além) e publica os poemas “Caos”, “Tela espiritual” e “O sapo”, em *Cidade do Rio* (RJ).
- 1902:** Publicação dos poemas “Escalada”, “A pêndula”, “Pelo ideal” e “Nau do Sonho”, em *Cidade do Rio* (RJ).
- 1903:** Publica o livro de poesia *Vae Soli!*
- 1904:** Publicação dos sonetos “Segunda Voz”, “A outra luz” e as crônicas “Maurice Maeterlinck”, “De interna consolatione” e “Adoração”, na revista literária *Rosa-Cruz* (RJ), seu colaborador-patrocinador.
- 1912:** Publicação de crítica literária intitulada “A poesia e a poética do Sr. Augusto dos Anjos”, sobre o livro *Eu* (1912), de Augusto dos Anjos, na *Gazeta de Notícias* (RJ).
- 1918:** Publica o livro de poesia *Solitudes*.
- 1919:** Publica o livro de poesia *Betatitudes*. Neste ano, também é publicada sua carta em versos dirigida aos imortais da ABL, no jornal *A Época*.
- 1921:** Publica o livro de poesia *Holocausto*.
- 1922:** Publicação dos poemas “A aparição” e “Mulheres”, na revista *O Mundo Literário* (RJ). Neste ano, também é publicada uma carta intitulada “Reflexões de uma cabra” sobre a novela homônima de José Américo de Almeida, em *Era Nova* (PB).
- 1922-1926:** Dirige a revista *O Mundo Literário* (RJ).
- 1923:** Publica o poema “Canção da irmã Cecília”, na revista *Era Nova* (PB). Publicação do livro de poesia *O pó das sandálias* (RJ).
- 1924:** Publica o poema “Honrarás tua mãe”, na revista *Era Nova* (PB)
- 1925:** Publica o poema “Envelhecendo”, na revista *Era Nova* (PB).

- 1928:** Publica o livro de poesias *Senhora da melancolia*.
- 1936:** Discursos sobre os poetas Luiz Carlos, Tomás Murat e Cruz e Sousa publicados na *Revista da Academia Brasileira de Letras* (RJ).
- 1939:** “A poesia de Machado de Assis”, publicação na *Revista da Academia Brasileira de Letras* (RJ).
- 1940:** Publicação do livro de poesias *Alta Noite*.
- 1941-1944:** Colabora para o suplemento literário *Autores e Livros* (RJ).
- 1941:** “Reminiscência” e “Opinião de Pereira da Silva sobre Fagundes Varela”, publicação em *Autores e Livros* (RJ).
- 1942:** “O elogio do gênio: a memória de Euclides da Cunha”, poema publicado em *Autores e Livros* (RJ).
- 1944:** Publicação de crítica literária intitulada “Farias Brito, numa evocação de Pereira da Silva”, em *Autores e Livros* (RJ).
- 1944:** Morre Pereira da Silva no Rio de Janeiro.

## 8 ANEXOS

### ANEXO 1: PRODUÇÕES DE PEREIRA DA SILVA

#### POEMAS

##### **Caos (*Cidade do Rio*, 16 de novembro de 1901, p. 01)**

Eis-me, irmãos meus na dor, nesse ponto absoluto  
 Em que nossos ideais vemos de vez perdidos,  
 Ponto extremo, final, em que os próprios gemidos  
 E as próprias aflições sinto de olhar enxuto...

Estou na inanição dessas almas de luto  
 Cujo fardo de Dor é tanto, que os sentidos  
 Não são mais do que sons vagos, indefinidos,  
 Que procuro escutar e muito mal escuto...

Apalpo, fixo o olhar, alongo o ouvido e tudo  
 Ao redor de redor é um Vácuo profundamente mudo  
 Em que errasse uma Sombra estranhamente espalma...

O muno é para o meu olhar, já quase fosco,  
 Um caos; um caos sem luz; um caos em que em vão busco  
 As outras sensações de vida da minh' alma...

##### **Tela Espiritual (*Cidade do Rio*, 30 de novembro de 1901, p. 01)**

Ao fundo, Ela, na Paz da morte do último sono,  
 E os círios, ao redor, crepusculando a tela...  
 (Círios de uma luz mais palidamente bela  
 Do que a luz do luar de um crescente de Outono.)

Branca, na prostração do máximo abandono,  
 Minh'alma, branca e só seu caixão de anjo vela.  
 (Minh'alma que floriu seu rosto da expela  
 De lírios lacrimais com que Ela alçou ao Trono...)

Cabecinha menor que a da Virgem das Dores  
 Sobre um floco aromal de pequeninas flores:  
 - Dálias, dulias, jasmins, lilás, amor-perfeito...

Nesta paisagem morta, eu tenha a Morte em mente,  
 - Como só frrouxo clarão de uma câmara ardente –  
 Com pequeninas mãos de imagem sobre o peito.

##### **O sapo (*Cidade do Rio*, 11 de dezembro de 1901, p. 01)**

Quem crer em tal? Mas amo esse réptil imundo  
 Que anda nos charcos não se por que lei nefasta.

Ele que tem o olhar tão límpido que basta  
Para se ver que encerra a alma melhor do mundo.

Esse noturno boêmio é um belo vagabundo  
De noitadas de luar e de existência casta.  
E, sendo um ser tão vil que em lamaçais se arrasta,  
Nunca deixou de ter esse ar meditabundo...

Nos seus modos de ser, seismáticos, atentos,  
Há fundas abstrações, justos ressentimentos  
De almas que a sorte traz, por irrisão, de rastros...

Enquanto a Humanidade a vida arrasta, exangue,  
Entre gritos de dor e lágrimas de sangue,  
Esse batráquio vive a enamorar os astros!

### **Escalada (*Cidade do Rio*, 13 de março de 1902, p. 01)**

Dolorosa ascensão! Neste Cascalho brota  
Sangro os pés, sangro as mãos, sangra-me o sol o dorso.  
Mas se deve subir... e torço e me contorço,  
Luto e reluto sempre. E em vão luto e reluto!

Embaixo a multidão rindo e bramindo escuto.  
Rindo da minha Dor; bramindo contra o esforço  
E os impulsos viris de Hércules do meu torso  
Nesta escalada em que mais subo resoluto...

Seja. Enquanto tiver estas forças estranhas  
Irei com Prometeu, sob os Céus os mais turvos,  
Galgando mais e mais montanhas e montanhas.

Podem, pois, me esfalar as vísceras os corvos.  
Sangrando os pés e as mãos e as carnes e as entranhas  
Calcari, como em Deus, estorvos sobre estorvos.

### **Pelo ideal (*Cidade do Rio*, 15 de abril de 1902, p. 01)**

(A Francisco Braga, Maestro)

Por esse ívio Deserto, abandonado  
Ao vento e à chuva dessa steppínerme,  
Tendo a fria certeza de ir perder-me  
Em meu futuro, como em meu passado;

Só, vendo a Morte em minha sombra, ao lado;  
Vendo-A, e sentido gelos epiderme,  
Eis como eu vou – eu Ser, eu lama, eu verme  
À procura de um Bem nunca encontrado...

Diz-me a Razão por vezes: - Pobrezinho:  
Esse Caminho, e em que já te perdeste,  
Não é de certo o teu melhor Caminho...

- Mas, retruca outra Voz, é este, é este!  
 Pouco importa que vás sempre sozinho  
 Se outra não foi a Sorte que tiveste...

**Segunda Voz (*Rosa-Cruz*, junho de 1904, Série II, Fascículo I, p. 34)**

Não há de ser de espírito infecundo  
 Que hás de alcançar a Terra Prometida.  
 (Esta verdade mais vejo incendida  
 Quanto mais em meu Ser penetro a fundo.)

É preciso ter luz, o olhar profundo,  
 O olhar que as próprias trevas intimida,  
 E contemplar dos ápices da vida,  
 A vida, o mundo, e a um tempo a vida e o mundo.

É preciso, sem nada que conforte,  
 Ser sempre o Ser por entre a vida e a morte,  
 A luz e a treva, os loiros e os abrolhos...

É preciso, nas chamas da loucura,  
 Subir à tal altura, - à tal altura  
 Que tudo fique à luz diante dos olhos.

**A outra luz (*Rosa-Cruz*, Julho de 1904, Série II, Fascículo II, p. 75)**

Além da luz, além do sol que assiste  
 Todos os sóis pelo infinito afora,  
 Outra luz há também fecundadora,  
 Apesar de tão pálida e tão triste...

Esta não tem fulgor de lança em riste,  
 Nem tons de Ocaso ou flâmulas de Aurora;  
 Mas uma outra feição tão seismadora  
 Que nem no mundo sthereal existe.  
 Dos Mártires dos íntimos martírios...

Só o sábio a conhece e o poeta a sente;  
 Que ela é quem muda luminosamente  
 Todas as suas lágrimas em lírios.

**A divina miséria. (A *Época*. Rio de Janeiro. 07 de agosto de 1919. Ano VIII, nº 2.877, p. 02)**

*Comine tu nous attires et nous enchainé  
 Comme tu sais revir parfoia les appareaces  
 d'une mission sacréo, d'un devoir religieux!  
 Non, tu n'es pas le bongeur, ô divine!  
 Vivre sans tol est une disgrace amére.*

*Mais tu n'es pass le bongeur, ó rinol  
 Laisse-le, mol balbutter, memo a travers  
 Tes soupirs, meo a travora to sanglot a qui  
 Ressemblent toujours 'ceux de la tristesse*  
 Georges Duhamel.

Ânsia de graça, incógnito castigo.  
 Sei que nasceste e vais morrer comigo,  
 Não te direi, não te diria. Em vão  
 O sepulcro do meu coração  
 Por um milagre de última agonia,  
 A própria vida te transfundiria.

Fui, minha Musa, como o pelicano.  
 A minh'alma inda em flor, meu sangue amargo.  
 Todo esplendor da minha juventude.  
 Tudo quanto inda fiz ou quanto pude  
 Inda fazer, - minuto por minuto –  
 Sacrifiquei de instinto resoluto.  
 - Eu, partícula da alma do Universo –  
 A divina miséria do meu verso.

Cedo me apercebi de como é dura  
 A condição da alma que procura  
 A insondável Razão que anima tudo.  
 Minhas noites passei, pálido e mudo,  
 De olhar absorto na Amplidão calada.  
 Intimamente interrogando a cada  
 Instante que passava como o vento  
 A coisa obscura do meu sofrimento.

Seria minha Dor uma vaidade?  
 Não haveria uma substancialidade  
 Além da contingência deste mundo  
 Tão raso para o espírito profundo?  
 O que se sente ou mal só descortina,  
 Não me induz a que uma luz divina  
 Persiste entre os impulsos incontidos  
 Da Razão, das ideias, dos sentidos?

Que importa a mim – alma de penitente –  
 O brilho do ouro, em cuja febre ardente  
 Rela o destino humano em nossos dias?  
 Que importam desprezos, ironias,

Porque em ti vivo, espírito divino,  
 Em cujas mãos depus o meu destino.  
 Tanto mais belo quanto for mais forte  
 A minha Dor com seu desdém da Morte.  
 Por mim- sorrio desta Edade inquieta  
 Se sofrer e se amar é ser um poeta  
 É passar entre os mais incomprendido  
 Melhor me fora nunca ter nascido,  
 E já que vivo, seja porque for,  
 Prefiro a tudo minha própria dor;

Prefiro a beatitude à luta acesa,  
 A fome de ouro de hoje – a sã tristeza  
 Que a Fortuna mo deu como uma prenda,  
 Para que a falta de outros dons comprehenda  
 Nas minhas horas íntimas e calmas,  
 As efusivas florações das almas.

Prefiro a tudo mais – a tudo mais,  
 Esta ternura humilde que me faz,  
 Pelas cordas afins das simpatias,  
 Escutar, Lamartine, as “Harmonias”  
 Desse instrumento que teu gênio amigo  
 Fez tão vibrátil que partiu contigo,  
 Se eu não sentisse esta melancolia.

Musset como jamais entenderia  
 Essa eloqüência exubere e confusa  
 Que fez divina e humana tua Musa?  
 Byron! Prefiro o desespero humano  
 Dos teus soluços cheios como o oceano,  
 Quando, alta noite, a fúria da tormenta  
 Seu dorso roja e o seu clamor augmenta.  
 Platão divino, Sócrates profundo,  
 Jesus, - luz refletora do outro mundo,  
 Doutores da Humildade e da Beleza,  
 Prefiro a tudo rosa singeleza.  
 Que regenera minha humanidade,  
 Tão sombria e tão digna de peidades

Ah! bem me lembro, Musa. Era minino  
 E já te via, tímida e risonha,  
 A me apontar (menino já se sonha:)  
 A Escada de Jacob do meu Destino...  
 O Amor depois (que força há que se oponha  
 A seu ditame trágico ou divino?)  
 Fez-me fazer, em pleno desatino,  
 Loucuras de um cadote de Casconha...

E tu comigo sempre em toda a parte:  
 Na luta viva, aos instantes de Arte,  
 Nas angústias dos meus dramas (xxx)

Mas neste mundo ilógico e violento,  
 Tu mesma inda augmentaste meu tormento  
 Ó Divina Miséria dos mortais!

**Mulheres (O Mundo Literário. Rio de Janeiro, 5 de junho de 1922, vol. 1, nº 2, p. 213)**

(Solilóquio de um romântico)

Uma delas, de sangue novo e quente  
 Constringiu-me no corpo de serpente  
 E deixou-me, pesar de moço e forte,  
 Entre anseios de amor e ânsias de morte.

Outra, tão linda que nem sei se existe  
 Pintura assim tão cândida e tão triste  
 Não me negou nunca um sorriso sério.  
 Amor? Não sei. Morreu. Foi um mistério.

A terceira mulher era tão fria  
 Que não lhe disse nunca, nem diria  
 As confidências do meu coração.  
 Esqueceu meu amor? Penso que não...

Esta, por ser talvez mais verdadeira  
 Não me deixou tristeza tão profunda.  
 Mas que travos de tédio da primeira!  
 Que saudade infinita da segunda!

## NARRATIVAS CURTAS

**Espiritualizado (In: *Rua do Ouvidor. Rio de Janeiro, 09 de dezembro de 1899. Ano II, nº 83, p. 05*)**

Ao Dr. E. Doria

Simples, a cela do abade Levy.

Uma mesa tapetada de veludo, duas poltronas antigas e um sofá constituíam toda sua mobília. Mas aquela intencional singeleza, aquela ausência de luxo e vaidade, tinha algo de confortável ao espírito, que respirava aquele ambiente. Demais sempre d'ali recendia, d'entre dois belos jarros da China, o perfume dos lírios, das malvas, das rosas chá, de uma infinidade de folhas e flores que a Martha, uma velha devota e boa, presenteava todos os dias.

Pelas paredes, no papel, diversas alegorias: uma ave, pousada sobre ramo florido, desferindo gorjeios; outra, asas no ar espalmadas, lembrando simbolicamente o voo uma pomba...

O abade amava muito, muito aquele retiro. Longe do bulício das ruas, das tentações das mulheres, aquele recanto lh'infiltrava n'alma uma graça inefável de paz, de amor e de luz, como coisa alguma o faria.

Por isso todas as tardes, às horas da sesta, deixava-se ficar sozinho ali, ali n'aquele recesso doce e sagrado de penitenciais, onde podia, espiritualmente, deixar-se ascender, ascender como o incenso das Aras às regiões azuis do infinito.

E sobre o sofá, enfrentando a janela aberta, a cabeça na flacidez de uma estufa, estendido, abstrato, tempos e tempos sonhava assim.

Longe, talvez a curva azul da distância, o sol no mar se afundava. E calmas, muito calmas e sem queixas, sem uma queixa sequer, iam e vinham as águas, com em um lago imenso e sereno.

Mas que belo painel flamengo! Que tons intensos de luz! Que brilho! Que vida! Ah... (pensava o abade) é um grande artista o Sol, é um grande artista. A imaginação ardente dos gregos, recordava-se, tinha belíssima intuição da Arte, dessa Arte cujo Deus era Apolo ou o Sol, essa flor rubra de luz.

Então perpassavam-lhe pelo espírito os mistérios pagãos. Lembrava os rituais de Osíris, no Egito.

Recordava a grandeza, a magnificência desse país do Nilo – o rio sagrado – a cuja margem vinham os sacerdotes de Isis, à luz do ouro do luar, interrogar os lótus azuis...

Via, nos umbrais dos Templos, as esfinges de pedra. No seu espírito de vidente lá estavam as criptas ermas da Índia e as Catacumbas tristes de Roma. Sem nexo, velados de uma sombra de piedade e tristeza, perpassavam-lhe também pelo espírito os rituais e os sacrifícios dos druidas. Entretanto ele amava aqueles tempos de fé. As gentes, conquanto menos civilizadas, eram mais contemplativas e simples e dóceis. De resto, espalhando as nuvens negras do paganismo, aurorizando de luz o espírito humano, apareceu por fim o Verbo Divino, encarnado nas eternas verdades do Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Trindade Santíssima.

E o grande filósofo de Bethlém, como arauto dos Céus que era, se fora de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, pregando. Pela intensidade de sua fé, pela brancura imaculada de su'alma, pela infinita inteligência de tudo, Ele abalou todo o mundo, esclarecendo todos os espíritos e aceitando resignadamente, com a maior das misericórdias, o maior dos sacrifícios humanos. Entretanto agora, depois dessa tragédia, dessa estranha Paixão do Golgothá que restava da moral da doutrina de Cristo? Que árvore, pois, nesse sáfaros deserto da humanidade, frutificará de tanta lágrima e sangue?

Não o sabia: outras religiões, outras escolas, outros sistemas filosóficos, outra moral sucederam. Tudo isso sucedera, mas os homens continuavam ainda, com antes do Calvário, disseminando discórdias e desflorando as almas. Negavam assim, sem exame de consciência, todas as verdades cristãs.

Já não havia o sentimento da Justiça e do Bem. O sentimento e a razão, quase sempre mascarada, não se harmonizavam. E dia a dia, como consequência dessa balburdia, d'esse caos, ia augmentando ao par da anarquia social, faminta e sedenta, a anarquia moral, o desvario, a loucura...

Era o materialismo, o nirvana.

Neste ponto de tais cogitações ergueu-se. Chegou-se à janela. A noite vinha descendo. Vinha descendo a noite, e um silêncio de lugar deserto, com a noite, vinha também se estendendo...

Já ao longe, n'uma penumbra de cinza, mal se divisavam as montanhas. E naquela mudez grave e solene, dir-se-ia que a natureza estava contrita, muito contrita, n'um recolhimento intenso de prece. Nem um chilro, nem um pio de ave, das que nidificavam nas cornijas, no telhado do convento. Lá embaixo, as águas do mar continuavam calmas, muito calmas e sem queixas, sem uma queixa sequer.

A cidade pouco a pouco vinha aparecendo, agora, d'entre a penumbra, com a iluminação aqui, ali, além, disseminada. E n'aquela serenidade, n'aquela dulcíssima serenidade cristã, o abade demorou ali muito tempo, espiritualizado...

**Tísica. (In: *Rua do Ouvidor. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1899. Ano II, nº 64, p. 05*).**

## I

Depois da oração da tarde: depois d'aquela prece veemente em que de joelhos, com as mãos unidas em concha e os olhos fitos no Cristo, ela se embevecia no êxtase de seu amor evangélico, depois de pedir e suplicar aos céus a misericórdia divina, a piedade para seu infortúnio e a fortaleza para su'alma, Lúcia veio ao jardim.

Pálida, lenta, nos lábios uma expressão de desgosto, arrastou-se até a escada, área, alongou a vista à distância, quedou-se algum tempo assim, na piedosa contemplação do

crepúsculo, e lá se deixou descer afinal uma a um, lento e lento, aqueles longos degraus. Às vezes, devido à tremura dos nervos, parava; mas, em pouco, continuava a descer.

Por fim, após essa triste delonga, alcançou o pomar, respirando num desabafo de alívio.

Depois, por entre as alças das árvores, dirigiu-se passo a passo ao fundo, ao caramachão.

Sentou-se ali, concentrou todo seu espírito, e ficou esperando a noite n'aquele almo isolamento.

O silêncio, a tristeza, toda aquela morbidez da hora, d'essa hora extrema do sol, tinha para seu sofrimento algo de amor e carinho. Sentia-se bem ali: nem um rumor de ar nas folhas, nem um pio de ave perdida, vinha ferir-lhe os ouvidos. As árvores estavam quietas, hirtas, silenciosas, como se acaso sentissem, tão bem como estava sentindo, todo aquele langor de lusco-fusco outonal. No jardim nos canteiros cercados de folhas e ervas, tudo estava triste e no ar, já um pouco obscurecido, errava como quem um aroma, um perfume vago e longínquo, de flores fanadas...

E a sombra imensa da noite mais e mais descia. Longe, no *delirium-tremens* da luz, o sol se ia afundando e as nuvens, umas após outras, lá iam – caminho do poente – aos funerais do sol.

Era a hora da saudade.

Lúcia suspirou.

E com que consternação agora, que tudo se fora, soltava aqueles suspiros! Nem mais uma ilusão, nem mais um sonho, nem mais amores.

De todo esse passado faustoso, ficara-lhe apenas a sombra, aquela sombra extinta que via além de sua imaginação enferma, como através de um lago estagnado e turvo. Mas aquela miragem longínqua, aquela penumbra quase delida, para ela que já não sonhava e dia a dia, na resignação da sua desgraça, ia aos poucos morrendo, era um escárnio o pensamento, par que a lembrança, se vinham conturbar-lhe o espírito, até às horas ermas da noite, no silêncio de sua alcova deserta?...

E uma a uma, filtradas do imo d'alma, as lágrimas desciam-lhe às faces. Estava perdida, dizia a si mesma. Percebia, embora procurasse iludi-la já consolando suas tristezas, já o coração lhe auscultando, que cada vez mais, apesar de sua extrema vaidade e presumido desvelo, ia perdendo o róseo da face, a expressão dos olhos, os tons da beleza. Horas e horas do toucador à frente, examinava uma a uma todas as linhas do rosto, e ora meneando a cabeça, ora atenciosamente, tinha piedade de si mesma. Como estava outra!

Compreendia agora aquela indiferença tão sugestiva e tão clara.

Antes – como tudo mudara! – era o terror, o ódio das mulheres. Quando saía com o resplendor de sua beleza, com os requintes de sua elegância, notava os homens arrastados, hipnotizados pelo seu deslumbramento.

Eles acompanhavam com a vista, até que a perdessem de todo, com seus volteios e graças.

Dir-se-ia que era uma Deusa.

Investigavam-na toda, os seios, a boca, os cabelos. E muita vez, como se vira em um espelho, chegara mesmo ver nos seus olhos, de uma ternura dorida, como que as almas de joelhos, adorando-a. mas tudo isso, sem que o percebesse, fora passando. Ora abafando gemidos, ora impregnando artifícios, nem imaginava que pouco e pouco deprimia-se, mudava. Requestada, opulenta, pouco lhe era o tempo para ouvir as lisonjas.

A moda era toda a sua preocupação. E de compleição fraca, débil e extremamente nervosa, sacrificava-lhe o próprio organismo, esmagando os nervos entre os espartilhos e os cintos levando toda a vida assim, n'essa faina inútil de se apresentar às outras do modo mais ostensivo, passava as noites em claro, ou no cansaço das valsas ou nos teatros ou nos salões cheios de luz e perfumes.

Educadas d'est'arte, tudo lhe rendia homenagem, e, por isso, todos os seus desejos e extravagâncias eram satisfeitas.

Por fim, tanto excessos debilitaram-na. E só agora, após longa enfermidade, comprehendia sua loucura.

Faltava-lhe ar e pálida, macerada, os olhos opacos, tremia de quando em quando, convulsamente, nervosamente, nos acessos bruscos da tosse.

A tísica ensangüentava-lhe os lábios. E as *torres de luar* que a sua imaginação de noiva sonhadora evidente edificara lá por algum mundo de gozo, de volúpias e beijos, jaziam, pois, derruídos.

Vivia para ali, como uma coisa inútil, já não tinha mais uma amiga, pois que todos temiam seu contágio.

Tão só, tão erma n'aquela desventura em que mais e mais definhava, ela que fora as ambições de todos os homens, o terror e o ódio das outras mulheres!...Tão feia, tão desprezada, ela que tinha sido, na opulência de outr'ora, tão formosa e querida!... Entanto, seu coração não morrera. E enquanto aqueles males iam, como um fardo pesado, levando-a, arrastando-a para a vala comum, ele inda pulsava no peito, como um louco, n'uma ânsia impotente de viver e de amar.

## II

Quando a noite desceu, ela recolheu-se triste e apreensiva.

Uma cusa indefinida, uma força misteriosa atuava então sobre seu organismo, magoando intensamente su'alma, comprimindo-lhe o coração ansioso, como se sentisse o peso de toda aquela tristeza da noite. Isolou-se em seu quarto e de novo – joelhos curvos em terra – quis ainda rezar. Não pôde; pois assim n'essa atitude religiosa e simbólica dos anjos dos túmulos, os soluços, em dolorosa asfixia, embargaram-lhe a voz. Ergueu-se e caiu no leito. Então, com o rosto oculto entre as mãos, e a cabeça sobre as rendas das fronhas, deixou que o pranto corresse, brotasse impetuosamente, em catadupas de lágrimas.

E depois de toda essa crise, d'essa crise muitas horas de angústia, ergueu finalmente a cabeça estremunhada e aflita.

Tinha as ideias confusas, contrastadas, como se tivesse accordado, naquele mesmo instante, de horror de longa ephialta. Prestando ouvido atento escutou um sino a gemer. E aquelas notas vibraram-lhe n'alma, como dobras a mortos.

Estendida no leito, longitudinalmente, sentiu, impressionada com a mudez daquela ausência de vida, que a meia-luz do quarto reinava, um como estranho misterioso de câmara ardente.

Via-se, sugestivamente, ao longo de um caixão de luto, morta, sudarizada. Em seguida levá-la-iam assim, na mais fria indiferença humana, sem uma lágrima talvez e ocultá-la-iam para sempre, como a alguma coisa nociva, na vasa da sepultura.

Então os vermes, o *limu*, as larvas, tudo que repugna a gente banquetearia seu corpo, numa insaciabilidade devoradora de carne, triturando-o... corroendo-o...

Súbito, como que se desprendendo da morte num supremo arranco de vida, sentou-se.

Investigou em torno sinistramente e a custo, sustendo-se na magreza dos braços, ergueu-se em gemidos. Aproximou-se lentamente à janela. Abriu-a.

Era uma noite esplendorosa. E o luar, um luar de olhares apaixonados de estrelas – surpreendeu-a.

Olhou...

Fora, na mudez das horas, a cidade dormia profundamente, silenciosamente.

Havia em toda a natureza, nas réstias, entrelaçadas dos astros, no Céu, como que unindo a Terra num amplo turbilhão de luz, um não sei quê de volúpia... de abraços... de beijos...

**Currente calamo (*Cidade do Rio. Rio de Janeiro. 04 de novembro de 1901. Ano XV, número 32, p. 01*)**

Na tarde de anteontem, enquanto afluías ao cemitério, leitor, eu te contemplava à parte, todos em cismas.

A minha dor que era a tua, e a tua era a minha, nos estreitavam com tanta fraternidade que eu te via através de uma simpatia tão piedosa, tão íntima como se não fosses estranho.

Dir-se-ia que por um milagre meu espírito andava no teu e recebia as mesmas angústias, os mesmos desfalecimentos, as mesmas exaustões de cansaço com que já ias em lágrimas, entre alvas áleas de túmulos, ora aqui, ora além, acendendo eirios, beijando lájeas, esfolhando perpétuas e lírios.

Porque o que é fato, e eu vos digo em verdade, é que a ação de uma força estranha atuava sobre minh'alma de impressionista (do mesmo modo que um sobre cinzas) e levava-me irresistivelmente contigo a todos os transportes das tuas preces e emoções. Por isso é que fui também – lábios murchos e olhos rasos – à peregrinação dos teus e dos meus mortos.

Eis porque, meu leitor, me demorei de cova em cova, de túmulo em túmulo, de mausoléu em mausoléu, cheio dessa mesma tristeza e desse mesmo assombro que todos temos da morte... e cada vez que meus passos ecoavam, de um lugar para outro, todo eu era uma coisa estranha – um misto de amor, mágoa e piedade diante da poeira e das folhas que seguiam meus passos.

É que me lembrava de estar pisando criaturas que assim como eu viveram, sonharam e foram, anos poucos atrás, levar àquele mesmo recanto as flores, as grinaldas e os círios que eu levava contigo. E nesse estado em que estava, qualquer rumor nos ciprestes, qualquer estalo de folha seca, era outras tantas vozes humanas que eu ouvia gemar, numa linguagem que me parecia intraduzível, mas que me lembrava as *lacrymae rerum* de Virgílio.

Enquanto assim pensava, e no íntimo tremia, machucava-me a alma o sagrado desgosto de não poder como um Deus, e não ter para a tua e para a minha amargura, um consolo que fosse a recompensa do teu e do meu sofrimento. Mas não! Eu tinha bem escrito no memória, e com a própria tinta de sangue dos missais, as bíblicas e irredutíveis palavras da quaresma, ao persiguar da cruz simbólica de cinza: *Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris...*

O pó, somente. Depois de sofrer e de amar, com Job ou com a alma de Ruth, a única saída era aquela, onde os vermes se multiplicam e nutrem dessa carne que é todo o orgulho das mulheres e todo o encantamento da volúpia.

Ali, somente, é que cessava para sempre essa série progressiva de ânsia, de ódio, de tédio e de amor que é toda a humana psicologia que vai de um a outro extremo da alma, à semelhança do mar que vai de um a outro pólo do mundo com todas as convulsões das ressacas e serenidades das calmas.

O pó, somente. E àquele silêncio, àquela eterna madeza, é que reduziam finalmente o *brohaha* das ruas, as coroas dos reis e das virgens, os gemidos e as aclamações, os fortes e os fracos, todos os contrastes da existência. É por esta convicção mesma, convicção fundamental e absoluta, que todos lá vão ter nesse dia de luto e há em cada fisionomia a expressão mais pálida do enterneçimento. É por esta convicção mesma, que tenho na retina ainda, fixa, indelével, aquela tarde de anteontem. Tenho-a, e vejo-te ainda entrando confusamente pela porta larga do cemitério, como numa procissão de almas de luto, e ires passando, uma vez transposto o limiar, só ou em companhias íntimas, para um lado e outro dos sepulcros.

Vejo as grinaldas, os buquês e as velas que levavas e ardiam nas sepulturas, na mais expressiva prova da tua dor.

Dor que simbolizavas também nas violetas e perpétuas, mas que em teus olhos braxoleava como em duas tochas ardendo. Por que estavas assim, estavas esquecido dos

ódios, das hipocrisias, das astúcias, das sutilezas, de todos os teus defeitos do ano. E, como consequência de tudo isto, parecias na mais absorta reconciliação contigo mesmo. A alma como que se debraçava do teu olhar, todo humildade e ternura, para fora, para a impressão branca daquelas catacumbas. Como por encanto, perdeste a noção egoísta da raça, da cor e da posição entre os outros.

Em frente aquela evidência dolorosa, mas por isso mesmo evidência, só uma ideia ficou, como um círio de última agonia, tremendo arquejando em tu'alma. Só a Morte, só a consumação da Morte, ficou te torturando, ora com a visão rasa do nada, ora com a sombria dúvida do *au lla*. Porque muito embora quisesse disseminar, o fato é que sentias uma confusão de caos em teus conceitos. Teu Eu, numa objetivação que tu mesmo não comprehendias, irrelutiva piedosamente, mas muito piedosamente, como se fora um óleo sagrado, sobre a paz erma daqueles silêncios...

Evocativos silêncios! os mortos, e nessa linguagem só comprehendida pela impressionabilidade, como que te falhavam aos ouvidos da alma, mussitando uma linguagem também só comprehendida no estado em que estavas. Então, como numa ressurreição de *dies irae*, viste psicologicamente reviverem todas aquelas almas; e intimidades, e paisagens que com elas contemplaste, e prazeres, e tristezas, tudo que partilhaste com elas, como que reapareciam do fundo obscuro do teu misticismo céltico... Espertou-te então um anseio, um desejo de desvendar essa névoa indecisa que se intercala entre a vida e a morte, como sobre um vale profundo. Tiveste o desejo de morrer, tu que te apegas ao mundo com todos os músculos e não comprehendes a abstinência.

Esqueceste teus negócios, tuas amantes e tua mãe, para tão somente ficas no êxtase desses momentos religiosos, momentos que não tiveste durante todo o ano... Outras impressões além destas se sucederam depois, similando essas nuvens que mudam de cor. Tremeste de espanto, então; porque entre estas, surgiu a de um dia seres também atirado aos vermes, ao viscoso repasto dos vermes. Isto sentiste, e tiveste uma repulsão, um *frisson* de nervos, como se realmente as larvas já te passassem pela pele... Isto sentiste; mas, como é muito natural, isto passou.

Foi uma nuvem que te obscureceu interiormente e desfez-se, apenas deixando algumas lágrimas frias. Mudaste. Bastou-te, para tanto, a lembrança da Fatalidade que tudo pode e cuja mão inexorável, de deosa e de cega, ninguém evita. E, (pensaste intimamente) se assim é, o melhor seria te conformar com a morte. O que existe, existe; e fora loucura numa revolta contra a natureza e suas leis. Ser forte, imitar os heróis ou os deuses, fazer da vida uma longa Via-Crúcis, toda de pedras e espinhos, mas por onde se passe na inteireza moral de suas convicções e de suas forças – eis tudo.

Com este raciocínio, de volta do Campo Santo já não trazias as mesmas ideias.

Lembra-me que te vi alegre, quase feliz.

Dir-se-ia que os carros onde vinhas, vinham de uma festa de estudantes.

Falava0se e ria neles como se há muito se não tivesse no curso dos negócios, dos desejos e das aventuras a mínima contrariedade. Fazia-se crítica, apreciava-se a política e dizia-se dos outros. Era a vida que voltava, enquanto os garotos saltavam aos bondes, apegando-se às colunas e apregoando as folhas.

Pouco a pouco, a cidade voltava ao habitual, movimentando-se, estendendo-se como uma grande onda de gente que se dispersava em todas as direções, por largos e ruas. Já se não perdiam no ar os sinos, nos seus longos dobrés de bronze, como se os próprios sinos já estivessem exaustos de rodar nos gonzos, e à consternação da manhã sucedera uma expansão sensível de vida em trânsito. Enoitecia, também. E a noite é como uma esponja negra que passa e apaga as sensações do dia... Raros, poucas horas depois, se lembravam dos mortos e guardavam ainda a lutoosa impressão de toda aquela romaria triste às catacumbas. Mas a vida é isto mesmo: risos e lágrimas, amor e ódio.

O contraste, sempre. Dos que lá foram anteontem, muitos jamais lá irão nos dias desses aniversários. A homenagem que prestaram este ano, para o outro que aí vem lhes será prestada; outros, ao em vez disto, lá voltarão novamente, e por uma ou mais uma vez, até que também chegue o seu dia. Nesse dia, ainda, os que ficam voltarão do cemitério como sempre, quase alegres, quase esquecidos. O fluxo e refluxo será sempre o mesmo. Somos os bonifrates da natureza.

Como essas crianças más, ela ora nos beija, ora nos atira para o alto e nos ampara; e, ou nos ame ou nos desame, finalmente um dia se revolta, sem sabermos porque nem como, a brutal, arrojada, nos arremessa às valas. Desaparecemos da vida, que deixamos com duas lágrimas, e aí fica para os outros com todas as suas expansões.

Aí fica, em quanto para nós vai desaparecendo, num símile de sombra que diante do nosso olhar moribundo vai mais e mais apagando. A vida deve desaparecer assim; e a compreensão instintiva do povo, iluminado o último instante é admirável, por que é preciso uma vela ou uma estrela p'ra quem transporta-se ao escuro... É preciso uma vela, sim. Pois como transpor essa curva longínqua, que é a última divisão entre o ser e o não ser? Há uma razão na vela, sim: porque o homem é um animal metafísico, como diz bem Schopenhauer, e crê sempre numa outra vida... Planta ou estrela, matéria ou espírito, o fato é que a crença do ser existe, como vereis destes versos, que lá estavam num túmulo, num ângulo agudo do muro, ao fundo:

?

Rosa de um de seus vales de Escritura  
Onde só nascem flores cor da neve;  
Pomba de arminho tão sutil e leve  
Que te evolaste um dia para a Altura.

Pois Lá, nesse infinito de candura,  
A tu'alma de santa nunca teve  
Uma lembrança desse amor tão breve  
Cuja saudade tanto me atristura?

Talvez. Há nesse Azul tanta grandeza,  
Tantos sois, tanta luz, tanta beleza  
Que se chorasse o mundo em concebê-las;

Porém, quem uma dirá que à noite, equanto  
O Céu orvalha a terra com seu pranto,  
Não me chora também lá das estrelas?...

J. d'Além

**Currente calamo (*Cidade do Rio. Rio de Janeiro. 23 de dezembro de 1901. Ano XV, nº 73, p. 01*)**

- Imbecis!

E, atirando brusco à porta, dirigia-se a uma pequena secretaria a que livros e jornais, dispersos confusamente, davam o aspecto desordenado de um velho alfarrábio.

Ficava em tal excitação que o sangue lhe parecia escaldar as veias, deixando em todo o interior do corpo a sensação de alta temperatura de febre.

E como se toda aquela sala mais o excitasse, com os montões de tantos livros, revistas e impressos, baixava a fronte escaldante, cujas têmporas latentemente fremiam, e deixava-se ficar na atitude desesperada de um suicida, com a face escondida entre as mãos. Para mais se dar ao seu tédio, ao ódio das suas entranhas, fechava os olhos cavos e fundos, cujas pupilas não mais umedecia uma lágrima, de há muito.

Nesses momentos de crise, era seu gosto nada ver, nada ouvir.

Tivesse coragem para tanto, e certamente vazaria os olhos e os ouvidos, esses dois órgãos malditos que o comunicavam com o mundo.

E, muito pálido, o olhar esgazeado e aberto, horas mais horas permanecia assim, aflitivamente, nessa atmosfera asfixiadora do desespero. Apenas, de quando em quando, torcia convulso os lábios, mordia-os, como se tivesse anela de beber sangue, muito sangue...

Nesse máximo de dor, seu espírito era um vácuo, sem som, sem forma, sem cor, sem nada que denunciasse a existência de outra coisa que não seu ódio, seu delírio, sua extrema nefrose de réprobo.

Nada. Sua cabeça, ebulindo interiormente, era um pequeno círculo de Inferno, onde as ideias se contorciam, borbulhavam, mas não podiam ter o equilíbrio preciso para se manter, formando o mais reles conceito. Tudo estava aí em fermentação, em estado de matéria que se evaporiza.

Esta confusão, este horror, dominavam-no despoticamente, tiranicamente, e apenas uma espécie de consciência, quase extinta, e que bem se poderá dizer subconsciência, subsistia a esse alto torpor de suas volições contrastadas.

Como que ia já se esvanecendo; pois de tal modo os sentidos se lhe embotavam, que o poderiam chamar a alto metal de voz, que dificilmente o despertariam dessa exaustão de cansaço, de horas antes da morte. E o que era mais de notar, é que isto não era uma tristeza da alma cansada, vencida, como acontece na melancolia, mas era um torpor do corpo, dos nervos, da própria força vital.

Horas longas depois, (porque demoravam muito tais crises) erguia de novo o busto, derreava os braços, até então estacados, e volvia ao de redor um olhar rubro, como o dos loucos furiosos.

Ao de redor, porém, tudo se mostrava calmo, indiferente.

As coisas, que eram as únicas companheiras do seu isolamento, aí estavam nos mesmos lugares, paradas, mudas. Nem ao menos, como soe acontecer, vinha um vento leve esperá-las, dar-lhes uma aparência de inquietude, fazei-as, enfim, interessadas com as torturas dele. Nada, nada absolutamente.

Aquela alcova pobre, sem o mais simples conforto, tinha um não sei que sinistro.

Sua mudez, sua atitude calada, parecia-lhe até um desafio às contrariedades. Sobre-excitado, pelo que estava passando, se lhe afigurava que todo o mundo devia participar também dos seus sofrimentos.

Não era ele um receptáculo de todas as mágoas, suas e alheias? Não abrigara sempre a miséria, e não dera quase tudo que possuía, a fim de levar um consolo, um bálsamo aos corações dos aflitos? Não secara a fonte dos olhos, onde as pupilas eram agora como duas pedras, por ter tanta piedade e tanta misericórdia? E então?

Por que não o amavam tanto, se tanto amara e sofrera?

Mas enfim, depois dessas horas de febre, ia a pouco e pouco serenando.

O sangue já lhe não revolucionava o corpo nem aquecia as artérias. As ideias, menos agitadas agora, iam tomando algum curso. Fatos e pessoas, perfis e coisas, tomavam um desenho vago, indeciso, mas que os não definia bem. Tudo quanto pensava, conservava-se ainda incerto.

Só muito tempo depois, quando já estava quase extenuado, é que lhe apareciam os homens e o mundo na sua verdadeira forma e essência.

Mas então, como antes, recrudescia seu ódio.

- Imbecis!... Imbecis!...

Era a fórmula do seu rancor.

- Fosse eu Nero!... Fosse eu Nero, e com que requinte não veria o fogo lavrar, como numa grande coivara, por toda essa casaria velha que se chama cidade!

E não me comoveria a aflição, os gritos, o horror de toda essa gente nas chamadas; pois estou convencido, em verdade, que é preciso fazer tudo de novo, homens e coisas, povos e cidades...

E dizia essas coisas todas com uma convicção de homem de gênio. Para ele, longe de um paradoxo, isto era uma ideia pura, sagrada. Enganava-se quem, por estranhar, visse nisto uma pose ou um despeito. Havia tanta luz em seu olhar, tanta frieza em seus lábios, que só uma grande convicção seria capaz de inspirar...

Entretanto, nem sempre era assim que esse homem se mostrava.

Quando menos se esperava, aparecia ele alegre, quase feliz. É verdade que mesmo assim não perdia ele o fundo mau, que era, talvez, a essência da sua natureza. A ironia leve, mas aguda como alfinete, substituía bem a cauda da sua cólera. Ria de tudo, então.

As coisas mais comuns, sugeriam-lhe as observações mais ridicularizantes e espontâneas.

Nesta comédia que é a vida, sabia ver os quadros mais interessantes, mas ocultos.

Troças de garoto, espoucavam da sua boca de Aretino, e com a espontaneidade mais admirável do mundo.

Era uma gargalhada geral, em torno dele. Indivíduos o acompanhavam, para não perder uma palavra só de sua verve inflexível.

Quando as coisas iam assim, montes e montes passava nas tascas, nos botequins ou nas ruas, numa vagabundagem de boemia inglesa, ora cantando, ora improvisando quadras e sátiras.

Ninguém mais expansivo.

Seu rosto, apesar de seco, alumia-se de um riso claro, sadio.

Homem nenhum, nessas raríssimas ocasiões, veria o mundo e os homens com maior clareza e ironia.

- A ironia é a Verdade na sua nudez. É o escarpelo do espírito, como o bisturi é o da matéria. Há uma diferença: enquanto um inspira piedade, o outro provoca o riso. Ninguém compreendeu isto tão bem como Hamlet. Assassinando um homem, ele o faz como a um rato, entre risos e sustos. No cemitério, quando enterram Ofélia, e todo o préstimo chora, ele põe-se a fazer as considerações mais ironicamente espirituosas, a propósito das caveiras dos homens mais sérios. Tinha, como ele próprio o diz, predileção pelos atores funâmbulos, e que fazem rir, rir, a valer...

No entanto, em meio da maior hilaridade, estacava às vezes de súbito, como se houvesse partido uma fibra, e mudava completamente. Ficava lívido, de olhar vidrado, como se fosse morrer naquele mesmo instante. Percebia-se, então, que fazia esforço sobre-humano para conter-se, e punha-se a rir, ou a fazer mil trejeitos, em disfarce.

Depois, sempre afetado, sempre a rir, despedia-se do grupo e dirigia-se para o quarto. Chegava. Atirava a porta bruscamente, sentava-se em frente à mesa, debruçava-se sobre ela, e vomitava sempre essa palavra odiosa, mas que sintetizava toda a su'alma de réprobo.

- Imbecis!

E a crise voltava de novo.

De maneira que a vida desse homem numa escala de sensações muito agudas; ora, a melancolia profunda do Gênio, ora o delírio extremo dos loucos.

Além destas, outra feição apresentava.

Era a de perder-se só, pensativo, pelos ermos. Houve quem o visse, a altas horas da noite, pelos silêncios e estradas desertas da Tijuca. Monologando, à noite, passava assim, indo e voltando entre as alças caladas das árvores cuja silhueta, a luz baça do luar, palidamente, espalmava na areia branca da estrada. E, muito cedo, mal a alva pressentia, embarafustava por entre os ramos, como qualquer animal bravo, e ia adormecer a um canto da mata... Era assim, que explicavam as suas ausências.

Explicavam, disse eu; porque ele não falava dos seus hábitos, dos seus modos próprios, como se tudo o que fizesse fosse da mais bela harmonia de vida.

- Penso que o mundo precisava de uma filosofia nova. Pelo menos, quanto a mim, nada do que existe satisfaz...

Mas se o interrogavam e desejavam saber as bases dessa filosofia, ele tartamudeava ideias indecisas, mal esboçadas.

Por que? Naturalmente pela grande confusão do seu interior; falta de alguma coisa, que não era absolutamente talento, mas faculdade de raciocinar, de por em evidência as verdades que enunciava... Fosse lá porque fosse, o fato é que esse homem me impressionava. Achava-o superior.

Superior não só pelos conhecimentos que tinha, mal grado sua vida irregular, como também pela visão nítida que revelava. Pensava muito, como poucos. Era um intelectual, e da mais requintada intelectualidade, em tudo que prendia sua atenção.

Quero crer mesmo que o desequilíbrio da sua inteligência, provinha da grande associação de ideias que as coisas lhe sugeriam.

Porque muita vez um dito, um gesto, eram bastantes para o exasperar até o excesso. E nesta crise, eram tantas as reflexões que lhe vinham à mente, tantas, que dificilmente se compreenderia como de uma palavra ou de um gesto aquele homem tirava tantas conclusões lógicas, fatais. Esta circunstância foi naturalmente quem apressou sua morte.

O noticiarista, cujas palavras são as mais frias, diz que esse indivíduo fora encontrado morto, debruçado sobre a mesa do quarto. E, por este motivo, a polícia providenciara no sentido de o fazer examinar pelos médicos legistas. O resultado da autópsia, porém, eu imagino qual seja: a apoplexia, ou qualquer outra banalidade assassina. Mas isto é o menos; o que se deverá indagar não é a causa da morte desse *indivíduo*; porque, em súmula, seja qual for sua forma, a morte é sempre a mesma.

Deverá-se indagar qual era o seu espírito, isto é, o que havia de belo e de monstruoso nas suas concepções estranhamente reveladoras...

J. D'Além.

### **De interna Consolatione... (Rosa-Cruz. Julho de 1904. Série II, fascículo 2, p. 50-51)**

Sinto que a morte ai vem. Não simplesmente porque me desprezam as forças do corpo, e dia a dia mais se me pegue a seca pele aos ossos; sinto que a morte aí vem porque anda minh'alma envolta em não sei que meiga melancolia de flor que murcha... Além disto, à maneira que o tempo se vai indo, mais me atrai e de tudo, - como se na vida mais não houvesse os encantos, os lances, os entusiasmos próprios desta idadeinda em flor. Dir-se-ia que meus sentidos já se saciaram, ou que mais não têm razão de ser e que tudo agora me fala somente, unicamente, exclusivamente de uma outra vida, para cuja viagem profunda um outro instinto me vai encaminhando. Ora, eu penso que isto é a morte que aí vem... porque o que nós nominamos de vida, e com causa justíssima, é esta disposição natural do *interesse* por todas as coisas, da consciência integral de exercer um fim na espécie, de ter uma função decisiva neste mundo. Viver, com efeito, é ser uma síntese de vibrações naturais e harmônicas. É aspirar, é chegar um dia a gozar deste ritmo da lei contínua, da lei eterna, de que a arte é a expressão mais perfeita com a harmonia dos sons e das cores, a simetria e a

proporção das formas, a cadência da prosa ou do verso. Por isso mesmo para aquele que *sabe o que sente e sente o que sabe*, como os artistas e os sábios, como os heróis e os poetas, a Natureza é toda uma expressão viva, uma grandiloquência orquestração que um Gênio oculto dirige e anima. A Vida, pois, é a consciência clara ou instintiva, de que também se é parte deste concerto imortal, em que uns entram em cantos e soluções, outros em gritos e blasfêmias; mas de que nenhum ser vivo – e principalmente o homem – jamais se pode exprimir...

Ora, o silêncio é a negação de tudo isso, é a presunção simpática da morte. Se o procuram as almas. Os instintos, não. os instintos fogem do silêncio, têm horror mesmo ao silêncio; porque todas as coisas aí, nessa vida do mundo invisível, de outra face se mostram, e os instintos são cegos na sua qualidade de instrumentos vivos, mas inconscientes da matéria.

Eis porque eu penso que aquele a quem a vida vai fugindo, procura irresistivelmente esta tristeza silenciosa, esta embriagues no esquecimento de todos e de tudo.

Este fato é como a conciliação consigo mesmo; porque, durante todos os nossos anos de existência, pouco é o tempo para a orgia, em que nem de leve atravessa a nossa alma a nuvem da morte.

Só mais tarde, só com a velhice que nos vem da Dor, a única e verdadeira velhice, é que refletimos, é que pensamos, é que nos assistimos, sem saber como, sós e alheios a todas estas coisas efêmeras, e nos debruçamos lá para esse outro horizonte sombrio, onde apenas distinguimos, aqui e além, pálidas e trêmulas mãos que nos acenam ansiosas... Mas destas contemplações solitárias, destes momentos místicos de êxtase, outras emotividades até então adormecidas, acordam como que instintos do espírito para se não sabe que outra razão de ser. A Dor então é como que o outro nome da alegria; e porque é mais real do que a outra, não sei que rosário fecundo de lágrimas vai desfiando pelos nossos olhos, agora parados e fixos na luz extrema em que nos imortalizamos.

Os que deste alto sentido gozam realmente, como o Cristo, e as excelsitudes de um mundo que aos *outros* é ilusório, mas que para eles é a única real, o único em que todas as coisas são em si mesmas; os que neste alto sentido gozam realmente, deixam de ser para as vicissitudes e se transfundem, como Seraphita, na pura claridade da luz. Para eles este é o mundo da verdade; porque aqui não só não existe mais o outro mundo dos fenômenos, de que todos saem por força desiludidos, como principalmente porque este é o produto da experiência esclarecida pelas lágrimas sábias e silenciosas.

Por tudo isto é que eu sinto que a morte aí vem...

### **Adoração (Rosa-Cruz. Agosto de 1904, série II, fascículo 3, p 92-93)**

Eu tinha Elsa o culto que se deve a uma alma. Junto a seus pés, à luz pálida de seus olhos, de tal forma me dominava um sentimento de adoração por Elsa, que eu perdia de todo a ideia das contingenciais, a emoção da tristeza e da alegria humanas, para me deixar envolver em não sei que inefável eternidade divina. A fluida, a luminosa ternura dos seus olhares era um novo mundo de tais mistérios e encantos que minh'alma de artista instinctivamente se debruçava diante da sua.

Pelo menos era assim que eu a contemplava. E ou fosse porque me iludisse os sentidos, ou fosse porque realmente gozasse Elza de excelsos encantamentos, o certo é que irradiava para mim, do seu frágil busto de mármore, oval e angélico até a perfeição, toda uma opulência de ouro e azul, de sol e céu imortais. Era por toda essa beleza iluminada ao seu ser imanado por uma força mais poderosa, mais violenta mesmo do que a misteriosa simpatia dos sexos. De modo que esse pálido arcanjo, de longos cabelos longos como lágrimas, de expressão apiedada e mística como a das figuras de Veronezo, me inspirava um sopro de novas emoções tão outras, que muita vez cheguei a pensar fosse Elza uma flor de outras

essenciais que embriaguem, que extasiem a alma sem tocar os sentidos... Mas de onde me vinha essa outra emoção?

Desse sorriso de ouro, de vida e de beleza que era como uma benção de luz que a inundava por toda a loira cabeça, envolvendo-a a um tempo de um halo de resplandecência igual à luz de astro das clareiras, à noite, nos silêncios dos bosques ermos. Essa aureola era tudo o que mais a sublimava; porque eu sabia de sua existência obscura e miserável como a dos anônimos, crivada de incríveis angústias interiores e no entanto jamais lhe ouvira um gemido, uma queixa, uma blasfêmia justa.

Muito ao revez! assim resplandecente dessa alegria sã, assim como uma grande ave branca pausando, à semelhança de uma bênção por sobre todas as angústias, Elsa me dava sempre a luminosa intuição de um ser eleito para a Dor e para a Luz.

Adorava-a, pois. Adorava aquela frágil flor feminina, forte como o Amor. Só, desolada como uma ilha esburcinada por todas as violências, essa criança ainda se me figurava mais extraordinária na sua resignação inalterável, afrontando todos os embates da vida com aquele símbolo do seu sorriso inacessível como um Deus. Para ela não havia contrastes, extremos. E o amor e o ódio, os tinha por tal forma afeitos às suas sábias virtude, que dir-se-ia que o espírito alimentava a sua existência de martírios contínuos e indefinida harmonia universal. Quem quer que a tocasse, e tanto que o fizesse, para logo viria como a rosa-cruz desse coração se eclosionava em claros lanços heróicos, em extremos devotamentos, em silenciosos, fecundos remédios que a alma recebia num sopro de fé. Em verdade a sua palavra, como a palavra divina era toda vibrante dos mais superiores ao tempo e ao espaço, como os místicos. Sua palavra era como a de quem tivesse recebido um impulso dessa obscura lei que é o Destino e viesse para a missão gloriosa de iluminar almas, fecundá-las de fé e de heroísmos, para a harmonia universal, nestes tempos em que esta harmonia se tinha transformado nesta violência assassina dos egoísmos contrastados. Tudo me fazia crer que assim fosse. E aquele sorriso, dera-lhe a Natureza, para que ele cantasse essa canção que é a vida mesma – a vida que conhece a voragem em que vai por fim se abismar, mas que atravessa essa série longa de precipícios clara e vibrante como uma ironia de Petters ou como um fio de luz de aves soltas, espelhando um céu azul e um sol de ouro, tendo embora a certeza trágica de que vai rolando para o mar...

## CRÍTICA LITERÁRIA

**Currente calamo (*Cidade do Rio*. 16 de dezembro de 1901. Ano XV, nº 67, p. 01)**

### MAGNIFICAT

Os poetas são sempre tristes.

Fixando o olhar no mundo e na vida, como que só veem aí as meias tintas dos luxos frascos e as lágrimas das outras almas. Não é que também não admirem, como os de mais homens, as cores vivas e alegres, as ilusões da existência, os dias de festa e galas, todo esse galanteio das salas, trocadas entre faceiros sorrisos e gentilezas de damas. Não. seriam incompletos, senão mentirosos, aqueles que por ditames da Arte repugnassem a convivência dos outros seres. Entre os gregos, pode-se dizer mesmo que foi nessas Academias, era que se reuniam os mais cintilantes espíritos, que a Arte encontrou mais estímulo e impulso. Sabem todos qual era a vida intelectual desses poetas, filósofos e pintores, tão intimamente unidos, tão ansiosos de realizar e dar vida, para toda a eternidade do Tempo, a esse ideal de beleza que fez imortal a Grécia.

Nos salões civilizados, já nos palácios reses, já nos castelos dos nobres, sob a atmosfera do luxo da idade média, muitos escritores encontraram assuntos para obras, cujo valor e cuja

superioridade têm atravessado briamente os tempos. Não é, pois, que a vida, tomada em sua acepção real, seja compatível com os poetas. É que os poetas, ou por uma intuição dolorosa das coisas, ou por qualquer causa que nos escapa, são fundamentalmente tristes, até mesmo quando cantam suas glórias. Nos seus poemas os mais brilhantes, os mais dourados de imagens de sol, claros e vibrantes como o sol, há sempre um verso de luto, que atravessa em sombra o clarão, como um fio escuro de fumo.

As estrofes cantam, persistem com todo o esplendor que lhes imprime o estro, o arrojo da imaginação; mas é tão fundo o seu lamento que há nesse único verso triste, verso que vem do mais fundo da alma, que o leitor já o não esquece mais nunca.

E, feita a leitura, avaliado o mérito da Obra, como que de toda ela somente ficou a impressão triste desse verso de luto... Tudo o mais, realmente desaparece. A música da rima, a precisão do ritmo, o colorido da ideia, o conjunto da Obra, tudo isso fica muito apagado na memória, e só o fundo da tristeza do poema é que persiste em nosso coração, em nossa retina ou em nossas ideias.

Eis porque a nossa Melancolia é quem mais se prende à poesia. Em todos os tempos, dadas embora as inúmeras circunstâncias de desigualdades, eis porque tem sido ela a eterna sombra dos poetas, ou, mérito melhor ainda, das almas dos poetas.

Para muitos, este fato constitui doença de espírito. Ela muitos homens de ciência para quem essas sutilezas são absolutamente estranhas, que têm feito a glória do seu nome enxovalhando de ironias agudas, e agudas como os seus próprios bisturis, os espíritos mais sutilmente delicados. Positivos em tudo, até mesmo em religião e Arte, são incapazes de perceber esses estados subjetivos, tão profundamente subjetivos que muita vez fazem da poesia não uma doença, uma psicose qualquer, Omo a *prima vista* parece, mas uma linguagem de sons, de cores e aromas, que nem todos os sentidos percebem.

Esta, a verdade. Quem quer que a procure, interrogando em instinto as coisas, verá que há uma essência dessas mesmas coisas, sutilezas, suavidades fugidas de linhas, atitudes tristes de cismas, ares de mágoa, mistérios, enfim, que, se escapam à retina comum dos homens, nem por isso deixam vestígio, sem indelével impressão, o olhar impressionista de um poeta.

Esta mesma para os verdadeiros estetas, é que é a virtude, a essência de quem como Dante ou Shakespeare sabe aprofundar com tanta lucidez de vista todos os recantos da alma.

O ser poeta é isso.

Quem não souber surpreender a Natureza a revelar aos homens suas belezas cotidianas, não será jamais um grande poeta.

Os gregos assim percebiam. Para eles, eram dispensados aos seus grandes cantores, as mesmas homenagens, os mesmos cultos que se tributavam aos Deuses.

O Olímpio, essa alta montanha helena, em que as nuvens parecem incenso e unem ao Céu e a Terra, era o lugar consagrado às musas, - as musas que se revelavam aos homens na harmonia da Lira de Orfeu.

Nos jogos olímpicos, celebrados em honras sacras, coroavam-se os grandes artistas, entre hinos de louvor e glória. Era assim que essa gente imortal, a mais admirada da humanidade, exprimia reconhecimento aos seus senhores e semideuses, cuja alma era uma porção do Universo sintetizada num homem. Belo exemplo este, que tanto impulsionava aqueles que se reservavam o sacrifício, sublime sacrifício de tudo esquecer por amor da Ciência, da Arte, da Beleza.

Belos tempos esses, tão diversos dos nossos em que o belo está resumido no útil, no prático, no puro interesse, e não é mais uma condição necessária da vida...

Seja. Haverá sempre quem se não ressinta de tais males. É esta a esperança dos que, muito poucos embora, ainda queimam incenso e mirra, no mais íntimo Sacrário d'alma, a Divina Poesia, a formosa Deusa da Rima, da Música, da Forma. Aí está como um consolo

para nós, mais um livro de versos, que se não tem o esplendor desses tempos, tem, contudo, esse ar iluminado de seu Templo. E é, em verdade, um templo magnífico, em que um Sacerdote de alva, todo paramentado para a missa, como que se ajoelha em cada verso e eleva em cada estrofe uma hóstia. Pro vezes há um certo rumor de vida, por sob as amplas arcadas, mas sem nenhuma outra intenção que a de louvar, de modo mais fervoroso ainda, líderes mortos na vida... Quero crer, pois, que poucos livros tenham sido escritos com tamanha sinceridade.

Os diversos momentos, para uns azuis e para outros violáceos, de sua vida de poeta, ressumbram de cada poesia como o perfume de certas flores discretas.

Sabe-se – depois de folheado o MAGNIFICAT 0 que é seu autor mais uma alma sensível, que toda a vida passa nublada, umedecida de lágrimas. O sentimento, o fundo de ermo do livro, fala da imensidão de sua Dor, de sua Dor de ver o mundo ante os olhos, mas todo a desenrolar-se como um préstio enorme, uma procissão muda de sombras, de formas indecisas, de cores mortas, de sons quase extintos... Este é o modo por que as coisas se apresentam ao seu olhar.

Daí, como justa consequência, o revestir-se a sua ideia de um véu claro-escuro, que por vezes não faz sentir bem seu pensamento.

Esta desvantagem, porém, é compensada quando nos fala ele de assuntos que dizem bem com o estado tristonho da alma. Sirva de exemplo essa emoção que descreve sob o título sugestivo de Paisagem Espiritual, e que para mim é o seu melhor soneto.

*Abro as portas do sonho, alvas de mármore, e entro  
Enfim o paramo azul do meu sonho bendito;  
Um misticismo bom e suave como um rio,  
Avesso ao mundo, avesso ao mal, paira lá dentro.*

*Ele em tudo, Ela em toda a parte, ansioso, fito  
Em cima, em baixo, além, adiante, atrás, no centro;  
Essa em que todos os meus afetos concentro,  
Nossa Senhora do meu amor infinito.*

*Ela e este grande amor com que os dias iludo,  
Tudo vive no quadro assombroso onde a imagem  
Do estranho Deus avulta e os fieis ao culto chama;*

*Tudo de luz se inunda, e, dominando tudo  
Cheio da própria luz, sobressai na paisagem  
O correto perfil dessa que me não ama.*

É o que me cumpre dizer, como simples impressão, a respeito do MAGNIFICAT.

J. d' Além.

**Maurice Maeterlinck (Rosa-Cruz, Junho de 1904, Série II, Fascículo I, p. 08 a 12)**

A obra profunda de Maurice Maeterlinck não podia deixar de causar estranheza ao que se costuma chamar o espírito da época.

Duas razões justificam esse espanto: - a forma e o fundo dos seus trabalhos.

Quanto à primeira, creio foi a única vez quem que se viu tanta irreverência pelas tão estultas quanto estúrdias fórmulas dos parnasianos e dos românticos; quanto à segunda, não é de surpreender menos sua alta e incorruptível integridade intelectual, justamente no tempo em que o atumultuante triunfo dos positivistas pretendia ter achado em Comte, o *Mestre*, a *ultima ratio* de tudo. De modo que, se por um lado os medíocres se estonteavam com a feição nova de seus livros, por outro lado os puros espíritos neles sondavam esta outra visão grave e original que os caracteriza. A serenidade de Maeterlinck como pensador, e, como artista, o imprevisto das subjetividades, para logo fizeram ver em torno do seu nome uma alma de eleito que se despertava. Efetivamente, sua estética, muito ao reverso das modas literárias do tempo, não se firmava no superficialismo de uma rima *cavada* ou de um verso meticoloso e alambicado como certos gênios de *toillete*, nem tão pouco nas ideias sistemáticas e extremas da filosofia do *ignorabimus*.

De maneira que enquanto a Ciência e a Arte fraternizavam assim suas ideias sistemática e intolerantemente realistas, ouvia ele esta outra voz que vem dos silêncios eloquentes da alma humana, e que é, por isso mesmo, a expressão mais profunda da natureza imortal. Portanto, para os que criticam de razão pura, é este estoíco idealista o protesto o mais eloquente da Mística ou da individualidade da alma no meio catapultaante e caricato dos seus iconoclastas hodiernos. De *Serres Chaudes* (1889), primeira revelação do seu doce e ingênuo sensibilismo, como que a sua alma de artista se debruça do solitário ápice da dúvida resignada, e se fica de lá – alto a contemplar a natureza com a meiga melancolia de um anjo convalescente. A cada emoção que lhe acorda este mundo fenomenal, visto assim através da transparência neutra das gelosias, vê-se, ou melhor ainda, entrevê-se que a vida e as coisas exteriores perdem para as suas retinas todas as formas grosseiras, todas as violências e contrastes, para se fundir não se sabe mesmo em que longínqua uniformidade ideal.

Contemplada assim o fundo emocional do seu ser, a natureza não lhe esperta propriamente os sentidos, e pode-se dizer mesmo que quanto ele ali vê e quanto ouve não existe senão na realidade absoluta da sua intuição intelectual, como diria Kant. Portanto, tudo que é detalhe, tudo que é circunstancial, desaparece na luz indecisa dos seus olhos, mas depois de ter acordado na profundezza de sua vida sentimental, segundo misteriosas leis de analogia, uma ideia ou uma reminiscência inesperada, mas a própria, a única para o fim supremo da sua estesia. Assim sendo, é certo que para ele as coisas não perdem suas qualidades extrínsecas, mas é certo também que tais qualidades são apenas um meio próprio, sugestivo, simbólico, de que se serve para dar forma a sua emocionalidade. Com este outro modo de contemplar o mundo e os homens, fácil é de ver o que Maeterlinck tão bem pôs em resalto, isto é, quanto é profunda a vida para os que a encaram do alto deste dom misterioso do gênio; por tudo é analogia, e neste espetáculo bizarro, nesta confusa e tumultuosa fantasmagoria das aparências vistas nesse exaspero febril de poeta, sua natureza interior vislumbra misteriosas simpatias, profundas afinidades, justamente porque ela vê tudo com esta segunda vista que é o sentido da alma. *Serres Chaudes* é mesmo a auto-psicologia de um espírito que se quer desprender do asfixiante ambiente de um mundo moral morto para sua origem luminosa. Como consequência desta aflição é que resulta o processo esquisito e irregular dos seus versos, cuja música e cujo ritmo desigual expressam de maneira a mais estranha os esforços, as violências, não de um estilista que quer fazer escândalo, ou de um literato que quer fazer estilo, mas de um simples e fundamental que se procura a si mesmo. É o seu primeiro *reveil d l'âme*. E Se é verdade que ele já vê tudo de um modo muito outro, não é menos preciso que ele não tinha ainda, e nem podia ter, esta serenidade sábia e resignada dos verdadeiros espirituais. Contudo! Qualquer poderia ver aí a semente evangélica de que mais tarde, a humildade e a experiência de todas as lágrimas, haveria de se levantar *Le Trésor des Humbles*, *La Sagesse et la Destinée*, *La Vie des Abeilles*, grandes árvores simbólicas que são realmente um tesouro para os grandes humildes e a cuja sombra de silêncios, de *bondades*

*invisíveis, de vida profunda, de beleza inferior* todos os famintos e todos os sedentos de espírito se podem repousar e crer. *Trésor des Humbles!* Aqui a visão espiritual de Maeterlinck como que se condensa e toma a forma real das coisas imponderáveis.

A alma passeia por essas páginas, cheias de inéditas sugestividades, como se passeasse a sua tristeza por sob áleas sombrias, às horas em que aos piedosos crepúsculos vesperais tudo se espiritualiza nessa langue moleza cismadora... Sente-se perfeitamente que sua intuição se tornou menos vaga, assim como as impressões que lhe vêm do mundo e da vida. Neste livro ele é mais simples e mais cheio de imprevistos.

É como se, mais feliz do que nós, tivesse a sua alma de todo voltado a sua origem, e simples e clara como as leis universais, de lá se ficasse a olhar essa confusa e incompreendida multidão das outras almas a se procurarem nas trevas. Por isso mesmo fita as coisas agora de mais alto e numa perspectiva tão da alma, de leis outras tão íntimas, que qualquer se encontra neste tesouro dos humildes a cada vez que lhe penetra o espírito. Sua filosofia, isto é, a intuitiva percepção da sua alma, se harmoniza aqui com a sua estética, (percepção sensível) numa unidade tão perfeita, tão íntima, que se não sabe o que mais admirar: se a luminosidade da forma, se a beleza interior do pensamento. Não é mais um escritor, na aceitação vulgar do termo, que se encontra ao ler, por exemplo, o *Silêncio*.

Não! é um ser em toda a sua substância, é um homem que é ao mesmo tempo um profundo pensador consciente e meio consciente do seu destino. Em muitas destas páginas, do espiritualismo de seu destino. Em muitas destas páginas, do espiritualismo racional o mais claro, Maeterlinck assume às vezes uma feição perfeitamente luminosa; porque o que ele diz, ou melhor, o que ele nos lembra, é uma naturalidade espiritual tão simples, que não sentimos somente uma alegria interior intensa com suas revelações, mas também reconhecemos que antes de tudo ele ilumina a cada instante o caminho profundo por que devemos ir, segundo as leis do nosso espírito. Aqui, como em *la Sagesse et la Destinée*, ele nos fala frequentemente de *razões sentimentais*.

Por isso: Maeterlinck crê mais no Amor do que na Razão, e assim sendo, obedece mais ao seu destino interior, isto é, às tendências simpáticas da sua alma, (porque não dizer mesmo os instintos da sua alma?) do que às leis de lógica, leis que regem por excelência os sentidos e que não raro nos enganam...

\*\*\*

Com este mesmo modo grave e sábio de ver e de sentir, ele encara o teatro, isto é, a representação sintética da vida no que ela tem de mais íntimo. Eis porque seus personagens impressionam menos pelos gestos e pelas violências do que por suas razões próprias.

Dir-se-ia que cada um deles tende a um fim supremo, acima de todas as circunstâncias, felizes ou desgraçadas, e às quais – ainda mesmo que se quisesse cingir – em vão é que tentava.

A verdade porém, é que estas razões íntimas de cada um deles são as de cada um de nós, por muito contrastadas que se nos afigurem.

Maeterlinck compreendeu que o teatro tem involuído, e de certo tempo para cá, se transformado na exterior reprodução da vida social, reprodução banal e servil de preconceitos não menos banais e servis. E firme ainda em dar a arte dramática sua verdadeira significação como imediata interpretadora da Vida em si mesma, - ei-lo como insuflado deste sopro genial do Teatro de Ésquilo ou de Shakespeare. Daí esse alto papel que o Destino, como um comparsa invisível, assume também nas suas obras, embora às ocultas da alma de cada um dos seus personagens. Em verdade! Eles todos sabem ou sentem, por uma intuição mais ou menos clara, o abismo a cuja margem vão indo, e não lhes causa estranheza o epílogo de suas vidas, por muito que sejam trágicas.

A razão disto é simples: - as criaturas do seu teatro são de um amor e de uma resignação a todo estoicismo. Riem, gozam da vida, saboreiam beijos e lágrimas, - mas fazem tudo isso com a solenidade própria das almas, a quem uma longa experiência da Vida e do Mundo ensinou a efemeridade de tudo quanto há. Seu teatro, antes do mais, faz pensar.

Dispensa, por isso, as encenações, os efeitos da ribalta, os jogos de sombra e de luz, as pedrarias falsas, tudo, enfim, que é extenso ou accidental, dispensa isso tudo somente para fazer voltar sobre si mesmo o pensamento. É aqui, é refletindo, que ele quer que as palavras tomem expressão, que a luz se faça em toda intensidade e os gestos e os movimentos dos seus personagens sejam, como consequência do estado psicológico em que nos deixam, reproduzidos instintivamente por nós. Ele consegue isto de modo admirável, já quando seu gênio desce às galerias profundas da tristeza, já quando sobe os degraus da luz da escada do amor.

Nos *Cegos*, símbolo dolorosamente emocional do que nós somos, a acuidade genial da sua visão de todas as misérias, de todas as trevas ou de todas as noites de que em vão nos ansiamos por sair, ficou imortalizada num traço tão profundo da Verdade e da Dor, que de sobra justifica não só o alto sucesso que causou esta peça entre os intelectuais como também as palavras explodidas da espontaneidade de Retté: - *Maurice Maeterlinck nous a donné l'oeuvre la plus geniale de CE temps, la plus extraordinaire et la plus naïve aussi, comparable et supérieure em beauté à CE qu'il y a de plus beau daus Shakespeare.*

Com efeito: se em *Aveugles*, e nesta cena trágica nos silêncios e nas agonias dos cegos tateando na noite, Lagué Poé chega ao sublime do desespero quando toca o cadáver e exclara: - “Il y a um mort nous”! *Pelléas et Melisande* não é menos maravilhoso. Este velho rei Arkel é de uma grandeza assombrosa.

Ele vê de mais alto e de mais perto da Sabedoria do que o velho rei Lear. Lear desespera e chora, diante dos tropeços miseráveis e incríveis das humanas contingências. É profundamente humano. O velho Arkel, não! como que já passou por todos os espinhos, já enfrentou todos os cataclismos do homem e da natureza, do amor e do ódio, e saiu daí ferido de morte – é certo! – mas com esta sábia e resignada indulgência que é a virtude mesma.

É divino. É assim que ele comprehende a afinidade eletiva das almas como uma razão íntima da Natureza, ou do Destino, e longe de se exasperar inclementemente, como os demais, contra o amor de Goland, seu filho, por essa anônima criatura achada num bosque, - tem apenas estas palavras tão com justiça exaltadas por André Beaunier: - *Goland a fait CE qu'il devait probablement faire. J'é suis très vieux, et cependant j'é n'ai pas encore vu Clair um instant em moi-même; comment vou-lez-vous que j'é juge CE que d'autres ont fail?...*

Pode-se dizer, em súmula, que nestas sábias palavras, Maeterlinck resume todo o seu modo de ver e se sentir; porque o que sobre o mais impressiona em sua obra já vasta é este desejo de restituir à alma humana o sentido da sua própria integridade, mesmo através de todos os incidentes e acidentes da vida.

O velho Arkel tem algo da grandeza de Sócrates.

Para ele as coisas obedecem a leis outras que não as de nossa pura vontade; apenas, seguindo esse caminho determinado pelas razões íntimas do Universo, só o que cumpre a cada um fazer ou tornar efetivo é se conformar consigo mesmo e aceitar tudo com a resignação sábia dos deuses.

#### **A poesia e a poética de Augusto dos Anjos (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 07 de Agosto de 1912, p. 02.)**

Correspondendo a gentileza do Sr. Augusto dos Anjos, que se lembrou de meu humilde nome, oferecendo-me um exemplar do seu livro “Eu”, não poderia em consolênci deixar um silêncio as ideias e os sentimentos que me advieram dessa leitura. não me move a pretensão

de fazer um estudo crítico, ideia nobre aliás, mas muito acima de minhas faculdades; pretendo apenas exprimir as impressões pessoais ou subjetivas que me deixaram a sua poesia e a sua poética.

A sua poética! É ela sem dúvida, muito pessoal. Chega a ser mesmo extravagante, esquisita, esdrúxula. É nessas qualidades excessivas, classificadas por outros defeitos, que se encontra, no entanto, a profunda sinceridade do poeta complexo que é o Sr. Augusto dos Anjos. É impossível acompanhá-lo nas suas cogitações, nas suas dúvidas, em todo o desespero incontido de suas estrofes, por vezes antes de filósofo que de poeta, sem sentir para logo o muito que há, nesse poeta, de intensa angústia inédita e incontida, - resultante lógica de uma concepção filosófica um tanto pessimista.

Tanto vale dizer que em Augusto dos Anjos a Poesia e a Filosofia se confundem quase sempre, dando à sua expressão emocionante alguma coisa de característico, muito sua: a espontaneidade da primeira com a técnica, não raro rebarbativa, da segunda. O que há a louvar é que, felizmente para as musas, a Ideia, em Augusto dos Anjos, não predomina sobre a sua enorme sensibilidade quase doentia de tão aciculada. É ele um poeta que pensa as suas estrofes, mas se deixa dominar por elas logo que surgem irresistivelmente como uma necessidade morfológicamente nova desse pensamento.

Daí a espontaneidade que o caracteriza poeta, mas prejudica a profundez da conceito no arrevesado da forma. Dir-se-ia que sua poesia se faz por um estranho precipitado da imaginação e do raciocínio, que criam, assim, uma entidade emocional nova, quase *sui-generis*.

É o caso psicológico do "Morcego", para não citar outras composições suas. Demais a mais, a poesia do Sr. Augusto dos Anjos pode ser resumida, como a de Antero de Quental, num psiquismo dominante, que lhe faz ver o mundo sempre sob a mesma projeção sombria do próprio espírito.

Mas que diferença de forma entre um e outro poeta! É que Antero era um místico, que tinha, todavia, o raciocínio de um cético; A. dos Anjos é um poeta de viva imaginação, corroído, infelizmente, por uma impenitente filosofia naturalística. A um e outro a concepção restrita da filosofia preme, como um guante de ferro, os movimentos espontâneos do verdadeiro espírito livre. Não se encontra uma estrofe de Augusto dos Anjos, nas suas poesias de caráter abstrato, sem a influência de Heckel, com sua poderosa fascinação de construtor imaginário da Natureza e do homem. A própria técnica do sábio naturalista aí está, obstante sempre, a visão pura do poeta. É já uma necessidade de sua emoção pessoal a fórmula científica consagrada. Houve quem o censurasse por isso. E com razão: um poeta, como A. dos Anjos, não precisa de intermediários para ser o instrumento maravilhoso, como dizia Bergson, dessa natureza, que ele vê tão escura, através dos óculos do naturalista decadente de Yena.

A poesia foi sempre, por sua natureza, criadora. Não há razão para que não continue a ser tal, malgrado o desenvolvimento assombroso do espírito científico e filosófico.

O próprio Sr. Augusto dos Anjos é a melhor prova deste acerto. É um poeta, mas um poeta atual, apesar de ter a obstar-lhe os instintos criadores, uma filosofia tão restrita. Não queremos dizer com isto que um poeta do século XIX deve ignorar o dramático e o trágico das ideias, hoje mais que nunca, em crise. Ao contrário: ele e só ele poderá e deverá ficar à margem da história contemplando os variados aspectos da vida, não como filósofo, crítico ou historiador, o que seria detestável, mas como um instrumento vivo e vibrátil da Humanidade, através da sua evolução indefinida.

Toda a cultura ou toda a civilização do seu tempo deve entrar na sua psicologia, mas como um meio necessário a fazer dela um tipo representativo, cada vez mais perfeito e mais harmonioso. Só assim não perderá o poeta a sua entidade, e acompanhará a evolução das ideias. Sem perda de sua emotionalidade.

O Sr. Augusto dos Anjos, se não fosse fundamentalmente poeta, não teria conseguido com sua técnica científica os efeitos emocionantes que dão a seu livro uma originalidade extravagante, mas incontestavelmente estética. E a sua estética é efetiva, é real – é a expressão viva de um estado d'alma que não é só seu, mas de todos os espíritos voluptuosamente fascinados pela ciência positiva, que talvez não engane, mas é certo que não satisfaz.

**A poesia de Machado de Assis. (*Revista da Academia Brasileira de Letras. 4 de julho de 1939, Volume 58, p. 71-86*)**

Todos vós conheceis o apólogo célebre. A linha desdenha da agulha, que é, afinal, quem lhe abre caminho para a costura. O desdém é tanto mais justificável, quando, terminando o vestido, o orgulho da linha lá vai com a baronesa para a glória dos salões, enquanto a humildade da agulha é recolhida à caixinha habitual. Um alfinete, que tudo vira e ouvira, não se pôde conter e acaba observando à agulha: é para não seres tola. Tu te fatigaste tanto, para ela ir gozar a vida e ficas ignorada. De ora avante faze como eu que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, aí fico.

Machado de Assis diz que, contando esta história a um professor de Melancolia, o homem, balançando a cabeça, concluiu igualmente assim: eu também tenho servido de agulha a muita linha ordinária.

Pois bem! Eu li, talvez há trinta anos, a parábola admirável e ainda agora, recordando-a, tenho a mesma impressão de que ela bastaria para imortalizar quem a escreveu. A perfeição do estilo e a sensibilidade aguda que a ditou confere-lhe o direito à perenidade dos séculos.

É que ela está, por sua nitidez eterna e por sua beleza trágica, para além das contingências do tempo e do espaço e não é uma simples expressão literária. É a evidência mesma. Concebendo-a, o pensador perfeito realizou uma página que a vida mesma tivesse escrito. Diz-se que o estilo é homem. Aqui ele foi a humanidade. A humanidade de ontem, de hoje e de amanhã. A humanidade daqui e como a de toda a geografia do Mundo. Sob o véu diáfano da fantasia, ele resumiu num episódio, tão aparentemente inócuo, a monstruosidade do nosso destino. Seja lá por que for, outra não é a condição humana. O milagre dessa página está precisamente na consciência com que ela reflete, na pureza de sua linguagem, todas as consciências. Há coisas tão amargas que só se podem dizer alegoricamente. Mas, também, só as pode dizer quem as sentiu em toda a profundezas de um coração desencantado de tudo. O professor de Melancolia, a quem ele revelou o diálogo de todos nós, é ele mesmo. Não o aprendeu em Sócrates ou Platão, que são falíveis como todos os filósofos. Não foi de uma ou outra escola que lhe veio a verdade inexorável. Quem a ensinou foi a Dor que é o outro nome da Poesia.

Foi ela, a Dor, que o levou no Templo e à adoração perpétua da *Musa Consolatrix*. Se não, ouvi-o:

**MUSA CONSOLATRIX**  
(1864)

Que a mão do tempo e o hábito dos homens  
Murchem a flor das ilusões da vida,  
                  Musa consoladora,  
É no teu seio amigo e sossegado  
Que o poeta respira o suave sono.

Não há, não há contigo,  
Nem dor aguda nem sombrios ermos;

Da tua voz os namorados cantos  
 Enchem, povoam tudo  
 De íntima paz, de vida e de conforto.

Ante esta voz que as dores adormece,  
 E muda o agudo espinho em flor cheirosa,  
 Que vales tu, desilusão dos homens?

Tu que podes, é tempo?  
 A alma triste do poeta sobrenada  
 À enchente das angústias,  
 E afrontando o rugido da tormenta,  
 Passa cantando, alcíone divina.

Musa consoladora,  
 Quando da minha fronte de mancebo  
 A última ilusão cair, bem como  
 Folha amarela e seca  
 Que ao chão atira a viração do outono,  
 Ah! no teu seio amigo  
 Acolhe-me – e haverá minha alma aflita,  
 Em vez de algumas ilusões que teve,  
 A paz, o último bem, último e puro!

Estava, então, na juventude, a idade decisiva, e é fácil examinar quanto pensou a sofreu sua adolescência predestinada, porém tão mal nascida para cumprir a predestinação. Tudo conspirava contra ele: o preconceito pigmentário, a penúria doméstica, a condição dos pais, o despeito ambiente, o temperamento esquivo, o desdém de todos, o desamparo absoluto. Em tais conjunturas é que sucumbe ou se rebela ou se resigna a mocidade infeliz. A dele aceitou a resignação, a decisão dos fortes, dos seres que desesperam, afinal, de tudo, menos de si mesmos. Não preciso reproduzir, aqui, a biografia estóica do menino do morro. Escrita, falada, apreciada, comentada, estudada, discutida, criticada por todo país e por toda gente, não há quem não a conheça, admire, inveje pelo que há nela de humanidade, dolorosa e gloriosa, na dramaturgia de um destino. O certo é que raro se nos depara numa vida célebre, cuja infância fosse tão aziaga e cujo desenvolvimento tão edificante de fé recôndita nos desígnios superiores. Invertendo a ordem comum, o menino do morro desviou para o seu milagre a admiração privativa dos meninos prodígios. É que o prodígio é um dom gratuito. O dele não. Foi ele mesmo que o criou de sua substância humana, para consolo próprio e ufania, talvez, dos humilhados e ofendidos de todos os tempos.

A filosofia da agulha é uma paródia da sua experiência vivida. A sua pena foi, também, como a agulha, diligente, silenciosa, aguda e às vezes ferina, por fiel à costura exata com que cada um se cose, bem ou mal, à sua destinação. Maravilhosa agulha! Todas as indumentárias morais, graves ou frívolas que alinhavou e cerziu fê-lo com tais minúcias de estilo que resistirão hoje, como amanhã, a todas as argúcias críticas. É que lhe não faltou têmpera de aço, força de ânimo, acuidade de espírito. De onde em onde, porém, precisava repousar. Recolhia-se ao coração, esse velho país, “onde se sonha à luz e onde à noite se chora”, na versão que Leão de Vasconcelos fez do original machadeano de “Um vieux pays” e já não era mais uma pena, senão uma lira.

Senhores:  
 Ele foi, na verdade, um grande poeta.  
 Tanto o foi pela forma e pelo fundo,

Como também por sua vida quieta,  
Ilustre e alheia às ambições do mundo.

Da casa pobre, mas resplandescente  
De tantos livros e roseiras tais,  
Fez ele, o mestre, para sua mente  
A Torre de Marfim dos seus ideias.

E ei-lo com sua Musa devotada  
Não só à própria purificação,  
Mas à muda certeza de que nada  
Consola o gênio, como a solidão.

Ei-lo vivendo de alma sem ressábios  
Ou maldades comuns e ócios odientes.  
- De alma como a dos justos e dos sábios  
Que foram justos nos seus pensamentos.

Dera-lhe Deus tudo que é faculdade  
Para fruir com toda perspicácia  
Os dons sutis da Sensibilidade  
E os milagres de luz da Inteligência.

Sim, meus senhores, era um poeta autêntico o nosso grande Machado de Assis.  
Ouvi-lhe “as sombras”:

Quando, assentada à noite, a tua fronte inclinas,  
E cerras descuidada as pálpebras divinas,  
E deixas no regaço as tuas mãos cair,  
Escutas sem falar, e sonhas sem dormir,  
Acaso uma lembrança, um erro do passado,  
Em eu seio revive?

O túmulo fechado  
Da ventura que foi, do tempo que fugiu,  
Por que razão, mimosa, atua mão o abriu?  
Com que flor, com que espinho, a importuna memória  
Do teu passado escreve a misteriosa história?  
Que espectro ou que visão ressurge aos olhos teus?  
Vem das trevas do mal ou cai das mãos de Deus?  
É saudade ou remorso? É desejo ou martírio?  
Quando em obscuro templo a fraca luz de um círio  
Apenas alumia a nave e o grande altar  
E deixa todo o resto em trevas, - e o nosso olhar  
Cuida ver ressurgindo, ao longe, dentre as portas,  
As sombras imortais das criaturas mortas,  
Palpita o coração de assombro e de terror;  
O medo aumenta o mal. Mas a cruz do Senhor,  
Que a luz do círio inunda, os nossos olhos chama;  
O ânimo esclarece aquela eterna chama;  
Ajoelha-se contrito, e murmura-se então

A palavra de Deus, a divina oração.

Pejam sombras, bem vês, a escuridão do templo;  
 Volve os olhos à luz, imita aquele exemplo;  
 Corre sobre o passado impenetrável véu;  
 Olha para o futuro e vem lançar-te ao céu.

Como vedes, é sensibilidade pura todo o pequeno poema. Aqui, como alhures, ninguém lhe resiste à fascinação. Se a lucidez e acuidade crítica é que lhe vive os personagens, a faculdade afetiva ou evocativa ou imaginativa é que lhe modula as estrofes. Nas páginas do romancista ou na do poeta a pena de Machado de Assis é o mesmo instrumento dúctil e dócil à inspiração. O hábito da análise não lhe diminui a espontaneidade emotiva e a sua poesia tem a mesma força de sedução psíquica e plástica de sua prosa. Nenhuma influência estranha nas suas qualidades e defeitos naturais. Nem o convívio íntimo com os companheiros de três gerações diferentes, nem a ação reflexa das novas modas literárias, alteraram de modo apreciável o seu individualismo fundamental. De 1864, ano em que estreou com as “Crisálidas”, a 1906, data do soneto “Carolina”, - um canto de cisne – manteve-se uniforme, e a sua Musa é tanto mais subjetiva na essência quanto mais perfeita na expressividade verbal. Atravessou incólume os desvarios românticos, o tecnicismo parnasiano, os preciosismos simbolistas, sorrindo, sem dúvida, da versatilidade dos homens com seus “ismos” efêmeros. O poeta, em justa harmonia com o pensador, preferiu às rebeldias novidadeiras o culto da beleza serena, tal como esta lhe sorria ao espírito e era mister vivê-la no mundo objetivo das imagens. A natureza desta poesia era invulgar como a do autor. Era uma poesia de exceção, uma poesia mais ao sabor da alma do que a que domina, pelos surtos retóricos, os instintos comuns. Era, em suma, uma poesia cuja excelência estava na intensidade e não na quantidade estética, - uma poesia à feição de sua alma, como a conheceram e amaram os seus íntimos. Neste sentido pode e deve ser comparada a dos nossos grandes poetas, não só pela inspiração e sensibilidade étnica, mas também pelo gosto lapidar da composição. É, pois, justo o seu desvanecimento, dizendo no prefácio das “Poesias completas”, editadas em 1900, que “releu com saudade os seus primeiros versos”, vindos à luz em 1864.

Passados 30 anos, regozijava-se o Mestre dessa publicidade que fora marcante para a nova geração nascente; pois deste momento por diante aumentou cada vez mais o esmero na fatura das estrofes e o consequente apreço pela pureza da linguagem. Efetivamente, os poemas das “Crisálidas” distinguiam-se, como aprecia José Veríssimo, “pela emoção menos desbordante que o nosso comum lirismo e por um apuro de forma insólito em nossa poesia”.

Continuando Gonçalves Dias, isto é, aprimorando-se no idioma e aplicando-o aos temas gentílicos, Machado de Assis influiu sensivelmente para que se intensificasse a unidade étnica de nosso lirismo. Herdeiro direto da tradição romântica, soube nas gerações ulteriores conservar as ideias e os sentimentos, as intenções e os propósitos nacionalistas, no sentido de imprimir fisionomia autêntica à expressão dos motivos brasileiros. É um outro aspecto de sua alma, aspecto admiravelmente vivido nas páginas do livro “Americanas”. Aqui o mundo exterior, que não interessa ao romancista, é a matéria prima do poeta. Sua inspiração nos patenteia, assim, as belezas da nossa Terra, integradas a um temperamento genuinamente nosso, por sua ternura mestiça. Os críticos de Machado de Assis pensador, tão lúcidos e minudentes na apreciação de suas sutilezas intelectivas, encontrarão na apreciação literária desses poemas, novos elementos que lhe completem a fisionomia espiritual. Os dois mundos, visível e invisível, a sua inteligência prismática os reflete à vontade, segundo o senso íntimo ou intuitivo do poeta. Absoluta facilidade em realizar-se. Uma simples impressão de leitura o predispõe a compor. E de quanto é rica de imagens essa percepção sensível, dão farta messe às longas narrações descritivas do livro, - todos concebidos e escritos ao que parece, sob a

influência dos respectivos trechos históricos que as inspiraram. Aliás, o seu talento de evocar impressões, através de leituras é extraordinário. Ninguém traduziu melhor ou mais impressivamente do que ele. A do XXV Canto do “Purgatório”, é Dante mesmo, em vernáculo. Nem é menos eloquente a do “Corvo” de Edgar Poe, desse poema, cuja angústia soturna tão humanamente repercute nos ritmos graves do seu grande intérprete. Machado de Assis venceu todas as dificuldades incríveis desse nobre empenho e o poema imortal nada perdeu, em nossa prosódia, do tom lírico e lúgubre do seu gênio idiomático. O nosso grau de cultura, como vedes, encontrou no Mestre tudo que era e é de fato perfeita brasiliade. José de Alencar, Gonçalves Dias, Castro Alves, Fagundes Varela, Casemiro de Abreu, Bilac, Alberto de Oliveira e tantos outros temperamentos virtualmente brasileiros são primores mentais de nossas energias caboclas, pulsando, ao vivo, nos seus estremecimentos rítmicos. Respeitando a lei básica da harmonia, por isso mesmo cada um deles se criou uma individualidade própria e uma outra feição inédita de nossa psicologia.

Tanto vale dizer que antes de tudo souberam ser o instrumento sonoro do próprio sangue, cantando-o nos astros e pausas de seus arroubos ou de suas elegias. Como, pois, romper com a lei de permanência, que é a unidade moral de um povo e, em Arte, a fonte de suas virtudes líricas? É certo que a tradição evolui ou se aprimora, mas fiel sempre às suas origens. A poesia que não cravar raízes nesse subsolo fecundo, é uma planta de estufa, tanto mais lamentável quando cultivada num país de claridades tropicais.

Não! meus senhores. A arritmia poética dos últimos tempos, mesmo quando movida por legítimos talentos, não podia vingar em nossa admiração porque, inovada ou renovada, só nos vibra a poesia que for um índice de nossa ascensão cultural, - uma mensagem nova, mas oriunda dos surtos evolutivos do nosso espírito. Essa mensagem não pôde trair o caráter específico do verso, no seu ritmo e na sua prosódia, sem renegar as musicalidades ancestrais virtualmente adormecidas em nossa memória hereditária. É nesta que estão as energias profundas, as energias que propiciam com sua fertilidade moça a floração de instintos e sentimentos, cujas forças repontam, afinal, na humanidade sublimada do poeta. O dom de si mesmo, o amor ao próximo, a piedade profunda, o desdém das vaidades, surgem dessas energias e culminam-lhe o destino, dando-lhe o prestígio de uma pronúncia que está em todas as vozes, mas que só na sua encontrou a nitidez acústica de uma expressão única.

Sem obediência aos ditames atávicos, jamais será a poesia um reflexo arterial dos entusiasmos e das angústias humanas. Estas, ela só realizará movendo-se livremente, mas dentro das normas estéticas inerentes a todo o equilíbrio universal. A sua verdadeira forma também não estava – é certo – nas metáforas gongóricas que tanto lhe comprometeram a sinceridade, mas nessa estabilidade orquestral da expressão a um tempo sonora e profunda, como nos adágios de um Beethoven ou nas estrofes de um Baudelaire. Estas condições de equivalência do pensamento e da expressão resistem a todas as investidas iconoclastas. Aquelas que pretendem submetê-las ao seu arbítrio, poderão ter os aplausos que mereçam os seus talentos, mas não mudarão nunca as leis eternas da harmonia cósmica. O caso dos versolivristas autênticos é de uma grande eloquência. O que ficará deles não é a habilidade polimórfica das estrofes assimétricas, mas o intuitivismo dos ritmos latentes, que nelas, como na prosa (e talvez ainda melhor nesta) produziria o mesmo entusiasmo dos leitores. O verdadeiro modernismo deve surtir germinalmente do que herdamos e se faz alma e sangue em nossa inteligência e sensibilidade transsubstanciada. Tanto assim é que, quando isto acontece, a poesia livre encontra repercussão comovida, porque nos evoca ideias e sentimentos profundos e que são outros tantos sedimentos morais de raça. Mas, ainda aqui precisa respeitar a carência rítmica de todo pensamento poético.

Eis como se me afigura que foi a poesia de Machado de Assis.

Uma poesia que só teve uma escola: a humanidade do autor, a sua e a nossa, porque, no fundo, todos os destinos se encontram na mesma encruzilhada do amor e da morte. Por ser tal,

estou certo que em todos vós desperta a ela a mesma tonalidade sentimental, que lhe imprimiu o poeta. Ciente ou subconscientemente Machado de Assis realizava, para o deleite das almas cultas, essa arte em silêncio, arte que se apraz em amar-se a si própria, certa de sua beleza imanente. Impressionismo, intimismo, simbolismo, penumbbrismo, todas as teorias estéticas que as modas vinham importando, já pelo fim de seus dias, eram velhas novidades que há muito o coração lhe ditara. Nunca precisou, com efeito, senão dele. A inspiração ou a meditação que lhe dá forma e vida aos versos vêm dessa eterna fonte de todas as vibrações.

Assim sendo, é nos versos que melhor se lhe exteriorizam as virtudes íntimas. Estas não o distraem para outra finalidade. A beleza era a única realidade objetiva e subjetiva, a sua razão de ser. Pode-se dizer dele o que de Vigny escreveu Lesconte de Lisle, isto é, que viveu solitário, num refúgio, servido pela contemplação das coisas imperecíveis, e morreu fiel à religião da beleza. Seu nome e sua obra não tiveram repercussão no vulgo, mas sobreviverão da elite dos espíritos fraternos que amam e consagram a glória de verdadeiro artista. Ele também, como Vigny, foi fiel à sua natureza, tímida e boa, e deixou na tessitura nobre de seus versos como que a fisionomia mesma de sua alma. Dir-se-ia que é ela que anseia por se entremostrar em todos os seus motivos líricos. Define-lhe a personalidade que é, nas composições, como foi na vida real, íntima, discreta, silenciosa. O poeta reflete o homem, modelando, em expressões de tanta simplicidade plástica, o pensamento justo, metodioso, contido. A sua voz tem um timbre inconfundível entre as outras vozes clássicas, românticas ou parnasianas. É sua originalidade. Pesar de tanta melancolia ingênita é uma voz que encanta e consola pela força impressiva e expressiva de suas origens. Nada de verbalismo sonoro, senão de muita sensibilidade e desilusão estóica. Se não inspira entusiasmos, conforta a quem a escuta, por ser verdadeira, sentida, quase confidencial. Seria interessante ilustrar nossas apreciações, mas o tempo é exigente. Inda assim, não a espiritualidade ou a nota diferencial e insólita da poesia de Machado de Assis. Por elas vereis que desde a estreia em 1864 já o tom dessa poesia lhe dava o direito ao sol entre as novas correntes estéticas. Dessa primeira fase já vos disse "Musa Consolatrix". Lembro-vos, agora, da segunda (1870) algumas estrofes dos "Versos à Corina". Inspirou-se, segundo Feijó, uma grande paixão adolescente. Este poema é, em verdade, uma das mais impressionais realizações do nosso modernismo.

#### Versos à Corina

Guarda estes versos que escrevi chorando  
 Como um alívio à minha soledade,  
 Como um dever do seu amor; e, quando  
 Houver em ti um eco de saudade,  
 Beija estes versos que escrevi chorando.

Único em meio das paixões vulgares,  
 Fui a teus pés queimar minh' alma ansiosa,  
 Como se queima o óleo ante os altares;  
 Tive a paixão indômita e fogosa,  
 Única em meio das paixões vulgares.

Cheio de amor, vazio de esperanças,  
 Dei para ti os meus primeiros passos;  
 Minha ilusão, fez-me, talvez, criança;  
 E eu pretendi dormir aos teus abraços,  
 Cheio de amor, vazio de esperança.

Refugiado à sombra do mistério,

Pude cantar meu hino doloroso;  
 E o mundo ouviu o som doce ou funéreo  
 Sem conhecer o coração ansioso,  
 Refugiado à sombra do mistério.

Mas eu que posso contra a sorte esquiva?  
 Vejo que em teus olhares de princesa  
 Transluz uma alma ardente e compassiva,  
 Capaz de reanimar minha incerteza;  
 Mas eu que posso contra a sorte esquiva?

Como um réu indefeso e abandonado,  
 Fatalidade, curvo-me ao teu gesto;  
 E se a perseguição me tem cansado,  
 Embora, escutarei o teu aresto,  
 Como um réu indefeso e abandonado.

Embora, fujas aos meus olhos tristes,  
 Minh'alma já saudosa, enamorada,  
 Acerca-se de ti lá onde existes:  
 Ouvirás minha lira apaixonada,  
 Embora fujas aos meus olhos tristes.

Talvez um dia meu amor se extinga,  
 Como fogo de Vesta mal cuidado,  
 Que sem o zelo da Vestal não vinga;  
 Na ausência e no silêncio condenado,  
 Talvez um dia meu amor se extinga.

Então não busques reavivar a chama,  
 Evoca apenas a lembrança casta  
 Do fundo amor daquele que não ama;  
 Esta consolação apenas basta;  
 Então não busques reavivar a chama.

Guarda estes versos que escrevi chorando,  
 Como um alívio á minha soledade,  
 Como um dever do meu amor; e quando  
 Houver em ti um eco de saudade,  
 Beija destes versos que escrevi chorando.

Escutemos, agora, esta página da sua terceira fase (1875). É das “Americanas”. É uma apóstrofe nos nossos pioneiros do século XVI.

#### OS SEMEADORES

Vós os que hoje colheis, por esses campos largos  
 O doce fruto e a flor,  
 Acaso esquecereis os ásperos e amargos  
 Tempos do semeador?

Rude era o chão; agreste e longo aquele dia;  
 Contudo, esses heróis  
 Souberam resistir na afanosa porfia  
 Aos temporais e aos sóis.

Poucos; mas a vontade os poucos multiplica,  
 E a fé, e as orações  
 Fizeram transformar a terra pobre em rica  
 E os centos em milhões.

Nem somente o labor, mas o perigo, a fome,  
 O frio, a descalço,  
 O morrer cada dia uma morte sem nome,  
 O morrê-la, talvez,

Entre bárbaras mãos, como se fora crime,  
 Como se fora réu  
 Quem lhe ensinara aquela ação pura e sublime  
 De nas levantar aos céus!

Ó Paulos do sertão! Que dia e que batalha!  
 Venceste-la; e podeis  
 Entre as dobras dormir da secular mortalha;  
 Vivereis, vivereis!

Cito finalmente da sua última fase a última página das “Ocidentais”.

#### NO ALTO

O poeta chegara ao alto da montanha,  
 E quando ia descer a vertente do oeste,  
 Viu uma coisa estranha,  
 Uma figura má.

Então, volvendo o olhar ao sutil, ao celeste,  
 Ao gracioso Ariel, que de baixo o acompanha,  
 Num tom medroso e agreste  
 Pergunta o que será?

Como se perde no ar um som festivo e doce,  
 Um bem, como se fosse  
 Um pensamento vâo,

Ariel se desfez sem lhe dar mais resposta.  
 Para descer a encosta  
 O outro estendeu-lhe a mão.

Senhores:

Como já disse alhures, a união da alma com a Beleza parece evidente em certas criaturas. Tudo nelas é próprio ou diferente do comum: os gestos, as palavras, as atitudes, as ideias, os sentimentos. Vivendo na Beleza e da Beleza, para a beleza e pela beleza, evidenciam a beleza em suas intenções, como nas expressões da própria fisionomia. É o seu traço característico. As contingências não lhe alteram a feição modelada pela espiritualidade a que as habituaram os seus pendores naturais. É esta circunstância que as distingue e torna acessíveis aos afetos das naturezas mais ásperas. Irradia dessas almas privilegiada simpatia. As lendas não têm outra origem. Nascem do contágio das suas excelências humanas. As outras criaturas apenas reconhecem, exagerando, esses dons inatos, porém cada vez mais perfectíveis segundo as aspirações de cada um. A existência dos seres de exceção verificada em todos os tempos e nas condições mais diversas, foi e continua sendo um desafio aos pesquisadores de psicologia. Enquanto estes discutem, contentemo-nos em apreciá-los nas obras reveladoras de tantos aspectos inéditos da sua beleza imanente. É fora de dúvida que, para serem realmente inéditas, as suas emoções devem oferecer espontaneidade tanto mais pessoal quanto comunicativa. Há, talvez, um fundo comum a todas as sensibilidades. O artista, principalmente o músico e o poeta, é o clavículário desse tesouro oculto. Este dorme no subconsciente de todos nós. Passa despercebido de nossa atenção voltada para as banalidades cotidianas; mas nem por isso deixa de subsistir, - dádiva divina -, como um princípio essencial e susceptível de ser despertado por qualquer influência estética. A da poesia, talvez porque participe igualmente da música e da ideação, isto é, da expressão rítmica, é sem dúvida a mais extensa e comprehensível nos seus efeitos emocionais. Ninguém lhe pode ser diferente. Está na memória étnica e todos vibramos necessariamente ao seu contato. Uns mais, outros menos intensamente; porém todos com a mesma virtualidade lírica. Os poetas que melhor conseguem ser pessoas e, ao mesmo tempo, unâimes no seu lirismo, são os menos sujeitos às contingências extrínsecas da versificação. Ao ritmo das palavras preferem o da própria índole humana e tudo leva a crer que o prestígio dos seus poemas resulta precisamente da fidelidade às tendências irresistíveis da sua natureza eleita pelos deuses e pelas outras, de cujas virtudes essenciais é a expressão viva.

Este, ao meu ver, o prestígio silencioso da emoção poética de Machado de Assis.

Nela viveu o mestre a natureza e a vida mesma como uma e outra se revelavam à coincidência individual e à experiência humana. Esta é que foi a sua escola primária, secundária e superior, - a grande escola em que se formam e aperfeiçoam a nobreza mental e a sensibilidade profunda dos homens luminares. Sem ela, sem o contágio vivo e imediato, reflexo e reflexivo das outras almas, a sua não seria a síntese que foi de ironia e piedade, das fraquezas e fortitudes que enredam o tecido enigmático dos nossos destinos. Foi, sim, esse contágio inevitável do tragedismo comum que o fez esse anatomista soridente e sutil das próprias e alheias contingências, tais como a Dor fomenta e fermenta no espírito e no coração. Se esse contágio o inoculou de ceticismo, nem por isso lhe secou a fonte pura da afetividade. Coube-lhe a fortuna de ser, pelo consenso unânime dos companheiros da sua hora, o princípio da mais ilustre pléiade intelectual de que se poderia desvanecer uma nação adolescente. Mau grado a timidez e o seu horror à notoriedade, o mérito lhe deu a mais alta hierarquia das letras brasileiras, após o romantismo. Tal renome, tal respeito, tal veneração com que o consagrou o período mais áureo da nossa evolução mental. "Um dos mais notáveis documentos da nossa cultura é a possibilidade da existência, entre nós, de um escritor como Machado de Assis." É o conceito dessa inteligência lúcida que foi Medeiros e Albuquerque, justamente uma das mais fulgurantes daquela escola intelectual. Como se vê, o elogio de Machado de Assis implica no de toda a constelação em que viveu, constelação dos poetas, dos romancistas e críticos mais notáveis do Brasil.

Muita coisa haveria a dizer sobre sua poesia. Não serei eu, porém, o intérprete à altura de vos proporcionar tantos deleites. Se é certo que "poetas por poetas sejam lidos", não é

menos certo que nem todo leitor possui o prestígio de comunicar, como sente, a própria admiração; a admiração mesma é mais uma atitude calada que um ato de inteligência discursivo. É que há sempre em arte, e principalmente na poesia, alguma coisa que excede à letra, e ninguém mais, senão cada um per si, em seu íntimo, sente com a mesma afinidade eletiva. Aceitei esta incumbência da Academia certo de que ela estava além das minhas forças, mas não do meu culto pelo grande mestre. Da leitura que fiz dos seus poemas voltei mais persuadido da vocação imortal desse eternizador de emoções. A unidade dos seus desígnios criadores, na prosa e na poesia, resistiu a todas as vicissitudes. Tanto as de ordem física, dada a sua enfermidade, como as de natureza ambiente. Nada do que pode influir de qualquer maneira na trajetória de uma vontade humana desviou o sentido vertical da sua linhagem nobiliárquica. A Inteligência e a Vida se desenvolveram nele sem que a nobreza da primeira cedesse um só átimo à miséria da segunda. Concebia o seu ministério intelectual com uma fuga para a perfectibilidade possível e produziu toda a série de obras primas, cuja harmonia estrutural avulta à maneira que mais se apura a nossa compreensão. Na culminância que ele atingiu, o espírito sorri de tudo que não seja a Verdade e a Beleza. Um sofista talvez preferisse que eu dissesse de sua verdade e de sua beleza. Mas se ele conquistou admiração unânime, já se não pode por em dúvida o sentido universal e indelével de sua obra, sentido este que é uma prerrogativa do gênio. Pouco importa o caráter dessa obra. Professor de melancolia ou de humor, o gênio é sempre o gênio e mantém o mesmo fascínio absoluto sobre todas as almas e todos os tempos; porque só ele realiza o milagre de nos tornar conscientes das grandezas e misérias da nossa condição mortal.

Mestre de nossa vernaculidade,  
 A tua língua, para toda gente,  
 Que ame a verdade humana como a sente  
 E sabe que é, deveras, a verdade;

Essa língua de fundo transparente  
 E forma de tão viva claridade  
 Que, pondo à luz tua mentalidade,  
 Logo vem refleti-la em nossa mente;

Essa língua de toque ameno e agudo  
 Como o de um vinho, em cujo conteúdo  
 Houvesse o mesmo travo e o mesmo aroma;

Essa língua de estilo diamantino,  
 E quanto basta à glória de um destino  
 Que se fundiu no gênio de um idioma!

**Farias de Brito, numa evocação de Pereira da Silva. (*Autores e Livros*. 13 de agosto de 1944. Ano IV, vol. VII, nº 07, p. 34)**

Não obstante os três decênios em que o vi pela primeira vez, ainda lhe conserva a memória do semblante grave e a um tempo irresistível de quem dele se aproximasse. Era dessas criaturas que inspiram confiança, à primeira vista, não só pelos seus dons naturais como pela humanidade comunicativa de seu modo de pensar e sentir. Bastou-me o entretenimento pessoal de algumas horas para que avultasse a minha admiração pelo autor da “Finalidade do Mundo”, cuja leitura me empolgara muito antes de conhecê-la. O homem e o filósofo se confundiam na mesma compreensão finalística das coisas e das ideias. Era o

bastante para se julgar o verdadeiro estado de espírito desse pensador num ambiente moral, como o do nosso tempo, no qual as ideias já não têm domínio absoluto sobre a conduta.

Tenho a impressão de que ele reconhecer a necessidade imediata de estimular as forças vivas da juventude para um movimento definitivo de reação espiritualista. A inteligência é que cabia orientar o Mundo, porque só ela é capaz de interpretar o ritmo e a natureza das coisas. O primado da Ideia é que significava o homem e nem outro, a seu ver, era o sentido da vida, cujos ditames nos cumpria entender e realizar com aquele critério, acompanhando-a em todas as fases vicissitudinárias da Civilização. O pragmatismo não seria assim uma conformação servil da ideia aos sintomas a interpretação deste, inspirada nos princípios fundamentais e irredutíveis da ética. Só assim deveria ele ser apreciado, como um novo método de especulação filosófica. “O Mundo literário”, em suma, é que era tudo para o idealismo transcendente dessa alma de escol, em cujos dons criadores a sensibilidade e as forças especulativas sabiam, como em nenhuma outra, manter o equilíbrio difícil das duas metafísicas do espírito e do coração. A sua ação de presença que era, como já disse, um reflexo fisionômico dos seus sentimentos, afigura-se-me que exerceu grande influência entre os intelectuais. Rocha Pombo foi um daqueles que mais se aperceberam do mérito real de Farias Brito e a sua obra a “Finalidade do Mundo”, primeiro volume, fui eu quem primeiro lhe deu a ler e mereceu do grande historiador vários artigos de justa apologia. Em virtude desses artigos, estabeleceu-se entre ambos viva e afetuosa correspondência, a qual muito concorreu para que Farias Brito descolasse a sua atividade para esta capital. Aqui, como é de prever, os dois amigos mantiveram a mais edificante reciprocidade de estímulo, conquistando Farias Brito, logo depois, a cátedra de Filosofia do Externato Pedro II, depois de famoso e ruidoso concurso.

Uma das reminiscências que tenho desse convívio, ilustra eloquente a psicologia dos dois mestres. Tendo recebido algumas dezenas de contos, Farias Brito procurou imediatamente o amigo para combinarem a aquisição de um grande colégio em Botafogo. Era a realização dos seus ideais de educadores. Foi com entusiasmo que um e outro anteviram a grande felicidade e se entenderam quanto aos programas de ensino e propósitos de novo instituto. Ficou ausente que aqueles nada teriam a ver com exigências oficiais para exames e que a finalidade exclusiva, única e absoluta do colégio seria manter cursos de filosofia, ciência pura e belas e boas letras clássicas. Nele, pois, seriam admitidas verdadeiras vocações, intelectuais. Tudo assim projetado, levou Farias Brito a resolução à pessoa íntima, cujo espírito positivo e prático viu logo todo o risco que correria o instituto platônico e a sorte de seu diretor. Discordou em boa hora, desse plano didático e só assim o filósofo não passou pela desilusão de ver sem (xxxx) o mais excelsa dos institutos culturais. (1939, Rio)

## CARTAS

**Currente calamo (*Cidade do Rio. Rio de Janeiro. 11 de novembro de 1901. Ano XV, nº 38, p. 01.*)**

Irmão José Daltro: quase me não surpreendeu tua epístola; pois esse Medeiros é o tipo do que há de maior verdade entre nós, e eu já me sinto tão calejado de o ouvir e aturar que já me não surpreendo... A Via Ouvidor é o círculo dantesco desses torturados de palavras, sem espírito e sem forças para a gênese gloriosa da Arte. Ali, ou nos cafés ou na rua, encontramos sempre, e sempre *chics*, alegres, gárrulos, no extravasamento das suas lérias e bulhas. Seu assunto de gosto é a Arte, a Arte de que falam como de móveis ou de *bibelots*; pois só compreendem, na sua eterna e vã *caussirs* a arte que faz poltronas, berloques ou colchões de paina. A dor, a dor que o homem sensível tem dentro em si, num humilde amálgama de

lágrimas, de ódio e de amor, redemoinhando fantasticamente como um ciclone, que arrastasse toda a aflição de uma cidade derruída; a dor que faz os gênios e os heróis, eles nunca a sentiram. São indiferentes. E a prova são os modos exteriores, frívolos e cômicos, por que pretendem não se confundir com os outros. Vítimas impotentes da digestão, pretendem sobressair da sua falta de ideias enodando as almas eleitas, cuja existência tem sido, como a existência de Job, uma ininterrupta sucessão de salmos e de gemidos.

E a razão por que se servem, nessa inglória luta antipática, da sátira garota, da posição que desfrutam e dos meios vesanicos que a nevrose e a irritação do seu despeito espertam. Esse mesmo de que me falhas, se bem o digo, era fundido no incandescente crisol de tais ódios. Para su'alma parada, ou vencida, toda essa crise transcendental destes tempos, a que ressaltam das páginas estarrecidas e ardentes, não era mais que pose dos espíritos superiores. Lera Nordau, e para degelar as convicções dos que vibram no sofrimento e no amor, tinha sempre uma observação e um diagnóstico patológico do autor da *Degenerescência*. Um horror! As páginas de Tolstoi, o maior apóstolo de Cristo; Nora, de Ibsen; as *Flores do Mal*; *Mademoiselle de Maupin*; as tintas imorredouras, de Mucha; tudo que o lento bisturi lanhou era uma feição doentia, um delírio, uma fobia qualquer em que o escritor, o poeta e o artista não agem por si próprios, mas sob a mórbida influência de uma determinada cerebrastenia.

Lembra-me que nessa mesma noite em que me apresentaste, houve quem falasse de um poeta. De um poeta, cuja agonia faria dó mesmo aos vermes, se os vermes ouvissem versos; de um poeta que era esse espectral sonhador Nobre, o Cristo da Esthesia humana do *Só*; ele enrugara a boca anojado, como se lhe houvessem falado de um capro.

- O Nobre! O Nobre é um *possessor*.

E porque, na candidez da pomba das nossas almas, pasmassermos hirtos, todo ele foi um espanto do nosso ingênuo entusiasmo por um rimador ridículo, tão ridículo na sua estrofe que parecia mais um bonifrato automóvel como os que amecânicas em gonsos.

- O Nobre! Ora o Nobre!

E cada vez aproveitando nosso silêncio (que não compreendia) casquinava babando, entre frases entressachadas de riso e chufa, toda sua viscosa diatribe. A lusa alma do Auto, que é toda ela verdade, como o são as Sete espada da Virgem, era para esse abstruso e mão, sem fibras e lágrimas, numa pose de arlequim: versos mal feitos, sem forma, sem pompa e rimas raras, cavadas, que lhe desses estesia. A poesia não era aquela diátese rimada, e que bom senso alguma venerava.

A ridicularia dos diminutivos, das Imagens, do estilo, aquela familiaridade, comuneira das cartas, das paisagem aldeãs, e de todo ele, enfim, bastava para o demérito de sua obra. Um tolo, que era. Certo desconhecemos nós Homero, Dante, Virgílio, Petrare, Leopardi, d'Annunzio, e para não falar da França cuja culminância para ele, Medeiros, era *Oirano* de Rostand...

Lembra-me bem, creio mesmo que jamais hei de esquecer o Medeiros, depois das suas palavras de chumbo e das íntimas feridas que me deixaram. Lembra-me bem. A princípio acordou-me um ímpeto de réprobo, e quis vingar a memória de Anto. Mas contive-me serenei e persisti na obstinação do meu silêncio. que valiam, de resto, anônimos conceitos de Medeiros? E além desta, uma ideia também espertou. E que ele era uma sugestão alheia, o produto de um meio estrito, egoístico e anção. Aquela saraivada não era, pois, sincera. Vinha por sua segura cerebral, de uma ingênita miopia de sua inteligência. Além disso, o *Só* ficaria sempre e atravessariam os séculos seus males e queixas. E o Medeiros? Desapareceria em sua carcaça.

Para os puros, os bons e simples, sua memória seria até um pesadelo. Porque o fato é que alma alguma, digna de o ser, aninharia a sua cólera.

Ah! Quem dera que do convívio das letras desaparecessem todos os Medeiros! Porque estou certo de que são, e exclusivamente, a causa da dispersão despeitosa e atrabiliaria da

nossa vida espiritual, toda dúvida em grupos que mutuamente se apupam e vão desparzindo cóleras, antipatias, paixões, despeitos, toda a gama biliosa das almas pequeninas... Este, mesmo, é um dos característicos da individualidade amorfa. Característico dos irritados, sem vontade, - sem Eu, e que cuidam de tudo derruir.

Insensatos! Nem sabem que o tempo perdem!

Nem sabem que é fazer D. Quixote lutar contra os predestinados e os que trazem dentro da alma a convicção do seu destino! Nem sabem que no fim de todo esse esforço combateram fantasmas, na frase atlética de Pompeia, e gastaram inutilmente a existência. Contudo, devo a confissão de eu fazia pior juízo do Medeiros. Esse ato de justiça reflexa do suicídio é digno de laus-perenue. Há muitos que não têm caráter para tanto, e estando em piores condições que as suas... Não tem, e aí pululam ás manadas. Enquanto há tanta lágrima para consolar, tanto azul para o Sonho, tanta poesia e miséria para uma lira ou um alaúde, eles aí pululam, esses *touristes* de café, gastando as horas, os dias, os anos e a vida, a própria vida, nessa inglória algazarra de afrontas.

E o pior ainda, é que muitos espíritos perdem com essa convivência. Porque é forçoso muita hombrideade, para firmar o caráter, e individualidade, linha de arte, no meio de toda a intolerância destas pequenas e irrigórias repúblicas literárias. Pois quem não pensar com elas, pensa errado, visto como estão com a chave misteriosa e cabalística da essência, dos princípios, das causas, das leis, de toda a verdade, de todas as coisas. Sua igreja, apesar do pequeno número de sacerdotes, é o caminho único do Céu. Quem se não purificar em seu batismo terá fatalmente de se perder, porque só eles, só eles têm a chave da imortalidade. E mau grado tanta gritaria, o real é que nada tem feito. Sem o saberem realizam a fábula de La Fontaine.

São verdadeiras as montanhas, duras, através das quais não há luz, e que têm estranhas convulsões de parto, conquanto os fetos não as justifiquem...

Insensatos! Nem vêm que alimentando o egoísmo, a má predisposição para julgar fazem-se inimigos do talento e da verdade, pelo simples fato de serem de outros.

Nem vêm que é seu critério a irreflexão, e que nessa faina de deformar, falta-lhes tempo e serenidade para juízes.

Não se pode admitir que sem meditação séria da vida, da humanidade e do mundo seja possível uma obra de Arte digna desse nome; mas eles tacitamente, intimamente o admitem. Admitem e se ficam a falar da nossa mísera intelectualidade, do marasmo, da dispepsia dos nossos artistas, escritores e poetas. Só? E dos burgueses, dos burgueses contra quem se revoltam de tal forma que estou inclinado a crê-la única, em todo este novo e velho mundo.

O burguês, para eles, é a causa, é o mal de tudo. E, como contra os independentes, arremessam as mesmas imprecações contra os burgueses. Não há quem já não tenha ouvido a balburdia, a pilhória, a chufa brejeira que fazem sempre aos burgueses. Este – é outro característico dos Medeiros; pois é claro que assim clamando contra a burguesia chegam a fazer supor que tem altas concepções dos homens e das coisas, e que são assim eleitos ou predestinados... ora, meu claro, ninguém que se presa deve levar ao sério tal gente.

Eis porque – em verdade – eu já me esquecera do Medeiros, e o seu suicídio não me causara nenhuma surpresa, se não fora estranho que, apesar de todos os pesares, teve ele esse ato de justiça reflexa...

J. d'Além

**Currente calamo (*Cidade do Rio*. 2 de dezembro de 1901. Ano XV, nº 55, p. 01)**

Caro José Daltro.

Tens absoluta razão, quando firmas tua última correspondência a necessidade de outros princípios de Arte. É preciso que o Castro se convença de que a Arte, como tudo mais na natureza, se transforma, evolui. Só assim ele deixará de vez esse pirronismo impertinente da poesia romântica, muito bela e muito legítima quando a época sonhadora em que floriu, mas muito leviana e muito fútil no estado de espírito mórbido dos nossos tempos.

Filhos de um século industrial e interesseiro por excelência, em que as belas letras e as belas artes se debatem na mais angustiosa vertigem, é evidente que será importuno o canto de cisne de um poeta qualquer, cuja alma viva indiferente a todas essas dolorosas vicissitudes por que passamos. Os madrigais mais belos, nas condições da vida atual, não terão aquele efeito de repercussão harmoniosa que era o gozo romanescos de Romeu e Julieta.

Os fins que naquele tempo preenchiam tão bem, já não alcançarão mais hoje, quando nenhum par de amantes alimenta maior idealismo azul d'aqueles corações puros. Nenhum de nós, hoje, lendo *Paulo e Virgínia*, sentirá aquele mesmo encanto de outr'ora, quando ainda não nos assistia a certeza de que esses dois amores ingênuos não são o ideal que procuramos atingir.

A admiração que temos por todo esse produto do espírito, nessas épocas de atrás, é toda relativa aos sentimentos e às ideias dessas mesmas épocas.

Sem isto, essas obras-primas, apesar das suas raras belezas, não fariam jus à homenagem alta que lhe tributamos.

Isto quer dizer que a cada estádio da alma humana, nessa longa romaria da vida, corresponde respectivamente um novo Ideal. E outra não é a causa justa porque nos batemos contra os Castros. Quem não sentir assim, não terá jamais a glória de deixar uma obra digna da veneração, não só da própria época em que vivemos, como também dos tempos que ainda hão de vir.

Esse movimento intelectual está se fazendo sentir por toda parte do mundo. São poucos, por enquanto, os cavalheiros dessa cruzada; mas são tão fortes, tão convencidos dos seus gloriosos desígnios, que dia a dia vão cantando vitória nessa luta de ideias, em que de uma parte entra o velho carrancismo retrogrado, e de outra parte essa nova falange de idealistas, inspirada na própria dor da humanidade. Pelo que vemos observando, é fácil prever o esmorecimento dessas escolas literárias que vão procurar assunto na realidade banal das coisas, falseando assim os seus próprios princípios ideais de beleza. A psicologia, o subjetivismo, a sutileza das sensações, tudo que desperta um estado d'alma requintadamente por efeito, vai pouco a pouco ocupando o lugar que ocupava a concepção realista da Arte.

Os espíritos finamente educados já se não sentem satisfeitos com o método da poesia e do romance em que predominam exclusivamente os descritivos e o enredo banal dos acontecimentos. Hoje, o que lhes interessa, o que falta á acuidade dos seus nervos, é a percepção dos planos superiores, tanto na natureza como no espírito. E só esta Arte mesma, pela perfeição a que tem chegado, será capaz de corresponder às vibrações agudas da nossa sensibilidade. Com esta clareza admirável de expressão, só ela poderá desvendar uma via láctea nova, um rumo novo á conquista desse desejado tesouro que é o nosso Sonho. A frase incisiva, atuando como um cheque, despertando imediatamente a imagem, com a luz, a sombra, ou a indecisão com que a vemos ou sentimos, é já uma dificuldade quase vencida. Ninguém negará a superioridade característica da expressão nova. Tudo quanto é possível fazer para reunir a forma e o fundo, de modo que a ideia ressalte clara, vibrante, com raios de sol sobre vitrais, a paciência e o amor á arte desta geração, têm feito com o mais admiravelmente devotamento á beleza. Não há, por certo, quem não reconheça tudo isso. Só a míope filosofia do Castro, para quem a vida é uma eterna despreocupação de tudo que constitui a natureza e a sociedade, não consegue ver essas ideias gerais. Perto de uma mulher, aquecida pelo seu olhar, vangloriado pelo seu amor, só ele é que se esquece do verdadeiro papel que deve representar na época em que vive. Porque nesse desvairamento dos sentidos

que lhe vêm da embriaguês dos beijos, para ele não existe o resto do mundo com suas dores anônimas, suas misérias, suas torturas morais. O Castro desconhece tudo isso. Quer ser um homem do espírito, um poeta ou um escritor, mas se não quer dar ao incômodo de pensar nos problemas da vida ou nas belezas eternas. Pouco importa à sua individualidade que o mundo marche, as fórmulas se modifiquem. Cercado das simpatias sem critério, continua no seu imutável estribilho, sem nenhum amor à sua própria dignidade literária. E como não falta quem o admire, ele aproveita-se disto para dar vasa aos seus ódios represos. Porque embora se finja de pedra, o Castro reconhece que não irá a Posteridade, e que é um homem exausto. Inflama-se, pois, contra os fortes e os que passam à frente da sua alma parada. Simile de Tankalo, admira a lustral das novas ideias, cuja corrente de cristal acompanha com os olhos esgazeados e os lábios secos, mas não pode atingir com sua boca ansiosamente sedenta...

Novos ritmos, novas rimas, novo modo de ser, tudo isso passa pela sua imaginação, uns com a neve cansada de um monte que o sol já quase aqueceu de todo. Ele sente que essas coisas são verdadeiras e belas, mas nem as pode conceber bem, com evidência, nem quer sacrificar seu amor próprio vencido.

Imagens, como sombras de nuvens, vão se desenrolando diante dos seus olhos mudos, a proporção que ele mais apura a atenção no que lê, mas guardando sempre essa distância inacessível das nuvens. Ele as fita, para melhor gozar as sensações, o *frisson*, que essas imagens despertam e não pode descobrir nunca a origem de compreendê-las. Há sempre um valo fundo que se interpõe outra a sua inteligência e a Obra que contempla.

Esse valo é a falta de afinação dos sentidos, de acuidade dos nervos, de luz na alma, de tudo que ilumine o espírito nesse outro mundo subjetivo em que se formam as ideias. Por aqui vê, que permanece o Castro nas trevas, como um cego. Ultimamente, não vê, e é com muita dificuldade que consegue ainda divisar muito ao longe o colorido das paisagens ou ouvir a música nova de um verso... Mas esse estado d'alma não pode continuar. Vendo que absolutamente não é capaz dessa nevrose nova desse outro modo de ser, o Castro acaba despeitado. Torna-se intolerante mesmo, quando se manifesta a respeito de arte, e não comprehende nunca as *tolices* literárias dos que seguem rumo diverso. Então, traíndo seus próprios sentimentos, não há palavra de ironia que ele não use e abuse, para ferir com essa arma pequena os verdadeiros sacerdotes da Beleza. Esse despeito, porém, de nada serve. A Arte segue sempre o seu curso glorioso...

J. d'Além.

### **Reflexões de uma cabra. (*Era Nova. Paraíba, 1º de setembro de 1922*)**

Grato à sua carta de 22 do mês passado e ao regalo excepcional da leitura de sua novela “Reflexões de uma cabra”.

Lia-se de uma assentada e penso que não deixarei mais de recordar suas páginas impressionantes. Você realiza uma coisa que se me afigura paradoxal: um Poe realista. E realiza, além do mais, com um elemento novo: a ironia cruel de um Villiers de L'Isladan.

Não imagina com que regozijo mental reconheço no seu talento a verdadeira orientação de uma literatura genuinamente brasileira. Era no Norte que eu esperava essa emulação para o estudo, a crítica, a apreciação, a apologética ou o sarcasmo do que é autenticamente nosso: qualidades e defeitos, vícios e virtudes.

Vê-se que lhe nasceu em poucos dias, porque já estava latente no seu sangue.

Escrevo-lhe “currente calamo” para não demorar o meu efusivo abraço ao realizador dessa “novela extraordinária”.

Não pense que a denominação convenha de preferência às narrativas do gênio terrorista de Edgard Poe. Nada nos causa mais viva e duradoura angústia da plasticidade da sua. Os contos de sensação impressionam, como tudo a que não estão habituados os sentidos. A

matéria desses contos é a fantasia com todos os imprevistos maravilhosos dos seus recursos. Em trabalhos como o seu as coisas têm outro caráter: ferem a nossa própria humanidade.

Zé Fernandes é uma fatalidade orgânica que as vicissitudes do meio físico e a premência da vida social conduzem ao leú de todas as possibilidades tragigretescas.

Mas que somos nós todos, pesar de tanta filácia presumida? Outros tantos joguetes de circunstâncias raramente auspiciosas.

Em todo o caso, há uma faculdade que está ao nosso alcance: a de não fazermos a outrem o que não quereríamos que nos fizessem. Foi o que compreendeu, em tempo, o nosso herói. É o que infelizmente tão poucas criaturas humanas comprehendem.

Por isso mesmo há muita gente que verá no seu livro profundo uma fantasia de letrado ocioso. Mas não leve ao mal. É um meio de que os homens se servem contra os psicológicos impenitentes como você. Nós, os poetas, grandes ou pequenos, também somos vítimas de quase todo o mundo.

Passamos por outros tantos fantasistas, quando ninguém, nesta miséria mundanária, materializa melhor do que nós o vazio sonoro com que vamos rolando da manjedoura de Belém às culminâncias... do Calvário. O que ainda nos vale, meu caro, é a estrela dos magos. Sem esse milagre, que ficou em nossa alma, já não suportaríamos mais este exílio de todos os dias e de todas as noites... – Direi algo do seu livro no próximo número da minha revista.

Creia na minha ternura e na minha admiração.

## **ANEXO 2: TRANSCRIÇÕES DAS MATÉRIAS DOS JORNais**

### **“Solitudes” (A Época. Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1917. Ano VI, n. 1982, p. 01.)**

Ainda hoje, talvez, a conhecida casa editora Jacyno Ribeiro, entregue à venda das livrarias do Rio, e, de há muito ansiosamente esperado, “Solitudes” – livro de versos de Pereira da Silva.

Ao darmos esta (xxx) nova a todo o grande público intelectual do Brasil, que já se acostumou a admirar em Pereira da Silva, uma das mais formosas mentalidades da geração literária contemporânea é de ver-se a confusão com que o fazemos, sendo ele um dos que se assentam em derredor da nossa mesa de trabalho jornalístico comum, por sobre a qual irradia as luzes do seu talento, numa comunhão perfeita de sentimentos e de ideias.

Falar, assim, de Pereira da Silva, do seu valor, será pouco menos, talvez, que falar de nós mesmos.

Ademais, conhecemos-lhe de sobejo esta sensitiva que é a sua modéstia – certamente o traço característico, por excelência, da sua feição moral.

Temos, portanto, que vencer a luta íntima que se travam os nossos próprios sentimentos – a nossa avassaladora admiração por ele e o respeito que lhe devemos aos seus sentimentos, dele.

Afinal, parece-nos justo, que, ao momento vença a primeira destas forças e mesmo, molestando o companheiro de acentuar, nestas linhas noticiadoras do grande livro de versos que vêm de publicar, quanto valor real encerra esta “Solitudes” que nos permitimos chamar, escrito verdadeiro de preciosidades poéticas de valor inestimável.

Não pretendemos aqui, fazer já, propriamente, uma crítica desta poesia de “Solitudes”.

Diremos apenas que poucos dos nossos poetas de todos os tempos conseguiram se elevar, porventura, acima desse estranho misto de Antonio Nobre e Antero de Quental que é Pereira da Silva. É a emotividade, encantadoramente triste, casa à meditação profunda do pensador e do filósofo, à feição dos grandes místicos.

Tudo isto numa expressão de beleza cristalina, sem nebulosidades metafísicas, nem contrafações de formas.

A nota da personalidade só, talvez, genial poeta do “Eu” a tenha conseguido entre nós, assim inconfundível.

Daí acreditamos que se há livros na poesia brasileira capazes de ficar, nestes se incluirá o “Solitudes” – páginas vivas de extrema “sensibilidade dos sentidos”, no empenho de aprofundar a intricada psicologia humana...

Tão admirável é a subjetividade do poeta como a sua faculdade de objetivação.

Entre as joias poéticas que são todo o “Solitudes”, damos aos nossos leitores que tiramos ao acaso:

#### **SIMPLES INTERROGAÇÃO**

Um desejo imanente tudo inflama:  
Quer ser paixão o amor por mais violenta,  
A noite – a treva, a aspiração – tormento.  
O próprio fogo ardente quer ser chama.

Que gênio se não julga além da fama  
E herói além do justo valimento?  
Não há sangue que force o ódio ardente.

Amor que satisfaça quando se ama.

É que uma força trágica; inconsciente.  
Tudo propele voluptuosamente  
Para uma nova substancialidade...

Mas, se é fatal esse “processo” rude,  
Como atingir jamais a plenitude  
Inalterável da Felicidade?...

**A propósito de Holocausto, de Pereira da Silva. (*Era Nova*. 1º de dezembro de 1921. Ano I, nº 17)**

Pereira da Silva não é um desconhecido na poética nacional; na Paraíba, berço do atormentado vate, pouco se fala dos seus versos, de sua torturada musa, no entanto, ele é o príncipe dos poetas paraibanos.

A minha intimidade espiritual com Pereira da Silva data dos albores de minha mocidade; lera-lhe os versos, admirara-lhe a obra triste e pessimista, mas, ignorava-o filho da Paraíba.

A. J. Pereira da Silva nasceu na vila de Araruna a 9 do mês de novembro de 1880. Quando o soube, já me achava naquele estado de simpatia que o velho Carlyle reclamava para bem julgar toda a obra d’arte; comprehendia-o, sentia-o, amava-o.

Os seus versos, vazados numa imensa tristeza, que é a nota predominante de sua lírica, não são o produto de uma pieguice inventada para assunto de suas rimas. Já um crítico o irmanara na dor e na amargura a esse outro torturado que foi Antonio Nobre. E é ele mesmo, quem o faz lembrar:

“E enquanto a Morte cavando a nossa cova  
Gozemos nupcialmente essa volúpia nova  
Que há no Livro de Job das Tristuras de Nobre”

E, mais tarde no soneto “Antonio Nobre” ainda nos fala da impressão que lhe deixava o Só:

“Quando te leio é tal minha tristeza  
Que me sinto perdido no deserto  
Sem que uma estrela ao menos veja acesa.”

Agrippino Grieco, ao que parece, íntimo de Pereira, nos dá como um dos seus livros de cabeceira, o do vate português, onde tudo porea a ideias de um espírito malsão.

Que com outros araruenses tenha paridade, principalmente com o santo Antero de Quental, Verlanne e o divino místico Alphonsus de Guimaraens, finado há pouco como príncipe da poesia mineira, não pertetaremos contestar.

Essa atitude de temperamentos, no entanto, não chegou à imitação das alheias obras.

A estética do Parnaso nunca seduziu Pereira da Silva; como um grande poeta que é, jamais sacrificou o sentimento pela forma, na ânsia de atingir aquela perfeição artística, sonhada pela extraordinária celebração de Fradique Mendes.

Chamem-no, embora, decadente, ou outro nome qualquer, com que a crítica queira, batizar as manifestações sinceras de sua grande mágoa, certo é que ele a soube traduzir com essa inspiração divina que assinala os grandes artistas.

A poesia, que legitimamente recebe tal nome, não é a medida restrita de metros, de rimas raras e esquisitas na nervose doida da plástica, numa impossibilidade fria e inexpressiva.

Aquela que a realiza assim, chegará quando muito a ser impecável metrificador, nunca um poeta. A finalidade deste é comover, produzindo as grandes emoções da alma.

Na obra de Pereira da Silva tudo nos emociona. Os títulos trágicos de seus diários de tristuras: *Vae Soli*, *Solitudes*, *Beatitudes* e, por último, esse belo *Holocausto*, a que me ligo, dão bem ideia da história negra que eles nos contam.

Em todos presidem a mesma unidade e o mesmo credo, e o estado de espírito do autor é hoje o mesmo de quinze anos atrás, quando publicou o seu primeiro livro. Sempre a dúvida lhe aflorando aos lábios o riso triste de desiludido. Então a morte lhe aparece como reparadora da grande aflição, como ponto final às grandes lutas de sua alma enferma:

“Para quem, como eu, vê toda a existência escura  
O Túmulo há de ser a Torre da Ventura  
- Da veste e de estar entre os que já não vivem.”

Sempre a ideia da morte a dominá-lo, a preocupá-lo em todo o verso que lhe cai da pena.

No *Solitude* encontra-se, a cada passo, versos como estes:

“Se pondo termo a todos os cansaços  
Sim! Me estendesse a Boa Morte aos braços,  
Viesse caiar meu último gemido

Como, feliz, fugindo deste inferno  
Tornará à paz do meu silêncio eterno  
De onde jamais devera ter saído?

No *Beatitudes* lhe vem o medo, o medo da morte e o poeta exclama alucinado

“Deus! por muito que a fé me reforça  
Esse pavor da morte é tão profundo  
Que inda não sei como fitar a Morte.”

E, agora, no *Holocausto*:

“Musa! A morte se achega lento a lenta  
Bem que não sinto no meu pensamento  
Bem que lhe escuto os passos dentre

Mas venha a morte! Há de trazer consigo  
Tudo quanto implorei como um mendigo  
E o coração nunca me deu - a calma - “

Encontrará o atormentado sonhador o seu Nirvana Budhico, a almejada paz consoladora, depois que o espírito lhe quebrar os grilhões que o prende à matéria!

Infelizmente não, e será a última desilusão de sua filosofia. A morte lhe não será o ponto final nas desventuras da vida, porém, uma escalada a mais para o caminho da Perfeição.

Fora disto é o grosseiro materialismo que não explica a única força da existência que é a Dor.

O sofrimento apura as almas, dignifica-as, eleva-as, unifica-as.

Apostrofá-lo ou renegá-lo é dos espíritos fracos, sectários da doutrina nefasta de Schopenhauer, de quem Pereira da Silva sorveu todo o pessimismo que lhe avinagra os dias da existência.

S. Guimarães Sobrinho.

**Vaga na Academia de Letras. Quem ocupará as cadeiras de Alberto de Faria, Santos Dumont e Luiz Carlos? (A Noite Illustrada. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1932. Ano III. n. 130, p. 07.)**

A Academia Brasileira de Letras perdeu, nestes últimos meses, três das suas figuras de maior relevo: Alberto de Farias, Santos Dumont e Luiz Carlos. Um historiador. Um inventor. E um poeta. Há, portanto, três vagas a preencher no "Petit Trianon". A atenção do mundo intelectual volta-se para a escolha dos novos acadêmicos. A quem irão caber os laureis da "imortalidade"? O caso não admite previsões. A Academia tem de escolher apenas entre os que se apresentarem candidatos. Tem de cingir-se às inscrições. As normas acadêmicas não permitem eleger, por ato arbitrário, por decisão espontânea, este ou aquele escritor, por maior que seja o seu mérito. Bom ou mau critério? Uns o criticam, alegando que o "Petit Trianon" corre o risco de privar-se da presença de muitas figuras notáveis que, por modéstia, timidez ou receio do fracasso, não se animam a candidatar-se. O ilustre cenáculo, entretanto, tem as suas razões. As inscrições constituem um compromisso formal. Proceder sem essa exigência seria arriscar o seu prestígio, elegendo, talvez, pessoas com a fobia da imortalidade, rebeldes ao fardão verde. Não é absurdo admitir essa hipótese, porquanto há o exemplo expressivo de Graça Aranha, que, depois de tantos anos de caserna, deseriou subitamente para sentar praça nas hostes vanguardistas...

Das três vagas existentes na Academia de Letras, apenas uma está aberta à inscrição de candidatos. É a de Alberto de Faria. A poltrona que o historiador de "Mauá" ocupava no "Petit Trianon" concorreram os srs. Maurício de Medeiros, autor de várias obras literárias; Silvio Júlio, detentor do prêmio "Bolívar"; Francisco Campos, ex-ministro da Educação e autor do poema "Cielo de Helena", e o jornalista Sertório de Castro. A eleição para o preenchimento dessa vaga, devia ter sido realizada há semanas. Foi, entretanto, adiada, em razão dos acontecimentos que ora se desenrolam em São Paulo e que impedem o pronunciamento de alguns acadêmicos que se encontram na terra bandeirante. A crise causada na política interna do "Petit Trianon" por esse adiamento, que constitui um caso excepcional nos anais acadêmicos, teve intensa repercussão. Demitiu-se da presidência o professor Fernando Magalhães e foi eleito para substituí-lo o Sr. Gustavo Barroso. Há quem diga que, depois desse incidente, as probabilidades de vitória do ex-ministro Francisco Campos diminuíram. Só depois de eleito o substituto de Alberto de Faria, serão aceitas inscrições de candidatos à vaga de Santos Dumont. O mesmo critério será respeitado quanto ao preenchimento da vaga de Luiz Carlos, podendo, desse modo, inscrever-se na segunda ou na terceira os candidatos que não lograrem a vitória na primeira eleição.

A vaga de Santos Dumont não é fácil de preencher. O pioneiro da aeronáutica, conquanto escrevesse, colaborando em jornais e revistas parisienses, não era, nem pretendia ser um literato. As letras, para ele, não passavam de um simples violino de Ingres, de um mero derivativo para suas fadigas de engenheiro e inventor. Irmão espiritual de Edison e de Marconi, incorporado à galeria dos legítimos heróis da humanidade, a Academia de Letras não lhe deu a imortalidade, que a sua glória de conquistador dos espaços já lhe havia assegurado. Rendeu, apenas, uma homenagem carinhosa a essa grande figura nacional, digna de toda veneração. Santos Dumont era uma expressão de genialidade. E assim como houve quem sugerisse que a vaga do grande brasileiro fosse declarada imprenchível, é natural que haja retraimento, que se verifique certa abstenção de candidatos. A cadeira de Santos

Dumont não é realmente, uma cadeira como as outras. Só uma figura de vigorosa expressão mental terá o justo direito de ocupá-la. O receio de que as suas candidaturas sejam mal recebidas pelo público excluirá, sem dúvida, os que procuram fazer o contrabando da “imortalidade”, conquistando as insígnias acadêmicas menos pelo mérito próprio que pela influência de amizades e “pistolões”...

Quem pleiteará a vaga de Santos Dumont?

Para a vaga de um poeta é justo que se eleja outro poeta. Olavo Bilac foi substituído por Amadeu Amaral e este por Guilherme de Almeida. Vicente de Carvalho por Adelmar Tavares. É natural, portanto, que para a vaga do autor de “Rosal de Ritmos” seja também eleito um poeta. Parece assentada a candidatura de Pereira da Silva, que é um dos valores mais estimáveis da nossa poesia e que, tendo sido amigo íntimo de Luiz Carlos, seria também um digno sucessor deste na Academia de Letras. Luiz Carlos desejava vê-lo ao seu lado, no “Petit Trianon”, prolongando a intimidade espiritual que os unia, e várias vezes o incitou a candidatar-se aos laureis acadêmicos.

O poeta de *Beatitudes* terá sua candidatura prestigiada por elementos de relevo do nosso meio literário, apresentando as mais robustas probabilidades de triunfo.

Há três vagas abertas na Academia de Letras e, talvez antes do fim do ano, três novos “imortais” tenham ingressado na “ilustre companhia”. O interesse despertado pelos prélrios que se vão ferir naquela agremiação literária é intenso. Justifica esse interesse o fato de estar em jogo o preenchimento de cadeiras que eram ocupadas por figuras de invulgar relevo e nas quais o público estima que seja colocado quem, pelo seu valor intelectual, pelo brilho das suas obras, pelo fulgor do seu talento, honre os seus ilustres antecessores.

### **Na Academia Brasileira de Letras: É candidato à vaga do poeta de *Colunas* o poeta de *Solitudes*. (A Nação, 04 de agosto de 1933, p. 03.)**

Quando morreu Luiz Carlos, naturalmente, surgiu a ideia da candidatura do poeta paraibano A. J. Pereira da Silva para substituí-lo entre os imortais. A ideia veio dos próprios acadêmicos presentes ao enterro do burilador das *Colunas*, pelo fato de ter sido o extineto, não só amigo e companheiro do poeta de *Holocausto*, como também quem mais pugnou pela sua vitória na Academia, ideia unanimemente acolhida, também, pela imprensa e, por todos os seus confrades.

Sabe-se que Luiz Carlos nem uma só vez deixou de votar em Pereira da Silva, quando ele era candidato.

Tudo leva a crer que, inscrito como está, à vaga do autor das *Colunas*, a Academia realize um ato simultaneamente de justiça e de nobreza, realizando uma dupla aspiração, a do poeta de *Solitudes*, a quem muito orgulharia fazer o elogio do seu nobre amigo, e a do espírito de quem tanto o admirava e queria.

### **Pereira da Silva na Academia de Letras. (A Noite Illustrada. Rio de Janeiro, 04 de julho de 1934. Ano V. n. 227, p. 06.)**

Eleito para a vaga de Luis Carlos na Academia Brasileira de Letras, empossou-se a 26 o corrente o poeta Antonio Joaquim Pereira da Silva, autor de *Solitudes*, *Betatitudes*, *Pó das sandálias*, *Senhora da Melancolia* e outros livros marcantes de uma individualidade excepcionalmente dotada.

Pereira da Silva dissertou com elevação e carinhoso entusiasmo sobre a personalidade de seu predecessor, o ilustre poeta das *Colunas*, tendo sido saudado, após, pelo poeta Adelmar Tavares.

Estampados, a seguir, o pequeno e lindo poema com que o novo acadêmico iniciou sua oração de investidura no mais alto cenáculo intelectual do país:

*Creio,*

*Senhores,*

*Na imortalidade.*

*Ninguém me desengana*

*De que é divina passionalidade  
Da dor humana.*

*O que é pó, volta ao pó, mas a certeza  
Desse destino igual  
É condição da própria Natureza  
E a minha crença é sobrenatural.*

*Pois se tivesse os mesmos fundamentos  
Da razão positiva  
Não se tornara cada vez mais viva  
Nas horas dos soluços mais violentos.*

*Nas horas em que a morte prematura  
Sem caus e sem razão  
Priva os que ficam da melhor criatura.  
Que nossos olhos nunca mais verão.*

*Sim, creio em Deus! Em Deus, única origem  
E único fim e minha fé radiante  
Augmenta a todo instante,  
Em que a dor e os meus erros mais me afligem*

*Talvez fosse por mero prazer  
Que Hamlet chegasse àquela argúcia extrema.  
Do célebre dilema,  
Em que duvido do seu próprio Ser.*

*O coração também tem seus motivos:  
Fé, Esperança, Amor,  
Saudade – íntimo espelho refletor,  
Dos seres mortos e dos seres vivos.*

*Creio no eterno espírito Onisciente,  
Senhor do Bem, dominador do Mal.  
- Numa que a Fé, por ser divina, sente,  
E não vê a Razão por ser mortal.*

**A poesia não desapareceu da terra. (*Revista da Semana. Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1940. Ano XLI, n. 32, p. 35.*)**

Na última sessão da Academia Brasileira de Letras, o presidente Celso Vieira comunicou à *Ilustre Companhia* que acompanhado dos Srs. Ataulpho de Paiva e Clementino Fraga, visitara, em nome de quantos oficiam nas letras, *sous la Coupole*, Pereira da Silva, então enfermo e que trazia, para a biblioteca do *Petit Trianon* um novo livro do derradeiro abencerrage do grupo simbolista da revista *Rosa-Cruz*. A boa nova alvoroçou os *Imortais*, e a indiscrição louvável de um acadêmico trouxe-nos a alviçareira informação.

Realmente, Pereira da Silva, em vias de pronto restabelecimento e preocupado por nós na severidade do gabinete de trabalho na sua residência, confirmou a remessa do volume de

poesia aos seus pares do principal grêmio literário do país. Pereira da Silva vem de fazer publicar *Alta Noite*, poemas de inspiração altíssima como apenas sabe hoje compor o mestre fiel de *Nossa Senhora da Melancolia*.

Bendita luz que fulge no cérebro e ilumina o coração desse sonhador até onde não chega a maré alta das paixões tumultuosas em que nos debatemos todos em meio da vaga utilitária, avassaladora!

Bendita luz que permite ao poeta evitar o caos de competições prosaicas ameaçador do plano de sublimidade a que chegaram os representantes da geração de Cruz e Sousa!

### **O atual quadro da Academia Brasileira: algumas estatísticas sobre a imortalidade (fragmento). (*Autores e Livros*, 07 de setembro de 1941, p. 56.)**

Com a entrada do Sr. Getúlio Vargas para a Academia Brasileira, na vaga de Alcântara Machado, estão completos os quadros da casa de Machado de Assis. Será talvez ocasião de apresentarmos algumas estatísticas da imortalidade ao leitor que goste desses assuntos de literatura...

Por Estados os acadêmicos assim se distribuem:

Pará – Osvaldo Orico;

Maranhão – Viriato Correia;

Ceará – Clovis Bevilaqua e Gustavo Barroso;

Rio Grande do Norte: Rodolfo Garcia;

Paraíba – Pereira da Silva;

Pernambuco: Antonio Austregésilo, Adelmar Tavares, Olegarto Mariano, Celso Vieira, Mucio Leão, Barbosa Lima Sobrinho e Manuel Bandeira;

Baía – Afrânio Peixoto, Xavier Marques, Otávio Mangabeira, Pedro Calmon e Clementino Fraga;

Distrito Federal – Magalhães de Azeredo, Aloisio de Castro, Fernando Magalhães, Roquete Pinto, Miguel Osório de Almeida, Alceu Amoroso Lima;

Estado do Rio – Ataulfo Paiva, Levi Carneiro e Oliveira Viana;

São Paulo – Rodrigo Otávio, Cláudio de Souza, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Cassiano Ricardo e Macedo Soares;

Santa Catarina – Afonso de Taunay;

Rio Grande do Sul – Alcides Maya, João Neves da Fontoura e Getúlio Vargas;

Minas Gerais – Hélio Lobo.

Mato Grosso – D. Aquino Correira;

Portugal – Filinto de Almeida.

Vê-se que hoje o Estado líder, em matéria de Academia – é Pernambuco, que conta com sete imortais. Seguem-se S. Paulo e Distrito Federal, cada um deles com seis. Vem depois a Baía, com cinco, o Rio Grande do Sul com três. Há Estados que não estão representados na lista: o Acre, o Amazonas, Piauí, Sergipe, Espírito Santo, Paraná e Goiás. Destes, o Acre, o Amazonas, o Espírito Santo e Goiás nunca tiveram representante seus la coupole. Piauí teve um – Félix Pacheco; Sergipe teve três – Silvio Romero, João Ribeiro e Laudelino Freire.

Pelo trabalho que exercem os acadêmicos se distribuem assim:

É presidente da República o Sr. Getúlio Vargas.

É arcebispo, D. Aquino Correta.

São jornalistas os Srs. Xavier Marques, Alcides Maya, Rodolfo Garcia, Roquete Pinto, Fernando Magalhães, Guilherme de Almeida, Celso Vieira Ribeiro Couto, Múcio Leão, Amoroso Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Pedro Calmon, Cassiano Ricardo, Viriato Correia e Manuel Bandeira.

São médicos os Srs. Afrânio Peixoto, Aloysio de Castro, Roquete Pinto, Miguel Osório de Almeida Souza, Fernando Magalhães e Clementino Fraga.

São diplomatas os Srs. Magalhães de Azeredo, Hélio Lobo e Ribeiro Couto.

São professores os Srs. Clóvis Bevilaqua, Rodrigo Otávio, Afrânio Peixoto, Xavier Marques, Antonio Austregésilo, Fernando Magalhães, Roquete Pinto, Adelmar Tavares, Miguel Osório de Almeida, Alceu Amoroso Lima, Pedro Calmon, Clementino Fraga, Barbosa Lima Sobrinho, Viriato Correia, Manuel Bandeira, Osvaldo Orico e Levi Carneiro.

São funcionários públicos os Srs. Gustavo Barroso, Alcides Maya e Afonso de Taunay, diretores de Museu; Rodolfo Garcia, diretor da Biblioteca Nacional; Múcio Leão, agente fiscal de imposto do consumo; Pereira da Silva, funcionário da Central do Brasil; Oliveira Viana, ministro do Tribunal de Contas; Barbosa Lima Sobrinho, diretor do Instituto de Álcool e Açúcar.

São magistrados os Srs. Rodrigo Otávio, Ataulfo de Paiva e Adelmar Tavares.

São ex-ministros de Estado e ex-parlamentares os Srs. Getúlio Vargas, Fernando Magalhães, Olegário Mariano, Otávio Mangabeira, Pedro Calmon, Barbosa Lima Sobrinho. João Neves, Levi Carneiro, Clementino Fraga, Variato Correia e Macedo Soares.

São capitalistas os Srs. Filinto de Almeida, Cláudio de Souza e Macedo Soares.

É tabelião o Sr. Olegário Mariano.

Por último – existem hoje quatro membros fundadores da instituição, que são os Srs. Rodrigo Otávio, Filinto de Almeida, Clóvis Bevílaqua e Carlos Magalhães de Azeredo.

**Pereira da Silva, sacerdote da poesia. (A Noite Ilustrada. Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1944. Ano XIII, n. 777, p. 15.)**

A morte de Pereira da Silva impressionou os meios literários brasileiros, de que ele era uma das mais impressionantes figuras. Impressionante era ele, na verdade, pela singularidade de seu estro sem par.

Desde o primeiro livro publicado, Pereira da Silva marcou uma personalidade estranha de poeta melancólico. Mas a melancolia, presente em todos os seus poemas, não se confundiria com a de outro qualquer, por melhor que poetasse. Ela era a essência mesma de sua poesia. Estava no pensamento ao mesmo tempo que no ritmo e como que na própria seleção vocabular. O ritmo, por isso mesmo, era monocórdio. Era também monocórdio o pensamento, nunca surpreendente pela riqueza do colorido. Mas, nesse pensamento, como nesse ritmo, que divida fidelidade! E que doce harmonia!

“Pó das sandálias”, “Solitudes”, “Beatitudes”, “Senhora da Melancolia” – todos eles assinalam uma sensibilidade singular e uma natural intimidade com a beleza. Os poemas, que aí se encerram, atraem e encantam.

Pereira da Silva também trabalhou no jornalismo, como articulista, em “A Pátria”.

\*\*

Pereira da Silva nasceu em Araruna, no Estado da Paraíba, a 9 de novembro de 1978. Começou a sua carreira de escritor fazendo a crítica literária dos autores contemporâneos nas colunas dos jornais do Rio de Janeiro, especialmente em “Cidade do Rio”, da “Gazeta de Notícias”, da “Época” e do “Jornal do Comércio”. Ao lado de Saturnino de Meireles, Félix Pacheco, Gonçalo Jacome, Carlos Dias Fernandes e Castro Menezes, terçou armas em favor do movimento simbolista, atuando com assiduidade e brilhantismo na revista “Rosa Cruz”, famosa nos anais da vida literária do país. Mais tarde, a convite do antigo editor Leite Ribeiro organizou, com Agripino Grieco e Théo Filho, o mensário intitulado “O Mundo Literário”. Publicou, em 1905, o seu primeiro volume de versos, denominado “Vae Soli!”. Publicou depois as “Beatitudes” (1919) – a continuidade emocional da “Solitudes” – conquistando o mesmo sucesso e o mesmo apreço do grande público e da crítica patrícia. Em 1921, surge o “Holocausto”; em 1923, o “Pó das sandálias”; em 1928, a “Senhora da Melancolia”, e, em 1940, “Alta Noite”.

Pereira da Silva era membro da Academia Brasileira de Letras, na qual foi recebido em 26 de junho de 1934, sucedendo Luiz Carlos da Fonseca. “Sous la coupole” estudou a personalidade dos poetas Luiz Carlos, Adelmar Tavares, Silva Alvarenga, Machado de Assis e Gonçalves Dias.

**Notícias sobre Pereira da Silva (*Autores e Livros*. 15 de outubro de 1944. Ano IV, Vol. VII, nº 13, p. 01).**

Antônio Joaquim Pereira da Silva nasceu em Araruna, na serra da Borborema (Paraíba), em 12 de novembro de 1877. Seu pai era carpinteiro, e uma de suas atividades favoritas era a de fabricar violas para vender, conforme depoimento que mais tarde daria o próprio Pereira da Silva: “Meu pai era para as suas violas, por todo aquele mundo sertanejo, o que era Stradivarius para os seus violinos... Quando meu pai morrer, recolhi como herança, e conservei por muito tempo, uma cruz de madeira na qual ele trabalhava até as vésperas. (Profecia talvez do meu destino. Eu deveria chamar-me Pereira da Cruz. Hesitei em assinar-me assim. Mas, por ele mesmo, fiquei Pereira da Silva.)” (Apud Adelmar Tavares. *Discursos Acadêmicos*, vol. 8).

Muito religioso, o pequeno Antonio Joaquim, já aos 8 anos, era coroinha da Capela da Conceição, e todas as manhãs ia à sua igreja ajudar a missa.

Aos 14 anos, deixou Araruna, e foi trazido para o Rio de Janeiro. Começou a estudar, então, nas aulas noturnas do Liceu de Artes e Ofícios. Obteve também um empreguinho numa estação da Estrada de Ferro Central. Interessa-se pelos assuntos literários, estuda uma gramática portuguesa, um *francês sem mestre*, lê uma e muitas vezes, os versos de Casimiro de Abreu, os de Gonçalves Dias, os de Varela, os de Castro Alves.

Em 1895 lê um edital da Escola Militar, no qual se chama a mocidade a preencher os claros abertos com a revolução de 93. Antônio Joaquim matricula-se ali, e é ali que faz os seus preparatórios. Em 97 há um movimento revolucionário entre os alunos da Escola Militar e o cadete Antônio Joaquim está implicado na tentativa de sedição. É preso, levado incomunicável ao Quartel General, e dali remetido para o 23º Batalhão de Infantaria. Do 23º saiu para o 13º de Cavalaria, que estava aquartelado no Paraná. É em Curitiba que conhece escritores e poetas de feitio semelhante ao seu, e entre estes contou-se Dário Veloso, que estava destinado a ter eficaz influência sobre o espírito do mesmo amigo.

Em 1900 está Pereira da Silva de novo no Rio, desligado do Exército. Faz-se funcionário postal e matricula-se na Faculdade de Direito desta cidade. Entra para a “Cidade do Rio” e inicia-se como jornalista sob a direção de José do Patrocínio. Certo dia, Patrocínio o chama, e bem assim a Pausilipio da Fonseca e a José do Patrocínio Filho, e determina que os três façam uma prova de poesia, sob o título *Trilogia da Dor*. Pereira da Silva ganha o prêmio, e com ele um beijo na fronte, que lhe dá o grande jornalista.

Esse é também o tempo em que Pereira da Silva se enfileira galhardamente entre os jovens da reação simbolista. É o tempo da *Rosa Cruz*, a famosa revista que fora fundada para cultuar a memória de Cruz e Sousa. Pertence ao cenáculo demolidor e revolucionário, que tem como um dos pontos do seu programa destruir todos os medalhões ineptos, e entre estes, em primeiro lugar, os que pertencem à Academia Brasileira de Letras. Ali encontra Saturnino de Meireles e Gonçalo Jácome, Mauricio Jobim e Carlos Dias Fernandes e Paulo Araújo, Félix Pacheco e tantos outros. *Vae Soli!* publicado nessa ocasião, nos diz bem a orientação do seu espírito naquele momento.

Da *Cidade do Rio*, onde usa o pseudônimo de J. d’Além, passa a trabalhar em outros jornais, e se dispersa nas colunas da *Gazeta de Notícias* e do *Jornal do Comércio*, da *Pátria* e da *Época*.

Logo depois de formado em Direito, abandona o Rio de Janeiro, e vai fixar residência no Paraná, terra em que estivera na primeira mocidade e da qual guardava excelentes recordações. Obtém uma promotoria no interior, e leva, para ler nos intervalos das atividades profissionais, os seus poetas preferidos. E ali, na terra dos pinheirais solitários, que lhe nascem os versos de *Solitudes*.

Pouco tempo, porém, se demora no Paraná. Cedo se desilude de sua vocação jurídica e da magistratura: regressa ao Rio em 1918. Volta a encontrar antigos camaradas, aqueles que já não estão irremediavelmente afastados pela vida... Faz nova intimidade, cada vez mais afetuosa e compreensiva, com Paulo Araújo e sobretudo com Castro Menezes que o leva a oferecer frequente colaboração às páginas da *Revista Sousa Cruz*.

Em 1922, o editor Leite Ribeiro o convida para ser um dos diretores da revista *Mundo Literário*, que se vai fundar. Pereira da Silva aceita o convite, e, juntamente com Agripino Grieco e Théo Filho, passa a dirigir essa revista.

Em 1919 Pereira da Silva tentou pela primeira vez entrar para a Academia Brasileira de Letras. Abrira-se a vaga de Olavo Bilac e ele a ela concorreu, disputando-a com Amadeu Amaral, Barbosa Lima, Hermes Fontes, Heitor Lima, Saturnino Barbosa e Joaquim de Queiroz. Foi eleito Amadeu Amaral em 2 escrutínios, tendo Pereira da Silva obtido em primeiro turno 6 votos e em segundo 4. Voltou a bater às portas da imortalidade em 1927, na vaga de Osório Duque Estrada (primeira eleição). Concorreu então com Roquete Pinto, Benjamim Costalat, A. Batista Pereira, Alcebiades Delamare e Martins Fontes. Não deu resultado o pleito, abrindo-se nova inscrição Pereira da Silva, que obtivera respectivamente, em cada escrutínio, 7, 3, 1 e 0 votos, não voltou a concorrer. Roquete Pinto foi eleito depois, em pleito tranqüilo sendo candidato único. Por morte de Silva Ramos, em 1931, tornou ele a se apresentar candidato, não obtendo resultado.

Enfim, em 1922, por morte de Luiz Carlos, ele conseguiu a realização do seu grande desejo.

Pereira da Silva foi recebido, *sous la coupole*, em sessão solene, em 26 de junho de 1934, tendo-lhe dado as boas vindas um seu grande amigo, Adelmar Tavares. Na Academia recebeu Múcio Leão e fez o elogio de vários escritores, como Machado de Assis, Gonçalves Dias e Silva Alvarenga.

Faleceu de um colapso do coração, na casa de Saúde da Gávea, em 11 de janeiro de 1944, tendo sido inumado no cemitério de S. João Batista.